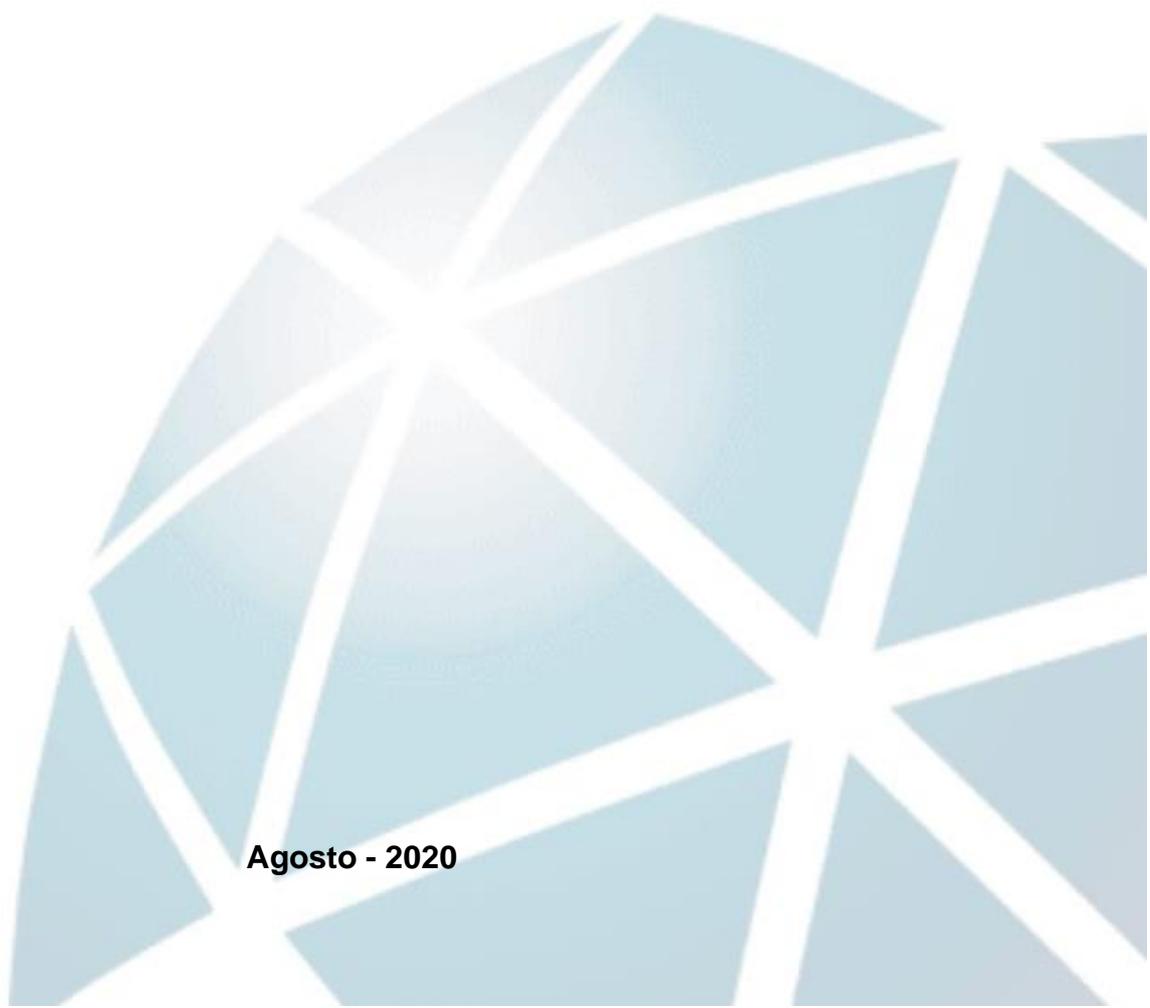

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

**APP PROJETO JUDÔ: O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE
DEMOCRATIZAÇÃO DA MODALIDADE**

GLAUBER BEDINI DE JESUS

Agosto - 2020



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

**APP PROJETO JUDÔ: O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE
DEMOCRATIZAÇÃO DA MODALIDADE**

GLAUBER BEDINI DE JESUS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Moreto Impolcetto

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Rio Claro
Agosto - 2020**

J58a

Jesus, Glauber Bedini de

App Projeto Judô : o uso das tecnologias no processo de democratização da modalidade / Glauber Bedini de Jesus. -- Rio Claro, 2020

306 f. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

1. Judô. 2. Democracia. 3. Tecnologias de informação e comunicação. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

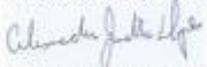
TÍTULO DA TESE: APP PROJETO JUDÔ: O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE
DEMOCRATIZAÇÃO DA MODALIDADE

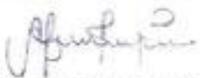
AUTOR: GLAUBER BEDINI DE JESUS

ORIENTADORA: FERNANDA MORETO IMPOLCETTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em DESENVOLVIMENTO
HUMANO E TECNOLOGIAS, área: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais pela Comissão
Examinadora:

Prof. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO 
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO 
Docente Credenciado no PPG em Ciências da Motricidade Interunidades / UNESP - Instituto de Biociências de
Rio Claro - SP

Prof. Dra. ADRIANE BEATRIZ DE SOUZA SERAPIÃO 
Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação / UNESP - Instituto de Geociências e
Ciências Exatas Rio Claro- SP

Prof. Dr. LUIZ GUSTAVO BONATTO RUFINO 
Professor de Educação Física das redes públicas municipais de Paulínia e Campinas e no Centro Universitário
de Jaguariúna (UNIFAJ) / SP

Prof. Dr. LAERCIO CLARO PEREIRA FRANCO 
Faculdade de Educação Física e Esporte / UniMetrocamp/Wyden - Campinas/SP

Rio Claro, 30 de setembro de 2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho àqueles que fazem da vida cotidiana uma experiência impregnada de sentidos, tornando a educação um processo contínuo de partilha do próprio viver.

AGRADECIMENTOS

À UNESP de Rio Claro, por continuar sendo um espaço agradável, rico e desafiador, graças às pessoas que lá trabalham. Na figura da Ivana agradeço todas as oportunidades e apoio dados.

Àquela que, desde sempre, acreditou e confiou no meu trabalho e nunca mediu esforços para fazer da Educação Física escolar no país, uma possibilidade real de contribuição à sociedade. Su, sempre terá meu respeito, carinho, gratidão e dileção.

À Fernanda que, por consequência dos motivos incompreensíveis da vida, participou de mais uma etapa de minha formação profissional. Agora, de forma mais próxima, pude perceber que a admiração vinda dos tempos do CAEF pouco teve a ver com a relação veterana/calouro, mas sim com a competência, postura ética e desejo de fazer tudo, sempre bem e cada vez melhor. Tenha certo de que há tempos é um exemplo para tantos. Muito obrigado pela amizade e por fazer das orientações um processo de reflexão prazeroso.

A todos os membros do LETPEF que sempre fizeram das reuniões um espaço importante do meu crescimento enquanto professor e de melhora para a Educação Física escolar no país. Orgulho de ter feito parte disso.

Aos que, direta ou indiretamente, contribuíram com o desenvolvimento do trabalho. Às professoras Adriane Beatriz de Souza Serapião e Larissa Rafaela Galatti e aos professores Alexandre Janotta Drigo, Luiz Henrique da Silva, Carlos José Martins, Luiz Gustavo Bonatto Rufino e Laercio Claro Pereira Franco, meus agradecimentos.

Ao IFRO – Instituto Feredal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia pelo apoio financeiro e institucional na consecução da pesquisa.

A todos os estudantes que vivenciaram o Projeto Judô quando ele era apenas um projeto de extensão. Vocês foram os responsáveis por me fazerem perceber que o que vivemos ali era merecedor de ser compartilhado com os outros. Obrigado por darem a oportunidade de milhares de pessoas terem contato com a modalidade para além do *dojo*.

Aos alunos e amigos que, desde o início, apoiaram e deram suporte ao desenvolvimento da pesquisa e que não mediram esforços para fazer do grupo de pesquisa *Câmara Escura: educação, mídias e tecnologia* um espaço prazeroso de

troca, criação e desenvolvimento de conhecimento. Obrigado João, Everson, Dheinieli e Marcelo por fazerem parte disso tudo. Hedi e Rafa, gratidão.

Às famílias Shinohara, Matsubara e Shinrai agradeço não só as experiências proporcionadas em cima do tatame, mas também a forma como sempre me acolheram. Obrigado *sensei* Massao, Jun, dona Inês, Teresinha, Bunichi, Mauro, Massá, Cris, Rogéria, Diego e Flaviane, por fazerem de suas casas a casa de tantos outros.

Aos pais, professores e praticantes que participaram voluntariamente da pesquisa, obrigado pelo tempo e disposição. Espero que os resultados da pesquisa possam alcançar algumas de suas expectativas, desejos e necessidades.

Essa etapa não seria possível sem o ambiente seguro, acolhedor, criativo, desafiador e afetuoso vivido outrora, que sempre ecoará no âmbito e servirá de inspiração para tantos outros projetos de vida. Obrigado mãe, pai e Gá.

Aos velhos e aos novos amigos que tornaram a estada em Rio Claro prazerosa e cheia de surpresas, obrigando-me a dizer que se engana aquele que pensa que mudança é sinônimo de substituição ou troca. Obrigado Bililo, tia Lúcia, Magri, Vê, Ane, Diogo, Isa e Bia por nos agregarem às suas famílias, fazendo-nos parte delas.

Aos Hashimoto-Kaneko, que nunca medem esforços em criar os ambientes ideais para celebrarmos tudo, qualquer coisa e um pouco mais. Rê e Massa, obrigado por mostrarem o valor da presença das pessoas, tornando a volta à São Paulo absolutamente afável.

À pessoa que há anos torna nosso dia a dia mais leve e agradável. Sua presença e cuidado fazem parte disso tudo, Maria do Carmo, nossa querida Dudu, muito obrigado.

Àqueles que, mesmo distantes, sempre se fizeram presentes e ajudaram a tornar os momentos de lazer mais prazerosos, mas não menos reflexivos. Dany, Alberto e Ana Lú, sou grato por compartilharmos ideias, desejos, vinhos, prazeres gastronômicos, mas sobretudo a amizade.

Por fim, agradeço aos meus melhores parceiros. Aqueles que fazem da lágrima motivo para abraçar; do riso a oportunidade de brindar e da simples presença razão para amar. Ana e Gui, vocês são demais!

RESUMO

Desde o início dos anos 2000, as instituições representativas do judô vêm revisando as formas de pensá-lo e ofertá-lo. No Brasil, essa ação materializou-se a partir da ideia de difundi-lo e democratizá-lo com vistas ao desenvolvimento educacional e social. Apesar dos esforços realizados, a hipótese é que a modalidade parece viver um contexto incipiente dessa democratização, marcado por carências advindas do: 1. *Acesso ao conhecimento* e das 2. *Características do processo de ensino e aprendizagem*. O objetivo da pesquisa foi verificar o contexto de democratização do ensino do judô e propor alternativas para seu fomento com a criação de um material didático pautado na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Para tanto, o estudo foi realizado em seis etapas, essas correspondentes aos seis artigos estruturantes da tese, caracterizados pela utilização de abordagens qualitativas e quali-quantitativas. No Artigo I verificaram-se as condições de trabalho, as concepções e a forma como monitores (n=2) do Programa Mais Educação desenvolveram suas atividades sobre o judô, utilizando-se entrevistas semiestruturadas e a análise de conteúdo como percurso metodológico; no Artigo II realizou-se o levantamento e a análise da produção científica da modalidade, especificamente no que se refere aos conteúdos que tratam dos princípios e valores, no sentido de compreender os contextos de sua produção em âmbito nacional e internacional, utilizando-se da metodologia do tipo “estado da arte” em periódicos da área 21 e específicos na área de lutas (n=12); o Artigo III examinou as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas presentes no judô, a partir das percepções que pais, professores e alunos têm da modalidade (n=74), utilizando-se um questionário validado para este fim e fazendo a análise a partir da estatística descritiva, da estatística inferencial e da análise de conteúdo; no Artigo IV buscou-se compreender o posicionamento de um grupo de pais, professores e praticantes de judô (n=74) sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da modalidade, que também foi desenvolvido a partir de um questionário e analisado por meio da estatística descritiva e da estatística inferencial. Com os dados desses estudos prévios, no Artigo V descreve-se o processo de elaboração do material didático para os primeiros níveis de graduação, em formato de aplicativo para dispositivos móveis, na tentativa de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem do judô de forma acessível e gratuita. Tendo o *design* de interação como parâmetro de concepção desse material, o Artigo VI realizou a avaliação do protótipo a partir da perspectiva de experiência do usuário – com a participação de pais, professores e praticantes (n=9) – objetivando a melhora da qualidade de uso do sistema, servindo-se do grupo focal e da análise de conteúdo no processo metodológico. Os resultados confirmaram a incipiência do processo de democratização nas populações estudadas, no qual o *acesso aos conhecimentos* e às *características do processo de ensino e aprendizagem* puderam ser aprofundados. O aplicativo foi avaliado positivamente e recebeu contribuições valiosas dos usuários quanto à compreensão de suas potencialidades e limitações. Sugere-se a continuidade de criação do material, na perspectiva de ampliar as possibilidades de contato com a modalidade, congregando outras iniciativas e impulsionando seu desenvolvimento na sociedade. Apesar da pesquisa não possibilitar generalizações, seus achados podem auxiliar na ampliação dos entendimentos e discussões sobre a vivência da modalidade no país.

Palavras-chave: Judô; Democracia; Tecnologias; Ensino; Aprendizagem.

ABSTRACT

Since the early 2000s, the representative institutions of judo have been revising ways of rethinking it and offering it. In Brazil, this action materialized itself from the idea of propagating judo and democratizing it focusing on social and educational development. Despite efforts made, the hypothesis is that this sport seems to live in an incipient context of its democratization, marked by deficiencies arising from: 1. Access to knowledge and 2. Characteristics of the teaching and learning process. The aim of this study was to verify the democratization context of the teaching of judo and to propose alternatives in regards to its promotion by creating a educational material using the Information and Communication Technologies (ICT). Therefore, this study was carried out in six stages that correspond to the six structuring articles of the thesis, characterized by the use of qualitative and qualitative-quantitative approaches. In Article I, working conditions, conceptions and the way in which monitors (n=2) of the *Mais Educação* program developed their activities relating to judo were verified, using semi-structured interviews and content analysis as a methodological path; in Article II the assessment and analysis of the scientific production of the sport was carried out, specifically with regard to the contents that deal with its principles and values, in order to understand the contexts of its production in the national and international scope, using “state of the art” methodology in area 21 periodicals and specific in the area of martial arts (n=12); Article III examined the existing relationships between theoretical concepts and practical applications that parents, teachers, and students have of the sport (n=74), using a questionnaire verified for this purpose and doing the analysis deriving from descriptive statistics, inferential statistics and content analysis; in Article IV it was sought to understand the opinion of a group of parents, teachers and judo practitioners (n=74) on the necessity for the existence and use of educational materials in the teaching and learning process of the sport, which was also developed from a questionnaire and analyzed using descriptive and inferential statistics. With the data from these previous studies, Article V describes the elaboration process of an educational material for the initial levels of graduation, in an application format for mobile devices, in an attempt to subsidize the teaching and learning process of judo in an accessible and cost-free way. Having the interaction design as a conception parameter of this educational material, Article VI carried out the evaluation of the prototype from the perspective of user experience – with the participation of parents, teachers and practitioners (n=9) – aiming at improving the user-friendliness of the app, with the information provided by the focal group and the content analysis in the methodological process. The results confirmed the incipience of the democratization process in the studied populations, in which access to knowledge and characteristics of the teaching and learning process could be deepened. The mobile application was positively evaluated and received valuable contributions from users regarding the understanding of its potential and its limitations. The continuation of the creation of this educational material is suggested, with the perspective of expanding the possibilities of contact with judo, bringing together other initiatives and boosting its development in society. Although this study does not allow generalizations, its findings may help broaden the understandings and discussions about the experience of the sport in the country.

Keywords: Judo; Democracy; Technologies; Teaching; Learning

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-1 – Relação entre artigos e objetivos específicos.	58
Figura 3-1 – Relação da quantidade de publicações de judô por ano, nas revistas generalistas, distribuídos em decênios.....	107
Figura 3-2 – Relação da quantidade de publicações de judô por ano, nas revistas especializadas, distribuídos em decênios.	111
Figura 4-1 – Gráfico comparativo entre a porcentagem de praticantes e pais das quatro categorias relacionadas às razões do início da prática do judô.....	141
Figura 4-2 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 1, 2, 3 e 4.	141
Figura 4-3 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 5, 6, 7 e 8.	142
Figura 4-4 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 9, 10 e 11.	143
Figura 4-5 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 12, 13 e 14.	143
Figura 4-6 – Gráfico de respostas da questão nº 3, separado por grupos.....	144
Figura 4-7 – Gráfico de respostas da questão nº 8, separado por grupos.....	144
Figura 4-8 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 15, 16 e 17.	145
Figura 4-9 – Gráfico de respostas da questão nº 16, separado por grupos.....	145
Figura 4-10 – Gráfico de respostas da questão nº 22, separado por grupos.	146
Figura 4-11 – Gráfico comparativo da representatividade de professores e praticantes para cada categoria de valor, dispostas em ordem de importância.....	149
Figura 4-12 – Gráfico com a ordem das subcategorias de atividades da categoria <i>Sem Intervenção</i> após a soma dos grupos e a representatividade que ambos têm em cada uma delas.	152
Figura 5-1 – Gráfico de respostas da questão nº 24, separado por grupos.....	175
Figura 5-2 – Gráfico de respostas da questão nº 25, separado por grupos.....	177
Figura 5-3 – Gráfico de respostas da questão nº 27, separado por grupos.....	177

Figura 5-4 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 25, 26 e 27.....	178
Figura 5-5 – Gráfico de respostas da questão nº 28, separado por grupos.....	179
Figura 5-6 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 28, 29 e 30.....	179
Figura 5-7 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 35, 36 e 37.....	181
Figura 5-8 – Gráfico de respostas da questão nº 38, separado por grupos.....	182
Figura 5-9 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 38, 39, 40 e 41.....	182
Figura 6-1 – Visão geral do paradigma de prototipagem, adaptado de Pressman (2002).....	197
Figura 6-2 – Diagrama de fluxo de API's do aplicativo Projeto Judô.....	215
Figura 6-3 – Fluxograma de funcionamento do aplicativo Projeto Judô.	216
Figura 6-4 – Tela inicial com banners das seções <i>Dojo</i> , <i>Dicionário</i> e <i>Placar</i>	216
Figura 6-5 – Tela do menu lateral, tela de registro/ <i>login</i> e menu lateral com <i>login</i> realizado.	217
Figura 6-6 – Tela com listagem das níveis de graduação.	218
Figura 6-7 – Telas da seção <i>Dojo</i> : as abas <i>Shin</i> , <i>Gi</i> e <i>Tai</i>	219
Figura 6-8 – Tela de reprodução dos vídeos.....	220
Figura 6-9 – Tela de reprodução de vídeo no modo tela cheia.	221
Figura 6-10 – Telas da seção <i>Dicionário</i> : lista de palavras e janela <i>pop-up</i> com significado.....	223
Figura 6-11 – Tela da seção <i>Placar</i>	224
Figura 6-12 – Telas da seção <i>Placar</i> para ajuste de tempo de luta.	225
Figura 6-13 – Tela do placar em funcionamento.....	225
Figura 7-1 – Estrutura categorial da dimensão <i>As perspectivas para um app sobre judô</i>	242
Figura 7-2 – Estrutura categorial da dimensão <i>A avaliação do protótipo Projeto Judô</i>	247
Figura 8-1 – Tela de abertura do Canal Projeto Judô.....	282

Figura 8-2 – Visão geral de visualizações e tempo de exibição dos conteúdos.	282
Figura 8-3 – Comentários dos usuários a respeito dos conteúdos do canal.	283
Figura 8-4 – Continuação dos comentários dos usuários a respeito dos conteúdos do canal.	284

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura do projeto	34
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 2-1 – Características dos monitores participantes.	75
Tabela 2-2 – Síntese das condições de trabalho dos monitores.	78
Tabela 3-1 – Informações dos periódicos analisados na primeira etapa da pesquisa.	102
Tabela 3-2 – Informações dos periódicos analisados na segunda etapa da pesquisa.	104
Tabela 3-3 – Valores relativos e absolutos das produções de Lutas e de Judô por periódico.	106
Tabela 3-4 – Práticas corporais relacionadas as lutas e o quantitativo de sua produção.....	106
Tabela 3-5 – Valores relativos e absolutos das produções de judô separadas por formato e por periódico.	107
Tabela 3-6 – Valores relativos e absolutos das produções de judô categorizadas a partir das subáreas de concentração do conhecimento na Educação Física.....	108
Tabela 3-7 – Valores relativos e absolutos das produções de Judô separadas por formato e por periódico.	109
Tabela 3-8 – Valores relativos e absolutos das produções de Judô separadas por formato e por periódico.	110
Tabela 3-9 – Valores relativos e absolutos das produções de judô categorizadas a partir das subáreas de concentração do conhecimento na Educação Física.....	111
Tabela 3-10 – Listagem das produções encontradas nas revistas específicas utilizando os descritores <i>values</i> e <i>principles</i>	112
Tabela 4-1 – Resultado do teste de Alfa de Cronbach dos questionários por grupo.	138
Tabela 4-2 – Categorização e quantificação do reconhecimento dos princípios do judô a partir do posicionamento de professores e praticantes.	147
Tabela 4-3 – Categorização e quantificação dos tipos de atividades utilizadas pelos professores no ensino dos valores.	150
Tabela 4-4 – Categorização e quantificação dos tipos de atividades utilizadas pelos <i>senseis</i> dos praticantes no ensino dos valores.....	150
Tabela 5-1 – Resultado das questões da dimensão <i>Necessidade e utilização de materiais didáticos</i> do questionário por grupo.....	176

Tabela 5-2 – Resultado das questões da dimensão <i>Possibilidades de formato para novos materiais didáticos</i> do questionário por grupo.....	181
Tabela 6-1 – Níveis de graduação, faixas e idade mínima	199
Tabela 6-2 – Exemplo dos dois tipos de medição utilizados na análise do documento.....	201
Tabela 6-3 – Relação entre os conteúdos e sua categorização a partir dos saberes para o ensino dos esportes.....	201
Tabela 6-4 – Sistematização dos conteúdos para o aplicativo e sua relação com os níveis de graduação e os títulos dos vídeos produzidos.	210
Tabela 7-1 – Estrutura dos encontros do grupo focal, com seus respectivos objetivos e ações previstas para a moderação.....	239
Tabela 7-2 – Quantitativo da percepção dos participantes em relação ao contexto de vivência do judô e que influenciam no posicionamento em relação à existência de um app para a modalidade.	243
Tabela 7-3 – Quantitativo da frequência de elementos considerados fundamentais para um app sobre o judô.	245
Tabela 7-4 – Quantitativo de frequência dos pontos positivos e negativos relacionados à interação e interface na experiência de uso dos usuários.....	249
Tabela 7-5 – Quantitativo das sugestões de adequações e inserções de funcionalidades no protótipo realizadas pelos usuários.	250
Tabela 7-6 – Quantidade de frequência de posicionamentos positivos e negativos quanto à gamificação do protótipo e suas respectivas justificativas	251
Tabela 7-7 – Quantitativo de frequência dos aspectos positivos e negativos relacionados à questão dos conteúdos.	253
Tabela 7-8 – Quantitativo das sugestões de adequações e inserções de conteúdos no protótipo realizadas pelos usuários.	255

LISTA DE SIGLAS

APP – Aplicativo

API – *Application Programming Interface*

CBJ – Confederação Brasileira de Judô

CEU – Centros Educacionais Unificados

DBMS – *Data Base Management System*

FIJ – Federação Internacional de Judô

HD – *High Quality*

IDC – *International Data Corporation*

IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

JIF – Jogos dos Institutos Federais

JOER – Jogos Escolares de Rondônia

ONG – Organização não governamental

PHP – *Hypertext Preprocessor*

SDK – *Software Development Kit*

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
ESTRUTURA DA TESE.....	33
1 INTRODUÇÃO	36
1.1. Objetivo Geral.....	57
1.1.1 <i>Objetivos específicos</i>	57
REFERÊNCIAS	59
2 ARTIGO I – O JUDÔ NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: AS CONCEPÇÕES, SIGNIFICADOS E ATUAÇÃO DOS MONITORES	69
2.1 INTRODUÇÃO	69
2.2 METODOLOGIA.....	74
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
2.3.1 <i>A entrada dos monitores no programa</i>	76
2.3.2 <i>As condições de trabalho</i>	77
2.3.3 <i>As concepções sobre o programa</i>	79
2.3.4 <i>Os significados atribuídos à prática</i>	81
2.3.5 <i>O desenvolvimento dos conteúdos</i>	84
2.4 CONSIDERAÇÕES.....	90
REFERÊNCIAS	92
3 ARTIGO II – O ESTADO DA ARTE DO JUDÔ: A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DAS LUTAS E OS ESTUDOS SOBRE OS PRINCÍPIOS E VALORES DA MODALIDADE	98
3.1 INTRODUÇÃO	98
3.2 METODOLOGIA.....	101
3.3 RESULTADOS	105
3.3.1 <i>Panorama do judô na produção científica nacional</i>	105
3.3.2 <i>Panorama do judô na produção científica especializada</i>	109
3.4 DISCUSSÃO.....	113
3.5 CONSIDERAÇÕES.....	119
REFERÊNCIAS	121
4 ARTIGO III – CONCEPÇÕES TEÓRICAS E ATUAÇÕES PRÁTICAS NO JUDÔ: AS PERSPECTIVAS DE PAIS, PROFESSORES E PRATICANTES	130
4.1 INTRODUÇÃO	130
4.2 METODOLOGIA.....	135
4.2.1 <i>Participantes</i>	135
4.2.2 <i>Instrumento</i>	137

4.2.3	<i>Análise dos dados</i>	139
4.3	RESULTADOS	139
4.3.1	<i>Demografia da população participante</i>	139
4.3.2	<i>A concepção de judô</i>	141
4.3.3	<i>Conhecimento e atuação prática</i>	144
4.4	DISCUSSÃO.....	153
4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS	162
5	ARTIGO IV – MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DO JUDÔ: NECESSIDADES E EXPECTATIVAS DE PAIS, PROFESSORES E PRATICANTES 169	
5.1	INTRODUÇÃO	169
5.2	METODOLOGIA	171
5.2.1	<i>Participantes</i>	172
5.2.2	<i>Instrumento</i>	173
5.2.3	<i>Análise dos dados</i>	174
5.3	RESULTADOS	174
5.3.1	<i>Necessidade e utilização de materiais didáticos</i>	174
5.3.2	<i>Possibilidades de formato para novos materiais didáticos</i>	180
5.4	DISCUSSÃO.....	182
5.5	CONSIDERAÇÕES.....	184
	REFERÊNCIAS	185
6	ARTIGO V – APLICATIVO PROJETO JUDÔ: CRIAÇÃO DE UM RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA MODALIDADE	190
6.1	INTRODUÇÃO	190
6.2	METODOLOGIA	195
6.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	197
6.3.1	<i>A análise dos documentos oficiais como processo de seleção dos conteúdos para o apoio ao ensino do judô</i>	197
6.3.2	<i>Uma proposta de sistematização dos conteúdos para os primeiros níveis de graduação e sua materialização audiovisual</i>	205
6.3.1	<i>O aplicativo Projeto Judô: contexto, estrutura e principais características.</i> 212	
6.4	CONSIDERAÇÕES.....	226
	REFERÊNCIAS	229
7	ARTIGO VI – AVALIAÇÃO DO APLICATIVO PROJETO JUDÔ A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA PERSPECTIVA DE PAIS, PROFESSORES E ALUNOS	235

7.1	INTRODUÇÃO	235
7.2	METODOLOGIA.....	238
7.2.1	<i>Participantes</i>	238
7.2.2	<i>Instrumento</i>	239
7.2.3	<i>Análise dos dados</i>	240
7.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	241
7.3.1	<i>As perspectivas para um app sobre judô</i>	242
7.3.2	<i>A avaliação do protótipo Projeto Judô</i>	247
7.4	CONSIDERAÇÕES.....	260
	REFERÊNCIAS	262
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
	REFERÊNCIAS	285
9	ANEXOS	288
9.1	ANEXO 1 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - IB - UNESP RIO CLARO	288
9.2	ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – MONITORES DE JUDÔ.....	293
9.3	ANEXO 3 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – PRATICANTES MENORES DE IDADE	295
9.4	ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEIS PELOS MENORES DE IDADE	297
9.5	ANEXO 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – PRATICANTES MAIORES DE IDADE, PAIS E PROFESSORES	299
9.6	ANEXO 6 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – PRATICANTES MENORES DE IDADE (AVALIAÇÃO DO APP)	301
9.7	ANEXO 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEIS DOS MENORES DE IDADE (AVALIAÇÃO DO APP)	303
9.8	ANEXO 8 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – PRATICANTES MAIORES DE IDADE, PAIS E PROFESSORES (AVALIAÇÃO DO APP)	305

APRESENTAÇÃO

Início o texto desta tese com a apresentação de dois momentos distintos de minha trajetória pessoal e profissional que, em um determinado período da vida, conectaram-se de forma imprevisível e contribuíram, de forma decisiva, para o desenvolvimento da pesquisa que aqui será apreciada.

A escolha pelo método autobiográfico, a partir do gênero Memorial Autobiográfico, pareceu ser a forma mais adequada de iniciar essa escrita já que, além de se configurar como uma narrativa que estabelece relações entre as dimensões profissional e pessoal, é também um exercício do discurso e do uso da palavra, que permite aos interlocutores depreenderem as decisões e posturas tomadas pelo docente, ao mesmo tempo que contribui para o processo de apropriação, ressignificação e reinvenção de sua própria identidade (CÂMARA, 2012; SARTORI, 2008). Espero, contudo, que sua leitura seja tão reveladora e prazerosa como foi o período de sua elaboração e escrita.

Existem algumas sensações que vivemos ao longo de nossas vidas que são realmente curiosas. E não estou tratando daquelas que nos provocam prazer, dor, felicidade, tristeza, orgulho ou vergonha, afinal de contas, estas conseguimos definir de bate-pronto seus significados e na maioria das vezes apontar suas causas. Estou tratando de outras.

Já se deparou com alguma situação em que teve de tomar uma atitude imediata para um problema, sem ao menos poder refletir sobre o assunto e, tempos depois, percebeu que tomou a decisão mais acertada? Ou ainda, já foi desafiado a realizar uma atividade que nunca havia feito anteriormente e percebeu que a executou com facilidade?

Pois é, em um primeiro momento, a sensação de espanto nos toma conta e nos faz acreditar, ingenuamente, que tivemos um golpe de sorte. Mas se pararmos para pensar um pouco, esse sentimento se transformará repentinamente em estranhamento e curiosidade, afinal de contas, “como pude tomar uma atitude tão coerente, sem ao menos pensar a respeito?”, ou ainda, “onde é que aprendi a realizar tal tarefa com tal habilidade?”.

É dessa sensação que gostaria de falar, quando simplesmente não sabemos de onde veio determinado conhecimento para resolvermos certas situações ou atividades em nossas vidas, ele simplesmente “surgiu” ali, naquele momento.

Faço questão de começar a apresentação desta tese falando dessa estranha sensação, pois foi ela que me motivou ao longo dos últimos sete anos a trabalhar com uma prática corporal que há tempos havia me distanciado, o judô.

Não pretendo narrar aqui toda a história de minha trajetória nessa prática corporal, mas é claro que contar parte dela é importante para compreender como ela desenhou alguns dos caminhos que venho seguindo.

Em 1983, com exatos três anos de idade, comecei minha vida escolar ao entrar pelo portão do inesquecível “Atchim” e, desde o primeiro dia, de acordo com fontes seguras – minha progenitora possui características marcantes tais como a honestidade e a verdade – mostrei-me bastante autônomo, talvez mais do que o esperado para uma mãe, afinal de contas, quem espera ver seu filho ir para os braços de uma outra figura feminina, ainda não conhecida, com o maior sorriso do mundo dizendo: “Mãe, você não vai embora, não? Tchau, tchau... pode ir...”?

A verdade é que esse jeito de querer ser e viver de forma independente me fez tomar decisões importantes desde muito cedo e a primeira foi a escolha de qual atividade física eu iria fazer durante minha infância e adolescência.

Logo no primeiro ano do então “Jardim I”, ficava admirando com êxtase as vivências de judô que a escola oferecia aos alunos no contraturno das aulas e não deixei de pedir insistentemente para meus pais que queria muito participar daquelas brincadeiras de “cambalhotas”, com aquela roupa diferente e legal, apesar de ter ouvido na mesma medida a frase: “Você ainda é pequeno, no ano que vem, quando estiver maior você poderá fazer”.

E apesar da idade mínima exigida pelo professor ainda não ser suficiente, a insistência com meus pais e o meu notório vislumbre diante das aulas, percebido pelo próprio *sensei* Nelson Onmura e a tia Zezé – dona da escola – fizeram-me vestir o *judogi* mais cedo do que o esperado.

Do primeiro amarrar de faixa até as primeiras quedas e os primeiros golpes, foram inúmeras as vezes que brincávamos de rolar e de nos enrolar uns aos outros, percebendo o que poderíamos fazer com o nosso corpo para nos mantermos em pé, equilibrados e, muitas vezes, algumas propositalmente, desequilibrarmos e sentirmos a forte emoção de cair naquele chão molinho com cheiro de palha.

A verdade é que durante essa primeira fase de escolarização as lembranças se fundem muito com as sensações e, no meu caso, essa segunda acaba destoando. O que posso dizer, resumidamente, é que o judô e a escola para mim eram a mesma

coisa, não havia diferença entre um e outro, talvez pelo fato do primeiro ser realizado na garagem do segundo, mas também porque em ambos, mesmo que realizados em horários e quantidades diferentes ao longo da semana, eu me divertia a valer e não via a hora de chegar o dia seguinte para saber o que eu aprenderia de novo.

Os anos se passaram e a escolinha com nome de personagem de conto de fadas ficou realmente pequena e não havia outra forma se não a de trocar de instituição, já que ela não oferecia o ensino fundamental. E com isso, veio a preocupação com as aulas de judô, afinal de contas, onde eu poderia continuar a praticar e aprender? Que escola ofereceria as aulas de judô que tanto gostava?

A verdade é que meus pais não encontraram outra instituição que dispusesse de tal possibilidade, ao mesmo tempo que tivesse o ensino que eles consideravam adequado e que fosse perto de casa. Foi então que o meu professor Nelson Onmura, irmão do conhecido Luiz Onmura – na época já medalhista de bronze nas Olimpíadas de Los Angeles –, disse aos meus pais que se eu quisesse continuar com o judô que fosse conhecer a academia em que eles haviam treinado por anos, a chamada Associação de Judô Vila Sônia, há alguns quilômetros de casa.

Se o bairro em que ela estava localizada já fazia parte do nosso caminho para saídas de casa, não foi diferente quando fui conhecer e fazer as primeiras aulas experimentais na academia, a sensação era de já conhecer e fazer parte daquele ambiente. Não é por menos, afinal de contas, como você se sentiria estando em um lugar onde pai, mãe, filho e filhas se dedicam a ensinar algo que acreditam ser importante para as pessoas há anos e acolhem-no dentro de sua casa como se você fosse parte da família? Provavelmente em casa, não?

E foi isso que aconteceu. Durante toda a infância e adolescência, minha segunda casa foi o lar da família Shinohara, e tenho certeza de que para muitos dos alunos que frequentavam os treinos não foi diferente, a sensação era de acolhimento, cooperação e respeito.

É certo e justo dizer que como bom filho de imigrantes nipônicos, o *sensei* Massao, que deve ter sido educado de forma bastante rigorosa, também não deixava por menos tal característica durante suas aulas. Pelo seu olhar não passavam quaisquer ações ou atitudes desmedidas que nós muitas vezes insistíamos em ter com nossos colegas, principalmente quando negligenciávamos a vontade ou o direito do outro em participar das atividades da maneira mais agradável e séria possível, ou em respeitar as dificuldades, limites e tempos que cada um de nós tínhamos para

aprender o que ele ensinava. Certamente, o resultado disso era de alguns bons minutos de conversa ao final das aulas, que não só pareciam eternas “brincas”, mas algo semelhante a uma queda de um *ippon*, que depois de sofrido o faz pensar repetidamente no que você fez de errado para tentar evitar na próxima luta, nesse caso na próxima aula.

Mas o mais curioso é que a dureza e o rigor de suas falas e ações não eram entendidos como brincas ou ordens, ficava claro para mim que ele tomava tais atitudes porque sempre se importava com alguém, fosse apenas com um aluno ou com o grupo todo e isso me fazia respeitá-lo cada vez mais, muito menos por sua idade ou pela cor de sua faixa.

Interessante é pensar que essa postura de atenção e justiça não se bastava na figura do *sensei* Massao; seu filho Jun – Luiz Juniti Shinohara –, que também dava as aulas na academia, proporcionou um aprendizado minucioso das técnicas aos seus alunos, fazendo-nos perceber e pensar a respeito delas. Lembro-me dele vindo inúmeras vezes até mim, quando estava aprendendo ou praticando um exercício, e perguntar: “Por que você está fazendo desse jeito?” ou “E se você fizer assim, o que acontece?”, “Olha só essa perna, porque está nessa posição?”.

E se, na infância, tais indagações soavam como uma cobrança para nosso aperfeiçoamento, com o objetivo de lutarmos melhor e representarmos bem a “Vila” nos campeonatos que aconteciam quase que todos os finais de semana do ano; quando adolescente, ficou claro que tais indagações eram realizadas para pensarmos e resolvermos os problemas que surgiam dentro das lutas de forma rápida, consciente e autônoma. Era um constante exercício de percepção e análise do que se fazia ou podia fazer.

É claro que muitas vezes as aulas se pautavam nas repetições de movimento e que, em alguns casos, aconteciam de forma exaustiva, mas a verdade é que a diversidade de formas e de conteúdos ensinados era tanta, que essa não foi a parte que mais me marcou ao longo dos dez anos de experiência na “Vila”.

Ali aprendi a gostar de pensar o movimento e de me desafiar a realizá-lo combinando suas dimensões técnicas e estéticas, em uma postura de constante desafio pessoal, tentando atingir a inalcançável perfeição. E se a compreensão de que a perfeição do movimento não existe para além da fruição que ele pode nos proporcionar dentro de nossas possibilidades, entender que os meus limites eram bem

maiores do que eu imaginava foi talvez a lição mais importante de todo o meu trajeto no judô.

Em 1994, com quatorze anos, talvez estivesse no meu “melhor” momento como praticante. Treinava quase todos os dias, participava das seletivas internas na academia e as realizava com êxito e, portanto, representava a academia na maioria das competições importantes. Como era de se esperar, foi a época que acabei sendo seduzido pelo aspecto, normalmente mais passageiro da vida de um judoísta, a competição.

E apesar do ambiente e das aulas terem aspectos que iam muito além do objetivo competitivo, devemos reconhecer que para um garoto de 14 anos, ter o primeiro campeão olímpico do Brasil no mesmo *dojo*, muitas vezes treinando ao seu lado para o próximo ciclo olímpico, é mais do que um motivo para ele projetar certas vontades e expectativas sobre sua atuação enquanto praticante. E no meu caso foi o que aconteceu.

Comecei a me cobrar cada vez mais nos desempenhos que tinha frente às competições, a ponto de não perceber o que estava acontecendo ao meu redor. Há tempos vinha participando de competições importantes por ganhar de um amigo que dividia comigo a categoria meio-médio, porém, apesar de tê-lo derrotado em uma dessas seletivas internas, o *sensei* não me convocou para participar da competição. E apesar de não ser um evento importante, fiquei dias incomodado com a decisão, pensando em quão injusto ele havia sido comigo, afinal de contas, eu merecia participar por mérito.

Depois de uma semana, já da realização da competição e do insucesso do meu amigo em trazer uma medalha, enchi-me de coragem e razão e fui falar ao final de uma das aulas com o *sensei* Jun sobre sua decisão:

- *Sensei*, posso falar com você um minuto?

- Claro Glauber! O que foi? Aconteceu alguma coisa?

- Sim, aconteceu.

- O que foi?

- Com todo o respeito, eu queria dizer que não achei justo eu não ter participado da competição nesse último final de semana.

- Mas por que?

- Porque eu venho ganhando as seletivas internas já faz tempo, inclusive a última.

- Entendo Glauber. Mas eu vou lhe fazer uma pergunta... você gosta do seu amigo?

- Claro!

- Se você gosta dele mesmo, já parou para pensar que ele também gostaria de participar das competições e que o judô dele só vai melhorar se tiver a mesma oportunidade que você vem experimentando?

E tudo o que eu consegui responder naquele momento foi:

- Você tem razão, desculpe.

E apesar de naquele momento eu ter concordado verdadeiramente com ele, suas perguntas fizeram eco durante os próximos dois anos, me fazendo pensar muito a respeito de como eu deveria lidar com aquela vontade obstinada de competir e vencer, ao mesmo tempo que me sentia no dever de ser justo e altruísta para com aqueles que faziam parte desse processo.

Guardei essa angústia comigo durante um tempo até que decidi me afastar dos sentimentos que me pareciam menos nobres, no caso, aqueles que a competição me causava. Mas infelizmente, no auge da minha imaturidade adolescente, decidi mais uma vez, de forma independente, resolver o problema. E acabei fazendo o que era mais fácil e confortável naquele momento para mim, ou seja, não pensar mais sobre isso. E foi assim que deixei o judô.

E por mais dolorido que tenha sido esse afastamento, ele durou vários anos, dando-me tempo e oportunidade suficientes de experimentar tantas outras práticas corporais; de fazer a graduação em Educação Física e compreender os meandros dos processos de ensino, aprendizagem e das relações sociais que elas podem estabelecer com o meio, além de vivenciar a prática docente durante bons anos no ambiente escolar.

Tais vivências me fizeram perceber que o afastamento do judô foi uma solução drástica para resolver uma situação que, sem dúvida, poderia ter um desfecho bem diferente. E como muitas das coisas mal resolvidas acabam, uma hora ou outra, batendo à porta novamente, depois de quatorze anos, lá estava eu tendo a oportunidade de resolvê-la de uma vez por todas, ou melhor, de fazer as pazes com aquela prática que por muitos anos me fez feliz e, sem dúvida, muito me ensinou.

Em 2010 fui convidado para trabalhar em uma instituição de ensino superior no estado de Rondônia, com um duplo desafio: coordenar os cursos de bacharel e licenciatura do curso de Educação Física e lecionar a disciplina “Esporte – Lutas”.

Foi nesse momento que, indiretamente, me reaproximei do judô. Despido de todo e qualquer arrependimento de tê-lo largado outrora e valorizando as várias experiências que tive ao longo dos anos, estava consciente de que poderia ajudar os futuros professores a perceberem a amplitude de conhecimentos que tais práticas corporais possuem. Nesse sentido, as aulas não só propuseram uma diversidade de atividades corporais como também incentivaram a reflexão sobre os conceitos, contextos e características de diversas lutas, possibilitando o estabelecimento de um ensino que oferecesse um contraponto à mera prática esportiva, ampliando inclusive conceitualmente o nome proposto para a disciplina.

A experiência com as aulas foi curta e pontual, já que um ano depois eu estava assumindo o cargo de professor de Educação Física no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) na cidade de Colorado do Oeste, interior do estado.

Curiosamente, antes de me mudar para a nova cidade, um aluno da faculdade chegou até a mim eufórico e alegre com a notícia da minha aprovação no concurso, falando que eu iria morar em sua cidade natal e dizendo que eu iria gostar muito de lá, pois como judoca, estaria na cidade considerada “berço” da modalidade em Rondônia. De acordo com ele lá residia o imigrante japonês Bunichi Matsubara, o fundador da modalidade no estado, e que ele certamente ficaria feliz em me receber sabendo que tinha sido praticante.

Depois de ter conhecimento a respeito disso, quando eu e minha esposa nos mudamos para a cidade, logo no primeiro dia, ainda sem moradia, bati na porta da academia para conversar com o tal professor de judô e ver se, de alguma forma, poderia nos ajudar, dando dicas de onde procurar casas, em que bairro morar e saber um pouco mais sobre a cidade. Infelizmente, no dia o *sensei* Bunichi não estava presente e fui atendido por uma de suas filhas, que prontamente nos recebeu e chamou um de seus irmãos, o também professor da academia, Emílio Masaki Matsubara, vulgo *sensei* Massá.

Mesmo com um ar de estranhamento, uma vez que chegamos como forasteiros batendo a esmo em sua porta, depois de poucos minutos de conversa, percebemos que não tínhamos só o judô em comum, como também havíamos praticado a modalidade no mesmo lugar. Sim, Massá havia treinado alguns anos na Vila Sônia quando foi estudar para o vestibular em São Paulo.

E apesar de não nos termos conhecido na época, por conta da diferença de idade, tínhamos em comum tanto amigos de treino, como todo o aprendizado vivido

com os *senseis* Massao e Jun. E aí, obviamente, aquilo que parecia ser uma tremenda coincidência acabou se transformando em amizade e em poucos dias já conhecíamos toda a família, inclusive o *sensei* Bunichi, que por fim acabou adotando a mim e a Ana – minha esposa – como filhos postichos. Para nosso espanto, o sobrenome da Ana era o mesmo que da sua esposa recém falecida, Margarida Kaneko.

Na mesma semana de chegada à cidade, já alojado, fui então assumir as aulas no IFRO e depois de me apresentar para a direção geral do *campus* e entregar todos os documentos comprobatórios da posse, fui apresentado para o meu futuro parceiro de trabalho, Armindo Knoll. O “Tchê”, como é conhecido por suas raízes gaúchas, de pronto quis saber sobre minhas experiências com a área e no meio da conversa que não durou mais de cinco minutos, perguntou qual era a minha especialidade. E mesmo tentando explicar que a minha área de atuação era a Educação Física escolar e que minha pesquisa de mestrado havia sido realizada na área das atividades rítmicas e expressivas dentro do âmbito escolar, ele perguntou: “Eu quero saber qual esporte você tem maior contato e habilidade!”.

Não entendi o porquê da pergunta, mas de pronto respondi que o judô foi a modalidade que eu mais havia praticado regularmente ao longo da vida e que por ela tinha grande apreço. E a reação dele foi ainda mais estranha, dizendo: “Que bom! Porque então você vai ganhar um presente no seu primeiro dia de trabalho, um presente de boas-vindas. Venha aqui!”.

E eu, sem saber o que fazer e pensar, só o segui até o almoxarifado. E lá chegando, antes mesmo dele me apresentar aos funcionários do setor, disse que aquele pacote enorme que estava no canto do galpão era para eu retirar e que eu fizesse bom uso dele. Na hora não me contive de curiosidade e perguntei o que era, quando ele me disse que se tratava de uma área oficial de tatames de judô, comprada há poucos meses para trabalhar nas aulas de Educação Física, mas que ainda não tinha dado tempo de usá-la e que, agora, poderia ser ainda mais utilizada, com futuras aulas extraclases da modalidade.

A verdade é que fiquei alguns dias tentando compreender o que tinha acontecido naquelas primeiras semanas e o que todas aquelas coincidências significavam, mas como não pude encontrar uma resposta sensata, a não ser pensar em obra do acaso, acabei me debruçando em entender que comunidade era aquela, quais as vontades e necessidades que tinham e de que forma eu poderia contribuir com o processo de ensino daqueles estudantes.

Foi então que me deparei com uma realidade bastante curiosa. O IFRO de lá havia sido uma Escola Agrotécnica Federal no passado que, inclusive, contava com uma estrutura de alojamentos para estudantes vindos de outras cidades e estados vizinhos. Ou seja, a instituição tinha quase duzentos alunos morando lá, com uma grade curricular integral que se iniciava às sete da manhã e terminava às dezessete horas, com um intervalo de duas horas entre os períodos, para o almoço e um breve descanso.

De pronto, fiquei imaginando o que esses alunos faziam em seus tempos livres e depois de conversar com inúmeros deles e com a própria coordenação da escola, soube que, para além dos treinos de futebol e handebol que o próprio Tchê oferecia no horário do almoço, nenhuma outra atividade existia.

Aquilo me chamou a atenção ao mesmo tempo que me deixou preocupado, afinal de contas, eu tentava me colocar na situação deles. Ficava imaginando como seria estar longe da família, dividindo quarto com colegas, tendo toda a responsabilidade pela limpeza de minhas roupas e alojamento, além das atividades acadêmicas de dezoito disciplinas ao ano, tendo apenas quatorze ou quinze anos de idade e sem muitas opções de lazer?

Foi então que percebi que a fala do meu parceiro de trabalho, quando me “presenteou” com o tatame dizendo que ele poderia ser ainda mais utilizado, fazia sentido e seria realmente um caminho importante de ser traçado. Foi então que, além de voltar a praticar o judô na cidade com a família Matsubara, vi-me escrevendo um projeto de extensão para os alunos “internos” da escola, com o objetivo de oferecer um espaço de prática corporal que pudesse contribuir com o processo educacional ao qual aqueles jovens estavam inseridos, além de proporcionar um momento de lazer. E não houve dúvidas de que o judô seria uma possibilidade palpável, já que fazia parte da cultura e do contexto de práticas corporais da cidade.

A verdade é que, depois de dois meses, o projeto de extensão submetido à análise do Departamento de Extensão do *campus* já havia sido institucionalizado e contava com o apoio da direção geral que prontamente adquiriu os outros materiais necessários. Ou seja, em agosto de 2011 o Projeto Judô tinha vinte e seis alunos que participavam de três encontros semanais de uma hora e meia depois do período escolar. Lá eles tinham a oportunidade de vivenciar a prática do judô e conhecer mais sobre a cultura da modalidade e de suas relações com a sociedade.

Voltar a entrar em contato direto com o judô, durante os quatro anos seguintes no papel de professor, foi uma experiência agradável e ao mesmo tempo reveladora, uma vez que me deu a oportunidade de perceber o quanto as pessoas têm curiosidade, respeitam e apreciam a modalidade para além da simples prática motora e o quanto ela pode ser, de fato, um elemento de desenvolvimento educacional, ainda mais se levarmos em conta seus fundamentos e concepções históricas.

Durante as aulas, inicialmente de forma empírica e depois a partir de pesquisas sistematizadas realizadas junto aos participantes do Projeto Judô, verifiquei o quanto eles tinham interesse em conhecer a cultura do judô para além daquilo que era proposto e vivenciado nos nossos encontros semanais.

A questão é que o tempo das aulas ainda não eram suficientes para toda a curiosidade que eles apresentavam ter. E foi então que comecei a procurar materiais didáticos que eles pudessem entrar em contato, complementando e melhorando o desenvolvimento das aulas presenciais, correspondendo, assim, com suas expectativas.

Para meu espanto, achei poucos materiais que dispusessem de informações detalhadas sobre as técnicas mais básicas do judô e dos conteúdos mais conceituais e atitudinais, assim como sua história e os princípios e valores atribuídos à sua prática.

Logo, a escassez de material em português somada à falta de referências confiáveis, fez-me embarcar em um movimento de pesquisa e de produção de materiais audiovisuais que pudessem suprir as discussões e os questionamentos surgidos no tatame.

Foi a partir de então que pude perceber uma mudança significativa da postura dos alunos em relação às aulas. Os vídeos acabaram aguçando ainda mais a curiosidade dos participantes e transformou o *dojo*, assim como nossos encontros, em espaços de discussão e verdadeiro estudo dos conteúdos do judô.

Foram inúmeras as vezes que tivemos a oportunidade de vivenciar, em profundidade, aspectos mecânicos de determinadas técnicas fazendo experiências e testando novas possibilidades, além de travarmos longas conversas e debates sobre os fundamentos do judô pensados por Jigoro Kano – seu fundador – e como tais aspectos tinham ou poderiam ter relação com o que estavam vivendo em suas vidas.

Assim, nesse ambiente de construção permanente do conhecimento com meus parceiros – e não mais alunos – foi que percebi o quanto eu desconhecia daquela modalidade, apesar de tê-la vivido por tanto tempo. Mas também tomei consciência

de que sabia muita coisa boa, que eu nem mesmo fazia ideia. E é aí que chegamos ao início da nossa conversa.

Lembra que eu falava de uma sensação estranha, especificamente quando tomamos uma determinada atitude repentina, sem termos muito tempo para pensar a respeito e depois percebemos que foi uma decisão coerente? Ou ainda, quando realizamos uma determinada atividade com certa habilidade sem ao menos a termos experimentado anteriormente?

Pois então, vou narrar um fato que aconteceu em um desses anos no próprio Projeto Judô, que exemplifica e explica, em parte, como essas coisas acontecem e porque ficamos surpresos com tais atitudes.

É verdade que, mesmo propondo uma perspectiva de ensino um tanto diferente daquilo que temos como usual no judô, não havia como negar aos alunos do Projeto a experiência da modalidade em sua perspectiva esportiva-competitiva, mesmo que minhas experiências não tenham sido das mais positivas. Ou seja, não possibilitar a experiência da competição a eles seria negligenciar a vivência da modalidade em sua totalidade e, apesar de não ser a tônica de nossos encontros, eu os incentivava quando percebia que surgia o interesse.

Foi assim que, depois de um ano de projeto, decidi apresentar a possibilidade de participarmos dos Jogos Escolares de Rondônia (JOER) e dos Jogos dos Institutos Federais (JIFs), caso eles tivessem vontade. E é claro que a resposta foi sim de imediato.

Com resultados muito mais expressivos do que todos nós esperávamos, os alunos ficaram cada vez mais motivados em participar das competições, não só pelas conquistas que o grupo alcançava, mas por experimentarem de forma positiva todo o ambiente das viagens, da construção de novas amizades nos eventos e da oportunidade de amadurecer suas habilidades no judô.

Em um dos anos que se sucedeu, nossa turma já estava maior do que aquela do início e, em uma das categorias, tínhamos dois alunos que se interessavam em participar das competições. Logo depois de termos feito suas inscrições, por conta de problemas pessoais, um deles teve de desistir de sua participação no JOER, o campeonato considerado, por muitos, o aquecimento para os JIFs.

Na ocasião, o aluno que representou a escola acabou passando pelas fases municipal, regional e conquistou o segundo lugar na etapa estadual, em sua primeira participação em competições, contra adversários nitidamente mais experientes e

antigos de judô. E por ter chegado tão longe e com tão pouca experiência, ficou nítido para todos, inclusive para mim, que ele teria reais chances de uma ótima participação nos JIFs. E não à toa, ele foi extremamente incentivado pelos colegas a dar seu melhor nas aulas, além de fazerem um esforço coletivo em ajudarem-no em treinos extras em horários diferentes daqueles oferecidos pelo projeto.

Mas diferente do que todos estávamos acostumados a ter nos anos anteriores, o apoio financeiro para os JIF's teve uma baixa e o corte nas despesas com traslado e alojamento foi feito a partir do número de participantes nas modalidades individuais. Assim, cada categoria do judô só poderia ter um representante.

A notícia foi recebida em cima da hora e no dia seguinte deveríamos estar com a relação de todos os participantes pronta. Assim, no mesmo momento convoquei um encontro com todos os alunos do projeto para fecharmos as vagas e eis que, na única categoria com dois atletas interessados em participar, vivemos o maior embate daquele ano. Dois amigos, futuros formandos e, portanto, em suas últimas chances de viajar para um campeonato importante representando a escola, disputavam uma vaga. De um lado um aluno que ainda não tinha experimentado o judô em sua forma competitiva por motivos pessoais alheios à sua vontade e, do outro, o vice-campeão estadual do JOER com reais chances de medalha e inspiração para muitos de seus parceiros.

Sabia que a decisão seria difícil e apesar de já ter um posicionamento quanto à resolução do problema, não achei justo que ela fosse tomada só por mim. Não seria justo ignorar o ponto de vista de cada um dos possíveis representantes e de todos os outros alunos que tanto se envolveram com o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos dois candidatos à vaga.

De pronto, disse a eles que para resolvermos o problema de forma mais acertada, a decisão deveria ser tomada por todos nós, de forma coletiva, uma vez que não tinha relação apenas com os alunos da categoria, mas com todos que se envolveram direta e indiretamente.

Foi então que algo muito curioso aconteceu. Assim como nas aulas, grande parte dos alunos apresentaram seus posicionamentos ao grupo e, depois de um caloroso debate, havíamos discutido indiretamente valores como meritocracia, responsabilidade, solidariedade, cooperação, educação e justiça. E apesar dos alunos da vaga estarem presentes, eles fizeram questão de não se pronunciarem em favor próprio. E quando todos já tinham esgotado seus argumentos e justificativas para uma

decisão ou outra, o aluno que era promessa de medalha nos jogos e aparentemente a escolha da maioria do grupo levantou a mão e pediu a palavra.

- Pessoal, fico contente em ver que muitos torcem por mim e que acreditam que eu possa representar bem a escola nos Jogos, mas eu vejo que já tive minha chance de lutar em uma competição e eu acho que seria importante ele experimentar isso. Foi bom para mim e vai ser bom para ele também. E eu acho que desse jeito a gente vai fazer acontecer um dos princípios do judô que a gente tanto conversa aqui nas aulas. O *Jita-Kyoei* não significa prosperidade e benefício mútuo? Então! Eu gostaria que ele fosse o nosso representante na categoria, ele também merece isso.

E foi então, que acabamos vivendo uma das experiências mais marcantes no Projeto Judô. Naquele momento, ficava claro para todos nós que aquela decisão tomada pelo nosso amigo, mesmo sendo realizada às pressas, tinha sido a mais justa e de posicionamento mais condizente com tudo o que havíamos vivido ao longo de nossas aulas. Assim, o que nos restou dizer após sua fala foi:

- Você tem razão, parabéns!

É possível que esse aluno tenha pensado inúmeras vezes no quanto teria sido legal ser medalhista dos JIF's e o quanto ele se sentiria orgulhoso por isso, mas ele jamais esquecerá também que sua atitude mexeu com todos nós. Depois do ocorrido, ele se tornou ainda mais bem quisto por seus colegas, não era raro muitos o procurarem para conversar e pedir conselhos; seu amigo e parceiro de categoria voltou da competição sem vitórias, mas extremamente grato pelas histórias e experiências vividas que fazia questão de compartilhar quando tinha a oportunidade. Quanto a mim, além do orgulho e espanto pela maturidade de sua decisão, ele me fez refletir ainda mais sobre o quanto as relações do ensino são marcantes, complexas e precisam ser estudadas.

Apesar das minhas experiências no judô terem sido importantes e decisivas para a minha formação, talvez elas não tenham sido suficientes para me fazer perceber, com a idade do meu aluno e em uma situação muito semelhante, que praticar o judô, não se basta no ato de conhecer técnicas, vencer o oponente e gozar de um orgulho pessoal. Tem a ver também com a compreensão de uma cultura corporal que possui diversos significados e que pode contribuir para o nosso desenvolvimento pessoal e da sociedade em que vivemos.

Infelizmente, parece-me que esse entendimento do judô, ou de qualquer outra prática corporal, só é possível quando ultrapassamos o nível da informação para o do

desenvolvimento do conhecimento; da crença de um aprendizado naturalizado para um ensino intencional e consciente e de uma postura de ensino diretiva para uma experiência compartilhada e democrática. E talvez, assim, saberíamos que nossas decisões, atitudes e caminhos trilhados são muito mais um resultado de nosso aprendizado do que força do simples acaso ou sorte.

ESTRUTURA DA TESE

Desde os anos 1990 com o advento da internet, inúmeras mudanças ocorreram nas relações sociais, dentre as quais, a comunicação recebe destaque. E se a forma como as pessoas interagem entre si se transformou ao longo das últimas décadas, não é de se espantar que o mesmo tenha ocorrido com a ciência, já que é produto direto do trabalho humano.

De acordo com Nassi-Calò (2016), o surgimento e a popularização da internet alteraram drasticamente o paradigma da comunicação da ciência, uma vez que possibilitou a disseminação massiva da produção de artigos e periódicos para lugares que transcendem o espaço físico da academia e que, até então, mostrava-se irrestrito para grande parte da população.

Como consequência de suas características, tais como a reprodutibilidade técnica irrestrita e a facilidade espaço-temporal na divulgação e acesso de conteúdos, o número das produções acadêmicas vem aumentando, assim como as exigências de suas publicações a partir dos órgãos de fomento e dos programas de pós-graduação.

Esse quadro acaba por promover algumas alterações no processo de escrita e leitura científica. Para se ter uma maior compreensão do fato, ainda de acordo com a autora, a sessão editorial da revista *Nature* de julho de 2016, aponta que:

De acordo com estatísticas frequentemente citadas que deveriam ser verdadeiras, mas provavelmente não são, o número médio de pessoas que leem uma tese de doutorado do início ao fim é 1,6. E isso inclui o autor (NATURE, 2016, p. 7).

É a partir desse contexto de aumento da exigência da produtividade somada à falta de adequação dos formatos de escrita e divulgação científica junto à sociedade, que se observa, em diversos programas de pós-graduação no Brasil e no mundo, a possibilidade da confecção de dissertações e teses em formato alternativo. Esse modelo, diferentemente do tradicional, tem a estrutura dos capítulos substituídos por artigos que apresentam o desenvolvimento e os resultados dos estudos realizados ao longo do processo.

Mesmo tendo em vista que tal formato possui algumas fragilidades, tais como: o risco de incorrer em autoplágio; o perigo de incidir em uma produção fragmentada em função de uma questão exclusivamente quantitativa; a redução da liberdade de

criação e da eventual falta de aprofundamento na investigação de determinado tema devido à restrição das diretrizes dos periódicos; fica evidente que, com rigorosidade e responsabilidade, tais questões podem ser minimizadas ou anuladas, alavancando suas potencialidades.

É relevante dizer que esse formato alternativo pode contribuir com aspectos relacionados à celeridade e à publicidade do conhecimento produzido pelas pesquisas acadêmicas, favorecendo o precioso entendimento do contexto histórico em que estas foram realizadas, já que se encontram em um formato muito próximo do esperado para a publicação. É, portanto, a partir da valorização desses pontos e, conseqüentemente, da escolha desse formato que a presente tese foi estruturada.

Além dos elementos pré-textuais, comumente utilizados no formato tradicional, a tese é constituída de uma introdução, contendo alguns dos elementos mais relevantes da revisão de literatura, o problema, a justificativa e os objetivos da pesquisa; dos seis artigos que constituíram suas diferentes etapas e das considerações acerca dos achados, que apontaram para certos entendimentos e novas perspectivas de continuidade dos estudos na área.

Em relação aos artigos, os quatro primeiros referem-se às pesquisas iniciais que tentaram desvelar o contexto e algumas das necessidades de entendimento do judô ligadas ao objetivo geral. Esses estudos proporcionaram o desvelamento de dados e uma compreensão mais focada, subsidiando a consecução dos dois últimos artigos que representaram o processo de desenvolvimento e avaliação de uma ferramenta tecnológica.

No quadro abaixo é possível verificar em detalhe a estrutura da tese.

Quadro 1 - Estrutura do projeto.

1. Introdução

Introdução. Objetivo geral. Objetivos específicos. Referências

2. Artigo I - O judô no programa Mais Educação: as concepções, significados e atuação dos monitores

Introdução. Metodologia. Resultados e Discussão. Considerações. Referências.

3. Artigo II – O estado da arte do judô: a produção acadêmica na área das lutas e os estudos sobre os princípios e valores da modalidade

Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações. Referências.

4. Artigo III – Concepções teóricas e atuações práticas no judô: as perspectivas de pais, professores e praticantes

Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações. Referências.

5. Artigo IV – Materiais didáticos para o ensino do judô: necessidades e expectativas de pais, professores e praticantes

Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações. Referências.

6. Artigo V – Aplicativo Projeto Judô: criação de um recurso didático para o ensino da modalidade

Introdução. Metodologia. Resultados e Discussão. Considerações. Referências.

7. Artigo VI – Avaliação do aplicativo Projeto Judô a partir da experiência do usuário: potencialidades e limitações na perspectiva de pais, professores e alunos

Introdução. Metodologia. Resultados e Discussão. Considerações. Referências.

8. Considerações**Referências**

Fonte: o próprio autor.

A seguir são apresentados os motivos de realização da presente pesquisa, assim como toda a fundamentação teórica que contribuiu para a consecução de suas etapas. Espera-se que a leitura da tese possa colaborar com uma compreensão mais aprofundada dos contextos e das possibilidades de vivência do judô em nossa sociedade, instigando e encorajando mais pessoas a pensarem e vivenciarem a modalidade para além dos tatames.

Boa leitura.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o judô pode ser considerado uma modalidade esportiva amplamente difundida pelo mundo e com uma quantidade de praticantes relativamente alta e significativa, a ponto de verificar-se a existência de um grande número de eventos de demonstração, competitivos e com cobertura midiática relevante.

Para exemplificar tal fato, no ano de 2019 foram realizados, só na categoria Sênior, mais de 60 eventos competitivos entre os diferentes “Abertos”, *Grand Prix*, *Grand Slams*, Campeonatos Continentais e Campeonatos Mundiais organizados pelas Uniões Continentais e pela Federação Internacional de Judô (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 2020), isso sem levar em consideração os incontáveis eventos nacionais dos países que praticam o esporte, além, é claro, de sua presença no *hall* de modalidades disputadas nos Jogos Olímpicos que, em certa medida, cancelam a relevância do mesmo ao redor do mundo.

Tal popularidade e *status* junto ao meio esportivo, podem ser considerados como o resultado de um processo paulatino de desenvolvimento e transformação de práticas corporais marciais japonesas que remetem à era feudal, mas que se sistematizaram principalmente na segunda metade do século XVI e que foram resignificadas no final do século XIX.

Foi a partir do ano de 1882, nas mãos do professor Jigoro Kano, que o judô se estabeleceu enquanto prática sistematizada de conhecimentos provenientes de diferentes escolas da arte marcial conhecida como *jujutsu*¹.

É com a criação do *Kodokan* – que significa o lugar para estudar o caminho do judô (KAWAMURA; DAIGO, 2000) – que Kano transformou anos de estudo e dedicação junto às artes marciais em uma atividade de ensino que prezava não só o desenvolvimento físico, mas que também tinha como objetivo o desenvolvimento social. Para ele, se o trabalho da humanidade não fosse para o benefício da sociedade, a existência das pessoas seria inútil (STEVENS, 2013).

É a partir de tal posicionamento, em prol do desenvolvimento social, que as bases filosóficas do judô foram constituídas. Nesse sentido, para Kano (apud WATSON, 2008, p. v, tradução nossa): “O propósito do judô é do indivíduo se

¹ É o termo genérico utilizado para os sistemas de combate que não se utilizavam de armas ou apenas de implementos curtos contra oponentes desarmados. Dependendo da escola em particular, o *jujutsu* também é historicamente chamado de *yawara*, *taijutsu*, *wajutsu*, *torite kogusoku*, *kempo*, *hakuda*, *kumiuchi*, *koshinomawari* e muitos outros (KAWAMURA; DAIGO, 2000).

aperfeiçoar fisicamente, intelectualmente e moralmente para o benefício da sociedade”.

Foi graças a esse posicionamento ligado a objetivos educacionais, ou seja, de que o judô possibilita o desenvolvimento de capacidades e habilidades que transpõem as barreiras das questões físicas, que seu trabalho foi apreciado e ganhou notoriedade e prestígio nacional rapidamente. Isso fez com que em 1898 o judô fosse estabelecido como disciplina obrigatória na Escola Normal Superior de Tokyo (JIGORO KANO MEMORIAL & INTERNATIONAL SPORT INSTITUTE, 2009) e anos mais tarde, em 1911, nas escolas de Ensino Médio do Japão (MANJUDAR; COLLINS, 2008).

Tal popularização do judô acabou também por se expandir para outros países devido à postura de Kano que, acreditando que o compartilhamento dos conhecimentos do judô poderia ser importante para os indivíduos, enviou seus alunos mais graduados para difundi-lo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, em países como Inglaterra, Alemanha, França e Áustria (MANJUDAR; COLLINS, 2008).

Se por um lado a expansão territorial que o judô sofreu se intensificou e o fez ser conhecido e ganhar prestígio mundialmente ao longo dos anos, por outro lado deu margem a uma infinidade de novas relações que ele pôde estabelecer com a cultura mundial, em especial com a cultura ocidental.

É a partir dessas dinâmicas interações em âmbito global que o judô acabou passando por um processo de transformação e desenvolvimento, baseado nas tradições esportivas ocidentais, ou seja, apesar dele, em parte, já ter sido criado a partir de elementos provenientes do pensamento ocidental, fica claro que ele vai se transformando ao longo das décadas e acaba se caracterizando, prioritariamente, como uma modalidade esportiva (MANJUDAR; COLLINS, 2008).

De acordo com Sato (2013), quatro dimensões são responsáveis pelo processo de esportivização do judô, quais sejam: 1. *A codificação*: as ideias do judô foram colocadas em palavras e definidas como regras; 2. *A competição*: a qual foi dada cada vez mais ênfase em detrimento de outros aspectos; 3. *O entretenimento*: impulsionado pelo aumento da presença dos espectadores em seus eventos competitivos; e 4. *O comercialismo*: aspecto nitidamente crescente nos anos 1980 com as negociações entre patrocinadores e a venda de direitos de transmissão.

Esse processo de transformação trouxe consigo aspectos que acabaram por tornar a prática do judô, nos dias atuais, em uma situação ao mesmo tempo

controversa e necessária de ser refletida, já que altera essencialmente suas relações. Vejamos:

De maneira geral, essas tendências implicam em uma mudança fundamental na episteme do judô, algo que está principalmente em um nível inconsciente e raramente é abordado de forma direta além de recitar os princípios de Kano. Contudo, essa episteme subjaz a ideia do que é o judô e o que ele deveria ser - para quem é praticado e para que propósito. (SATO, 2013, p. 316, tradução nossa).

Nesse sentido, em que novas dimensões são vivenciadas e incorporadas tanto pelas instituições reguladoras da modalidade quanto por seus praticantes, surge a preocupação com aspectos relevantes da estrutura conceitual fundante do judô, que relacionam-se tanto com a sua relevância e potencialidade educacional quanto com a sua capacidade de atuação no nível do desenvolvimento social.

Segundo Drigo (2007), o judô, principalmente no Brasil, tem sua constituição histórica pautada em uma complexa indissociabilidade entre dois elementos: a *tradição*, representada pela valorização de aspectos culturais e religiosos das sociedades orientais, e o *rendimento* que se apresenta em parte como a adequação da arte marcial aos valores e princípios esportivos ocidentais.

Ainda de acordo com o autor, esses elementos que caracterizam a existência do judô no país trazem consigo uma situação delicada, já que uma eventual situação de predomínio de um deles pode inviabilizar o desenvolvimento do outro, uma vez que possuem características díspares em sua gênese.

Atualmente, pode-se notar que, de fato, há um certo desequilíbrio ou descompasso entre esses elementos e que o *rendimento* parece ser aquele que vem sendo mais difundido ou explorado. Além de tal questão ser apontada e discutida em determinados estudos (DRIGO, 2009; CAVAZANI 2012), algumas outras informações contribuem para reforçá-la:

a. O judô é o esporte individual que mais conquistou medalhas para o Brasil ao longo de suas participações nos Jogos Olímpicos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2016);

b. É o país que figura na quarta posição das nações que mais medalhas ganharam em campeonatos do Circuito Mundial reconhecidos pela Federação Internacional de Judô (FIJ) de 2009 até 2020 (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 2020).

Ao mesmo tempo e em contraposição:

c. A produção científica existente na área das lutas (L), artes marciais (AM) e as modalidades esportivas de combate (MEC), das quais o judô faz parte, ainda se apresenta incipiente por conta da distante relação estabelecida junto à área do conhecimento da Educação Física (CORREIA & FRANCHINI, 2010; FRANCHINI & VECCHIO, 2011). E apesar desses estudos estarem desatualizados, uma das etapas da tese atualizou tais informações, especificamente sobre o judô, e verificou que tal problemática ainda se faz presente após quase uma década transcorrida;

d. Em alguns trabalhos científicos é possível observar que existe certa preocupação com o resgate dos princípios e conteúdos tradicionais do judô, já que é verificável a falta de conhecimento dos mesmos tanto por parte dos alunos quanto dos professores (SANTOS, 1990; SILVA; SANTOS, 2005; ARAÚJO, 2005; LUIZ JÚNIOR et al., 2008; MORAES; RUFFONI; SOUZA, 2011).

Com tais informações, verifica-se que a prática do judô no país vem tomando um posicionamento cada vez mais próximo da valorização do rendimento esportivo em detrimento do desenvolvimento ou manutenção de outras características educativas igualmente importantes e que podem ser representadas, principalmente, pela compreensão e entendimento das questões socioculturais que o constituem. A título de exemplo, é importante dizer que o conhecimento de sua história, origem e transformação ao longo dos anos é elemento fundamental para um maior e melhor engajamento de seus praticantes, já que amplia as formas de encará-lo e vivenciá-lo, oportunizando o surgimento de novas relações entre o judô e os indivíduos.

Corroborando tal posicionamento e apresentando a preocupação de parte da sociedade judoística mundial, próximo ao ano de 2005, no Japão, iniciou-se um movimento de conscientização da necessidade de se cultivar as origens do judô, resgatando seus valores históricos e culturais, da mesma forma como os processos pedagógicos de ensino voltados para a formação cidadã.

Como resultado dessa preocupação, foi possível verificar algumas ações advindas de instituições ligadas ao judô. Um dos exemplos é o das alterações nas regras do judô competitivo encabeçadas pela federação internacional da modalidade, em 2010 e em 2013, na tentativa de priorizar as técnicas características do judô tido como tradicional.

Apesar de tal modificação, ficou evidente que tais transformações não foram suficientes, o que fez o Instituto Kodokan e a Federação Japonesa de Judô criarem o

projeto “Renascença do Judô” que trabalha em uma linha de pensamento que acredita que:

[...] não se pode reduzir o sucesso alcançado pelo Judô ao fascínio que ele causa, devemos sim, voltar aos ensinamentos contidos nas lições do mestre Jigoro Kano, objetivando a educação humana, ou seja, o aperfeiçoamento humano em benefício da sociedade”. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 3).

Infelizmente, poucas notícias e informações sobre esse projeto estão disponíveis nos meios de comunicação, o que inviabiliza a visualização das estratégias utilizadas no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, dos resultados obtidos ao longo desses anos, sugerindo uma ação aparentemente modesta e talvez insuficiente para a alteração do *status quo* percebido pelas instituições envolvidas.

No Brasil, além dessa preocupação em tratar a vivência da modalidade para além dos conhecimentos técnicos e competitivos, há ainda um elemento que sugere que essa discussão a respeito das perspectivas de ensino do judô seja ampliada, já que impacta nos caminhos de seu desenvolvimento e popularização no país.

Por volta dos anos 2000, observou-se um movimento de valorização e incentivo da prática do judô em formatos que ampliavam a tradicional atuação privada dos clubes ou associações da modalidade para espaços que se propunham oferecer um ensino gratuito e pautado no processo de transformação social. Ou seja, houve uma crescente popularização desses projetos – muitos deles encabeçados por atletas e ex-atletas de destaque nacional e internacional – que culminou em uma crescente visibilidade do esporte somada às diversas conquistas brasileiras em campeonatos mundiais e jogos olímpicos.

Como exemplo de tais iniciativas destacam-se: o Instituto Reação, que surgiu em 2003 com a descontinuidade do projeto “Educação Criança Futuro”, em que Flavio Canto ministrava aulas de judô como professor voluntário; o Avança Judô em 2007, criado pela própria Confederação Brasileira de Judô (CBJ); o Esportes sem Fronteiras no Brasil em 2011 e o Instituto Arrasta em 2019, capitaneado por Luciano Correa e o Instituto Tiago Camilo em 2012, que recebeu o nome do seu fundador (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2013, 2019, 2020; ESPORTE SEM FRONTEIRAS, 2019; INSTITUTO REAÇÃO, 2020; INSTITUTO TIAGO CAMILO, 2020).

Alguns desses projetos possuem uma característica em comum que ultrapassa a atuação social pretendida. Algumas de suas sedes ou polos se encontram localizadas em espaços educacionais públicos, como os Centros Educacionais Unificados (CEU) e as próprias escolas das redes de ensino municipal e estadual dos estados onde estão localizados. Os motivos para tal aproximação com a instituição escolar podem ser vários e merecem um estudo a parte, mas o que chama a atenção é que o judô na última década acabou se inserido sobremaneira no âmbito educacional a partir dessa perspectiva de projeto social.

Apesar dessas iniciativas serem importantes e presentes em várias regiões do país, a aproximação mais efetiva do judô com a escola aconteceu em esfera nacional e alicerçada pelo governo federal em uma ação conjunta entre os Ministérios do Esporte e da Educação.

No ano de 2007, a partir da Portaria Interministerial nº 17/2007 (BRASIL, 2007), foi criado o Programa Mais Educação, como uma estratégia de implantação da educação integral no Brasil. De acordo com os documentos oficiais, a proposta era de ampliar a jornada escolar diária na tentativa de minimizar as injustiças da educação brasileira e contribuir com a melhoria da aprendizagem, ofertando o ensino básico em tempo integral.

As propostas de atividades a serem oferecidas eram diversas e tinham uma abrangência de conhecimentos vasta. Dentre elas estavam presentes as atividades sugeridas pelo macrocampo denominado Esportes e Lazer, em que o judô sempre se apresentou como possibilidade de prática corporal a ser tratada nas escolas entre 2008 e 2016 (BRASIL 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014a, 2016).

É possível se ter ideia da amplitude de relação entre o judô e a escola a partir de dados apresentados pelo Ministério da Educação em 2011. De acordo com uma matéria veiculada em seu *site*, mais de 1.355 escolas ofertaram a modalidade no país, para um total de 280,9 mil alunos (LORENZONI, 2011).

Apesar desses números terem sido os únicos encontrados a respeito do Programa, eles se tornam ainda mais expressivos se comparados ao total de 2 milhões de participantes da modalidade apresentado pela CBJ (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2014). Ou seja, o Mais Educação proporcionou o contato e a vivência do judô a um quantitativo de crianças e adolescentes que ultrapassa 14% de toda a população praticante da modalidade no país.

E se quantitativamente o programa causa um impacto positivo, o mesmo não pode ser dito sobre parte de sua implementação. O Mais Educação trabalha com a oferta de atividades a partir do envolvimento direto de pessoas voluntárias, denominadas de “monitores”, que não necessariamente possuem formação na área de atuação das atividades, mas que, ao menos, demonstrem habilidades práticas condizentes (BRASIL, 2014b).

Em outras palavras, é possível que esses professores – ou monitores – tenham um conhecimento circunscrito exclusivamente às suas experiências práticas com o judô e ainda, eventualmente, não como professores ou instrutores, mas apenas como praticantes. Tal fato pode aumentar a chance da modalidade ser ofertada a partir de uma perspectiva de valorização do rendimento técnico e esportivo, caracterizando-se, portanto, como uma simples extensão do processo de ensino do judô instalado no país, e que no âmbito de uma esperada educação integral faz menos sentido.

O contexto apresentado anteriormente, portanto, não só deixa claro a necessidade de se compreender em profundidade a oferta do judô no Programa Mais Educação, como chama a atenção para um aspecto muito mais abrangente e relevante no desenvolvimento da modalidade no país – um dos pontos caros de discussão da presente tese – trata-se especificamente do seu processo de democratização.

De que forma o judô é ofertado à população? Quais são suas condições de acesso? Como ele é concebido e praticado junto às instituições que se propõe desenvolvê-lo? Enfim, é possível dizer que existe atualmente um processo de democratização dos conhecimentos do judô no Brasil com o surgimento desses projetos?

Democratização do judô: para além do acesso aos saberes corporais

É sabido que o termo democratização carrega consigo uma multiplicidade de entendimentos e que, por vezes, vem sendo utilizado de variadas formas ao longo das décadas. Azanha (2004) aponta, inclusive, que é ilusória a ideia de que há unanimidade nas alegações democráticas, ainda sim sua conceituação vale ser realizada, mesmo que de maneira sucinta.

De acordo com Houaiss (2009), democratização é a ação ou o efeito de democratizar(-se), que se vincula, portanto, ao conceito político de democracia que, por sua vez, é apresentado pelo autor como:

1. governo em que o povo exerce soberania
2. sistema político em que os cidadãos elegem os seus dirigentes por meio de eleições periódicas
3. regime em que há liberdade de associação e de expressão e no qual não existem distinções ou privilégios de classe hereditários ou arbitrários
4. *derivação: por extensão de sentido.* país que prevalece um governo democrático (HOUAISS, 2009, n.p).

É evidente que os elementos propostos pela definição são coerentes e trazem uma ideia sobre o termo, mas a ele é necessário acrescentar outros aspectos caso se pretenda utilizá-lo na derivação da noção de democratização do ensino – no caso dessa pesquisa, do ensino do judô.

Nesse estudo, toma-se um posicionamento que entende a democracia como uma forma de organização política e social pautada não só nos interesses do povo e na liberdade de expressão e associação a ele garantidos, mas também na consecução do cultivo de valores como a igualdade, a tolerância, a não violência e a solidariedade. Ou seja, uma postura que transcende os aspectos políticos e que almeja uma cultura democrática, na qual os indivíduos se percebam como iguais do ponto de vista cívico, a despeito de suas diferenças étnicas, culturais e socioeconômicas (CORDÃO, 2015).

Para se falar de outra forma, toma-se como exemplo um trecho da carta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) por ocasião do Dia Internacional da Democracia no ano de 2017:

A democracia diz respeito a instituições eficazes e responsáveis, ao Estado de direito e à boa governança – é também uma cultura, um modo de pensar, de ser e atuar, com outras pessoas, em sociedade. Isso deve ser ensinado e compartilhado, exteriorizado e expressado através de todas as fronteiras, dentro e entre todas sociedades, começando individualmente com mulheres e homens – em especial aqueles em situação de maior risco, incluindo refugiados e migrantes (BOKOVA, 2017, p. 2, tradução nossa).

É evidente que o conceito de democracia aqui utilizado transcende o ideal pautado em sua dimensão política e institucionalista, dando luz a um panorama também marcado pela importância da cultura, ou seja, de uma perspectiva culturalista. Assim, “para que o modelo democrático do Estado participativo se desenvolva [...] é preciso mais que as instituições formais da democracia [...] requer também uma

cultura congruente com ela” (ALMOND; VERBA, 1965, p. 3, tradução nossa). Ou seja, um posicionamento que compreende a percepção das duas perspectivas como parte de um todo e que não necessariamente devam ser excludentes (ROCHA, 2009).

É a partir desse posicionamento que sugere não só uma participação efetiva dos indivíduos nas instituições como também de uma cultura social pautada em valores como a justiça, a igualdade e a equidade, que se utiliza no presente estudo o termo democratização dos conhecimentos do judô, ou apenas democratização do judô. Logo, o que se espera é que as relações estabelecidas com os conhecimentos do judô – e, portanto, os aspectos de acesso, da prática de ensino e do consequente processo de aprendizagem – sejam alicerçados nessa perspectiva.

A partir dos motivos apresentados inicialmente, juntamente com essa perspectiva de entendimento de relação na vivência do judô, é que se aventa a hipótese de que a modalidade vem passando por um processo incipiente de democratização, especialmente em âmbito nacional, já que empiricamente é possível verificar elementos que são contrários à sua consecução, principalmente no que diz respeito à dois aspectos que são complementares e imbricam-se na prática, quais sejam: **1. O acesso ao conhecimento do judô** e **2. As características do processo de ensino e aprendizagem.**

Em relação ao primeiro aspecto, apesar de se verificar um movimento intencional de popularização do judô a partir de projetos sociais e da própria inserção da modalidade no Programa Mais Educação, contribuindo, assim, para o aumento do acesso à população, a prática da modalidade ainda parece acontecer, prioritariamente, pela via da iniciativa privada na qual as associações, clubes e academias são o maior expoente – como podemos inferir a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, no qual as pessoas que afirmaram praticar lutas e artes marciais como esporte/atividade física principal, em 76,6% dos casos, fizeram-no em instalações esportivas com algum tipo de pagamento (IBGE, 2017). Em outras palavras, o acesso não se dá a partir de meios tangíveis a grande parte dos possíveis interessados.

E se o acesso à vivência ainda é restrito à boa parte dos indivíduos, tal aspecto se estende para a oferta do conhecimento em outros espaços. Ou seja, além de uma produção científica ainda inicial sobre a área, principalmente no que diz respeito às dimensões para além do rendimento esportivo, assim como fora apontado inicialmente nesse texto (CORREIA; FRANCHINI, 2010; FRANCHINI; VECCHIO, 2011; SATO,

2013), há também uma restrição de acesso aos conhecimentos historicamente produzidos.

Para exemplificar tal questão, é necessário dizer que grande parte da produção do conhecimento científico a respeito do judô é publicado em inglês (PESET et al., 2013) e muitos dos livros em japonês não tiveram suas versões traduzidas (DE CRÉE, 2015), ou seja, apenas uma ínfima parcela dessas publicações tem versões disponíveis na língua portuguesa. E apesar deste ser um problema de acesso intensificado no Brasil, não deixa de ser também um fato generalizável em nível mundial.

A título de exemplo, grande parte dos pensamentos, conceitos, perspectivas e ações tomadas por Jigoro Kano ao longo de sua vida estão compilados em uma coleção de quinze volumes intitulada “The Collected Works of Kano Jigoro”, publicada sob a direção do próprio Kodokan em 1988 (STEVENS, 2013), que, além de ter sido publicada exclusivamente na língua japonesa, está descontinuada há anos, assim como outros tantos estudos (CRÉE, 2015). Ou seja, o acesso que se tem a tais informações fica restrito a produções que as analisam, muitas vezes com um foco específico, assim como as biografias já existentes.

E se o conhecimento verticalizado do judô não é acessível de forma irrestrita a partir de meios que extrapolam os limites do *dojo*², é evidente que tal situação acaba por influenciar a própria configuração do ensino. Assim, entrar em contato com uma perspectiva de ensino da modalidade que oportuniza o acesso à diversidade de conteúdos e conhecimentos, para além das habilidades técnicas de combate, acaba sendo cada vez mais difícil e rara.

Em uma pesquisa realizada em 2014 por Santos et al. (2014), cujo objetivo era verificar a existência de materiais que oferecessem conteúdos sistematizados sobre o ensino do judô no Brasil, foi possível perceber que dentre as vinte e seis federações estaduais, mais a representante do Distrito Federal e a própria CBJ, quando questionadas sobre a existência de algum material produzido por elas, para o auxílio no ensino da modalidade, apenas duas responderam positivamente.

Elas apresentaram três materiais criados por professores que serviam de referência para o ensino, mas que não eram oficiais, nem mesmo sugeridos amplamente aos seus membros federados. Assim, verificou-se uma explícita falta de

² Literalmente a palavra *dojo* pode ser entendida como o “local do caminho”, que é um termo utilizado para se referir ao local em que são praticadas as artes marciais baseadas no *budo*.

interesse das instituições em fomentar tais materiais, apesar da necessidade de criação de tais ferramentas educativas.

Ainda por conta do resultado parcial da pesquisa, os autores decidiram ampliar o método, na tentativa de fazer um levantamento de materiais para além do contexto nacional. Foi assim que realizaram uma busca a partir dos *sites* das quinze federações mais bem colocadas no *ranking* de medalhas olímpicas à época, imaginando serem esses, países incentivadores dos processos de ensino do judô. Curiosamente, os resultados apontaram para uma baixa iniciativa de disponibilização de materiais com conteúdo educacional, não guardando a relação direta esperada com o desenvolvimento da modalidade no contexto competitivo (SANTOS et al., 2014).

Tais indícios apontam para o fato de que o acesso aos conhecimentos do judô está circunscrito à dimensão prática e pautada na técnica motora, pouco dialogando com suas outras dimensões³ – tais como os saberes conceituais e atitudinais que também fazem parte do capital cultural do judô – e que, portanto, parece não atingir satisfatoriamente praticantes e profissionais que buscam, eventualmente, uma ampliação dos conhecimentos e da concepção de judô vigente.

Contudo, faz-se relevante que pesquisas diagnósticas sejam realizadas na tentativa de averiguar os reais contextos de acesso do judô no país, tanto a partir de iniciativas como o Programa Mais Educação como também das eventuais necessidades que os envolvidos com a modalidade têm em relação a conteúdos não consagrados – como a história, os princípios e os eventuais valores a serem tratados na modalidade – além, é claro, da necessidade e da relevância de materiais didáticos que contribuam com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nas *comunidades judoísticas* do país.

Aliás, o termo anteriormente em destaque ajudará na apresentação do segundo aspecto a ser considerado, quando da hipótese da não-democratização do judô no

³ Na pesquisa, assume-se a postura que considera importante o tratamento dos conhecimentos do judô a partir das seguintes dimensões do saber no ensino dos esportes: corporal, conceitual e atitudinal (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Os *saberes corporais* dizem respeito ao conjunto de conhecimentos que se produzem/constroem/manifestam com base na experiência corporal, ou seja, tratam do desenvolvimento físico-motor, dos aspectos práticos das modalidades esportivas, indicando um “saber fazer”; os *saberes conceituais*: dizem respeito às informações, ideias e teorias que possibilitam a melhor compreensão dos fenômenos em estudo, tanto nos aspectos técnicos quanto em seu contexto sociocultural, dando margem à criticidade necessária para sua autonomia, o “saber sobre” e 3. *saberes atitudinais*: vinculam-se aos modos de comportamento, que propiciam a prática e a vivência de valores dentro e fora dos espaços esportivos, que devem ser abordados não só sob o ponto de vista conceitual/cognitivo como também a partir de um convívio pautado no bem viver coletivo, favorecendo o exercício da cidadania, propiciando o “saber ser” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; GONZÁLEZ; FRAGA, 2009, 2012). A perspectiva, portanto, é a de possibilitar que os alunos tenham acesso ao esporte não apenas no sentido de praticá-lo, mas de também conhecê-lo a partir do acesso aos conhecimentos relacionados à sua prática, compreendendo o significado que ele tem em sua vida e na sociedade. Logo, não se trata apenas de uma preocupação com a aprendizagem de conhecimentos sobre a prática esportiva, mas igualmente da aprendizagem de valores éticos e sociais que dela fazem parte.

seu processo de popularização, 2. *As características do processo de ensino e aprendizagem.*

Aqui a utilização do termo comunidade judoística pressupõe os mesmos significados e propósitos de seu referente – comunidade escolar – que destaca a importância dos envolvidos no processo de construção de uma escola democrática. Assim, a ideia é que professores, estudantes, pais, direção, funcionários e comunidade local se relacionem em uma perspectiva coletiva, construindo uma comunidade que seja “tanto da escola, quanto da sociedade onde ela existe” (FERREIRA, 2009, p. 60). Em outras palavras, a comunidade escolar se torna responsável por gerir a instituição a partir de suas necessidades e interesses e que visam o bem comum.

A partir desse delineamento, espera-se que as comunidades judoísticas – formadas por praticantes, professores, pais e gestores – estabeleçam uma relação tal de diálogo e de percepção da importância de seus membros, que as expectativas para com a modalidade sejam compartilhadas, refletidas e possam ser geradoras de um processo educativo condizente com os valores que uma perspectiva democrática pressupõe.

Apesar dessa proposição fazer sentido para o crescimento e desenvolvimento da modalidade, tanto quantitativa quanto qualitativamente, alguns estudos mostram certos problemas no processo de ensino e aprendizagem do judô que podem dificultar seu alcance. É possível perceber certa incoerência entre o que as pessoas envolvidas esperam da modalidade e o que de fato é ofertado por ela, muitas vezes sendo distantes ou até mesmo contraditórios (FREITAS, 1989; CAZETTO; MONTAGNER; LOLLO, 2010; CAZETTO et al., 2010; CAVAZANI, 2012).

Tal apontamento fica patente a partir dos diversos escândalos surgidos mundialmente no judô, em que se tornaram públicos casos de: *bullying* de atletas mais velhos para com os mais novos; agressão física como instrumento de treinamento; abusos sexuais por parte de diretores e treinadores; além, é claro, das suspeitas de corrupção de presidentes de federações e dos casos de uso de *dopping* que vem sendo investigados junto a atletas, inclusive de integrantes da seleção brasileira (FARAH, 2013a; FARAH, 2013b; TERRA, 2013; INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 2020).

De posse de tais fatos, é cabível dizer que essas atitudes são condizentes, por exemplo, com os princípios norteadores do ensino do judô e que se fazem presentes

– pelo menos fisicamente – em grande parte das paredes dos *dojos* em forma de *shodo*⁴?

Sem dúvida, a resposta para esse questionamento é simples e negativa se levarmos em consideração um desses princípios. De acordo com seu fundador, um dos objetivos da modalidade era de se fomentar a ideia do *Sojo Sojou Jita Kyohei* ou apenas *Jita Kyohei*, que significa a prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua (KANO, 2008a, p. 38).

Nesse contexto de contradições, é admissível sugerir que o processo de ensino do judô parece estar caracterizado por uma relação paradigmática controversa. Ou seja, sua prática pedagógica não parece se relacionar com seus objetivos pretendidos inicialmente e, principalmente, com as condutas entendidas como aceitáveis e esperadas de uma prática corporal que se pretende desenvolvidora de uma educação democrática.

Ao mesmo tempo que parte dos envolvidos com o judô acreditam na ideia de que a modalidade trabalha com valores e princípios morais em direção a uma educação disciplinar e moral – supostamente resquícios das intenções primeiras propostas por Kano na educação física, intelectual e moral de seus praticantes – crescem os relatos de práticas que oferecem outro tipo de perspectiva de ensino, normalmente baseadas no desempenho técnico e esportivo-competitivo, já apontado anteriormente e que por vezes pode acarretar algumas consequências.

A pesquisa realizada por Cazzeto et al. (2010) mostra, por exemplo, que um determinado grupo de pais concebe a prática do judô como promotora de valores positivos, ao mesmo tempo que a encara como sinônimo de esporte e elemento preparatório para a vida futura. O fato é que tal concepção acaba sendo contraditória quando esses mesmos pais entendem que as competições promovidas na modalidade são um elemento desejável para seus filhos, de seis e sete anos de idade, mesmo sendo estruturadas a partir de uma relação pautada na seleção e exclusão dos participantes, características absorvidas irrefletidamente do ambiente competitivo do alto rendimento.

⁴ Literalmente compreendido como o “Caminho da escritura”, o *shodo* é considerado a arte da caligrafia japonesa em que são realizados os ideogramas que compõem seus alfabetos e palavras. Por estarem relacionados a uma habilidade artística, são comumente visualizados em molduras ou suportes especiais que dão destaque às mesmas. Muitas vezes são utilizados como artefato de decoração, porém no judô fazem parte dos elementos do *dojo*, onde servem à lembrança e ao estudo dos princípios fundamentais do judô, mais especificamente o “Seiryoku Saizen Katsuyo” ou apenas “Seiryoku Zenyo” (a energia mental e física deve ser usada da maneira mais eficiente possível para que se chegue ao resultado desejado) e “Sojo Sojou Jita Kyohei” ou apenas “Jita Kyohei” (prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua) (KANO, 2008a, p. 38).

Ainda de acordo com os autores, essa visão de que a competição é simplesmente natural e necessária na vivência da modalidade, somada à ideia de que o judô fomenta valores positivos para os alunos, acaba por se constituir em um cenário que permite certa violência simbólica, quando os seus próprios responsáveis consentem que seus filhos sirvam de instrumento de seleção dos mais aptos competitivamente, sem qualquer discordância.

De forma semelhante, responsáveis pelas agremiações também atribuíram significados ao judô que são contrários ao formato competitivo oferecido para os jovens, refletindo uma situação social que pouco leva em consideração as reais necessidades educacionais do processo de vivência da modalidade (CAZETTO; MONTAGNER; LOLLO, 2010).

Sabendo que um processo educativo pautado no desempenho técnico e competitivo precoce pode vir a causar não só o abandono prematuro da modalidade como também provocar alterações no desenvolvimento da personalidade e das relações sociais, apresentando comportamentos inseguros e mesmo infantilizados, inclusive quando adultos (CAVAZANI, 2012), por que muitos dos envolvidos no judô ainda valorizam esse tipo de prática? Uma das possíveis justificativas para essa diferença de concepção a respeito do judô, segundo Matsumoto, Takeuchi e Horiyama (2001), está na cultura estabelecida em cada país. De acordo com eles, as formas de se compreender e valorar a modalidade são diversas e relacionam-se com os contextos de seu desenvolvimento. Ou seja, diferentemente do que se poderia esperar, os autores verificaram que no Japão, por conta do processo de popularização e esportivização que o judô sofreu ao longo dos anos e principalmente pelas restrições de sua prática no país após a Segunda Guerra Mundial, ele não é visto atualmente – pelo menos pelos professores de judô das universidades que participaram da pesquisa – como um elemento de desenvolvimento dos valores tradicionais e morais a partir dos quais ele foi concebido, mas sim como uma simples prática esportiva voltada para o rendimento.

Por outro lado, constataram também que países como Estados Unidos e Polônia compartilham a ideia de que o judô deve promover o desenvolvimento dos valores tradicionais da modalidade, tais como a Justiça e a Harmonia Espiritual (MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001), elementos que, ainda segundo os autores, foram os grandes responsáveis pela popularização do judô ao redor do mundo.

No caso do Brasil, não foram realizados estudos para verificar exclusivamente a concepção que as pessoas envolvidas direta e indiretamente com o judô possuem em relação à modalidade, porém, de forma empírica, é comum encontrar pais matriculando seus filhos na modalidade em busca de uma pretensa educação que contribua com o desenvolvimento da disciplina e que trate determinados valores morais.

Ao mesmo tempo, há também um discurso proferido entre professores e instituições reguladoras – confederação, federações e ligas – de que o judô, de fato, trabalha em uma perspectiva de educação integral. Observa-se, por exemplo, o trecho de uma matéria realizada pela própria CBJ em relação à prática da modalidade:

Todos os amantes do judô sabem que uma das maiores lições do esporte já está em seu próprio nome. O “caminho suave” transcende a prática esportiva e se torna lema de vida. E essa característica de integração física e social [...] fez com que o Comitê Olímpico Internacional declarasse o esporte como o mais completo porque promove valores de amizade, participação, respeito mútuo e esforço para melhorar. A UNESCO, braço das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, também destaca o judô como um esporte que possibilita o relacionamento saudável com outras pessoas, utilizando o jogo e a luta como um integrador dinâmico. Além disso, diz o estudo da UNESCO, o judô é o melhor esporte como formação inicial para as crianças e jovens de quatro a vinte e um anos já que promove uma educação física integral (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2013).

É certo que a partir de tal posicionamento é possível depreender a concepção que as instituições representativas têm em relação ao processo de ensino do judô, porém como os envolvidos com a prática a vê? E de que forma tal valoração está presente no processo do seu ensino?

Tais questões são relevantes de serem respondidas pois podem contribuir na estruturação de ideias e ações capazes de fomentar um processo de democratização do judô para além do acesso à sua prática, uma vez que desvelariam concepções e atitudes do ensino do judô no país, verificando coerências e contraposições.

Portanto, investigar sistematicamente o tema a partir de tais questionamentos ofereceria uma compreensão de quão próximo ou distante os processos de ensino e aprendizagem se encontram da almejada democratização do judô.

Essa necessidade exposta se reforça quando considera-se o que Azanha (2004) e Carvalho (2004) apontam como importante para o reconhecimento e fomento de uma pretensa educação democrática. De acordo com eles, é necessário compreender as concepções que as instituições escolares e seus membros possuem juntamente com seus programas de ação, afinal de contas, a utilização de uma expressão – nesse

caso a democratização do ensino – pode obscurecer diferenças e conflitos no processo de seu desenvolvimento. Ou seja, é possível que diferentes instituições, que concebem a democratização do ensino como aspecto fundamental da educação, tenham diferentes concepções e atitudes no momento de realizá-la e, portanto, distintos caminhos serão percorridos e variadas implicações serão realizadas ao longo do processo.

Levando-se em conta a atual e complexa relação que o judô estabelece com sua difusão, popularização e ensino, é que se faz relevante compreender se tais aspectos estão marcados por características que sugerem um processo democrático. Aliás, vale dizer que a utilização do termo não é apenas uma inclinação ideológica ou desejo de realização do pesquisador, mas também um intencional objetivo da CBJ, a principal instituição reguladora da modalidade no país. Isso fica expresso quando elenca os objetivos de seu projeto intitulado *Avança Judô*:

- Educar e socializar as crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda, em situação de risco social, através do esporte, buscando melhorar sua saúde, qualidade de vida e conduta moral – coragem, audácia, força de vontade, companheirismo, humildade e ao mesmo tempo procurar reduzir tendências negativas, como insegurança, individualismo, medo e comodidade;
- Reduzir a evasão escolar e melhorar o desempenho escolar dessas crianças e adolescentes;
- Promover sua integração e inclusão social;
- Afastá-las da criminalidade e das drogas;
- Formá-las para a prática da cidadania;
- Estimular a prática esportiva nas comunidades de alto risco social;
- **Difundir e democratizar o judô em todo território nacional** (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2020, *on-line*, grifo nosso).

Dando ainda mais motivos e relevância para a consecução de pesquisas relacionadas ao tema, é que se evidencia a apresentação que a instituição faz do termo “democratizar” junto aos objetivos do projeto. Estaria ele em uma posição hierarquicamente desprivilegiada em relação aos outros objetivos elencados ou seria apenas obra do acaso?

Diante da magnitude da importância que o termo abarca e que se discutiu em parte nessa introdução, é preferível pensar que essas intenções estejam dispostas em uma ordem inversa de prioridade, ou então todos os outros parecerão fazer cada vez menos sentido.

As TICs e os materiais didáticos: possibilidades para o ensino e a aprendizagem de um judô democrático?

Durante as últimas décadas foi possível notar que a sociedade estabeleceu novas relações com as tecnologias e em especial com as TIC. Seus usos vêm se expandindo e adentrando aos ambientes educacionais, apesar de se perceber certa timidez ou incipiência quando comparados à sua adesão, a partir da população, na vida cotidiana.

O que se presencia, atualmente, é uma situação delicada dessa relação entre as TIC e a Educação⁵, uma vez que entre os discursos oficiais e a prática pedagógica existem espaços ainda não compreendidos ou preenchidos de significados, o que para alguns autores chega a ser entendido, inclusive, como um abismo (SILVA, 2011).

Em uma perspectiva de possibilitar esses entendimentos das relações entre o desenvolvimento educacional e a utilização dessas tecnologias, diversas são as pesquisas realizadas nos últimos anos, voltadas para a compreensão da inserção das tecnologias nas escolas a partir, por exemplo, de políticas públicas (BASNIAK; SOARES, 2016; BORBA; LACERDA, 2015; CHAMPANGNATTE; NUNES, 2011; CORDEIRO; BONILLA, 2016; HEINSFELD; PISCHETOLA, 2019; QUARESMA et al., 2014; SILVA; GARÍGLIO, 2010).

Essas mesmas pesquisas apresentam a ideia de que as formas como as TIC vêm sendo utilizadas ainda estão aquém do que se espera de seus reais usos, se comparadas às potencialidades que elas apresentam. Ou seja, pode-se dizer que não há possibilidade de estabelecermos uma relação direta de causalidade entre a incorporação das TIC e o desenvolvimento dos processos e resultados da aprendizagem, afinal de contas, essa relação é permeada por um amplo e complexo conjunto de fatores que configuram a prática educacional (COLL; MONEREO, 2010).

Nesse sentido, é que surge a necessidade de se realizarem pesquisas que tratem de indagar como, de que forma e a partir de quais contextos e circunstâncias as TIC podem ser transformadoras das práticas educacionais. A exemplo de tal perspectiva, voltados especificamente na área da Educação Física, encontram-se estudos que propõem discussões a respeito dos limites e potencialidades de tipos específicos de inserção das TIC no ambiente escolar, tentando compreender os contextos vividos a partir da troca de experiências diretas com professores e alunos

⁵ O referencial aqui utilizado se apoia em estudos relacionados à Educação, que comumente são pensados no âmbito escolar, mas que guardam relações diretas tanto com as manifestações provenientes da educação formal quanto das iniciativas da educação informal. Essa escolha se deu pelos poucos conhecimentos científicos desenvolvidos sobre a utilização das TIC e a produção de materiais didáticos no âmbito do processo de ensino e aprendizagem do judô.

(BIANCHI; PIRES; VANZIN, 2008; CAGLIARI, 2018; DINIZ; DARIDO, 2015; FARIAS, 2018; FERREIRA, 2014, 2017; GEMENTE, 2015; GERMANO, 2015; GINCIENE, 2016; GUIMARÃES, 2019; LUCCA, 2018; PEREIRA, 2019; SARRUGE, 2018; SOARES, 2017).

De toda forma, muitos deles mostram que as TIC só serão promotoras de transformação se estiverem inseridas em dinâmicas inovadoras e de mudança educacional (COLL; MONEREO, 2010), na qual a questão de infraestrutura é apenas um dos vários elementos determinantes para seu sucesso. O caráter pedagógico na utilização das tecnologias é aspecto fulcral e, portanto, demanda alterações de posicionamento e ação dos professores em relação ao processo de ensino e aprendizagem, que será concretizado quando estes tiverem a possibilidade de participarem de um processo de formação adequado (CHAGAS; DEMOLY; NETO, 2015; CONTE; MARTINI, 2015; COUTINHO, 2011; FREITAS, 2010; PERALTA; COSTA, 2007).

Ao mesmo tempo que o caráter pedagógico se evidencia como um elemento importante para o uso das TIC no âmbito educacional, há outro que se mostra complementar, a comunicação. Partindo da premissa de que o ato educativo é por essência um ato comunicativo, já que “exige a participação plena e a intercomunicação frequente entre os diversos parceiros do processo” (KENSKI, 2008, p. 651), é necessário que essas relações de interdependência também sejam experimentadas, pensadas e transformadas.

Assim, o que se espera dos envolvidos no processo, em especial dos professores, é uma postura que compreenda o diálogo, a troca de informações, a parceria e a congregação dos participantes, como elementos permanentes da ação pedagógica, em que suas características iniciais de transmissor se transformam e se ampliam para as de mediador (KENSKI, 2008).

Diante de tal contexto, percebe-se que há uma ampliação de entendimento e expectativa de ação de uso das TIC no âmbito dos processos educativos e que, de certa forma, alinham-se aos entendimentos contemporâneos de educação propostos pelos documentos oficiais, já que na prática pedagógica pressupõe-se

[...] que os alunos sejam sujeitos de seu processo de aprendizagem e que construam significados para o que aprendem, por meio de múltiplas e complexas interações com os objetos de conhecimento, tendo, para tanto, o professor como mediador. A interação dos alunos entre si é outro aspecto essencial nesse processo (BRASIL, 1998, p. 81).

Parece que para se levar a cabo as perspectivas apresentadas anteriormente é importante que alguns elementos sejam bem desenvolvidos durante todo o processo educacional e que, de certa forma, são essenciais, tais como a tomada de decisões pelo professor no que diz respeito à escolha do que se espera ensinar, seu respectivo planejamento, sua execução e avaliação.

No sentido de contribuir com todas essas etapas é que alguns autores apontam a relevância da criação e existência de materiais didáticos. Assim, para Darido *et al.* (2010), estes podem ser considerados instrumentos capazes de contribuir com os docentes na resolução de problemas apresentados no processo educativo.

Apesar de se compreender que o termo material didático apresenta-se como elemento amplo e de complexa definição, inclusive para os pesquisadores da área, assim como aponta Choppin (2004), observa-se que grande parte dos estudos relacionados ao tema debruça-se em direção aos livros didáticos, mas que podem ser estendidos, eventualmente, para outros formatos.

Atualmente, a edição didática é um dos setores mais dinâmicos do âmbito educacional, isso porque ele acaba por fazer parte de um sistema complexo que passa por vários estágios. Nota-se que as fases de elaboração (documentação, escrita, paginação, etc.), de realização da edição, procedimento de aprovação, materialização (composição, impressão, encadernação, etc.), comercialização e distribuição, acabam por mobilizar diversas pessoas e instituições (professores, pais, sindicatos, associações, técnicos, bibliotecários, editoras, escolas, etc.), o que fomenta um amplo espaço de debates e polêmicas.

A exemplo disso, é possível verificar as contrariedades vivenciadas pelo livro didático. Para Munakata (2003), ele é ao mesmo tempo mercadoria e objeto cultural, o que indubitavelmente pressupõe posicionamentos de interesses, sejam eles financeiros ou de cunho ideológico, respectivamente.

Fica claro que sempre estarão passíveis de críticas e necessitam de uma permanente reflexão de seus usos no processo de ensino, para que, a partir deles, não sejam, ingenuamente, reproduzidas ideologias impensadas, não só pelas suas apresentações e discursos explícitos, mas também a partir dos silêncios que eles também podem oferecer (CHOPPIN, 2004).

Assim, é importante que se esteja atento ao que Bittencourt (2004) aponta, quando afirma que ele, o livro didático, assume ou pode assumir funções diferentes,

dependendo das condições do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares.

De qualquer forma, apesar do estado de cautela que se deve estabelecer em relação aos materiais didáticos, há de se reconhecer que:

Não produzir material específico, ou livro didático com essa finalidade (para professor ou aluno) não impede que os professores utilizem outros livros com esse objetivo. Ou seja, criticar ou deixar de produzi-lo não implica necessariamente que o professor organizará seu próprio material de acordo com suas necessidades e de maneira autônoma (DARIDO et al., 2010, p. 452)

O posicionamento tomado pela presente pesquisa, em relação aos materiais didáticos, está compreendido na possibilidade de fomentar, tanto um maior acesso aos conteúdos da modalidade quanto em contribuir com as ações de ensino e aprendizagem para além da perspectiva técnica-motora e de rendimento que caracteriza o judô na atualidade. De mão desse posicionamento, talvez seja possível contribuir com o processo de democratização dos conhecimentos do judô e de uma possível reconfiguração de perspectivas para seu ensino.

Apesar de existirem alguns trabalhos que objetivaram sistematizar os conteúdos do judô para facilitar o desenvolvimento das ações do ensino e da aprendizagem de seus praticantes (HARRINTON, 2005; INMAN, 2008; STEVENS, 2012; TAKAGAKI; SHARP, 1957; TAKAHASHI, 2012; TAKAHIKO; DRAEGER, 2011; UCHIDA, 2014; WATANABE; AVAKIAN, 2011; YERLOW, 1951a, 1951b), grande parte deles não se encontra disponível na língua portuguesa e, ainda assim, possuem um caráter fundamentalmente técnico, ou seja, os conteúdos propostos estão relacionados quase que exclusivamente à dimensão procedimental do judô, dando pouca notoriedade aos conteúdos conceituais e atitudinais.

Se, como visto anteriormente, a partir da escrita já existe certa escassez de materiais relacionados ao ensino do judô, o mesmo parece acontecer com as produções realizadas em outras plataformas e linguagens, tais como vídeos, *sites* ou aplicativos, por exemplo. Em relação à produção desse tipo de material, apesar da facilidade existente na produção e compartilhamento de tais formatos, são raras as iniciativas de trabalhos que prezam pelo processo de sistematização do ensino do judô aqui no Brasil.

O que empiricamente parece acontecer é que grande parte dessas produções são exclusivamente estrangeiras e mesmo quando realizadas nacionalmente são

caracterizadas como uma espécie de produto, já que são disponibilizadas apenas a partir de compra. Como exemplos mais marcantes desse tipo de relação entre a produção audiovisual e o ensino do judô, temos o material idealizado pelo professor Altair Araújo que é vendido na *Escola Nacional de Judô* (ESCOLA NACIONAL DE JUDÔ, 2015) e o criado pelo *sensei* Luís Alberto dos Santos com o título de *Judô em Formação – fundamentos* (JUDÔ EM FORMAÇÃO, 2016).

Ambos os materiais, assim como o mundialmente conhecido *University of Judo* (MATT D'AQUINO'S UNIVERSITY OF JUDO, 2016), mantido pelo ex-atleta olímpico australiano Matt D'Aquino, são possíveis de serem acessados a partir de uma assinatura mensal ou da compra do pacote de aulas que giram em torno de R\$ 68 para os conteúdos de cada graduação de faixa – no caso da *Escola Nacional de Judô* – de R\$ 149 para o curso de fundamentos do *Judô em Formação* e de \$ 15 (dólares) mensais para os materiais da *University of Judo*.

Excetuando-se os materiais levantados anteriormente, quais são as alternativas existentes que a população tem para entrar em contato com os conteúdos e conhecimentos do judô de maneira sistematizada, ampliando-se para além dos saberes corporais e que esteja disponível gratuitamente? Esse questionamento, ainda, não parece ter uma resposta, muito embora a existência desse tipo de material, especialmente no formato audiovisual, encontre justificativa não só na popularidade que vem ganhando junto à sociedade da informação como também nas potencialidades que seus usos podem oferecer ao processo educacional.

Corroborando tal indagação, para além das já apresentadas ao longo da introdução, Trahtemberg (2010) apresenta possíveis relações entre o uso dos recursos audiovisuais e os benefícios para a aprendizagem:

En el mundo de los medios audiovisuales hay una estimulación hacia la observación de videos, filmes y televisión, lo cual produce tres beneficios cognitivos: avance en las habilidades de alfabetización visual (que es diferente a la alfabetización para el texto escrito), mejor aprovechamiento de la información en general, y mejor adquisición de información de acción (deportes, imágenes sobre experiencias científicas, etc.) (TRAHTEMBERG, 2000, p. 48).

De toda forma, é preciso compreender como um material didático sobre o judô, pautado na utilização das TICs, de fato, pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da modalidade e, porventura, com sua almejada democratização. Na presente pesquisa, estabeleceu-se como fundamental o estudo dos contextos dos

envolvidos com a vivência da modalidade para, então, oferecer o suporte necessário à criação de uma intervenção tecnológica mais próxima e ajustada às necessidades e expectativas de seus futuros usuários.

1.1. Objetivo Geral

Verificar o contexto de democratização do ensino do judô e propor alternativas para seu fomento com a criação de um material didático pautado na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

1.1.1 Objetivos específicos

São apresentados a seguir os objetivos específicos que se relacionaram com as seis etapas pensadas para a consecução da tese.

Excetuando-se o primeiro, que parte de uma motivação pontual em compreender o processo de democratização, inicialmente a partir do Programa Mais Educação – elemento considerado robusto na ampliação de acesso e divulgação da modalidade no país – os outros objetivos foram sendo delineados de acordo com os achados que eles próprios sugeriam. Assim, o que se tem são artigos que conectam-se a partir de suas resoluções prévias e que produzem, ao mesmo tempo, um sentido abrangente e coerente com o tema proposto. Os objetivos foram:

- a. Verificar quais eram as condições de trabalho e as concepções que os monitores do Mais Educação tinham sobre o programa, além de compreender de que forma eles desenvolveram as atividades de judô em um município de pequeno porte do norte do Brasil.
- b. Realizar o levantamento e a análise da produção científica sobre o judô, especificamente no que se refere aos conteúdos que tratam dos princípios e valores da modalidade, no sentido de compreender os contextos de sua produção em âmbito nacional e internacional.
- c. Verificar as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas presentes no judô a partir das percepções que pais, professores e alunos têm da modalidade, especificamente no que diz respeito aos saberes conceituais e atitudinais.

- d. Compreender o posicionamento de um grupo de pais, professores e praticantes de judô sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.
- e. Elaborar um material didático para os primeiros níveis de graduação do judô, a partir da utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da modalidade de forma acessível e gratuita.
- f. Avaliar um material didático sobre o judô, no formato de aplicativo para dispositivos móveis, a partir da perspectiva da experiência do usuário, com o intuito de melhorar a qualidade de uso do sistema, contribuindo na ampliação do acesso aos conhecimentos e no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

A seguir, na Figura 1-1, é possível visualizar essa relação entre os artigos que compõem a tese e os objetivos elencados anteriormente.

Figura 1-1 – Relação entre artigos e objetivos específicos.

	<p>ARTIGO 1 O judô no programa Mais Educação: as concepções, significados e atuação dos monitores</p>	<p>OBJETIVO a. Verificar quais eram as condições de trabalho e as concepções que os monitores do Mais Educação tinham sobre o programa, além de compreender de que forma eles desenvolveram as atividades de judô em um município de pequeno porte do norte do Brasil.</p>
	<p>ARTIGO 2 O estado da arte do judô: a produção acadêmica na área das lutas e os estudos sobre os princípios e valores da modalidade</p>	<p>OBJETIVO b. Realizar o levantamento e a análise da produção científica sobre o judô, especificamente no que se refere aos conteúdos que tratam dos princípios e valores da modalidade, no sentido de compreender os contextos de sua produção em âmbito nacional e internacional.</p>
	<p>ARTIGO 3 Concepções teóricas e atuações práticas no judô: as perspectivas de pais, professores e praticantes</p>	<p>OBJETIVO c. Verificar as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas presentes no judô a partir das percepções que pais, professores e alunos têm da modalidade, especificamente no que diz respeito aos saberes conceituais e atitudinais.</p>
	<p>ARTIGO 4 Materiais didáticos para o ensino do judô: necessidades e expectativas de pais, professores e praticantes</p>	<p>OBJETIVO d. Compreender o posicionamento de um grupo de pais, professores e praticantes de judô sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.</p>
	<p>ARTIGO 5 Aplicativo Projeto Judô: criação de um recurso didático para o ensino da modalidade</p>	<p>OBJETIVO e. Elaborar um material didático para os primeiros níveis de graduação do judô, a partir da utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da modalidade de forma acessível e gratuita.</p>
	<p>ARTIGO 6 Avaliação do aplicativo Projeto Judô a partir da experiência do usuário: potencialidades e limitações na perspectiva de pais, professores e alunos</p>	<p>OBJETIVO f. Avaliar um material didático sobre o judô, no formato de aplicativo para dispositivos móveis, a partir da perspectiva da experiência do usuário, com o intuito de melhorar a qualidade de uso do sistema, contribuindo na ampliação do acesso aos conhecimentos e no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.</p>

Fonte: o próprio autor.

REFERÊNCIAS

ALMOND, G.; VERBA, S. **The civic culture**. Boston: Little Brown, 1965.

ARAÚJO, R. V. **Judô: da história à pedagogia do esporte**. 2005. 114 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, UFG, 2005. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/monografia/Judo-da-historia-a-pedagogia-do-esporte.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

AZANHA, J. M. P. Democratização do ensino: vicissitudes da idéia no ensino paulista. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 335-344, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a12>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BASNIAK, M. I.; SOARES, M. T. C. O ProInfo e a disseminação da Tecnologia Educacional no Brasil. **Educação Unisinos**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 201–214, 2016.

BIANCHI, P.; PIRES, G. D. L.; VANZIN, T. As Tecnologias de Informação e Comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a Educação (Física). **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 56-75, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1372/1178>>. Acesso em: 9 mar. 2020.

BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: História, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.1-3, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BORBA, M. de C.; LACERDA, H. D. G. Políticas Públicas e Tecnologias Digitais: Um Celular Por Aluno. **Educação Matemática Pesquisa : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 490–507, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de Abril de 2007. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 de abr. 2007. Seção 1, p. 5. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12985-portaria-19041317-pdf&category_slug=abril-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08 abr. 2020.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, no exercício de 2008**. Brasília, DF, 2008. 28 p.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, no exercício de 2009**. Brasília, DF, 2009. 35 p.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE/INTEGRAL, no exercício de 2010**. Brasília, DF, 2010. 64 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual da Educação Integral em Jornada Ampliada para obtenção de apoio financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE/INTEGRAL, no exercício de 2011**. Brasília, DF, 2011. 51 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília, DF, 2012. 80 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília, DF, 2013. 77 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília, DF, 2014a. 71 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Cadernos pedagógicos Mais Educação: Esporte e Lazer**. Brasília, 2014b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Novo Mais Educação: documento orientador – adesão – versão I**. Brasília, DF, 2016. 17 p.

BOKOVA, I. Mensagem da UNESCO para o Dia Internacional da Democracia. **UNESCO**, set. 2017. Sobre a UNESCO no Brasil. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000258973>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CAGLIARI, M. de S. **Pedagogia do Esporte e TIC: contribuições para o ensino do handbol na Educação Física Escolar**. 2018. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

CÂMARA, S. C. X. Da. **O memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica do Ensino Superior no Brasil**. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

CARVALHO, J. S. F. de. “Democratização do ensino” revisitado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 327-334, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a11.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô**: Um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96052/cavazani_rn_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P. C.; LOLLO, P. C. A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 8, n. 2, p. 159-173, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637748>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

CAZETTO, F. F. et al. Judô e esporte dos mais jovens: os pais no cenário competitivo. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 8, n. 1, p. 164-181, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637760/5451>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

CHAGAS, M. de F. de L. Das; DEMOLY, K. R. do A.; NETO, F. M. M. Atenção a si e modos de conceber as tecnologias digitais na formação de professores. **Educação em Revista**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 277–301, 2015.

CHAMPANGNATTE, D. M. O.; NUNES, L. C. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 15-38, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300002>. Acesso em 03 de mar. 2018.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.549-566, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

COLL, C.; MONEREO, C. (Org.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Luciano Corrêa, presidente do 'Esportes sem fronteiras', inaugura segundo núcleo do projeto em Piranhas (AL)**. 2013. Disponível em: <<https://cbj.judocas.com.br/noticias/2947/pdf/>>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

_____. UNESCO declara judô como esporte mais adequado para crianças. **CBJ**, Rio de Janeiro, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/2924/unesco-declara-judo-como-esporte-mais-adequado-para-criancas.html>>. Acesso em 15 de abr. 2020.

_____. Engrenagem do judô alavanca desenvolvimento da modalidade no Brasil. **CBJ**, Rio de Janeiro, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3707/engrenagem-do-judo-alavanca-desenvolvimento-da-modalidade-no-brasil.html>>. Acesso em 05 de mar. 2018.

_____. **Belo Horizonte recebe a 1ª Copa Luciano Corrêa de Judô**. 2019. Disponível em: <<https://cbj.com.br/noticias/7163/belo-horizonte-recebe-a-1ª-copa-luciano-correa-de-judo.html>>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

_____. **Avança Judô**. 2020. Disponível em: <https://cbj.com.br/avanca_judo/>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

_____. **Judô Nacional: Olímpico**. **CBJ**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/olimpico/>>. Acesso em 02 de abr. 2020.

CONTE, E.; MARTINI, R. M. F. As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica? **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 1191–1207, 2015.

CORDÃO, M. P. de S. **O jogo político da democracia**: lutas simbólicas da “redemocratização” brasileira (1984-1985). 2015. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviieeh/xviieeh/paper/viewFile/3369/2648>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CORDEIRO, S. F. N.; BONILLA, M. H. S. Educação e tecnologias digitais: políticas públicas em debate. In: ANAIS DO SENID - SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL 2016, Passo Fundo, RS. **Anais...** Passo Fundo, RS: Ed. universidade de Passo Fundo, 2016. Disponível em: <https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/senid/2018-artigos-completos/178958.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.1-9, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2800>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

COUTINHO, C. P. TPACK: Em busca de um Referencial Teórico para a Formação de Professores em Tecnologia Educativa. **Revista Paidéi@**. UNIMESVIRTUAL, v. 2, n. 4, jul. 2011. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13670>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

DARIDO, S. C.; IMPOLCETTO, F. M.; BARROSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p.450-457, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a07v17n1.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

DE CRÉE, C. The “jūdō sukebei” phenomenon: when crossing the line merits more than shidō [“minor infringement”] —Sexual harassment and inappropriate behavior in jūdō coaches and instructors. **Problems of Psychology in the 21st Century**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 85–128, 2015. Disponível em: <http://www.scientiasocialis.lt/ppc/files/pdf/85-128.DeCree_Vol.9-2_ppc.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de Educação Física: aproximações a partir do currículo do estado de São

Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 701-716, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115341503011>. Acesso em: 05 mar. 2020.

DRIGO, A. J. **O judô; do modelo artesanal ao modelo científico: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus**. 2007. 310f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275225/1/Drigo_AlexandreJanotta_D.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, Rio Claro (SP), v. 15, n. 2, p. 396-406, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2578/2382>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ESCOLA NACIONAL DE JUDÔ. Sobre nossa escola. **ENJ**, 2015. Disponível em: <<https://escolanacionaldejudo.lojavirtualfc.com.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ESPORTE SEM FRONTEIRAS. **Projeto Esporte sem Fronteiras realiza torneio de confraternização**. 2019. Disponível em: <www.avsiabrasil.org.br/noticias/?id=769&a=2019>. Acesso em: 02 de abr. 2020.

FARAH, R. Escândalos sexuais abalam imagem e ameaçam judô japonês de crise. **UOL**, mai. 2013a. Esporte. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/judo/ultimas-noticias/2013/05/30/escandalos-sexuais-abalam-imagem-e-ameacam-judo-japones-de-crise.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

_____. Técnica recorda abusos no judô japonês, mas vê outra realidade no Brasil. **UOL**, set. 2013b. Esporte. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/09/26/tecnica-recordar-abusos-no-judo-japones-mas-ve-outra-realidade-no-brasil.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

FARIAS, A. N. **Livro didático e as TIC: limites e possibilidades para as aulas de educação física do município de Caucaia/CE**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

FERREIRA, A. **Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de educação física escolar pautadas no currículo do Estado de São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FERREIRA, A. F. **As tecnologias digitais da informação e comunicação nas aulas de Educação Física: a formação continuada em serviço de professores da rede pública**. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

FERREIRA, N. S. C. **Gestão e organização escolar**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=srf2OkmUBDQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. D. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, p. 67-81, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/viewFile/16844/18557>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

FREITAS, F. M. C. Judô: crítica radical. **Motrivivência**. 1989, n. 2, p. 35-43. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19401>>. Acesso em 05 mar. 2020.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 335–352, 2010.

GEMENTE, F. R. F. **Atletismo na educação física escolar: a elaboração colaborativa do software Athletic**. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

GERMANO, V. **Educação física escolar e currículo do Estado de São Paulo: possibilidades dos usos do celular como recurso pedagógico no ensino do Hip Hop e Street dance**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

GINCIENE, G. **A História do Esporte, os valores e as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino do atletismo**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GUIMARÃES, D. **As danças indígenas na formação inicial em Educação Física: app didático para o 2º ciclo do ensino fundamental**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.

HARRINTON, P. **El Libro Total del Judo**. Tutor, 2005.

HEINSFELD, B. D.; PISCHETOLA, M. O discurso sobre tecnologias nas políticas públicas em educação. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 45, p. 0–3, 2019.

HOUAISS, A. **Houaiss eletrônico: dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 3.0. São Paulo: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM. Não paginado.

INSTITUTO REAÇÃO. **Nossa História**. 2020. Disponível em: <www.institutoreacao.org.br/o-instituto/>. Acesso em: 02 de abr. 2020

INSTITUTO TIAGO CAMILO. **Mais um grande sonho se realiza para o atleta Tiago Camilo, nasce o Instituto Tiago Camilo**. 2020. Disponível em: <institutotiagocamilo.org.br/o-instituto/>. Acesso em: 02 de abr. 2020

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Conselho Nacional de Graduação. **Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**. Rio de Janeiro: CBJ, 2011.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Clean Judo - Cases**. 2020. Disponível em: <<https://www.ijf.org/cleanjudo/140>>.

INMAN, R. **The Judo Handbook**. New York: The Rosen Publishing Group, 2008.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. **Calendar IJF**. 2020. Disponível em: <<https://www.ijf.org/calendar?year=2019&age=sen&type=all>>. Acesso em 08 de abr. de 2020.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. Country Ranking. **Judo Base**, 2020. Disponível em: <<https://judobase.ijf.org/#/medals/country/all/all/0>>. Acesso em 08 de abr. de 2020.

JIGORO KANO MEMORIAL & INTERNATIONAL SPORT INSTITUTE. **Legacy – Jigoro Kano: Education, Sport and International Contributions**. Tokyo, 2009.

JUDÔ EM FORMAÇÃO. Judô em formação - fundamentos. **Judô em formação**, 2016. Disponível em: <<https://www.judoemformacao.com.br/>> . Acesso em: 05 mar. 2020.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002>. Acesso em: 03 mar. 2020.

KANO, J. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do Judô. São Paulo: Editora Pensamento, 2008a.

KAWAMURA, T.; DAIGO, T. **Kodokan New Japanese-English Dictionary of Judo**. Tokyo: The Foundation of Kodokan Judo Institute, 2000.

LORENZONI, I. Esporte aumenta concentração e melhora rendimento dos alunos. **Ministério da Educação**, Brasília, jun. 2011. Seção Educação Integral. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/379-educacao-integral-1444911421/16725-esporte-aumenta-concentracao-e-melhora-rendimento-dos-alunos>> . Acesso em: 02 abr. 2020.

LUCCA, M. H. S. **TIC e Sport Education: uma proposta pedagógica para o ensino dos saberes conceituais técnicos do handebol no Ensino Médio**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

LUIZ JÚNIOR, C. C.; INTERDONATO, G. C.; MIARKA, B.; GORGATTI, M. G. Um olhar tradicional sobre a contemporânea filosofia do Judô. In: Encontro da ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”, 1., 2008, Curitiba. **Anais do 1º Encontro da ALESDE**. – Paraná: UFPR, 2008. Disponível em: <<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/134.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MANJUDAR, B.; COLLINS, S. **Olympism**: The global vision. From Nacionalism to Internationalism. Routlegde, 2008.

MATSUMOTO, D.; TAKEUCHI, H.; HORIYAMA, K. Cultural Differences in the Values of Judo Instructors. **Research Journal of Budo**, v. 34, n.1, p. 1-10, 2001. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/34/1/34_1/_article>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MATT D'AQUINO'S UNIVERSITY OF JUDO. Improve your entire Judo game by accessing the BIGGEST Judo database in the world. **University of Judo**, 2016. Disponível em: <<http://www.universityofjudo.com/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

MORAES, F. D.; RUFFONI, R.; SOUZA, G. C. A utilização dos princípios filosóficos do judô no cotidiano dos judocas do rio de janeiro. In: Congresso Científico Latino-Americano da FIEP, 8., 2011, Foz do Iguaçu. **FIEP Bulletin**. Paraná: FIEP, 2011. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/issue/view/6>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MUNAKATA, K. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das idéias à materialidade. In: VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luis Potosí. **Anais do VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana**, ISBN 998-7727-87-X, 2003. Disponível em: <https://www.academia.edu/10909984/Investiga%C3%A7%C3%B5es_acerca_dos_livros_escolares_no_Brasil_das_id%C3%A9ias_%C3%A0_materialidade>. Acesso em: 05 mar. 2020.

NASSI-CALÒ, L. Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo [online]. **SciELO em Perspectiva**, 2016. Disponível em: <<https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/#.Xo80FtNKjMI>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

NATURE. The past, present and future of the PhD thesis. **Nature**. 2016, vol. 535, nº 7610, p. 7-7. Disponível em: <https://www.nature.com/polopoly_fs/1.20207!/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/535007a.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2020.

PERALTA, H. COSTA, F. Competência e confiança dos professores no uso das TIC. Síntese de um estudo internacional. **Sísifo / Revista de Ciências da Educação**, v. 3, mai./ago. 07, p. 77-86, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7028>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PEREIRA, M. C. **Futebol praticado por mulheres no Brasil: experiências de ensino a distância e presencial baseadas na teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen**. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2019.

PESET, F. et al. Scientific literature analysis of Judo in Web of Science (R). **Archives of Budo**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 81-91, 2013.

QUARESMA, C. R. T. et al. Tecnologias na Educação: inclusão digital dos

professores da rede estadual a partir da implementação do programa Tablet Educacional. **Renote**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 1–9, 2014.

ROCHA, C. V. Democracia em duas dimensões: cultura e instituições. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 863-880, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/10.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SANTOS, J. P. F. R. et al. Conteúdos sistematizados para o ensino do judô: um levantamento nas instituições representativas. In: **Anais do IV SIC – Seminário de Iniciação Científica – Colorado do Oeste/RO – Colorado do Oeste: IFRO**, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323401609_Conteudos_sistematizados_para_o_ensino_do_judo_um_levantamento_nas_instituicoes_representativas>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SANTOS, S. G. dos et al. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista da Educação Física / UEM**, n. 1. p. 11-14, 1990.

SARRUGE, C. da S. de L. **Compreensão da lógica do jogo na iniciação do voleibol: a contribuição das novas tecnologias**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

SARTORI, A. T. **Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”**. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SATO, S. The sportification of judo: global convergence and evolution. **Journal of Global History**, v. 8, n. 02, p. 299-317, jul. 2013.

SILVA, A. C. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, set. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 fev. 2016.

SILVA, C. T. A.; GARÍGLIO, J. A. A formação continuada de professores para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): o caso do projeto Escolas em Rede, da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 10, núm. 31, Setembro de 2010, p. 481-503. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189115368002>>. Acesso em 02 mar. 2020.

SILVA, D.; SANTOS, S. G. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.10, n.86, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd86/judo.htm>> . Acesso em: 04 abr. 2020.

SOARES, D. de C. **As relações étnico-raciais e as TIC na Educação Física Escolar: possibilidades para o Ensino Médio a partir do currículo do estado de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

STEVENS, J. **The way of judo: a portrait of Jigoro Kano and his students**. Boston & London: Shambhala Publications Inc., 2013.

STEVENS, R.; SEMPLE, E. **The Fundamentals of Judo**. Ramsbury: The Crowood Press, 2012.

TERRA. Presidente da Federação Japonesa de Judô renuncia após escândalos. **TERRA**, mai. 2013. Lutas Olímpicas. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lutas/lutas-olimpicas/presidente-da-federacao-japonesa-de-judo-renuncia-apos-escandalos,412c00b16cb20410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

TAKAGAKI, S.; SHARP, H. E. **The Techniques of Judo**. Boston: Tuttle Publishing, 1957.

TAKAHASHI, M. **Mastering Judo**. Human Kinetics, 2012.

TAKAHIKO, I.; DRAEGER, D. **Judo Training Methods**. Tuttle Publishing, 2011.

TRAHTEMBERG, L. El impacto previsible de las nuevas tecnologías en la enseñanza y la organización escolar. **Revista Ibero-Americana de Educación**. n. 24, set-dez, p. 37-62, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/800/80002403.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

UCHIDA, R.; MOTTA, R. **Uruwashi**: o espírito do judô. Generale, 2014.

WATANABE, J.; AVAKIAN, L. **The Secrets of Judo**: a text for instructors and students. Tuttle Publishing, 2011.

WATSON, B. N. **Judo Memoirs of Jigoro Kano**: Early History of Judo. Victoria: Trafford, 2008.

YERLOW, C. **Modern Judo**: Vol. I Basic Technique. Harrisburg: The Military Service Publishing Company, 1951a.

_____. **Modern Judo**: Vol. II Advanced Technique. Harrisburg: The Military Service Publishing Company, 1951b.

2 ARTIGO I – O JUDÔ NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: AS CONCEPÇÕES, SIGNIFICADOS E ATUAÇÃO DOS MONITORES

RESUMO

Desde 2008 o judô vem sendo compreendido como uma possibilidade de prática corporal a ser ofertada dentro do programa Mais Educação. Considerando que os monitores responsáveis por seu desenvolvimento são voluntários, o objetivo do presente estudo foi verificar as condições de trabalho e as concepções que esses monitores têm sobre o programa, além de compreender de que forma eles desenvolvem as atividades de judô nas escolas. A pesquisa, caracterizada como um estudo de caso, adotou como procedimento metodológico a entrevista semiestruturada com dois monitores responsáveis pelas atividades de judô em um município de pequeno porte do norte do Brasil e que foram avaliadas a partir da análise de conteúdo. Os monitores participantes apresentam uma concepção de Educação Integral voltada para uma perspectiva de escola de tempo integral, na qual as atividades de judô são compreendidas como *um meio*, especialmente com a finalidade de desenvolver questões de atitudes e bom comportamento. Além disso, atribuíram ao judô características intrínsecas capazes de proporcionar “naturalmente” o ensino de valores e atitudes. Verificou-se a necessidade de terem um entendimento mais profundo sobre quais valores são relevantes de serem tratados nas aulas e de que forma seu ensino pode acontecer. Ao mesmo tempo que reconhecem suas limitações de entendimento sobre os possíveis princípios e valores a serem desenvolvidos nas aulas de judô, apontam para a falta de disponibilidade de tais conhecimentos para se aperfeiçoarem na direção do tema. Os saberes por eles escolhidos e desenvolvidos estão ligados, diretamente, às suas experiências como praticantes, em que a figura do *sensei* se mostrou decisiva, reafirmando o processo educativo da modalidade, pautado no formato *artesanal*. Os resultados indicam que apesar de existirem aspectos positivos, o programa ainda necessita avançar nas questões de infraestrutura e, principalmente, de investimento na formação dos voluntários.

Palavras-chave: judô. ensino. formação. esporte.

2.1 INTRODUÇÃO

É antiga a discussão sobre a necessidade de desenvolvimento da educação integral. Essa perspectiva remete aos ideais educacionais progressistas defendidos por diversos pensadores europeus e norte-americanos do final do século XIX e começo do século XX, dos quais destacam-se Célestin Freinet e John Dewey.

Para eles, a escola deveria ser uma instituição capaz de preparar os indivíduos para a vida e, além disso, de ser ela própria. Ou seja, a escola deveria ter como eixo norteador a experiência vivida como elemento fundamental da aprendizagem,

reunindo características que desenvolvessem a autonomia e a democracia para uma educação integral.

Esse movimento ficou conhecido como Escola Nova ou escolanovismo e, tanto em seus ideais como em suas práticas reformadoras, foi possível verificar o uso diverso da noção de educação integral, estabelecendo-se assim, diversos sentidos às experiências educativas que se desenvolveram ao longo dos tempos (CAVALIERI, 2002).

No Brasil, o movimento foi inicialmente orquestrado por Anísio Teixeira com as chamadas Escolas-Parque/Escolas-Classe entre as décadas de 1940 e 1960 e posteriormente com Darcy Ribeiro quando da criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) nos anos de 1980/1990.

Esses modelos se pautaram em uma concepção de *educação integral* (EI) ligada à necessidade de uma *escola de tempo integral* (ETI), ou seja, só seria possível desenvolver uma educação voltada para a democracia se fossem oportunizadas condições concretas para as diversas experiências de formação dos estudantes e que, por sua vez, apenas se materializariam com a oferta ampliada do tempo escolar.

Apesar de alguns autores entenderem que a educação integral implica na extensão do tempo de permanência dos estudantes na escola (GUARÁ, 2006; MAURÍCIO, 2009), há de se apontar que seu desenvolvimento não está atrelado apenas a este aspecto, mas também a ações que possam, de fato, garantir os processos de aprendizagem que dela fazem parte, ou seja, verifica-se uma situação que vai além da necessidade de reformulação dos tempos, espaços e lógicas que caracterizam o contexto escolar (ARROYO, 2012).

Nesse sentido, portanto, é relevante apontar que uma concepção de educação integral deveria se vincular à ideia de desenvolvimento do indivíduo, entendendo-o como ser complexo e que no âmbito escolar deveria ser expresso por meio de um currículo também integrado, mas que não é dependente do tempo integral – apesar de se realizar melhor com ele – e que se empenharia na formação integral desse indivíduo em seus aspectos cognitivos, culturais, éticos, estéticos e políticos (CAVALIERE, 2014).

Apesar de se verificar uma diferenciação entre os significados da escola de educação integral e uma ETI, nos últimos vinte anos, a regulamentação sobre a educação integral vem se desenvolvendo, prioritariamente, a partir da ideia da

ampliação da jornada escolar, o que pode ser uma iniciativa ineficaz para a melhoria da qualidade da educação brasileira (Ibid, 2014).

Tal processo vem sendo construído a partir de dispositivos legais, que cronologicamente dispostos, oferecem uma ideia de suas transformações e avanços. Este inicia-se com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que amplia a possibilidade da ETI para além do ensino fundamental; seguida da lei nº 10.172/2001, referente ao Plano Nacional de Educação 2001-2011 (BRASIL, 2001), que sugere a ampliação da jornada escolar para o ensino infantil e para o ensino fundamental, apesar de sua concepção compensatória, pois priorizava sua oferta para as “crianças das camadas sociais mais necessitadas”.

Mas são nos documentos do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação com o decreto nº 6.094/2007 (BRASIL, 2007a), na lei do Fundeb – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, 2007b) e no mais recente Plano Nacional de Educação, com a Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014a), no qual é apresentada a importância da educação de tempo integral concebida atualmente no país, que tratam, respectivamente: 1. da ideia da ampliação da jornada do tempo escolar por meio de atividades não só educativas como também culturais, artísticas, esportivas e de lazer com o intuito de reduzir tanto a evasão quanto a reprovação e as defasagens entre idade-série, 2. do incremento de aportes financeiros diferenciados para as matrículas em tempo integral de acordo com os níveis de ensino ofertados e 3. da ampliação da oferta da escola de tempo integral, em no mínimo, 50% das escolas públicas e extensiva à toda a educação básica, ou seja, também ao ensino médio, que anteriormente não era contemplado.

Pautado nessas perspectivas e como estratégia de implantação da educação integral no Brasil, surge em 2007, o Programa Mais Educação, instituído a partir da Portaria Interministerial nº 17/2007 (BRASIL, 2007) e pelo Decreto Presidencial nº 7.083/2010, em uma ação conjunta entre os Ministérios do Esporte e da Educação. De acordo com o decreto que o regulamenta:

O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escolas públicas, mediante oferta de educação básica em tempo integral (BRASIL, 2010a, p.2).

Para tanto, a proposta oferecida foi de ampliar a jornada escolar diária das escolas participantes, possibilitando o desenvolvimento de atividades de diversos

tipos, com o intuito de minimizar as injustiças que persistem na educação pública brasileira, tendo como base a perspectiva da universalização do ensino, a permanência e a aprendizagem na escola pública juntamente com uma proposta de educação integral (BRASIL, 2008a).

As atividades propostas de serem oferecidas no programa foram diversas ao longo dos anos e alteraram-se de acordo com as mudanças dos contextos temporais. De qualquer forma, até hoje foram sugeridos os seguintes macrocampos:

1. Acompanhamento Pedagógico;
2. Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica;
3. Cultura, Artes e Educação Patrimonial;
4. Educação Ambiental e Sociedade Sustentável;
5. Esportes e Lazer;
6. Educação em Direitos Humanos;
7. Promoção da Saúde;
8. Agroecologia;
9. Iniciação Científica;
10. Memória e História das Comunidades Tradicionais e
11. Educação Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária e Criativa/Educação Econômica (BRASIL, 2013a).

Ao longo dos anos, as atividades de Esporte e Lazer sempre estiveram presentes e propuseram, em momentos distintos, diferentes elementos da cultura corporal a serem tratados junto à comunidade escolar, das quais o judô sempre esteve presente enquanto possibilidade, assim como verifica-se nos Manuais Operacionais de Educação Integral entre os anos de 2008 e 2016 (BRASIL 2008b, 2009a, 2010b, 2011, 2012, 2013a, 2014b, 2016), excetuando-se 2015, ano em que não fora publicado por conta de corte de orçamentos e tramitação de mudança de governo.

Nesse sentido, a prática corporal judô foi sendo ofertada de forma ampliada, já que apresentaram-na como proposta para todas as unidades escolares da federação que quisessem participar do programa. Isso fez com que, em 2011, o número de escolas que ofertavam o judô pelo programa chegasse à 1.355 unidades, o que somava um total de 280,9 mil alunos entrando em contato com a modalidade (LORENZONI, 2011).

A título de comparação, dados apresentados pela Confederação Brasileira de Judô mostram que o número total de participantes da modalidade chega a

aproximadamente dois milhões no país (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2014), ou seja, 14% ou mais desse quantitativo foi ofertado pelo Programa Mais Educação, apontando para a relevância de se compreender o contexto em que foi desenvolvido.

Para revelar a complexidade e importância de debate sobre a questão é importante destacar que o Programa Mais Educação trabalhou com a oferta de suas atividades a partir do envolvimento direto de pessoas voluntárias, denominadas de *monitores*. Destaca-se a orientação do perfil desses monitores de acordo com o documento oficial intitulado *Manual de Operacionalização de Educação Integral*:

O trabalho de monitoria deverá ser desempenhado, **preferencialmente**, por estudantes universitários de formação específica nas áreas de desenvolvimento das atividades **ou pessoas da comunidade com habilidades apropriadas, como, por exemplo, instrutor de judô**, mestre de capoeira, contador de histórias, agricultor para horta escolar, etc. Além disso, poderão desempenhar a função de monitoria, de acordo com suas competências, saberes e habilidades, estudantes da EJA e **estudantes do ensino médio** (BRASIL, 2014c, p. 18, grifo nosso).

Nesse sentido, as pessoas diretamente ligadas à oferta e ao desenvolvimento das atividades relacionadas ao judô dentro do programa poderiam: 1. Não ter a formação pedagógica, ou seja, não ter a graduação ou mesmo não serem estudantes de Educação Física; 2. Não possuir os conhecimentos básicos sobre os conteúdos da prática corporal em questão, por eventualmente serem praticantes inexperientes; ou ainda, 3. Desconhecer os aspectos fundamentais do desenvolvimento do ensino do judô dentro do programa, apesar destes serem discutidos e disponibilizados nos diversos documentos produzidos para subsidiar a intervenção desses voluntários (BRASIL, 2009b, 2009c, 2009d, 2010c, 2013b, 2013c; OLIVEIRA; PERIM, 2008, 2009; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014a, 2014b, 2014c, 2014d).

Fica clara, portanto, a necessidade de se compreender melhor esse contexto, uma vez que as atividades do Programa Mais Educação se apresentaram não só como um elemento relevante no desenvolvimento de uma educação integral almejada, como também na contribuição substancial da divulgação, popularização e desenvolvimento do judô no país.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi verificar quais eram as condições de trabalho e as concepções que os monitores do Mais Educação tinham sobre o programa, além de compreender de que forma eles desenvolveram as atividades de judô em um município de pequeno porte do norte do Brasil.

2.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se apresenta como um estudo exploratório que tem sua importância na descoberta de ideias e familiarização com o respectivo fenômeno investigado, na tentativa de obter uma nova concepção e entendimentos acerca da temática em foco (MARCONI; LAKATOS, 2002)

A pesquisa foi considerada de caráter qualitativo pois se debruçou na tentativa de entender os processos pelos quais as pessoas constroem significados de suas experiências de vida, ou seja, de compreender o significado e/ou as representações produzidas a partir de suas vivências (TRIVIÑOS, 1995; GÜNTHER, 2006; TURATO, 2005; LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Logo, tanto o desenvolvimento histórico como o contexto de seus participantes foram aspectos essenciais, já que trouxeram à tona a perspectiva dos monitores em relação à prática do ensino do judô no âmbito do Programa Mais Educação.

A pesquisa foi previamente aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências de Rio Claro (CAAE nº 58671816.7.0000.5465 com parecer de nº 1.812.030), contou com a participação consentida dos monitores responsáveis pelas atividades de judô do programa Mais Educação, oferecidas à comunidade do município estudado, em cinco diferentes escolas, entre maio de 2012 e julho de 2015. O critério de inclusão foi pautado na obrigatoriedade dos monitores serem cadastrados e regulares no programa, terem realizado as atividades no Macrocampo Esporte e Lazer, especificamente com a modalidade judô, além de estarem disponíveis para a participação no estudo.

A descoberta dos possíveis participantes se deu a partir do contato direto e pessoal com a Secretaria Municipal de Educação, a qual informou quais escolas ofertavam a modalidade, assim como o nome dos monitores envolvidos e seus respectivos contatos que, posteriormente, foram utilizados para oficializar o convite de participação na pesquisa.

Apesar de se verificar o desenvolvimento de atividades de judô em cinco escolas públicas de ensino fundamental, o que representou um percentual de 42% das instituições dessa etapa de ensino no município, apenas dois monitores estavam envolvidos com a modalidade em questão, ou seja, em alguns momentos ambos assumiram turmas em mais de uma escola.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, que de acordo com Triviños (1995) e Gerhardt et al. (2009) é um dos principais meios para a realização desse tipo de pesquisa, pois ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece possibilidades do informante alcançar a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da investigação, afinal de contas, o pesquisador não possui a restrição de seguir *ipsis litteris* os questionamentos organizados previamente, dando oportunidade de intervir “livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT et al., p. 72, 2009), concepção esta que é reiterada por Negrine (2004).

As entrevistas foram realizadas individualmente, com duração média de 50 minutos, em local escolhido pelos participantes e registradas com o auxílio de um gravador digital. As características dos dois monitores participantes são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 2-1 – Características dos monitores participantes.

Características	Monitor 1	Monitor 2
Idade	21 anos	21 anos
Gênero	Masculino	Masculino
Atividade profissional	Estudante	Estudante
Formação inicial	Superior em Biomedicina (em curso)	Superior em Matemática (em curso)
Atuação no Programa Mais Educação com o judô	3 anos e 2 meses	1 ano e 6 meses
Experiência prévia com o judô quando da entrada no Programa	6 anos	1 ano

Fonte: o próprio autor.

Para que fosse possível compreender os significados e as representações que os participantes apresentaram em suas falas em relação às suas práticas e aos seus respectivos desdobramentos, utilizou-se a análise de conteúdo, considerada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que usa procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem (BARDIN, 2016). Na presente pesquisa ela se estruturou, ainda de acordo com a autora, da seguinte forma:

O processo inicial, de *Pré-análise*, deu-se a partir da transcrição das entrevistas, seguida do processo de tabulação dos dados, facilitando o processo de *Exploração do Material* e de agrupamento das informações em unidades de análise, que foi realizado de forma não-apriorística, de acordo com as principais características apresentadas. Por fim, passou-se para o *Tratamento dos Resultados*, no qual essas unidades foram codificadas em categorias de análise para uma melhor interpretação dos dados e realização das discussões.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados foi possível identificar as seguintes categorias: 1. *A entrada dos monitores no programa*; 2. *As condições de trabalho*; 3. *As concepções sobre o Mais Educação*; 4. *Os significados atribuídos à prática* e 5. *O desenvolvimento dos conteúdos nas aulas*.

2.3.1 A entrada dos monitores no programa

De acordo com os monitores, as atividades de judô do programa Mais Educação foram inicialmente impulsionadas pela participação ativa de um dos professores da associação de judô existente no município que, de forma voluntária, elaborou um projeto para a oferta do ensino da modalidade em uma das escolas, o qual posteriormente foi vinculado ao Programa Mais Educação.

Na verdade, ele queria implantar só mais um projeto dentro da escola. Aí ela [a diretora] sempre quis, sempre gostou de judô também, né... pela disciplina do judô e tudo mais [...] e explicou o Mais Educação, que tinha na área de esporte também e que poderia aplicar uma arte marcial. Aí o *sensei* aplicou... apresentou o projeto e deu certo (MONITOR 1).

Apesar de perceber que essa ação se enquadra em um dos fundamentos do programa, em que o entrelaçamento dos saberes comunitários e escolares pode acontecer a partir de ações dialogadas entre os atores sociais da comunidade e a escola (BRASIL, 2009, 2013b; CAVALIERE, 2014), tal fato se deu de forma casual, com uma iniciativa vinda da comunidade e não de um levantamento e proposta intencional da instituição escolar.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de ambos os participantes terem sido inseridos regularmente no Mais Educação, devido à saída de outros dois monitores mais antigos, que por conta de responsabilidades profissionais tiveram de deixar as atividades.

[...] em 2014 surgiu a oportunidade de eu substituir o monitor [...] que ele ia servir o exército, então ia ter que mudar de cidade [...] e daí eu substitui ele no projeto, com pouco tempo [de experiência no judô], mas aí o professor achou que eu já tinha condições de dar aula... achou que eu levava um pouco de jeito de lidar com criança e então eu substitui ele (MONITOR 2).

Aí, o primeiro professor que foi designado era o M., só que ele tinha passado em um concurso e teve que ir para outra cidade, e a segunda opção era eu. Aí então eu disse: beleza! (MONITOR 1).

Fica evidente que a entrada dos monitores no programa esteve atrelada à desistência dos responsáveis anteriores pelas atividades, confirmando o posicionamento de Cavaliere (2014), que aponta a existência de uma alta rotatividade de monitores nas atividades do programa, justificada pelo vínculo de trabalho precário estabelecido com a instituição. De acordo com Soares, Brandolim e Amaral (2017), essa relação tem sua constatação quando, ambos, participantes e gestores, reclamam recorrentemente do baixo valor da remuneração praticada, caracterizada pela ideia do ressarcimento de despesas com transporte e alimentação, mas que no contexto social desigual de nosso país transforma o voluntariado em uma espécie de subemprego ou estágio, já que, em boa parte, a demanda dos monitores é ocupada por universitários em formação e/ou pessoas que assumem as atividades como oportunidade de complementação de renda. Os autores ainda afirmam que, no interior da escola, esses voluntários são representados como trabalhadores de segunda categoria que buscam a sobrevivência ou a complementação salarial.

2.3.2 As condições de trabalho

A partir das falas foi possível compreender melhor o contexto das condições físicas de trabalho vivenciadas por monitores e que se ampliaram para além das questões da remuneração do trabalho:

Cara... foi difícil! Não foi pouco difícil... foi muito difícil! [...] eu não tive tatame durante um ano e meio. Não tive tatame para dar aula, entendeu? [...] Aí de vez em quando eu fazia uma dinâmica com eles no pátio e tudo mais. Mas era mais, assim, teórica mesmo, sabe? (MONITOR 1)

[...] questão de falta de *judogis* para as crianças [...] Cinco turmas revezando o mesmo *judogi*... isso é um pouco difícil. Não pela questão de administrar, mas pela questão mesmo de... deles estarem usando o mesmo *judogi* durante toda a semana. Questão de higiene, né? (MONITOR 2)

Além dos apontamentos relacionados à estrutura física, os participantes citaram que apesar de terem a colaboração e apoio da gestão escolar, no que diz respeito à tentativa de facilitação das atividades não houve qualquer proposição de seus

responsáveis para um contato dos monitores com as concepções, metodologias e processos preconizados pelo programa Mais Educação, o que evidentemente, pode ter dificultado tanto o início, quanto todo o processo de vivência prática.

Então, quando eu iniciei eles falaram como que funcionava [...], teve assim, um esclarecimento de como que funciona e tudo mais, mas nada que, assim, um curso, uma aula específica para explicar para cada monitor [...], tipo uma preparação, assim, não teve. [...] talvez teria que ter, essa questão, essa preparação, esse primeiro momento de como que é a experiência de dar aulas, talvez com um profissional da área, uma pessoa que já tivesse trabalhado com o projeto, né? (MONITOR 2).

[...] se não tivesse o apoio das pedagogas lá, não teria conseguido [...] não teve nenhuma apostila, nenhum cursinho. Na verdade, tive só o apoio, sabe? Eu planejava as minhas aulas em casa, levava até ela e ela me ajudava em adaptar, “não, vamos mudar isso daqui, isso vai ficar muito complicado, tal, vamos fazer desse jeito. Ah, o que você acha de ser... de fazer uma brincadeira com esse tema aqui, ou vamos tentar aplicar isso num joguinho, numa dinâmica e tudo mais.” Era desse jeito, e era adaptando, era difícil mas a gente ia adaptando (MONITOR 1).

Essas informações iniciais sobre os contextos de ingresso e condições de trabalho dos monitores no programa são apresentados, resumidamente, na Tabela 2-2.

Tabela 2-2 – Síntese das condições de trabalho dos monitores.

Características	M1	M2
Tempo de atuação	3 anos e 2 meses	1 ano e 6 meses
Nº de escolas	2 escolas, porém o primeiro ano e meio apenas na Escola 1 .	3 escolas, porém trabalhando concomitantemente apenas com duas.
Nº de turmas/aulas na semana	8 turmas / 8 aulas	10 turmas / 10 aulas
Nº de alunos	≅ 200 alunos	≅ 200 alunos
Média de alunos/sala	25 alunos	20 alunos
Espaço para a prática	Escola 1 - durante 1 ano e meio sala sem tatame e depois utilização do pátio com tatame. Escola 2 – sala específica com tatame.	Todas as escolas disponibilizaram uma sala específica com tatame.

<p>Materiais para a prática</p>	<p>Escola 1 - Durante 1 ano e meio sem <i>judogis</i> (uniformes), depois com seu uso coletivo e posteriormente de uso individual.</p> <p>Escola 2 – <i>Judogis</i> de uso coletivo e posteriormente de uso individual.</p>	<p>Disponibilidade limitada de <i>judogis</i> (uniforme), que tinham de ser revezados entre os alunos ao longo da semana.</p> <p>Falta de outros materiais de apoio.</p>
<p>Apoio pedagógico</p>	<p>Auxílio no desenvolvimento das atividades, adaptando os conhecimentos trazidos pelo monitor para as faixas etárias.</p> <p>Nenhuma apresentação ou indicação de materiais do programa Mais Educação.</p>	<p>Explicação breve do que era o programa Mais Educação.</p> <p>Nenhuma apresentação ou indicação de materiais do programa Mais Educação.</p>

Fonte: o próprio autor.

Apesar dos apontamentos feitos pelos monitores em relação as condições de trabalho terem sido transformadas ao longo do tempo, ou seja, da aquisição de certos materiais, espaços e desenvolvimento de estratégias para solucionar as carências de conhecimento na proposição das atividades, fica claro que tais questões são pontos nevrálgicos no desenvolvimento de um trabalho que se pretende robusto em suas intenções, que é o de desenvolvimento de uma Educação Integral.

Situações como a realização de oficinas em espaços improvisados e inadequados e a falta de contato dos monitores com materiais ou formações que apresentassem as concepções e metodologias para o adequado desenvolvimento de suas atividades também foram verificados em outros estudos (SOARES; BRANDOLIM; AMARAL, 2017; LAGO; ASSIS, 2016; GAMA; SÔNEGO, 2018).

Assim, para que a ação do Programa seja efetiva, é fundamental que haja, entre vários elementos, a ampliação de investimentos para a melhoria da qualidade da infraestrutura das escolas, além de uma mudança da relação de trabalho de monitor “voluntário” para um profissional com remuneração digna e que tenha a garantia de uma formação continuada adequada (GARCIA, 2013).

2.3.3 As concepções sobre o programa

Quando os participantes foram questionados a respeito de seus entendimentos e opiniões sobre o Mais Educação, estes apresentaram alguns dos significados que

o processo educativo em que estavam envolvidos tinha para eles, fornecendo informações que puderam desvelar suas concepções em relação ao programa.

Inicialmente, apresentaram qual era o objetivo do Mais Educação:

[...] o objetivo principal para poder acontecer o Mais Educação era a educação integral, entendeu? (MONITOR 1).

[...] como se fosse uma escola integral, deles estarem mais tempo na escola, mais tempo estudando, mais tempo praticando (MONITOR 2).

Apesar do explícito uso do termo integral, observa-se que as falas revelam uma concepção que se aproxima muito mais do entendimento de uma Escola de Tempo Integral do que de uma Educação Integral, assim como é possível notar nos depoimentos:

[...] oportunizou várias coisas, não só o esporte em si, mas esses jovens... abriram várias portas, vários meios para eles praticarem atividades físicas novas, **terem essa questão de ficarem mais tempo na escola, de estudarem mais**, entendeu? (MONITOR 1, grifo nosso).

O objetivo do Mais Educação, no geral, ele é um complemento. Não tem só o judô, tem as outras oficinas, ou matérias como o português, matemática, e **isso vem para complementar, como se fosse um reforço** (MONITOR 2, grifo nosso).

Os relatos acabam por apresentar uma concepção ligada às Escolas de Tempo Integral, que em certa medida se diferem muito pouco uma da outra na prática, já que vêm tentando contemplar apenas a ampliação das atividades curriculares, sejam culturais, artísticas ou de esporte e lazer (SOARES, 2014).

A concepção apresentada pelos monitores se aproxima dos achados apresentados por Garcia (2013), que entrevistou diversos atores sociais do programa Mais Educação e concluiu que o entendimento de Educação Integral que prevalece na escola está ligado, predominantemente, com o de Escola de Tempo Integral.

Vale destacar que essa concepção de integralidade a partir da Escola de Tempo Integral não pode ser confundida com a proposta de uma Educação Integral, pois essa última não ocorrerá apenas com a ampliação de permanência dos alunos na escola. É necessário que ela se modifique em vários aspectos, tanto no que diz respeito à organização como em sua lógica e orientação (PIZANI, 2016), ou seja, o significado político de uma Educação Integral se perde quando a escola se limita à oferta de mais tempo de uma mesma escola, ou mais educação do mesmo tipo de educação, o que

pode ser entendida apenas como “uma dose a mais para garantir a visão tradicional do direito à escolarização” (ARROYO, 2012, p.33).

O que se apresenta, portanto, como aspecto relevante de ser discutido, é que não só as condições de trabalho dos monitores devem ser repensadas, mas também o processo de formação de todos os envolvidos no programa. Soares, Brandolin e Amaral (2017) verificaram que o voluntariado do programa Mais Educação, por eles estudado, não era formado por pessoas engajadas em um movimento social em prol da educação ou de uma sociedade solidária, mas de pessoas que buscavam adquirir experiência profissional e/ou alguma renda que contribuísse com sua sobrevivência e que, portanto, necessitavam de orientação para prática.

No presente estudo, essa necessidade de formação fica evidente com a tensão existente entre as concepções dos envolvidos e da variedade de significados propostos pelos documentos norteadores do Mais Educação, que são diferentes e podem, eventualmente, gerar uma distorção da práxis na execução, na avaliação das ações e nos resultados do programa na escola (GARCIA, 2013).

2.3.4 Os significados atribuídos à prática

Os monitores, ao serem questionados a respeito da relevância das atividades do judô para a comunidade, mostraram que atribuem significados distintos para o seu desenvolvimento, que se alternam em cada uma das falas, entre duas perspectivas. A primeira, de compreender a oferta das atividades como *um fim*, apresentando resultados positivos de aspectos relacionados à própria modalidade, e a segunda de entendê-las como *um meio*, ou seja, apontando questões que desenvolvem aspectos para além do ensino do judô. A seguir, é possível observar tais posicionamentos:

[...] foi muito bom porque além da gente descobrir novos atletas, que inclusive foram campeões brasileiros, já medalhistas em campeonatos e tal, a gente viu que esse pessoal, essas crianças, conseguiram ter uma melhora nos estudos através do judô [...] (MONITOR 1).

[...] então, assim, aumentou o número de praticantes, [...] aumentou o número de atletas, competidores também [...] tenho certeza que talvez tenham melhorado tanto o desempenho deles em sala de aula... questão de aprendizado e tudo mais [...] (MONITOR 2).

Apesar de verificar nas falas dos monitores esses dois significados atribuídos à importância das atividades do judô, foi possível perceber uma maior valorização de sua prática enquanto *um meio*, principalmente ligada ao desenvolvimento e conquista de aspectos ligados às mudanças de atitude dos alunos:

Foi muito importante. [...] pela conscientização, pela disciplina que os alunos ganharam, adquiriram [...]. Para quem pratica o judô, né, e sabe que abrange muita disciplina [...] quando você consegue aplicar o princípio do judô dentro da sala de aula, através do projeto, você consegue fazer com que o aluno preste mais atenção nas aulas, se alimente melhor, pratique exercício, [...] deixe de ser uma criança “mal criada” e tudo mais. Então, assim, esse método faz com que o judô seja eficiente (MONITOR 1).

[...] o propósito dele na escola [...], que nós monitores demos mais ênfase, é a questão da disciplina, respeito, entendeu? Da humildade, desse aspecto filosófico, depois o físico, [...] a competição e tudo mais. Então, assim, esse aspecto de estar orientando, de estar preparando esses jovens e adolescentes, assim, para que tenha educação, para que tenham [...], mais incentivo, mais vontade, a questão de estudo e tudo mais [...] (MONITOR 1).

Para os monitores, uma das grandes justificativas do judô se fazer presente no programa se deu a partir da ideia do desenvolvimento prioritário de questões atitudinais, que foram tratadas a partir da utilização do termo “disciplina” e de possíveis características intrínsecas da modalidade, tais como alguns princípios historicamente estabelecidos na sua criação e que ainda parecem ecoar nos dias atuais. De acordo com Souza et al. (2019), esse imaginário social ligado às lutas como atividade disciplinadora do corpo e de ensino do respeito aos alunos foi aspecto determinante para o judô ter sido a atividade mais escolhida pelas escolas para ser ofertado no programa Mais Educação no município por eles estudados.

O esporte também pode ser entendido como um meio de ensinar valores às crianças e aos jovens (HIRAMA, 2008; PAES; BALBINO, 2009; CASTRO; SOUZA, 2011), porém é relevante dizer que da mesma forma como aprender a “saber fazer” e a “saber ser” a partir das práticas corporais, é igualmente importante que se aprenda a “saber sobre” tais manifestações. Há tempos a Educação Física vem discutindo a importância da ampliação do ensino para além da exclusividade dos saberes corporais, proporcionando também o trato de saberes relacionados a conceitos e atitudes, tanto no âmbito formal como informal de ensino (DARIDO; RANGEL, 2005; DARIDO; GALVÃO, 2006; BARROSO; DARIDO, 2009; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, 2015).

Para que essa perspectiva seja materializada, deve-se considerar a intencionalidade de sua ação pedagógica, o que significa dizer que não é desejável tais saberes serem relegados apenas à sua presença casual e espontânea, mas que sejam deliberadamente planejados, realizados e avaliados de forma sistemática.

Há de se levantar o fato de que as práticas corporais oferecidas no projeto Mais Educação deveriam ser propostas a partir de uma perspectiva que transcendesse sua

utilização como *meio*, mas entendida também como um processo que oportuniza o contato e o conhecimento do capital cultural dessas práticas, capaz de proporcionar não só o envolvimento autônomo dos alunos com suas diversas manifestações, como também de sua reflexão, crítica e usufruto (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014a).

Para tanto, vale lembrar que a importância da clareza dos professores sobre as finalidades das aulas de esporte, acaba por nortear as outras ações pedagógicas, tais como a seleção e organização dos conteúdos e dos procedimentos pedagógicos, assim como o planejamento das aulas (MACHADO et al., 2015), apontado anteriormente. Logo, seria fundamental que os monitores tivessem uma ideia clara das finalidades e dos objetivos das atividades do macrocampo Esporte e Lazer e, conseqüentemente, das atividades do judô dentro do programa.

Para se ter uma ideia dessa necessidade, apresenta-se a seguir a perspectiva de um dos documentos que trata das orientações e organização das práticas corporais para o programa Mais Educação e Segundo Tempo. De acordo com o texto, o trabalho com as práticas corporais em ambos os programas se justifica na medida em que possibilita o acesso a saberes, conhecimentos, vivências, experiências e atitudes que impulsionam o aluno em formação a alcançar alguns objetivos, tais quais:

1. Usar algumas práticas corporais de forma proficiente e autônoma; 2. Apreciar e desfrutar a pluralidade dessas práticas compreendendo suas características socioculturais; 3. Interferir na dinâmica local reivindicando condições adequadas para a prática de atividades de lazer; 4. Compreender a produção de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética imbricadas nas práticas corporais; 5. Reconhecer e repudiar aspectos negativos envolvidos em suas práticas; 6. Estabelecer relações equilibradas e construtivas com os outros durante as práticas corporais; 7. Evitar qualquer tipo de discriminação; 8. Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade nas práticas corporais e 9. Reconhecer e valorizar procedimentos de práticas seguras (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014a).

O significado que os monitores entrevistados apresentaram a respeito das atividades de judô no Mais Educação, apesar de contemplar aspectos que vão para além dos saberes corporais, estendendo-se aos conceitos e focando principalmente nas atitudes, aparentemente, ainda não possibilita uma aproximação de seus envolvidos com todo o capital cultural que a prática corporal em questão pode oferecer.

O posicionamento dos monitores reforça a ideia de uma aparente falta de oportunidade de contato com os documentos oficiais, conseqüência da orientação insuficiente dos responsáveis institucionais pelo programa.

2.3.5 O desenvolvimento dos conteúdos

Se para os monitores o sentido do judô no programa Mais Educação se definiu, principalmente, a partir do estímulo de valores que orientam modos de comportamento e na melhoria do desempenho escolar, o que se espera é que suas ações estivessem pautadas nessa perspectiva, para que fossem condizentes com aquilo que pretendiam trabalhar.

Quando os monitores foram questionados a respeito de quais conteúdos eram tratados ao longo das aulas, foi possível perceber nas falas iniciais características das três dimensões dos saberes para o ensino do esporte que são desenvolvidas por González e Bracht (2012), quais sejam: os saberes corporais (o “saber fazer”), os saberes conceituais (o “saber sobre”) e os saberes atitudinais (o “saber ser”). Os conteúdos que eles disseram ter desenvolvido nas aulas foram os seguintes:

Então, nesse prazo, muita coisa... mas assim, no geral mesmo, dentro da prática, que é o que começa a se ensinar na prática do judô esportivo a questão de aprender a cair, que é o que os alunos precisam aprender [...] os golpes de iniciantes e tudo mais, né? E na questão, assim, filosófica, assim, do judô, de princípio mesmo, de disciplina, respeito, quais são os fundamentos do judô, quais os princípios, como que surgiu, a história do judô em si, a história do judô aqui de Colorado, no nosso estado, no Brasil. O que é o judô, quais os benefícios para a saúde [...] de uma forma geral... foi isso aí mesmo (MONITOR 2).

Eu ensinei um pouco sobre a história do judô [...] desde o Jigoro Kano lá no Japão, até o Mitsuyo Maeda, quando trouxe o judô para o Brasil. Expliquei também sobre o *sensei* Bunichi, quando ele migrou o judô para Rondônia, e tudo mais. Expliquei sobre o princípio do judô, explicava direitinho o que que o judô visava... o melhor uso da energia e tudo mais. De pouquinho em pouquinho ia ensinando as quedas, *mae ukemi*, *ushiro ukemi*, as técnicas de amortecimento [...], aí depois que eu via que tava fera, tava caindo direitinho, não corria risco de machucar, aí eu ensinava o *ukemi*... o *zempo kaiten ukemi*, aí já partia para as quedas, né? “Ah, vamos aprender o *Deashi-harai* primeiro, porque é mais leve”, depois vamos para um golpe de quadril, vamos para um *O-goshi*, né? (MONITOR 1).

Como nessa descrição os diferentes saberes foram aparentemente tratados com equilíbrio ao longo das aulas, surge um questionamento: se os monitores compreendem as atividades de judô como fundamentais no desenvolvimento dos saberes atitudinais, de que forma estes são desenvolvidos na prática já que não houve qualquer apontamento de um trato diferenciado em relação às outras dimensões do conteúdo?

Assim, foi realizada a tentativa de compreender de que forma os saberes atitudinais foram pensados e tematizados ao longo das aulas. O primeiro aspecto que deve ser evidenciado diz respeito ao fato dos monitores terem valorizado esses

saberes a partir do apontamento de conteúdos específicos como: os princípios do judô e determinados valores morais. De acordo com eles, estes foram fundamentais para o desenvolvimento e sucesso das atividades da modalidade no programa:

Na verdade, só funcionou por causa dos princípios do judô, senão não teria funcionado. Porque o judô... o principal ponto do judô que me ajudou no Mais Educação que, ajudou os alunos, foi a disciplina, entendeu? Então isso foi fundamental... fundamental (MONITOR 1).

Sim, muito interessante [...] porque muitos desses alunos têm essa dificuldade [...] da questão de aprender a questão do respeito, da disciplina em casa. Muitos deles não têm esses aprendizados passado de pai, de mãe, então, assim, muitos deles vão ter esse primeiro contato com as questões desses ensinamentos de valores de disciplina, respeito, no Mais Educação com o judô. Entendeu? Por isso auxilia muito (MONITOR 2).

Um segundo aspecto que merece destaque tem relação com o fato dos monitores terem atribuído ao judô qualidades intrínsecas capazes de promover “naturalmente” valores e bons comportamentos aos alunos, fato também já evidenciado em outro estudo que relaciona esportes com projetos sociais (CASTRO; SOUZA, 2011). No entanto, vale apontar que o esporte e seu ensino, entendidos como práticas sociais, acabam por sofrer a influência direta das relações sociais que os rodeiam, que, por sua vez, atribuem a eles diversos e diferentes significados, ou seja, não é possível naturalizar tais desenvolvimentos, já que o aprendizado tem ligação estreita com essas relações.

Tal questão foi pesquisada em um estudo que se propôs examinar quais eram os valores atribuídos por técnicos de diferentes países à prática do judô. O que verificou-se foi uma diversidade de significados dada à prática da modalidade, interpretados como o resultado de um processo de modificação e ressignificação da mesma, por conta do processo de sua esportivização e do imbricamento cultural ao qual o judô foi exposto ao longo dos anos (MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001). Especificamente, os professores de judô da Polônia, dos Estados Unidos e do Japão atribuíram diferentes significados para sua prática e ensino.

O terceiro aspecto diz respeito aos entendimentos que os monitores tiveram sobre quais são os princípios e valores relevantes de serem tratados nas aulas de judô. Inicialmente, eles apontaram dois princípios criados pelo seu fundador, Jigoro Kano, mostrando certo conhecimento a respeito dos fundamentos histórico-filosóficos da modalidade, porém, quando perguntados a respeito dos possíveis valores de

serem tratados nas aulas, perceberam que havia certa dificuldade de compreensão na diferença entre os dois termos:

Assim, porque princípios e valores, talvez a gente sempre utiliza as mesmas coisas para ambos, né? É difícil discernir o que são princípios e o que são valores, [tem] pouca diferença e pouca coisa disponível pra gente entender essa questão, né? (MONITOR 2).

Dentro do judô é tudo... a parte física, a parte ética, está tudo interligado, entendeu? Pelo menos, foi o que eu entendi disso tudo, que eu aprendi e que eu pude passar... o que eu passei para os meus alunos (MONITOR 1).

A partir das falas dois pontos mereceram destaque: 1. a não diferenciação entre os princípios do judô e os valores possíveis de serem tratados no ensino da modalidade e 2. o reconhecimento da falta de disponibilidade de materiais que tratem especificamente do assunto.

O posicionamento aqui tomado em relação à diferença entre os princípios do judô e os valores que sua prática pode fomentar é inicialmente compreendido a partir da conceituação que La Taille et al. (2005) fazem sobre o termo valor. De acordo com os autores, este pode ser entendido como o caráter afetivo que se estabelece com qualquer objeto, ou seja, um conjunto de sentimentos que se projeta sobre este.

Historicamente falando, o judô foi criado a partir de uma concepção voltada ao desenvolvimento educacional com vistas ao progresso da sociedade e que foi claramente definida a partir da conjugação de determinados princípios. Estes, por sua vez, de acordo com a definição apresentada anteriormente por La Taille et al. (2005), não deixam de ser valores, pois agregam um conjunto de posicionamentos e ideais que seu criador pretendia ensinar ao longo da prática corporal. Como exemplo, é possível citar um desses princípios¹, o *jita kyoei*, que de maneira sucinta traz a ideia da prática da modalidade como promotora da prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão, também mútua, das pessoas. Esse princípio carrega consigo um valor em si, que pode ser interpretado a partir de uma visão de desenvolvimento não só individual, mas que considera a dimensão coletiva e cooperativa da vida em sociedade.

¹ De acordo com alguns escritos de seu fundador (KANO, 1937; 2008a; 2008b; 2013; 2018) e de autores que estudaram sua obra (BROUSSE, 2002; BROUSSE; MATSUMOTO, 2005; MATSUMOTO, 1996; MESQUITA, 2014; STEVENS, 2007; SUGIZAKI, 2016; UCHIDA; MOTTA, 2013), os princípios que fundamentam a prática do judô são representados por quatro ideias principais: o *seiryoku saizen katsuyo* (o melhor uso da energia) ou apenas *seiryoku zenyo* (máxima eficiência), que trata da utilização da energia mental e física da maneira mais eficiente possível para que se chegue ao resultado desejado; o *sojo sojou jita kyoei* (comumente conhecido a partir da abreviação *jita kyoei*), que remete ao desenvolvimento da prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua, ou seja, da prosperidade e benefício mútuo; o conceito de *ju yoku go o seisu* (ou apenas *ju*), que pode ser entendido a partir da ideia de que "o suave controla o duro"; e o conceito de *do*, que significa "o caminho para viver a vida".

É evidente que, para a consecução da materialização de tal princípio no processo da prática do judô, alguns outros valores complementares devem ser vivenciados e refletidos e, apesar dessa perspectiva ter sido concebida a partir de uma postura universalista, nem todos os valores que determinada sociedade espera cultivar ou necessita desenvolver podem ser contemplados por esses princípios pré-estabelecidos. Por esse motivo, é que o posicionamento do presente estudo é o de que, para além dos princípios do judô, faz-se necessário conhecer, interpretar, compreender e refletir os diversos valores existentes na sociedade de forma contextualizada e intencional no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

Um aspecto interessante de ser levantado sobre o assunto é que, normalmente, estabelece-se uma relação direta do termo valor com as questões morais, ou seja, trata-se especificamente dos valores morais, que podem ser definidos como a valoração dada às ações ou aos costumes definidos socialmente, tais como justiça, veracidade, honestidade, generosidade, dignidade e outros (TOGNETTA; VINHA, 2009). Levando em consideração tal entendimento, seria possível dizer então quais são os valores que o judô poderia tratar em seu processo de ensino e aprendizagem?

Apesar da aparente escassez de estudos desenvolvidos na área e da falta de proposições de uma sistematização específica a respeito dos saberes atitudinais e conceituais do judô – diferente do que se tem com os saberes corporais – a resposta ao questionamento pode ser aventada a partir da perspectiva apresentada por HIRAMA (2018), quando o mesmo analisou o processo de estimulação da construção da personalidade moral em um projeto de ensino do judô para crianças e adolescentes.

As intervenções realizadas com os alunos sugeriram a consideração de alguns pontos importantes no desenvolvimento de uma educação moral, dentre eles: a aproximação pessoal dos envolvidos (alunos e professores) junto às problemáticas moralmente relevantes e percebidas durante as interações ocorridas dentro do grupo e na própria comunidade da qual faziam parte; o exercício contínuo de utilização do diálogo como ferramenta para a compreensão dos dilemas morais tematizados nas aulas e o constante exercício de relacioná-los com as situações cotidianas vivenciadas fora dos tatames (HIRAMA, 2018).

Essa perspectiva traz à tona uma forma de pensar a tematização dos valores para o ensino do judô como algo mais orgânico, por conta de suas escolhas serem adequadas de acordo com o contexto presenciado. Também mais participativa e refletida, pois eleger o diálogo como norteadora dos processos de percepção e

construção do conhecimento a partir da troca e mais verticalizada, uma vez que proporciona a compreensão dos valores para além de suas simples definições, ampliando-os ao nível de entendimento das relações que estes estabelecem com a vida cotidiana dos envolvidos.

Essa situação parece ser distinta da tradicionalmente construída em torno do judô no Brasil, na qual o trato com os valores parece se dar a partir da interpretação apenas dos princípios da modalidade, sem a devida contextualização de sua criação e, portanto, desconsiderando a cultura oriental que a sustenta, além de tratá-los como simples regras, não alcançando a profundidade necessária para uma educação moral desejada. É a partir de tal perspectiva de ensino que muitos ainda entendem, proporcionam e procuram o judô como uma modalidade capaz de contribuir na tão esperada disciplina de seus praticantes, assim como mostra estudo realizado por Gonçalves e Silveira (2012).

O terceiro e último aspecto que chamou a atenção na fala dos monitores em relação aos conteúdos, diz respeito à ligação entre a escolha/desenvolvimento desses com as vivências por eles experimentadas enquanto praticantes da modalidade, na qual o *sensei*, ou seu professor, teve grande influência. Quando perguntados a respeito de como eram feitas as escolhas do conteúdo para as atividades, os monitores indicaram o seguinte:

No início, o que um faixa branca tem que aprender primeiro? A cair [...] depois a gente aprende uma técnica de pé primeiro, depois uma de quadril, uma de mão, depois a gente aprende uma técnica no chão e assim evoluindo devagarzinho... sem pressa [...] o jeito que eu aprendi [...] exatamente!
(MONITOR 1)

Os conteúdos eu baseava nas aulas que eu tinha, assim, então, eu sempre acompanhei o meu *sensei*, meu professor, nas aulas para criança que ele dava, que era diferente do meu treinamento. Então eu sempre procurava copiar ele nos aspectos, principalmente, no tema que ele escolheria para dar as aulas, né? (MONITOR 2).

É evidente que o conhecimento que detinham a respeito do ensino do judô, correspondia a um processo de contexto informal, pautado em uma aprendizagem experiencial, similar quando o professor aprende a partir das relações de convivência e observação dos diversos contextos esportivos vivenciados ao longo de sua história de vida, seja na posição de jogador, espectador ou de outras formas de engajamento (RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2016).

Esse processo de aprendizagem informal também é fortemente considerado no processo de formação de treinadores, sendo elencada como uma das três principais formas de acontecer a partir da tipologia proposta por Nelson, Cushion e Potrac (2006) e que merece atenção, pois vem demonstrando relevância significativa na formação dos mesmos. Exemplificando tal importância, verificou-se que a experiência acumulada como atleta e treinador, a assistência aos colegas e a observação entre outras oportunidades de aprendizagem informal foram vistas pelos próprios treinadores como as principais fontes de seu conhecimento (RAMOS et al., 2012).

Esse tipo de aprendizagem informal, sobretudo no judô, acontece em certa medida a partir de um processo de formação, que se caracteriza por uma espécie de *educação artesanal*, ou tradicional, na qual o aprendiz é iniciado e conduzido no ofício por um mestre artesão que possui uma reconhecida competência. Essa concepção de “escola de ofício”, apresentada por Ramos (2009), vem sendo uma situação comum na perspectiva de trabalho com a modalidade no país (DRIGO et. al., 2011).

No presente estudo fica clara a necessidade dos monitores em vivenciarem um processo de formação que trouxesse não só o entendimento das concepções do Programa Mais Educação como também oportunizasse o contato com perspectivas pedagógicas que fomentassem uma prática mais alinhada à ideia de educação integral, da qual o judô poderia fazer parte. Essa problemática vem sendo verificada e discutida em outros estudos (LAGO; ASSIS, 2016; SOARES; BRANDOLIN; AMARAL, 2017; GAMA; SÔNEGO, 2018) que apontam para essa falta de formação com clareza técnica e política sobre a definição de sua ação.

De acordo com Soares, Brandolim e Amaral (2017), os obstáculos pedagógicos impostos pelas condições de implantação e desenvolvimento do programa nas escolas já seriam suficientemente grandes para professores com larga experiência na área da docência em turmas regulares, ou seja, para monitores que estão iniciando suas vidas acadêmica, profissional ou até mesmo sem qualquer experiência ou formação na área específica da aula, a tarefa pode se tornar impraticável do ponto de vista da qualidade. Para os autores, ao que tudo indica, a necessidade de se ter um responsável disponível, em determinado horário, para atender as oficinas, sobrepõe-se, infelizmente, à *expertise* que o monitor deveria ter para atuar com segurança e qualidade no programa (SOARES; BRANDOLIN; AMARAL, p.1073, 2017).

2.4 CONSIDERAÇÕES

Com o objetivo de verificar as condições de trabalho e as concepções que os monitores do judô tinham sobre o Mais Educação, além de compreender a forma como desenvolveram suas atividades, o presente estudo percebeu aspectos relevantes de serem considerados para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do programa.

A partir do diálogo estabelecido com os monitores verificou-se que, no início, as condições físicas de trabalho não foram favoráveis, mas se transformaram ao longo dos anos a partir da aquisição de materiais e do desenvolvimento de estratégias que solucionavam carências estruturais.

Mesmo os monitores apontando a colaboração e o apoio da gestão escolar na consecução de suas atividades, não houve indicação de que os responsáveis pelo programa tenham fomentado o contato dos mesmos com as concepções, metodologias e processos preconizados no Mais Educação, o que possivelmente dificultou o progresso das aulas e das vivências propostas.

Apesar da falta de estrutura e de incentivo à formação dos monitores para realizarem suas funções, o programa aproximou contextos antes distantes, já que tanto os conhecimentos sobre o judô como seus agentes de intervenção no município, participaram direta e indiretamente do processo de experimentação da modalidade dentro da escola.

No que diz respeito à concepção de Educação Integral apontada pelos monitores, verificou-se que essa se volta mais para uma perspectiva de uma Escola de Tempo Integral, o que acontece, aparentemente, pela falta de clareza, comunicação ou do próprio entendimento da gestão em relação aos princípios do programa.

Para os monitores, as atividades do judô tiveram alguns significados, que hora eram entendidas como *meio*, hora como *um fim*. Apesar disso, fica clara a tendência de sua significação como *meio*, importante no desenvolvimento e transformação de atitudes e comportamentos dos alunos, além de auxiliar na aprendizagem dos conhecimentos escolares. Embora essa perspectiva seja menos restrita – se comparada à simples prática motora – há de se apontar que tal posicionamento ainda se encontra distante da perspectiva do programa, pois atende apenas uma pequena parcela de seus objetivos e expectativas no desenvolvimento de uma Educação Integral.

Em relação aos conteúdos tratados nas atividades de judô, verificou-se que os monitores valorizam em seus discursos os saberes atitudinais. Atribuem ao judô a potencialidade de trato desses saberes devido a possíveis características intrínsecas, entendendo-o como uma prática corporal que trabalha “naturalmente” a promoção de valores e bons comportamentos. Nesse sentido, seria relevante verificar, com outros estudos, como essas práticas acontecem para compreender se, de fato, estão voltadas ao desenvolvimento de tais conteúdos, ou se estão pautadas tradicionalmente nos saberes corporais, principalmente no ensino de ações técnicas, assim como acontece com o ensino de muitas práticas corporais esportivas pelo país.

Constatou-se que apesar dos monitores valorizarem os saberes atitudinais no desenvolvimento das atividades do judô, ainda há certa falta de compreensão sobre essa dimensão no que tange às suas possibilidades práticas. Eles apontaram os princípios do judô e determinados valores como os conteúdos-chave de suas práticas pedagógicas junto aos saberes atitudinais. Da mesma forma que a consideração de trato dessa dimensão nas aulas é interessante e desejável para um ensino integral, seria relevante que houvesse um entendimento mais profundo sobre quais valores são oportunos de serem tematizados e de que forma o seu ensino faz mais sentido. Ao mesmo tempo que os monitores reconhecem essas limitações de entendimento sobre o tema, apontam para uma questão que merece atenção, a falta de disponibilidade de tais conhecimentos para estudo, o que parece merecer investigações específicas.

Observou-se que a escolha dos conteúdos a serem trabalhados nas atividades tinham, em grande parte, relação com o resultado das experiências vividas por eles enquanto praticantes da modalidade, obviamente pela falta de formação inicial na área de atuação das atividades e da falta de experiência com a docência. Ademais, nota-se que seus professores tiveram uma influência direta no desenvolvimento de suas atividades, seguindo o padrão do ensino do judô no Brasil, caracterizado pela *educação artesanal*, o que aponta para uma necessidade latente de um processo de formação que conjugue os saberes técnicos da modalidade e as concepções pedagógicas educacionais presentes na fundamentação do Programa.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. In: MOLL, J. (Org.) **Caminhos da educaçao integral no Brasil**: direito a outros tempos e espacos educativos, Porto Alegre: Penso, 2012, p.33-45.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

_____. Lei nº 10.172 de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação (2001-2010). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

_____. Decreto nº 6.094 de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2007a.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 11.494 de 2007. Regulamenta o FUNDEB. **Diário Oficial da União**, DF, 21 jun. 2007b.

_____. Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de Abril de 2007c. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 de abr. 2007. Seção 1, p. 5.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Texto Referência para o debate nacional**. Série Mais Educação. Educação Integral. Brasília, DF, MEC, 2008a.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, no exercício de 2008**. Brasília, DF, 2008b. 28 p.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, no exercício de 2009**. Brasília, DF, 2009a. 35 p.

_____. **Educação integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC/Secad, 2009b.

_____. **Programa Mais Educação**: gestão intersetorial no território. Brasília: MEC/Secad, 2009c.

_____. **Rede de saberes Mais Educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. Brasília: MEC, 2009d.

_____. Decreto nº 7.083 de 27 de janeiro de 2010. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 de jan. 2010a. Edição extra, p. 2.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Manual de Educação Integral para obtenção de apoio financeiro através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE/INTEGRAL, no exercício de 2010.** Brasília, DF, 2010b. 64 p.

_____. Ministério do Esporte; Ministério da Educação. **Caderno de Apoio pedagógico do Programa Segundo Tempo:** repertório de atividades para a iniciação esportiva: movimentações e habilidades; aplicação em jogos; jogos de invasão; jogos de rede e de parede e jogos de bater e de lançar. Brasília, DF, 2010c.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual da Educação Integral em Jornada Ampliada para obtenção de apoio financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE/INTEGRAL, no exercício de 2011.** Brasília, DF, 2011. 51 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral.** Brasília, DF, 2012. 80 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral.** Brasília, DF, 2013a. 77 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Mais Educação: passo a passo.** Brasília, 2013b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Cadernos pedagógicos Mais Educação: Esporte e Lazer.** Brasília, 2013c.

_____. Lei nº 13.005 de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (2014-2024). **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 26 jun. 2014a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Manual Operacional de Educação Integral.** Brasília, DF, 2014b. 71 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Cadernos pedagógicos Mais Educação: Esporte e Lazer.** Brasília, 2014c.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Novo Mais Educação: documento orientador – adesão – versão I.** Brasília, DF, 2016. 17 p.

CASTRO, S. B.; SOUZA, D. L. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. **Movimento,** Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 154-163, out./dez. 2011.

CAVALIERI, A. M. V. Educação Integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação e Sociedade,** v. 23, n. 81, p. 247-270, 2002.

CAVALIERE, A. M. Escola pública de tempo integral no Brasil: filantropia ou política de Estado? **Educ. Soc.,** v. 35, n. 129, p. 1205–1222, 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Engrenagem do judô alavanca desenvolvimento da modalidade no Brasil. **CBJ,** Rio de Janeiro, fev. 2014. Disponível

em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3707/engrenagem-do-judo-alavanca-desenvolvimento-da-modalidade-no-brasil.html>>. Acesso em 15 de abr. 2020.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.20, n.2. p.281-9, 2009.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z. Temas transversais e programas de iniciação esportiva: possibilidades pedagógicas. In: **PROGRAMA SESI atleta do futuro: perspectiva da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006. p.37-52.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DRIGO, A. J.; NETO, S. S.; CESANA, J.; TOJAL, J. B. A. G. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, vol. 7, n. 4, p. 49-62, 2011.

GERHARDT, T. E.; RAMOS, I. C. A.; RIQUINHO, D. L.; SANTOS D. L. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

GAMA, M. E. R.; SÔNEGO, F. Educação integral: o que é possível por meio do Programa Mais Educação? **Revista Práxis Pedagógica**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 1–16, 2018.

GARCIA, S. M. C. **Política de educação integral: avaliação do Programa Mais Educação no sistema de ensino público municipal de ensino de Fortaleza**, 2013. 144 f. Dissertação de mestrado – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVEIRA, R. Arte marcial e esporte: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de Pelotas – RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 129-147, abr/jun de 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento** - Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee. 1. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, Eduem, 2014a. v. 4. 326p.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento** - Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 1. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, Eduem, 2014b. v. 4. 352p.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**: ginástica, dança e atividades circenses. 3. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, Eduem, 2014c. v.4. 160p.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento**: lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. 3. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, Eduem, 2014d. v. 4. 138p.

GUARÁ, Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec: Educação Integral**, n.2, São Paulo: Cenpec, 2006.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.22 n.2, p.201-210, mai./ago. 2006.

HIRAMA, L. K. **Valores que o esporte ensina: intervenções pedagógicas para a formação da personalidade moral**. 2018. Tese (Doutorado) - UNICAMP, Campinas, 2018.

HIRAMA, L. K.; JOAQUIM, C. S.; MONTAGNER, P. C. Pedagogia do Esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. In: MONTAGNER, Paulo César. (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 6, p. 171 – 199.

LAGO, N. A. Do; ASSIS, T. C. De. O monitor do Programa Mais Educação: em busca de uma definição conceitual. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 111–132, 2016.

LORENZONI, I. Esporte aumenta concentração e melhora rendimento dos alunos. **Ministério da Educação**, Brasília, jun. 2011. Seção Educação Integral. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/379-educacao-integral-1444911421/16725-esporte-aumenta-concentracao-e-melhora-rendimento-dos-alunos> . Acesso em: 17 abr. 2020.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, M. E. D. A. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e Projetos Sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 405-418, abr./jun. de 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATSUMOTO, D.; TAKEUCHI, H.; HORIYAMA, K. Cultural Differences in the Values of Judo Instructors. **Research Journal of Budo**, v. 34, n.1, p. 1-10, 2001.

MAURÍCIO, L. V. Escola Pública de horário integral: representações do jornal O Globo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 34, n.3, p. 247-266. set/dez, 2009.

NEGRINE, A. Instrumentos de Coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS/SULINA, 2004. p. 61-93.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 247–259, 2006.

OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Org.). **Fundamentos Pedagógicos para o programa segundo tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá: Eduem, 2009.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JUNIOR, Dante de et al. **Esporte na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2009. Cap. 5, p. 73–83.

PIZANI, J. **Educação física e a educação integral e de tempo integral no Brasil**. 147f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

RAMOS, G. N. S. Escolas de ofício, profissão educação física e sociedade. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 919-924, 2009.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista da Educação Física / UEM**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 431–442, 2012.

RODRIGUES, H. A.; PAES, R. R.; NETO, S. S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 509-521, abr./jun. de 2016.

SOARES, A. J. G.; BRANDOLIN, F.; AMARAL, D. P. Do. Desafios e Dificuldades na Implementação do Programa Mais Educação: percepção dos atores das escolas. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 42, n. 3, p. 1059–1079, 2017.

SOARES, T. M, et al. Escola de Tempo Integral: resultados do projeto na proficiência dos alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede estadual de Minas Gerais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v.22, n.82, p.111-130, 2014.

SOUSA, D. P. De et al. Implementação de políticas públicas: a organização do esporte e lazer no programa Novo Mais Educação na rede municipal de educação de Ponta Grossa – Paraná (2017). **Motrivivência**, [s. l.], v. 31, n. 59, p. 1–21, 2019.

TAILLE; I. L. et al. A escola e os valores: a ação do professor. In: **Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2005.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: TAILLE; I. L. et al. **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.3, p.507-514, 2005.

3 ARTIGO II – O ESTADO DA ARTE DO JUDÔ: A PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DAS LUTAS E OS ESTUDOS SOBRE OS PRINCÍPIOS E VALORES DA MODALIDADE

RESUMO

Além dos processos de popularização, esportivização e de formação dos professores de judô, a aparente falta de materiais e estudos que tratam dos saberes conceituais e atitudinais da modalidade pode ser um dos elementos contribuintes para a sua experiência de ensino e aprendizagem vivenciada na atualidade, caracterizada pela fragmentação dos conhecimentos e pautada, prioritariamente, a partir da perspectiva técnica e esportiva-competitiva. O objetivo do presente estudo foi realizar o levantamento e a análise da produção científica sobre o judô, especificamente no que se refere aos conteúdos que tratam dos princípios e valores da modalidade, no sentido de compreender os contextos de sua produção em âmbito nacional e internacional. Foi utilizada uma revisão de literatura do tipo “estado da arte” a partir de sete periódicos nacionais da área da Educação Física e cinco especializados na área das lutas, desde suas primeiras edições até o ano de 2017. Os resultados indicaram que a produção do judô cresceu principalmente na última década. Tanto nos periódicos nacionais quanto nos especializados, as produções analisadas (n=69 e n=410, respectivamente) se concentraram na área da *biodinâmica* (57,97% e 72,93%), seguida da *sociocultural* (30,43% e 23,41%) e da *pedagógica* (11,60% e 3,66%). Os artigos sobre princípios e valores representaram apenas 8,35% da produção do judô, dos quais 47,50% têm os textos integralmente em inglês, 10% em português e 42,50% em japonês com apenas os resumos em inglês, confirmando a dificuldade de se encontrar informações sobre o tema. Essa aridez pode ser resultado da perspectiva técnico-esportiva que impulsiona os trabalhos científicos na área da biodinâmica e das barreiras linguísticas das publicações concentradas na língua inglesa e japonesa. Sugere-se ações das instituições reguladoras no fomento às pesquisas e maior acesso aos conhecimentos conceituais e atitudinais do judô, extrapolando a oferta dos saberes corporais e aproximando-se do processo educacional democrático e integral esperado.

Palavras-chave: lutas. Ensino. democratização. Conteúdos.

3.1 INTRODUÇÃO

A luta pode ser compreendida como uma das manifestações mais antigas e representativas da cultura corporal, tanto por se fazer presente como atividade em diferentes sociedades e civilizações, como pelos diversos propósitos que a ela foram atribuídos ao longo do tempo, desde a preparação para a guerra e a autodefesa, até sua prática enquanto exercício físico, jogo ou elemento ritualístico (ESPARTERO, 1999).

Essa multiplicidade de inserções e significados proporcionou também uma diversidade de entendimentos e tentativas de conceituação, que estão sempre em revisão e distantes de um consenso por parte daqueles que se propõem a estudá-la. Ou seja, não só a terminologia utilizada é muito diversa e heterogênea (GONÇALVES; SILVA, 2013; PÉREZ-GUTIÉRREZ; GUTIÉRREZ-GARCÍA; CALDERÓN-TUERO, 2011; PÉREZ-GUTIÉRREZ; GUTIÉRREZ-GARCÍA; ESCOBAR-MOLINA, 2011) como também suas conceituações e entendimentos (BARCZYŃSKI; KALINA, 2015; CARNEIRO; PÍCOLI; SANTOS, 2015; CYNARSKI, 2016).

Assim, mesmo reconhecendo a diversidade de concepções sobre o tema e as diferenciações e semelhanças que inúmeros autores atribuem às lutas (L), artes marciais (AM), modalidades esportivas de combate (MEC) e budo (RUFINO; DARIDO, 2011), o presente estudo se utilizou da ideia de luta enquanto um entendimento mais amplo dessas práticas corporais. De acordo com Gonçalves e Silva (2013), o termo aparece no Brasil com uma perspectiva que reconhece tanto os vínculos culturais de suas origens como suas relações com a ciência, a saúde, o lazer e o universo esportivo e que já foi utilizado por outros autores.

O judô, enquanto prática corporal representativa das lutas, possui grande popularidade. Apesar de ter sido concebido como uma atividade prioritariamente educativa, em que seu objetivo era o de proporcionar o desenvolvimento físico, cognitivo e moral de seus praticantes com vistas no progresso da sociedade (KANO, 1937; 2008a; 2008b; 2013; 2018), transformou-se ao longo do tempo e adquiriu outros contornos.

Apesar da característica educativa ter sido o elemento que impulsionou sua divulgação ao redor do mundo (MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001), foi sua faceta esportiva que acabou sendo intensamente desenvolvida, praticada e disseminada. Ou seja, sua popularidade foi conquistada a partir de um processo de desenvolvimento pautado na transformação de seus elementos constitutivos que, em virtude de um processo de internacionalização e esportivização, foi destituído de seus aspectos tradicionais (SATO, 2013; VILLAMÓN et al., 2004).

Atualmente, no Brasil, o judô possui cerca de dois milhões de praticantes (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2014). Ademais, possui um histórico positivo de rendimento no alto nível, sendo a modalidade esportiva individual que mais conquistou medalhas olímpicas para a nação, além de contar com um *status* – ainda que discutível pela dificuldade de se localizar tal referência – de ser considerado pela

UNESCO “o melhor esporte como formação inicial para as crianças e jovens de quatro a vinte e um anos já que promove uma educação física integral” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2013, p.1).

Apesar de ser possível verificar a valorização de determinados aspectos educativos e tradicionais do judô pela comunidade nacional (SANTOS et al., 1990) e internacional (MATSUMOTO et al., 1995; NAGAKI et al., 1997; NAGAKI; YAMASAKI, 2005; YAMASAKI et al., 1998), há de se apontar a tendência de sua prática junto aos conhecimentos técnicos e esportivos (MATSUMOTO et al., 1995; NAGAKI; YAMASAKI, 2005), que valorizam sobremaneira a faceta competitiva do alto rendimento sem qualquer tipo aparente de reflexão e adaptação (CAZETTO; MONTAGNER; LOLLO, 2010; CAZETTO et al., 2010; CAVAZANI, 2012). Isso faz com que a prática da modalidade seja, predominantemente, representada pelo modelo esportivo-competitivo, em que o “saber fazer” das técnicas se sobrepõe às outras dimensões esportivas (CAVAZANI, 2019), distanciando-se de sua potencialidade educativa integral.

Esse desequilíbrio entre os aspectos tradicionais e esportivos no Brasil tem suas raízes no processo de ensino do judô e na conseqüente formação de seus professores (DRIGO, 2007, 2009). Além da possível falta de materiais que ofereçam informações e conhecimentos para além dos conteúdos técnico-táticos, já apontado por Crée (2015) quando discutiu o processo histórico de formação de instrutores da modalidade em âmbito internacional.

Se a ausência ou escassez de materiais didáticos que versam sobre aspectos intelectuais do judô foi compreendida como elemento relevante na transformação da concepção do judô ao longo das décadas, a ponto de fazer com que suas estruturas e entendimentos fossem outros atualmente – nesse caso de cunho técnico e esportivo-competitivo – é possível aventar a possibilidade de que a sua presença pode proporcionar uma ressignificação da modalidade em seus aspectos teórico-práticos. Essa hipótese ganha relevância na medida em que se observa, por exemplo, a relação direta entre a origem dos países que produzem conhecimento sobre o judô no âmbito competitivo e seus desempenhos esportivos.

De acordo com o estudo sistemático da produção científica sobre o judô, realizado por Peset et al. (2013), três dos quatro autores que mais produziram estudos na área trabalhavam em universidades da França, Japão e Brasil, os quais, por sua vez, conquistaram medalhas no Mundial de Judô de 2011 e estiveram no *ranking* de

medalhas olímpicas de Londres, respectivamente, em primeiro, segundo e quarto lugares. Para os autores, “Há uma clara relação de mão dupla entre a importância dada a um esporte em particular, os resultados alcançados e a ênfase científica que é dada a esse esporte” (PESET et al., 2013, p. 89, tradução nossa).

Portanto, em um contexto em que os atletas desconhecem os princípios fundantes do judô (MORAES; RUFFONI; SOUZA, 2011; SANTOS et al., 1990), os pais valorizam a competição de perspectiva excludente já no período infantil da vida de seus filhos (CAZETTO et al., 2010) e os professores e gestores tendem a fomentar a valorização exacerbada do rendimento competitivo (CAVAZANI, 2012; CAZETTO; MONTAGNER; LOLLO, 2010), quais são as contribuições científicas existentes em âmbito nacional, dentro da área da Educação Física, que oferecem o contraponto para tais situações e que oportunizam o contato e acesso da sociedade judaística a conteúdos e saberes conceituais e atitudinais do judô?

Apesar de algumas iniciativas de levantamento das produções científicas em relação as L/AM/MEC terem sido realizadas em âmbito nacional e internacional (CAZETTO; LOLLO, 2010; CORREIA; FRANCHINI, 2010; FRANCHINI; VECCHIO, 2011; PÉREZ-GUTIÉRREZ; GUTIÉRREZ-GARCÍA, 2008; PÉREZ-GUTIÉRREZ; GUTIÉRREZ-GARCÍA; CALDERÓN-TUERO, 2011; PÉREZ-GUTIÉRREZ; GUTIÉRREZ-GARCÍA; ESCOBAR-MOLINA, 2011), poucas tinham o judô como foco (OSIPOV et al., 2017; PÉREZ; GARCÍA, 2016; PESET et al., 2013; SILVA; JUNIOR; DRIGO, 2008) e nenhuma se debruçou na tentativa de verificar as produções relacionadas aos saberes conceituais e atitudinais da modalidade, especificamente os valores e princípios da modalidade, aspectos estes, aparentemente, indutores de aproximação da sociedade com a prática corporal em questão (DURAN et al., 2007).

Logo, o presente estudo teve como objetivo realizar o levantamento e a análise da produção científica sobre o judô, especificamente no que se refere aos conteúdos que tratam dos princípios e valores da modalidade, no sentido de compreender os contextos de sua produção em âmbito nacional e internacional.

3.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser caracterizada como de revisão de literatura do tipo “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, já que se propôs realizar o levantamento e a avaliação do conhecimento sobre um determinado tema (FERREIRA, 2002). Ainda de acordo com a autora, esse tipo de estudo possibilita que

os pesquisadores entrem em contato com aquilo que já foi construído e produzido em determinada área, oportunizando o reconhecimento de temas que merecem maior atenção, por conta de sua escassez ou difícil acesso, para então direcionarem esforços em uma determinada perspectiva ou, ao mesmo tempo, verificarem os saberes que mais se avolumam rapidamente para então divulgá-los à sociedade.

Esse tipo de pesquisa vem sendo utilizado há anos na Educação Física, especialmente para compreender a produção de temas tais como a Educação Física escolar (ANTUNES et al., 2005; BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011; BRACHT et al., 2011, 2012; RUFINO et al., 2014; RUFINO; DARIDO, 2010) e de práticas corporais específicas (BRASIL; RAMOS; GODA, 2013; IMPOLCETTO; DARIDO, 2016; SIMÕES et al., 2016).

No presente estudo realizou-se duas etapas de levantamento da produção científica sobre o tema em questão. A primeira, a partir das publicações veiculadas em sete periódicos nacionais, considerados pelo sistema Qualis/CAPES – no ano base 2015 e na área 21 (Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional) – como B2, B1 e A2.

A seleção das revistas se deu em função da relevância que estas possuem junto à comunidade acadêmica, já expressa em outros estudos, e que foram sistematicamente estudados e analisados (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011; BRACHT et al., 2011, 2012; IMPOLCETTO; DARIDO, 2016; RUFINO; DARIDO, 2010).

Na Tabela 3-1 encontram-se informações das mesmas, assim como a data de início de suas publicações, que foi ponto de partida para o levantamento da pesquisa e que se estendeu até o primeiro bimestre de 2017.

Tabela 3-1 – Informações dos periódicos analisados na primeira etapa da pesquisa.

ISSN online	Revista	Instituição responsável	Data de início	Qualis
2175-8042	Motrivivência	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	1988	B2
1980-6574	Motriz	Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP Rio Claro	1995	B1
1982-8918	Movimento	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	1994	A2
1980-6183	Pensar a prática	Universidade Federal de Goiás - UFG	1998	B2

2179-3255	RBCE - Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE	1979	B1
1981-4690	REBEFE - Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*	Escola de Educação Física e Esporte - USP	1986	B1
1983-3083	REF/UEM - Revista de Educação Física da UEM**	Universidade Estadual de Maringá - UEM	1989	B1

* O periódico foi publicado com o nome de Revista Paulista de Educação Física até 2004, quando foi alterado para Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.

** Em 2017 o periódico começou a adotar o nome *Journal of Physical Education*.

Fonte: o próprio autor.

Diferentemente da maioria das pesquisas realizadas no formato “estado da arte”, o presente estudo acabou por analisar todas as publicações que tivessem termos associados às lutas em seus títulos, resumos ou palavras-chaves, para posteriormente serem filtrados até se chegar às publicações que versavam sobre os princípios e valores do judô. Logo, artigos, resenhas de livro, ensaios e outros tipos de documentos foram analisados e contabilizados considerando as diversas manifestações corporais relacionadas às lutas.

Por conta da diversidade de formatos nas publicações, que ao longo das décadas foram sendo transformadas e diferentemente valorizadas, estabeleceu-se um critério de classificação quanto ao tipo desses documentos. Assim, foram considerados **artigos** aqueles que apresentavam resumo, metodologia, discussão/análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas e que tinham no mínimo oito páginas – tamanho considerado mínimo pelos pesquisadores para se desenvolver com propriedade o tema em questão. Ao mesmo tempo, resumos de congresso, resenhas, ensaios e todas as outras formas de publicação foram classificados como **outros**.

Apesar dos periódicos disponibilizarem seu acesso *online*, alguns deles não tinham os arquivos mais antigos em sua base de dados, portanto, só era possível entrar em contato com os títulos das publicações. Como estabeleceu-se o compromisso de realizar o levantamento de todas as publicações desde suas primeiras edições, os documentos que não estavam acessíveis foram analisados a partir de suas cópias físicas disponíveis nos acervos das bibliotecas públicas da UNESP, USP e UNICAMP, garantido a abrangência do estudo.

A segunda etapa foi realizada nos mesmos moldes da primeira no que diz respeito ao período de análise, acesso ao acervo *online* e classificação dos documentos, porém a escolha das revistas se deu a partir da conjugação da

relevância internacional e da especificidade que tais periódicos têm na área das L/AM/MEC e budo (FRANCHINI; VECCHIO, 2011; PÉREZ; GARCÍA, 2016; PESET et al., 2013). Assim, é possível notar na Tabela 3-2 que tais publicações não necessariamente faziam parte da lista avaliada pelo sistema Qualis/CAPES em 2015.

Tabela 3-2 – Informações dos periódicos analisados na segunda etapa da pesquisa.

ISSN online	Revista	Instituição responsável	Data de início	Qualis
1643-8698	AB - Archives of Budo	Archives of Budo	2005	A2
2300-8822	SMAES - Archives of Budo Science of Martial Arts and Extreme Sports	Archives of Budo Science of Martial Arts and Extreme Sports	2013	s/ Qualis*
2084-3763	JMAA - Ido Movement for Culture. Journal of Martial Arts Anthropology	Scientific Research Committee of Idokan Poland Association	2000	s/ Qualis**
2081-5735	JCSMA - Journal of Combat Sports and Martial Arts	Fundação de Educação Médica, Promoção da Saúde, Arte e Cultura ARS MEDICA	2010	B5
2185-8519	RJB - Research Journal of Budo	Japanese Academy of Budo	1968	s/ Qualis

* Na atualização mais recente do Qualis/CAPES do quadriênio 2013-2016, a revista SMAES foi incluída na lista junto ao extrato A2.

** Na atualização mais recente do Qualis/CAPES do quadriênio 2013-2016, a revista JMAA foi incluída na lista junto ao extrato B1.

Fonte: o próprio autor.

Nessa segunda etapa, pelo fato das revistas terem escopo voltado para a divulgação de pesquisas na área das lutas, foram analisados apenas os documentos que continham a palavra judô, para posteriormente aplicar os filtros necessários até encontrar as produções que tratavam dos princípios e valores da modalidade.

Apesar de todos os periódicos terem seus documentos disponíveis na rede, alguns deles tinham publicações em outros idiomas que não o inglês, portanto, o critério de inclusão foi do documento ter, no mínimo, o título e resumo nessa língua, para que fosse possível analisar a produção acadêmica e trazer relevância para a área do conhecimento em questão (FERREIRA, 2002).

Após a verificação, tabulação e arquivamento digital dos arquivos nas duas etapas, realizou-se a categorização dos trabalhos com base nas principais subáreas de concentração dos programas de pós-graduação da Educação Física no Brasil, quais sejam: biodinâmica, sociocultural e pedagógica (MANOEL; CARVALHO, 2011).

De acordo com os autores, as áreas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

- *Biodinâmica*: compreende as pesquisas relacionadas às disciplinas de biomecânica, fisiologia do exercício, aprendizagem e desenvolvimento motor, controle motor e alguns campos aplicados como nutrição esportiva, treinamento e rendimento físico e esportivo;

- *Sociocultural*: abrange temas como esporte, práticas corporais e atividade física sob a perspectiva da sociologia, antropologia, história e filosofia;

- *Pedagógica*: investiga questões sobre a formação de professores, organização curricular, métodos de ensino, pedagogia do esporte, além de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação.

Para um maior refinamento da categorização, utilizou-se critérios complementares que subdividiu a área *pedagógica* em “Educação Física escolar” e “não Educação Física escolar”, já realizado de forma semelhante em outros estudos (ANTUNES et al., 2005; BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011; IMPOLCETTO; DARIDO, 2016).

A análise dos dados foi desenvolvida por meio de estatística descritiva.

3.3 RESULTADOS

Os resultados são apresentados separadamente a partir da consideração das duas etapas da pesquisa descritas anteriormente para, ao final, serem analisados em conjunto estabelecendo aproximações e distanciamentos.

3.3.1 Panorama do judô na produção científica nacional

O número total de documentos analisados foi de 12050, distribuídos em 514 volumes, nos quais foram identificados 5215 *artigos* (43,28%) e 6835 *outros* (56,72%). A seguir, na

Tabela 3-3, são apresentados os resultados absolutos e relativos da produção de lutas e de judô separados por periódicos.

A produção científica no campo das lutas somou 2,66% do total analisado, enquanto que o judô contabilizou 0,57% dessas publicações. Apesar de aparentemente baixo o índice, a modalidade representou 21,5% da produção total de lutas, porcentagem relevante quando se verifica a quantidade de publicações das outras manifestações corporais ligadas ao tema, possíveis de serem observadas na

Tabela 3-4.

Tabela 3-3 – Valores relativos e absolutos das produções de Lutas e de Judô por periódico.

Revistas	Produção total	Produção lutas (%)	Produção judô (%)	Produção judô - lutas (%)*
Motrivivência	796	20 (2,51%)	5 (0,63%)	5 (25%)
Motriz	4794	137 (2,86%)	24 (0,50%)	24 (17,52%)
Movimento	918	34 (3,70%)	2 (0,22%)	2 (5,88%)
Pensar a prática	724	26 (3,59%)	4 (0,55%)	4 (15,38%)
RBCE	2827	56 (1,98%)	10 (0,35%)	10 (17,86%)
RBEFE	1090	24 (2,20%)	12 (1,10%)	12 (50%)
REF/UEM	901	24 (2,66%)	12 (1,33%)	12 (50%)
TOTAL	12050	321 (2,66%)	69 (0,57%)	69 (21,50%)

*Os valores percentuais apresentados são em relação à *Produção das lutas* de cada revista.

Fonte: o próprio autor.

Tabela 3-4 – Práticas corporais relacionadas as lutas e o quantitativo de sua produção

Prática corporal	Quantidade	%
Capoeira	96	29,91%
Judô	69	21,50%
Lutas*	53	16,51%
Karatê	25	7,79%
Taekwondo	18	5,61%
Jiu-jitsu	17	5,30%
Outros**	43	13,40%
Total	321	100%

*A categoria de *Lutas* é composta pelas publicações que versavam sobre temas gerais tais como: artes marciais, defesa pessoal, modalidades esportivas de combate, budo e lutas.

** A categoria *Outros* é formada pelas práticas corporais que tiveram menos de dez publicações contabilizadas.

Fonte: o próprio autor.

O judô teve sua produção disposta de maneira equilibrada em relação aos formatos de *artigo* e *outros*, apesar de apresentar diferenças na quantidade de publicações em cada um dos periódicos, assim como se observa na

Tabela 3-5.

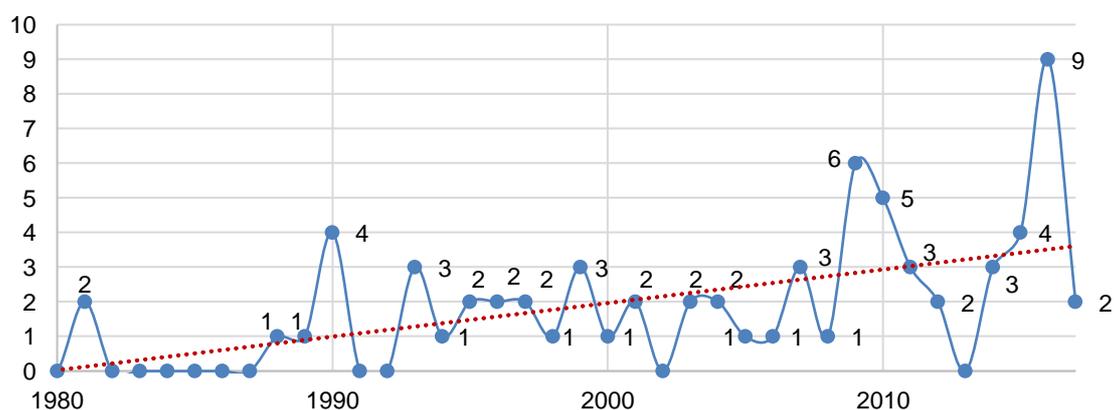
Tabela 3-5 – Valores relativos e absolutos das produções de judô separadas por formato e por periódico.

Revista	Produção judô	Artigos de judô	Outros de judô
Motrivivência	5	5 (100%)	0 (0%)
Motriz	24	5 (20,83%)	19 (79,17%)
Movimento	2	2 (100%)	0 (0%)
Pensar a prática	4	4 (100%)	0 (0%)
RBCE	10	2 (20%)	8 (80%)
RBEFE	12	7 (58,33%)	5 (41,67%)
REF/UEM	12	9 (75%)	3 (25%)
SE&S	0	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	69	34 (49,28%)	35 (50,72%)

Fonte: o próprio autor.

As publicações a respeito do judô tiveram um crescimento significativo ao longo dos anos, principalmente se analisadas a partir de decênios (Figura 3-1). Assim, nos anos 80 foram verificadas quatro produções, nos anos 90 esse número passou para 18, que permaneceu estável ao longo dos anos 2000 com 19 publicações e voltou a crescer nessa última década com uma quantia de 28 entradas, mesmo faltando dois anos para completar o ciclo.

Figura 3-1 – Relação da quantidade de publicações de judô por ano, nas revistas generalistas, distribuídos em decênios.



A linha vermelha representa a tendência de crescimento linear da produção científica na área do judô nas últimas quatro décadas. No ano de 1979 (data da primeira publicação da RBCE) não houve produção a respeito do judô.

Fonte: o próprio autor.

Após a leitura e análise das publicações referentes ao judô, estas foram categorizadas de acordo com as subáreas de concentração do conhecimento praticados na área da Educação Física, como se observa na Tabela 3-6. Levando em consideração os valores totais, constatou-se uma tendência das publicações na subárea da *biodinâmica* (57,97%), seguida da *sociocultural* (30,43%) e com poucas recorrências na área *pedagógica* (11,60%).

Destaca-se o fato de que na área da *biodinâmica* a maior parte de sua produção esteve concentrada no formato *outros* (60%), diferentemente da *sociocultural* que se sobressaiu no formato *artigos* (66,67%) e da *pedagógica* que teve sua produção equilibrada.

Outro aspecto relevante diz respeito à baixa porcentagem de trabalhos na área pedagógica, que somou apenas 11,6%. Apesar de uma diferença sutil, a produção na categoria *pedagógica – não Educação Física escolar* (7,25%) foi maior em relação às publicações que conjugavam os aspectos do ensino do judô e a escola, que não chegaram a 5%.

Tabela 3-6 – Valores relativos e absolutos das produções de judô categorizadas a partir das subáreas de concentração do conhecimento na Educação Física.

Categorias	Artigos	Outros	Total
Biodinâmica	16 (40%)	24 (60%)	40 (57,97%)
Sociocultural	14 (66,67%)	7 (33,33%)	21 (30,43%)
Pedagógica - Não E.F.E.	2 (40%)	3 (60%)	5 (7,25%)
Pedagógica - E.F.E.	2 (66,67%)	1 (33,33%)	3 (4,35%)
Total	34 (49,28%)	35 (50,72%)	69 (100%)

Fonte: o próprio autor.

A partir da análise das 69 produções foram encontradas apenas duas que nos seus títulos ou palavras-chave continham os descritores *valores* e *princípios*, elementos centrais desse levantamento. Dentre as duas, uma continha a palavra *princípios* ligada à ideia dos princípios do treinamento esportivo, que não tinha significado condizente com o tema da pesquisa. Assim, apenas a publicação intitulada “Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô” (SANTOS et al., 1990) atendeu os critérios de inclusão utilizados na busca.

Apesar de ter sido encontrado apenas esse documento – inclusive caracterizado como *outro* – ao longo do processo de análise, verificou-se que alguns estudos versavam sobre temas muito próximos à ideia do termo *valores*, que nesse estudo foi compreendido como o caráter afetivo empregado a um determinado objeto, ou seja,

uma relação “afetiva” entre ele e o sujeito. No caso, o objeto, pode ser um objeto físico, uma pessoa ou uma ideia, que quando investidos de afetividade se tornam valores e, portanto, não deixam o sujeito indiferente ao mesmo (PIAGET, 1994; LA TAILLE, 2005; TOGNETTA; VINHA, 2009).

Levando em consideração a conceituação apresentada anteriormente, registrou-se a presença de três estudos que tinham como ponto central a discussão a respeito de ideias, concepções e, portanto, valores que membros da comunidade judoística tinham sobre o judô (DURAN et al., 2007; GONÇALVES; DA SILVEIRA, 2012) e como eram as concepções que o Kodokan – a instituição representativa da criação do judô – tinha em sua criação e de que forma elas foram alteradas ao longo dos anos (ESPARTERO, 2016).

3.3.2 Panorama do judô na produção científica especializada

Na consulta aos cinco periódicos especializados foram analisados 241 volumes que continham um total de 5284 produções na área de lutas, dentre os quais 1127 (21,33%) se enquadraram na categoria de *artigos* e 4157 (78,67%) na categoria *outros*.

Desse montante foram identificadas 410 (7,76%) produções que desenvolveram estudos e conhecimentos a respeito do judô a partir do descritor *judô*. Dentre elas 339 (82,68%) foram identificadas como artigos e 71 (17,32%) como *outros*. Os valores absolutos e relativos de cada uma das revistas são apresentados na Tabela 3-7.

Tabela 3-7 – Valores relativos e absolutos das produções de Judô separadas por formato e por periódico.

Revista	Produção de judô	Artigos judô	Outros judô
AB	121 (29,51%)	119 (98,35%)	2 (1,65%)
SMAES	21 (5,12%)	14 (66,67%)	7 (33,33%)
JMAA	37 (9,02%)	17 (45,95%)	20 (54,05%)
JCSMA	61 (14,88%)	46 (75,41%)	15 (24,59%)
RJB	170 (41,46%)	143 (84,12%)*	27 (15,88%)*
TOTAL	410 (100%)	339 (82,68%)	71 (17,32%)

*Valores que representam a contabilização de publicações na língua inglesa, apesar de existir produções no idioma japonês.

Fonte: o próprio autor.

Apesar da pesquisa ater-se à produção acessível na língua inglesa, a revista RJB teve publicações divulgadas em japonês. E mesmo sabendo da impossibilidade de análise dos textos nesse idioma, foi realizado o levantamento do descritor *judô* a

partir da tradução dos títulos, resumos e palavras-chave – quando existentes – de cada um dos documentos, utilizando-se a ferramenta de transposição idiomática *Google Tradutor*.

Ainda que não fosse possível fazer uma leitura minuciosa das pesquisas, ao menos identificou-se a quantidade de trabalhos com o tema judô. O quantitativo dessas produções chama atenção, especialmente no formato *outros*. Se levados em consideração, seriam somados mais quatro *artigos* e mais 1101 *outros*, o que percentualmente alteraria consideravelmente os valores da produção do judô em relação à produção total (n=5284). Esta passaria de 410 (7,76%) para 1515 (28,67%), assim como se vê na Tabela 3-8.

Tabela 3-8 – Valores relativos e absolutos das produções de Judô separadas por formato e por periódico.

Revista	Produção de judô	Artigos judô	Outros judô
AB	121 (7,99%)	119 (98,35%)	2 (1,65%)
SMAES	21 (1,39%)	14 (66,67%)	7 (33,33%)
JMAA	37 (2,44%)	17 (45,95%)	20 (54,05%)
JCSMA	61 (4,03%)	46 (75,41%)	15 (24,59%)
RJB	1275 (84,16%)	147 (11,53%)	1128 (88,47%)
TOTAL	1515 (100%)	343 (22,64%)	1172 (77,36%)

Fonte: o próprio autor.

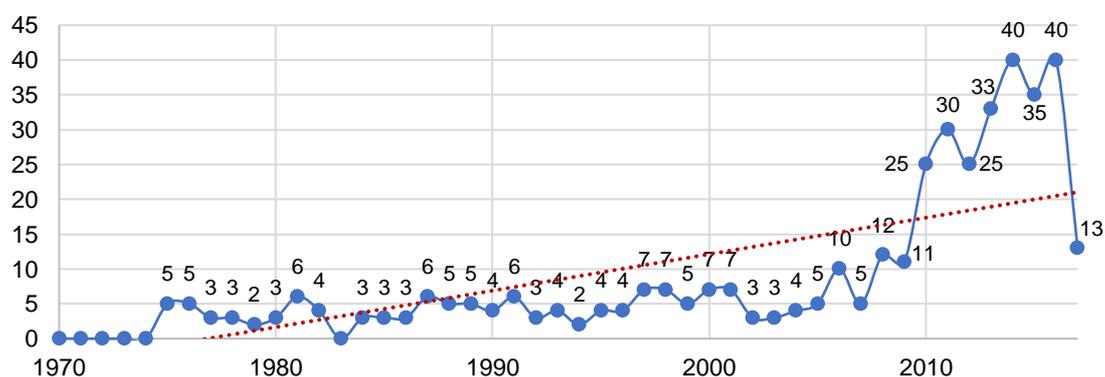
Fica evidente, portanto, a importância do periódico em relação aos aspectos quantitativos da produção internacional. No contexto do presente estudo, a RJB foi a revista que mais publicou trabalhos relacionados ao judô, 170, representando 41,46% dos achados na área. Na hipótese dos trabalhos publicados em japonês serem considerados válidos na análise, esse quantitativo passaria para 1275, representando 84,16% da produção de judô total, ou seja, mais que o dobro.

O crescimento das publicações ao longo das décadas também foi verificado nos periódicos especializados, como indica a

Figura 3-2. Na década de 1970 foram encontrados 18 trabalhos, aumentando nos anos 1980 para 38 e 46 nos anos 1990, já na primeira década dos anos 2000

constatou-se a presença de 67 publicações e nos primeiros sete anos dessa última década 241 trabalhos.

Figura 3-2 – Relação da quantidade de publicações de judô por ano, nas revistas especializadas, distribuídos em décadas.



A linha vermelha representa a tendência de crescimento linear da produção científica na área do judô nas últimas quatro décadas. Nos anos entre 1968 e 69 (data das primeiras duas publicação da RJB) não houve produção a respeito do judô.

Fonte: o próprio autor.

Após a análise qualitativa dos 410 trabalhos, constatou-se que 72,93% deles possuíam suas discussões na área da biodinâmica, 23,41% na área sociocultural e apenas 3,66% na pedagógica, sem diferenças significativas entre as subáreas dessa última. E diferentemente do que havia acontecido junto dos periódicos nacionais, os trabalhos na área da *biodinâmica* se concentraram no formato *artigos* (83,95%), assim como na área *sociocultural* (79,17%) e *pedagógica* (80%), comose observa na Tabela 3-9.

Tabela 3-9 – Valores relativos e absolutos das produções de judô categorizadas a partir das subáreas de concentração do conhecimento na Educação Física.

Categorias	Artigos	Outros	Total
Biodinâmica	251 (83,95%)	48 (16,05%)	299 (72,93%)
Sociocultural	76 (79,17%)	20 (20,83%)	96 (23,41%)
Pedagógica - Não E.F.E.	6 (85,71%)	1 (14,29%)	7 (1,71%)
Pedagógica - E.F.E.	6 (75%)	2 (25%)	8 (1,95%)
Total	339 (82,68%)	71 (17,32%)	410 (100%)

Fonte: o próprio autor.

Quando analisadas as produções a partir dos descritores *values* e *principles* nos títulos e palavras-chave dos 410 trabalhos, foram encontrados 15 estudos. Destes, três não possuíam as características pretendidas no estudo pois se relacionavam com *princípios de avaliação técnica, princípios do treinamento (especificidade)* e com os *valores das características genéticas na orientação do talento esportivo*.

Os outros 12 trabalhos publicados, portanto, versavam sobre os aspectos dos valores e princípios do judô voltados para as dimensões socioeducativas e histórico-culturais de seu conhecimento (MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001; NAGAKI, 1999; NAGAKI et al., 1997, 2000; NAGAKI; IRIE, 2002; NAGAKI; YAMASAKI, 2005; NAGAKI; YAMASAKI; YABUNE, 1996; TANAKA, 1981, 1982; TOKARSKI, 2012; YABUNE et al., 1997; YAMASAKI et al., 1998). Na Tabela 3-10 é possível observar o título dos trabalhos, as datas de publicação e seus respectivos formatos.

Tabela 3-10 – Listagem das produções encontradas nas revistas específicas utilizando os descritores *values* e *principles*.

Revista	Ano	Título	Formato
JCSMA	2012	Judo contribution to martial arts: techniques, strategies, values	Outro
RJB	1981	Value orientation of judo and kendo instructors at upper secondary schools in Japan	Artigo
RJB	1982	Value orientation in the teaching methods of judo and kendo in school	Artigo
RJB	1996	A study of japanese values toward sport in judo players as compared to general sports people	Artigo
RJB	1997	A study on the judo principles, the meanings of seiryoku-zenyo and jita-kyoei, and the degrees of present young judo players' understanding on those theoris	Artigo
RJB	1997	The comparative study of value orientations toward sport in judo practitioners	Artigo
RJB	1998	A comparative study of japanese value in sport as displayed by New Zealand and japanese judoists	Artigo
RJB	1999	A study of Jigoro Kano's emphasis and structure of values in judo	Artigo
RJB	2000	A study of what remains of Jigoro Kano's values in judo after world war II	Artigo
RJB	2001	Cultural differences in the values of judo instructors	Artigo
RJB	2002	Post-war judo: values and attitudes toward the use of the weight system in competition	Artigo

RJB	2005	International comparison of educational judo values: research of judo practitioners in Japan, America, Australia and France	Artigo
-----	------	---	--------

Fonte: o próprio autor.

Desses 12 estudos, 11 foram publicados na RJB, todos identificados como artigo, porém apenas um tinha seu texto escrito, integralmente, em inglês. Os outros dez, portanto, só ofereciam o resumo na língua inglesa.

As discussões a respeito dos valores e princípios se concentraram entre a metade da década de 90 até a metade da primeira década dos anos 2000, com um total de nove publicações.

Da mesma forma como aconteceu na etapa um, verificou-se a existência de algumas publicações que discutiam indiretamente o tema da presente pesquisa, apesar de não terem sido reconhecidas a partir dos descritores utilizados. Nesse sentido, dois trabalhos foram encontrados no periódico JMAA (SHIMIZU, 2008; SHISHIDA, 2010a), três no JCSMA (DE CRÉE, 2013a, 2013b; TOKARSKI, 2011), oito no RJB (HASHIMOTO, 1998; ITEYA et al., 2011; KIRYU, 2010; MATSUMOTO et al., 1995; MATSUMOTO; HA, 2006; TAKAHASHI et al., 1989; TODO, 1981, 1993) e 11 no AB (DE CRÉE, 2015a, 2015b, 2015c, DE CRÉE; JONES, 2009a, 2009b, 2009c, 2011a, 2011b, 2011c, SHISHIDA, 2012, 2010b).

3.4 DISCUSSÃO

Apesar da produção científica a respeito das lutas apresentar crescimento ao longo das últimas décadas (CAZETTO; LOLLO, 2010; FRANCHINI; VECCHIO, 2011), há de se retomar a ideia de seu estado incipiente (CORREIA; FRANCHINI, 2010; PESET et al., 2013).

De acordo com o Diagnóstico Nacional do Esporte (BRASIL, 2016) as lutas se encontram na quinta posição das modalidades esportivas mais praticadas pelos brasileiros ativos fisicamente, o que representa 8,2% das atividades citadas pelos entrevistados, logo atrás do voleibol com 9,9%. Apesar de ambos apresentarem valores expressivos na aderência de suas práticas, o mesmo não parece acontecer com o interesse de estudo e intervenção no âmbito acadêmico.

Os dados obtidos na presente pesquisa apontaram para um número de publicações relativamente baixo de trabalhos – quando considerados os periódicos nacionais – com uma representatividade de apenas 2,66% do total (n=12050), valor próximo ao de um estudo sobre o voleibol, que encontrou 2,1% (n=2100) de

publicações, quantitativo considerado de baixa representatividade pelas autoras no âmbito da Educação Física (IMPOLCETTO; DARIDO, 2016).

Esse valor encontrado para as lutas se aproxima dos resultados obtidos no estudo de Correia e Franchini (2010), que verificou uma quantidade de produções na área das L/AM/MEC de apenas 2,93% (n=2561), mesmo em um período menor de análise (1998-2008). Nesse sentido, é possível dizer que, considerando toda a produção dos periódicos analisados no intervalo de 1979 à 2017, a produção na área ainda pode ser considerada baixa, o que pôde, eventualmente, ter sido influenciado pelo recorte restrito dos extratos dos periódicos analisados.

Apesar da produção acadêmica das lutas estar aquém de valores razoáveis para o desenvolvimento da área em questão, o judô desponta ainda como uma das práticas corporais mais estudadas. Em pesquisa realizada por Correia e Franchini (2010), de contexto nacional, a modalidade teve uma produção que representou 49,3% dos artigos encontrados sobre as lutas, seguido da capoeira (24%), do Karatê (6,7%), de lutas diversas (6,7%) e esgrima (5,3%) – apenas contabilizando os cinco mais representativos. Esse resultado se mostrou diferente se comparado ao do presente estudo. Talvez por considerar um período de análise mais abrangente e ampliar a diversidade de formatos da produção, na presente pesquisa, o judô se posicionou em segundo lugar, com 21,50% de representatividade, atrás da capoeira que encabeçou o número de publicações com 29,91%.

Em âmbito internacional e especialmente no contexto das publicações veiculadas em periódicos especializados, o judô estaria próximo da representatividade indicada por Correia e Franchini (2010), se não fosse o fato de grande parte dessa produção estar em outra língua, nesse caso, a japonesa. Devido a esta característica – proposta pelo próprio delineamento do estudo – o judô somou apenas 7,76% dos trabalhos, ao invés de 28,67%, sugerindo, portanto, a relevância de se discutir a produção de conhecimento da modalidade e as relações com a sua publicidade e acesso.

O fato do judô ter sido criado em um país que possui um idioma que trabalha com sistemas de escrita distintos do sistema alfabético latino – nesse caso o logográfico a partir dos *kanjis* e o silábico a partir do *katakana* e *hiragana* – aparentemente, implica em uma barreira no processo de divulgação do conhecimento. Tal questão pode ser considerada como uma das causas para a falta de publicações da dimensão intelectual dos conteúdos do judô junto à cultura ocidental que, de acordo

com de Créé (2015), contribuiu para o desenvolvimento de um judô pautado prioritariamente em aspectos esportivos e com vistas ao aprimoramento de habilidades de combate, já que não houve possibilidade dos professores do ocidente de entrarem em contato com materiais didáticos que versassem sobre o tema. Somado ao fato, a oportunidade diminuta de realização de estágios em solo japonês para o estudo do ensino do judô e a falta de proficiência na leitura de publicações na língua ainda afetaram o processo de compreensão dos aspectos tradicionais do judô e, por consequência, seu ensino (DE CRÉE, 2013a).

Especificamente em dois estudos que objetivaram fazer um levantamento da produção de livros a respeito do judô¹ no Japão foram encontrados 324 títulos no período de 1868-1945 (IKEDA, 1999) e 382 entre 1946 e 1988 (IKEDA, 2000). Ou seja, a publicação relacionada ao judô até 1988 era de 706 livros no país. O que vale somar a esse dado é que grande parte desses livros não foram traduzidos como, por exemplo, a importante coletânea produzida pelo *Kodokan* intitulada *The Collected Works of Kano Jigoro*, em 15 volumes (STEVENS, 2013). E aqueles que eventualmente tiveram suas versões transpostas para o inglês foram produzidos em tiragens limitadas, tornando-se obras difíceis de serem encontradas e vendidas como raridade, mesmo sendo relativamente atuais, como o livro *An Introduction to Kodokan Judo: History and Philosophy* de Matsumoto (1996).

Dessa forma, a maior questão não está relacionada à falta de livros sobre o judô no ocidente, pois, de fato, existem inúmeros deles, mas sim aos conteúdos que são desenvolvidos nessas obras. A grande maioria tenta explicar partes das técnicas e quase não existem obras que se propõem esclarecer de forma concisa os fundamentos do “espírito” do judô (KANO, 2018), dando espaço para leituras fragmentadas, interpretações equivocadas e entendimentos cada vez mais mistificados. De Créé (2013b) sintetiza tal problemática em um de seus trabalhos apresentando aspectos que foram marcantes no passado, mas que parecem ser atemporais:

Problemas de linguagem entre instrutores japoneses e o público ocidental, a ausência de livros japoneses bem traduzidos e a insuficiência de professores pedagogicamente treinados fizeram com que a mensagem de Kano fosse praticamente impossibilitada de ser transferida para o público em geral. A aquisição de informações específicas a respeito do judô ficou limitada àquilo

¹ Também foram considerados livros que tratavam do *jujutsu* (arte predecessora do judô) e de defesa pessoal.

que se podia captar visualmente sem exigir muito investimento intelectual: as habilidades práticas do judô (DE CRÉE, 2013b, p. 97, tradução nossa).

O presente estudo ainda verificou um crescimento substancial das publicações que tratam do judô na última década. Quando somados os valores das duas etapas da pesquisa, nota-se que a quantidade das produções publicadas na última década, que ainda não findou, chega ao número de 269 trabalhos, o que é superior à soma dos resultados das quatro décadas anteriores, com apenas 210. Esse aumento talvez seja explicado pelo fácil acesso aos meios de comunicação a partir das TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação. De acordo com Nassi-Calò (2016), o surgimento e a popularização da internet, por exemplo, alteraram drasticamente o paradigma da comunicação da ciência, possibilitando a disseminação massiva da produção de artigos e periódicos para lugares que transcendem o espaço físico da academia e que, até então, mostrava-se irrestrito para grande parte da população. Como consequência de suas características, tais como a reprodutibilidade técnica irrestrita e a facilidade espaço-temporal na divulgação e acesso de conteúdos, o número das produções acadêmicas vem aumentando.

De acordo com a análise qualitativa dos trabalhos encontrados sobre o judô, verificou-se que a área da biodinâmica é prevalente, tanto nos periódicos generalistas como especializados, representando respectivamente 57,97% e 72,93%. Logo em seguida encontram-se os trabalhos na subárea sociocultural, os quais tiveram uma presença de 30,43% e 23,41% e, por fim, a pedagógica contabilizando 11,60% e 3,66%.

Esses valores são ratificados a partir de outros estudos que tratam do assunto. A estrutura da pós-graduação na área da Educação Física brasileira possui linhas de pesquisa que são distribuídas da seguinte forma nas subáreas: 60,7% na biodinâmica, 22,5% na sociocultural e 17% na pedagógica (MANOEL; CARVALHO, 2011), valores muito próximos aos encontrados na primeira etapa da pesquisa, apenas com um leve aumento nas publicações socioculturais em detrimento da pedagógica.

No estudo realizado por Impolcetto e Darido (2016), os valores também são próximos: 53,33% na biodinâmica, 42,22% na sociocultural e 4,45% na pedagógica para os achados a respeito do voleibol. Especificamente em relação às lutas, Correia e Franchini (2010) apresentam também essa tendência de valorização dos estudos na área da biodinâmica e da escassez de pesquisas aplicadas que, para os autores,

deveriam ter o foco voltado para os aspectos da intervenção profissional e socioeducativa.

Esse contexto parece caminhar em uma perspectiva de desenvolvimento global da ciência, em que aspectos políticos e socioeconômicos acabam por influenciar os interesses e atuações de pesquisadores (MANOEL; CARVALHO, 2011), que no caso do judô é materializado a partir das necessidades do rendimento esportivo. A categorização dos trabalhos encontrados nas revistas especializadas confirmam essa tendência, já que são consideravelmente superiores na área da biodinâmica (72,93%). Essa perspectiva fica ainda mais evidente, por exemplo, no levantamento sistemático que Peset et al. (2013) fizeram de trabalhos científicos do judô a partir da plataforma *Web of Science*, no qual verificou que mais de 48% dos achados foram publicados na área de ciências do esporte e que as palavras mais utilizadas nos títulos dos artigos, depois de *judo*, foram: *athletes, elite, training, performance, sports, judoists, male, and judocas*.

As três revistas que mais publicaram na área de lutas foram a Motriz com 137 trabalhos, a RBCE com 56 e a Movimento com 34 publicações. Já em relação à produção específica do judô, constatou-se que as revistas que tiveram maior destaque foram a Motriz com 24 publicações, seguida da REF/UEM e RBEFE com 12 trabalhos. Caso fossem consideradas apenas as publicações em formato *artigo*, teríamos a seguinte alteração: REF/UEM com 9, RBEFE com 7 e Motriz e Motrivivência com 5. Essa mudança confirma o peso e a importância que os trabalhos publicados em formatos *outros* – especialmente como resumos de congressos e simpósios – têm na representatividade da produção do judô em nível nacional, da mesma forma como acontece internacionalmente com as MEC (FRANCHINI; VECCHIO, 2011). No caso dessa pesquisa, para a revista Motriz, por exemplo, foram 17 trabalhos apresentados em eventos científicos da área da Educação Física.

Tal característica também foi verificada nas revistas especializadas, principalmente quando se analisa o periódico que teve maior produção total, a RJB. Foram 27 trabalhos publicados em formato *outros* e 143 no formato *artigo*. O que parece acontecer é que as instituições responsáveis por tais periódicos são também responsáveis por encontros importantes de suas áreas, no caso da Motriz com o Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e o Simpósio Paulista de Educação Física e a RJB com o *Congress of Japanese Academy of Budo*.

De toda forma, a consideração de um ou outro formato específico de publicação em âmbito internacional não mudou a ordem dos três periódicos que mais publicaram sobre o judô até então, quais sejam: RJB com 170 trabalhos, AB com 121 e JCSMA com 61.

Por fim, em relação aos trabalhos que tratavam das dimensões socioeducativas e histórico-culturais do judô, especificamente dos que discutiam seus valores e princípios, foram encontrados apenas 13 publicações (2,71%), das quais uma presente no âmbito nacional e todas as outras 12 nos periódicos internacionais.

Seguindo a perspectiva anteriormente discutida, esse pequeno quantitativo se torna ainda menor quando considera-se a questão da barreira linguística, afinal de contas, dez das publicações estavam prioritariamente em japonês – apenas com os resumos em inglês – dificultando a compreensão aprofundada dos estudos produzidos na área.

Vale destacar que o processo de busca realizado – com a utilização dos descritores valores e princípios para as revistas nacionais e *values* e *principles* para as internacionais junto aos títulos e palavras-chave – pareceram ser insuficientes para achar os documentos que discutiam o tema, fato muito comum em revisões sistemáticas que têm na metodologia a utilização de descritores como elemento fundamental para o desenvolvimento inicial de busca.

Nesse sentido, a partir da leitura e análise de todos os resumos das publicações sobre o judô, foram detectados mais três trabalhos nas revistas nacionais e 24 nas especializadas que tratavam direta e indiretamente do tema. Portanto, levando-se em consideração esses achados, somaram-se quatro publicações nacionais e 36 internacionais, totalizando 40 publicações – o equivalente à 8,35% de toda a produção do judô analisada.

Seguindo a mesma perspectiva, dos 40 trabalhos, 19 (47,50%) tinham seu texto integralmente em inglês, quatro (10%) em português e 17 (42,50%) tinham apenas os resumos em inglês, confirmando não só a importância das publicações na língua japonesa como também a dificuldade de se encontrar informações sobre o tema em questão.

Essa escassez de trabalhos em relação aos aspectos socioeducativos e histórico-culturais do judô, somada à clara dificuldade de acesso a essas informações parece ter um peso relevante não só no desenvolvimento de um judô voltado prioritariamente às dimensões técnicas e esportivo-competitivas ao longo de sua

história, como atualmente vem proporcionando uma veiculação de informações e conhecimentos superficiais, fragmentados e descontextualizados. Como exemplo, é possível apontar a ideia dos valores do judô que vem sendo divulgada e evidenciada pela Federação Internacional de Judô, a FIJ (ou IJF em inglês).

De acordo com vídeos compartilhados no perfil de suas redes sociais, ela transmite ideias distintas em momentos diferentes a respeito desses valores, o que causa divergência de entendimentos, além de dúvida quanto às referências de tais afirmações. No vídeo intitulado *New - IJF Judo rules January 2018 (QUICK GUIDE TO JUDO, 2016)*, a instituição reguladora da modalidade no mundo afirma que o judô possui um código moral que opera a partir dos seguintes valores: educação (polidez), coragem, sinceridade, honra, modéstia, respeito, autocontrole e amizade. Já no vídeo *Judo, the Olympic Spirit (JUDO, 2018)* apresenta a amizade, o respeito e a excelência como valores da modalidade, tentando fazer uma comparação com os valores olímpicos.

A maneira como os vídeos tratam o assunto acaba sendo superficial, ao mesmo tempo que passam a ideia de que esses valores são pressupostos referentes à sua gênese, o que não é uma verdade. À título de curiosidade, o código moral que a FIJ apresenta em seus vídeos é uma criação de Bernard Midan, de 1985, que tinha como objetivo mostrar aos praticantes mais jovens de judô a importância das atitudes morais como meio de desenvolvimento pessoal, para além da simples prática da atividade física (PARENT, 2013).

De acordo com Matsumoto (1996), Kano enfatizava a importância de se desenvolver as seguintes qualidades morais: a inteligência, a personalidade superior, a simplicidade, a justiça, a equidade, a paciência, a educação (polidez), a modéstia, a honestidade e a benevolência para com os outros. Ou seja, o que se apresenta hoje como elemento constituinte do judô refere-se à uma forma específica de compreensão do ensino da modalidade, no caso francesa, e não de uma concepção tradicional.

Desse modo, sem qualquer intenção de hierarquizar ou dar maior importância a determinadas qualidades morais no processo de ensino do judô, o que cabe ser apontado aqui é a falta de clareza, acesso e referência às ideias, concepções e conhecimentos constituintes da cultura do judô, que vive na prática um conhecimento pautado no senso comum e no exotismo, assim como grande parte das lutas (FRANCHINI et al., 1996).

3.5 CONSIDERAÇÕES

Por meio do levantamento e análise da produção científica sobre o judô, verificou-se um crescimento substancial na última década, porém com um baixo índice percentual de publicações em âmbito nacional se comparado ao total de trabalhos analisados. Ainda sim, a modalidade figura entre as três manifestações de lutas com mais veiculações nos periódicos avaliados.

Especificamente no que se refere aos princípios e valores da modalidade, observa-se uma escassez de publicações sobre o tema, tanto nacional quanto internacionalmente, o que pode ser resultado de dois aspectos que se entrelaçam e contextualizam a situação atual da modalidade, quais sejam: 1. a predominância de uma perspectiva técnica e esportiva do judô, pautada no rendimento competitivo, que impulsiona o desenvolvimento de uma atuação científica na área da biodinâmica e 2. a dificuldade de acesso aos conhecimentos, resultado da imposição da barreira linguística às fontes originais e aos estudos sobre o tema, que se concentram, especialmente, na língua inglesa e japonesa.

Importante ressaltar a limitação do estudo no que tange ao recorte dos periódicos nacionais analisados, situados entre os extratos B2, B1 e A2, evidenciando uma possível caracterização dos dados distinta para um grupo de publicações eventualmente com outra classificação, fato, inclusive, que aponta para possibilidades de aprofundamento da pesquisa.

Considerando o desenvolvimento organizacional esportivo do judô nas últimas décadas e sua intensa institucionalização, sugere-se que suas federações – nacionais e internacionais – contribuam no desenvolvimento de práticas que fomentem não só os aspectos técnicos e competitivos do esporte, mas também os relacionados aos saberes conceituais e atitudinais que a modalidade é capaz de ofertar, tais como o reconhecimento, interpretação e análise de conhecimentos históricos e relações sociais que estabelece com os diferentes contextos, dos quais os princípios e valores são apenas uma pequena parte.

Esse processo de fomento se mostra fundamental para que a vivência do judô avance para um caminho mais profundo, claro e desmistificado, transformando seu atual acesso, caracterizado pela fragmentação dos seus saberes e de uma prática pautada no senso comum, em um contato cada vez mais integral, arraigado e contextualizado historicamente e cientificamente. Para tanto, uma aproximação entre

instituições reguladoras, pesquisadores e a própria sociedade judoística se faz necessária, uma vez que juntos poderiam avaliar e rediscutir necessidades, propor investigações, traçar novos objetivos e solidificar a pretensa atuação educativa da modalidade.

A ideia do compartilhamento do conhecimento como elemento propulsor do progresso da sociedade – que nos primórdios seu fundador realizou exaustivamente ao redor do mundo – se mostra como postura fundamental no processo de ressignificação do judô. Não como uma tentativa de reviver nostalgicamente ou irrefletidamente princípios que foram pensados há mais de um século, mas de reforçar uma ideia que nunca deixou de ser fundamental, a da democratização da educação, em que o acesso às diversas manifestações culturais criadas historicamente pela humanidade, é um direito de todos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, F. H. C. et al. Um retrato da pesquisa brasileira em Educação Física escolar: 1999 – 2003 Introdução Pedagogia da Educação Física Escolar. **Motriz**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 179–184, 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/11ELPa.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- BARCZYŃSKI, B. J.; KALINA, R. M. Science of Martial Arts – Example of the Dilemma in Classifying New Interdisciplinary Sciences in the Global Systems of the Science Evaluation and the Social Consequences of Courageous Decisions. **Procedia Manufacturing**, [s. l.], v. 3, n. Ahfe, p. 1203–1210, 2015.
- BETTI, M.; FERRAZ, O. L.; DANTAS, L. E. P. B. T. Educação Física Escolar : estado da arte e direções futuras. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, [s. l.], v. 25, n. Número especial, p. 105–115, 2011.
- BRACHT, V. et al. A educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): Parte I. **Movimento**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 11–34, 2011.
- BRACHT, V. et al. A educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): Parte II. **Movimento**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 11–37, 2012.
- BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; GODA, C. A Produção Científica Sobre Surf: Uma Análise a Partir Das Publicações Entre 2000-2011. **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 869–885, 2013.
- BRASIL. **Diesporte**: Diagnóstico Nacional do Esporte – Caderno 2. Brasília: Ministério do Esporte, 2016.

CARNEIRO, F. F. B.; PÍCOLI, C.; SANTOS, W. Dos. Fundamentos ontológicos e epistemológicos das lutas corporais. **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 725–738, 2015.

CAVAZANI, R. N.; CESANA, J. **Paralelos entre a iniciação competitiva precoce e a formação de técnicos de judô**. São Paulo: CREF4/SP, 2019.

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô**: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011. 2012. UNESP - Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96052?show=full>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CAZETTO, F. F. et al. Judô e esporte dos mais jovens: os pais no cenário competitivo. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 164–181, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637760>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CAZETTO, F. F.; LOLLO, P. C. Publicações Sobre Lutas E Artes Marciais Em Congressos De Iniciação Científica Martial Arts Publications in Scientific Initiation. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 187–199, 2010.

CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P. C.; LOLLO, P. C. A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 159–173, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637748>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. UNESCO declara judô como esporte mais adequado para crianças. **CBJ, Notícias**, 2013. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/2924/unesco-declara-judo-como-esporte-mais-adequado-para-criancas.html>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

_____. Engrenagem do judô alavanca desenvolvimento da modalidade no Brasil. **CBJ, Notícias**, 2014. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3707/engrenagem-do-judo-alavanca-desenvolvimento-da-modalidade-no-brasil.html>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

CYNARSKI, W. J. Towards a general theory of fighting arts. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 4–5, 2016. Disponível em: <<http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/artesmarciales>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. Shōnen Jūdō-no-kata [“Forms of Jūdō for Juveniles”] —an experimental Japanese teaching approach to Jūdō skill acquisition in children

considered from a historic-pedagogical perspective – part I. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 95–111, 2013a. Disponível em: <<http://6036.indexcopernicus.com/abstracted.php?level=5&ICID=1090653>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. Shōnen Jūdō-no-kata [“Forms of Jūdō for Juveniles”] —an experimental Japanese teaching approach to Jūdō skill acquisition in children considered from a historic-pedagogical perspective – part II. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 95–111, 2013b. Disponível em: <<http://6036.indexcopernicus.com/abstracted.php?level=5&ICID=1090653>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. The “jūdō sukebei” phenomenon: when crossing the line merits more than shidō [“minor infringement”] —Sexual harassment and inappropriate behavior in jūdō coaches and instructors. **Problems of Psychology in the 21st Century**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 85–128, 2015. Disponível em: <http://www.scientiasocialis.lt/ppc/files/pdf/85-128.DeCree_Vol.9-2_ppc.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. Kōdōkan Jūdō’s Three Orphaned Forms of Counter Techniques – Part 1: The Gonosen-no-kata – “Forms of Post-Attack Initiative Counter Throws”. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 11, p. 93–123, 2015a. Disponível em: <http://archbudo.com/view/abstracts/issue_id/388>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. Kōdōkan Jūdō’s Three Orphaned Forms of Counter Techniques – Part 2: The Nage-waza ura-no-kata — “Forms of Reversing Throwing Techniques”. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 11, p. 125–154, 2015b. Disponível em: <http://archbudo.com/view/abstracts/issue_id/388>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C. Kōdōkan Jūdō’s Three Orphaned Forms of Counter Techniques – Part 3: The Katame-waza ura-no-kata — “Forms of Reversing Controlling Techniques”. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 11, p. 155–171, 2015c. Disponível em: <http://archbudo.com/view/abstracts/issue_id/388>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō’s Elusive Tenth Kata: The Gō-no-kata: “Forms of Proper Use of Force” - Part 1. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 5, p. 55–73, 2009a. Disponível em: <http://files.4medicine.pl/download.php?cfs_id=796>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō’s Elusive Tenth Kata-The Gō-no-kata: “Forms of Proper Use of Force” – Part 2. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 5, p. 75–82, 2009b.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō’s Elusive Tenth Kata: The Gō-no-kata: “Forms of Proper Use of Force” – Part 3. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 5, p. 83–95, 2009c.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō’s Inauspicious Ninth Kata-The Joshi goshinhō – “Self-Defense Methods for Women” – Part 1. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 105–123, 2011a.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō's Inauspicious Ninth Kata-The Joshi goshinhō – “Self-Defense Methods for Women” – Part 2. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 125–137, 2011b.

DE CRÉE, C.; JONES, L. C. Kōdōkan Jūdō's Inauspicious Ninth Kata-The Joshi goshinhō – “Self-Defense Methods for Women” – Part 3. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 105–123, 2011c.

DRIGO, A. J. **O JUDÔ; DO MODELO ARTESANAL AO MODELO CIENTÍFICO: Um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do Habitus**. 2007. Universidade Estadual de Campinas, [s. l.], 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275225/1/Drigo_AlexandreJanotta_D.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 396–406, 2009.

DURAN, R. H. H. et al. Identificar quais as expectativas e os fatores que levam os pais a escolherem o judô como atividade esportiva para seus filhos. In: MOTRIZ 2007, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2007.

ESPARTERO, J. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha. In: VILLAMÓN, M. (org.). **Introducción al Judo**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1999.

ESPARTERO, J. El cuerpo concebido por el judo Kodokan: un proyecto educativo de progreso truncado por la reacción. **Movimento**, [s. l.], v. 22, n. 4, p. 1265–1276, 2016.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 79, p. 257–272, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 16 abr. 2020.

FRANCHINI, E.; TAKITO, M.Y.; RODRIGUES, F.B.; MANOEL, E.J. Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de Educação Física. **Proceedings do II Congresso de Iniciação Científica da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo**, 1996. p. 65-69.

FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. Del. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 25, n. spe, p. 67–81, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16844>>. 16 abr. 2020.

GONÇALVES, A. V. L.; DA SILVEIRA, R. Arte marcial e esporte: Um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de pelotas -RS. **Movimento**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 129–147, 2012.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. Da. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 657–671, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n3/10.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

HASHIMOTO, T. Lifelong learning and judo an idea from social education. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 10–19, 1998.

IKEDA, T. Research on the publishing conditions by the generation of books related to judo (1). **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 31, n. 3, p. 44–55, 1999.

IKEDA, T. Research on the publishing conditions by the generation of books related to judo (2). **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 32, n. 3, p. 40–51, 2000.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. O " Estado da Arte " do voleibol e do voleibol na escola. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 175–186, 2016.

ITEYA, M. et al. A study of the reasons for practitioners continuing to study judo. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 13–23, 2011.

JUDO, The Olympic Spirit. **Produção da Federação Internacional de Judô**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-mqY6GZ5Zaw&list=FLeYa3QaP2n7l8SpGSqD-kUQ>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

KANO, J. **Judo (jūjutsu)**. Tokyo: Maruzen Company Ltda., 1937.

_____. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008a.

_____. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do Judô. São Paulo: Editora Pensamento, 2008b.

_____. **Mind over Muscle**: Writings from the Founder of Judo. Tokyo: Kodansha, 2013.

_____. **Judo Kyohon**: Translation of masterpiece by Jigoro Kano created in 1931. San Francisco: Blurb, 2018.

KIRYU, S. The Introduction of the Concept of "Ishinho" to Judo and the Thoughts of Kano Jigoro. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 43, n. 1, p. 27–38, 2010.

LA TAILLE; I. et al. A escola e os valores: a ação do professor. In: **Indisciplina/Disciplina**: ética, moral e ação do professor. Editora Mediação. Porto Alegre, 2005.

MANOEL, E. de J.; CARVALHO, Y. M. De. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 389–406, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000200012&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MATSUMOTO, D. et al. The factor structure of the image of judo by judo athletes and non-judo university students in the United States. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 1–12, 1995. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/28/2/28_1/_pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MATSUMOTO, D. **An Introduction to Kodokan Judo: History and Philosophy**. Tokyo: Hon no Tomosha, 1996.

MATSUMOTO, D.; HA, H. Z. The effects of judo on character traits. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 39, n. 2, p. 17–26, 2006.

MATSUMOTO, D.; TAKEUCHI, H.; HORIYAMA, K. Cultural differences in the values of judo instructors. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1–10, 2001. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/34/1/34_1/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MORAES, F. D. De; RUFFONI, R.; SOUZA, G. C. De. A utilização dos princípios filosóficos do judô no cotidiano dos judocas do Rio de Janeiro. **FIEP BULLETIN**, [s. l.], v. 81, n. Special Edition, p. 1–7, 2011.

NAGAKI, K. A study of Jigoro Kano's emphasis and structure of values in judo. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 42–69, 1999. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/32/1/32_42/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NAGAKI, K. et al. The comparative study of value orientations toward sport in judo practitioners. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 1–8, 1997. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/30/2/30_1/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NAGAKI, K. et al. A study of what remains of Jigoro Kano's values in judo after world war II. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 14–31, 2000. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/32/2/32_14/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NAGAKI, K.; IRIE, K. Post-war judo: Values and Attitudes toward the Use of the Weight System in Competition. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 1, n. 13, p. 1–13, 2002.

NAGAKI, K.; YAMASAKI, S. International comparison of educational judo values: Research of Judo Practitioners in Japan, America, Australia and France. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 37–50, 2005. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/38/1/38_37/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NAGAKI, K.; YAMASAKI, S.; YABUNE, T. A study of japanese values toward sport in judo players as compared to general sports people. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 36–46, 1996. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/29/2/29_36/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NASSI-CALÒ, L. Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo [online]. **SciELO em Perspectiva**, 2016. Disponível em: <<https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

OSIPOV, A. Y. et al. Topics of doctoral and postdoctoral dissertations devoted to

judo in period 2000-2016 – the overall analysis of works of Russian experts.

Archives of Budo, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 1–10, 2017. Disponível em:

<<http://archbudo.com/view/abstract/id/11471>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PARENT, P. Le code moral: a la source. **Encre de Shin: Bulletin du Conseil des Ceintures Noires des Alpes-Maritimes**, n. 18, p. 2-17, nov., 2013.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; GUTIÉRREZ-GARCÍA, C. Estudio Bibliométrico sobre las monografías de artes marciales publicadas en España (1906-2006). **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 22–33, 2008. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/269630319>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; GUTIÉRREZ-GARCÍA, C.; CALDERÓN-TUERO, P. Preferred terminology for improving publication visibility of martial arts & combat sports scientific literature. In: (A. A. Figueiredo, C. Gutiérrez-García, Eds.) **PROCEEDINGS OF 2011 SCIENTIFIC CONGRESS ON MARTIAL ARTS & COMBAT SPORTS 2011**, Vizeu, Portugal. **Anais...** Vizeu, Portugal, 2011.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; GUTIÉRREZ-GARCÍA, C.; ESCOBAR-MOLINA, R. Terminological recommendations for improving the visibility of scientific literature on martial arts and combat sports. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 159–166, 2011.

PÉREZ, A. G.; GARCÍA, C. G. **Estudio bibliométrico sobre los artículos de judo indexados en la Web of Science**. 2016. Universidad de León, [s. l.], 2016.

PESET, F. et al. Scientific literature analysis of Judo in Web of Science (R). **Archives of Budo**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 81–91, 2013.

PIAGET, J. El psicoanálisis y sus relaciones com la psicología del niño. In: DELAHANTY, G. PERRES (Comp.). **Piaget y el psicoanálisis**. México: Universidade Autonoma Metropolitana, 1994. p. 181-290. Originalmente publicado em 1920.

QUICK guide to judo. **Produção da Federação Internacional de Judô**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pgfKasol5yc>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

RUFINO, L. G. B. et al. Educação Física escolar no Ensino Médio: analisando o Estado da Arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 353–369, 2014.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pesquisa-ação e Educação Física escolar: analisando o estado da arte. **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 242–251, 2010.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. a Separação Dos Conteúdos Das “Lutas” Dos “Esportes” Na Educação Física Escolar: Necessidade Ou Tradição? **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 1–17, 2011.

SANTOS, G. dos S. et al. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista da Educação Física / UEM**, [s. l.], n. 1, p. 11–14, 1990.

SATO, S. The sportification of judo: global convergence and evolution. **Journal of Global History**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 299–317, 2013.

SHIMIZU, S. The Body Envisioned by Jigorō Kanō: Based on his career as a jūdo master, IOC member and principal of Tokyo Higher Normal School. **Ido Movement for Culture-Journal of Martial Arts Anthropology**, [s. l.], v. 8, p. 29–37, 2008.

SHISHIDA, F. Jigoro Kano's pursuit of ideal jūdo and its succession: Judo's techniques performed from a distance. **Journal of Martial Arts Anthropology**, [s. l.], v. 11, n. 1–4, p. 42–48, 2010a.

SHISHIDA, F. Judo's techniques performed from a distance: The origin of Jigoro Kano's concept and its actualization by Kenji Tomiki. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 165–171, 2010. b.

SHISHIDA, F. A Judo that Incorporates Kendo: Jigoro Kano's Ideas and Their Theoretical Development. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 8, n. 4, p. 225–233, 2012.

SILVA, L. H. Da; JUNIOR, A. C. T.; DRIGO, A. J. Produção científica no judô: da academia às academias. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 6, n. ed. especial, p. 665–677, 2008.

SIMÕES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 183–198, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092016000100183&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2020.

STEVENS, J. **The way of judo**: a portrait of Jigoro Kano and his students. Boston & London: Shambhala Publications Inc., 2013.

TAKAHASHI, S. et al. The differences in attitude toward judo between university and high school students. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 33–44, 1989. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/22/1/22_33/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

TANAKA, S. Value Orientation of Judo and Kendo Instructors at Upper Secondary Schools in Japan. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 1–8, 1981. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/14/1/14_1/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

TANAKA, S. Value Orientation in the Teaching Methods of Judo and Kendo in School. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 9–16, 1982.

TODO, Y. The Background of Kodokan Judo's Thoughts - From Jujitsu to Judo.pdf. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 36–43, 1981.

TODO, Y. What a school judo should be as budo. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 1–8, 1993.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: LA TAILLE; I. et al. **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

TOKARSKI, S. Education and body language . Judo contribution to martial arts. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 133–135, 2011.

TOKARSKI, S. Judo contribution to martial arts – techniques, strategies, values. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 141–145, 2012.

VILLAMÓN, M. et al. Reflexive modernization and the disembedding of judo from 1946 to the 2000 sydney olympics. **International Review for the Sociology of Sport** , [s. l.], v. 39, n. 2, p. 139–156, 2004. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1012690204043458>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

YABUNE, T. et al. A study on the judo principles, the meanings of Seiryoku-Zenyo and Jita-Kyoei, and the Degrees of Present Young Judo Players' Understanding on Those Theorys. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 9–26, 1997. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/30/2/30_9/_article/-char/en>. Acesso em: 16 abr. 2020.

YAMASAKI, S. et al. A comparative study of japanese value in sport as displayed by new zealand and japanese judoists. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 10–18, 1998. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/30/3/30_10/_article>. Acesso em: 16 abr. 2020.

4 ARTIGO III – CONCEPÇÕES TEÓRICAS E ATUAÇÕES PRÁTICAS NO JUDÔ: AS PERSPECTIVAS DE PAIS, PROFESSORES E PRATICANTES

RESUMO

Compreender a forma como o judô é concebido pelos atores que o vivenciam direta e indiretamente possibilita entendimentos que favorecem possíveis transformações de seu ensino. O objetivo deste estudo foi verificar as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas presentes no judô a partir das percepções que pais, professores e praticantes têm a respeito da modalidade. O estudo contou com a participação de 74 voluntários, dentre eles professores, praticantes e pais/responsáveis ligados à vivência do judô, que responderam um questionário com questões fechadas e abertas. Essas foram analisadas a partir da estatística descritiva e da estatística inferencial – para as assertivas de escala Likert – e da metodologia de análise de conteúdo – para as dissertativas. Verificou-se que a concepção dos participantes se mostra heterogênea, com um entendimento que se aproxima tanto de elementos tradicionais como modernos. Praticantes (58,33%) e professores (37,50%) revelaram não ter conhecimento a respeito dos princípios do judô, ao mesmo tempo em que foram unânimes em dizer que o judô trabalha com valores, porém evidenciaram que na prática esses são ensinados sem a devida intervenção, de forma diretiva e prescindindo do diálogo. Verificou-se uma incongruência entre o que os participantes esperam da prática do judô e a forma como é vivenciado. Essa inconsistência entre o que se espera estar fazendo e o que na realidade se faz na prática da modalidade pode ser resultado de um processo de ensino que, aparentemente, não considera os conhecimentos produzidos historicamente em torno do judô como ponto de partida para suas intervenções, principalmente aqueles relacionados aos saberes conceituais e atitudinais

Palavras-chave: atitude. valores. princípios. ensino. aprendizagem.

4.1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, especificamente no final de 1950 e início de 1960, o judô passou por um processo de popularização internacional que se consagrou com a figura do primeiro estrangeiro – Anton Geesink, holandês – a conquistar um campeonato mundial (1958) e uma medalha de ouro em Jogos Olímpicos (1964), derrotando os implacáveis atletas japoneses. Tal feito deu início à um crescimento do judô sem precedentes em âmbito global, que se desenvolveu ainda mais após outras conquistas de atletas estrangeiros, tal como Willem Ruska da Alemanha com a dupla conquista da medalha olímpica nos Jogos de Munique (1972) na categoria pesado (+93 kg) e na categoria absoluto (DE CRÉE, 2013).

Apesar desses acontecimentos terem sido marcantes no processo de popularização do judô, é importante dizer que essa perspectiva de divulgação pautada essencialmente no viés esportivo-competitivo tem suas raízes próximas ao início de sua criação e remonta aos primeiros anos do século XX.

A forma como o judô foi apresentado, em muitos países, baseou-se na ideia do desenvolvimento de habilidades capazes de proporcionar vitórias físicas sobre outros oponentes durante competições ou desafios de lutas. Essa perspectiva parece estar ligada, em certa medida, aos testes de eficiência que Jigoro Kano teve de submeter o judô, no início de sua criação, para alavancar o reconhecimento do seu sistema de educação (FRANCHINI; DEL'VECHIO, 2007).

De toda forma, se esse formato de disseminação foi verificável na Europa e na América (DE CRÉE, 2013), nada mais comum que tenha sido reproduzido, em parte, no Brasil. E apesar de toda a controvérsia e falta de estudos historiográficos mais detalhados a respeito do surgimento do judô no país, as primeiras manifestações da arte marcial surgem a partir de duas versões.

A primeira trata da chegada dos imigrantes japoneses em 1908 no navio Kasato Maru, com o objetivo de fazer fortuna e voltar para sua terra natal (NUNES; RUBIO, 2012). Nessa permanência, inicialmente provisória, os imigrantes praticavam o judô como forma de manutenção de sua cultura em momentos de lazer, que por sua vez, foi sendo introduzido aos poucos à sociedade brasileira como forma de sociabilização (TANNO, 2008).

Já a segunda versão indica a vinda dos primeiros professores-lutadores com o intuito de difundir a prática no país. Dentre eles, são apontados Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, ambos representantes do Kodokan, como lutadores que viajaram o Brasil fazendo demonstrações e desafios que enalteciam a superioridade de suas técnicas e de seu estilo de luta, o judô (NUNES; RUBIO, 2012).

Sem a intenção de aduzir qual delas pôde ter sido a mais relevante nesse processo, é possível inferir que a orientação do entendimento, contato e valoração da população em relação ao judô se deu, também, a partir de duas vias que se relacionam diretamente com as versões anteriormente apresentadas.

Uma com a realização da transmissão dos conhecimentos e valores da arte marcial pelos imigrantes japoneses prioritariamente pela oralidade (DRIGO, 2007) e a outra a partir das apresentações e realizações de confrontos (FRANCHINI;

DEL'VECHIO, 2007; NUNES; RUBIO, 2012), que posteriormente foram substituídos pelas competições.

O resultado dessa via dupla de apreensão do judô pela comunidade brasileira certamente contribuiu para o estado dicotômico em que a modalidade se encontra atualmente. De acordo com Drigo, Oliveira e Cesana (2006), o judô vive dois universos, ora distintos, ora complementares: o compreendido como *tradicional*, oriundo da herança cultural de sua gestação e o relacionado ao *desporto de rendimento*, herdado pelas características desportivas da modalidade. Para o autor,

Ambos universos estão presentes concomitantemente na prática e no cotidiano do judô, possibilitando contrastes e incoerências em pontos conflitantes nos trabalhos que visam desempenho (metodologia de treino) e aspectos tradicionais e culturais (DRIGO; OLIVEIRA; CESANA, p. 76, 2006).

Apesar desses dois tipos de vivência coexistirem, é importante destacar que a perspectiva ligada ao *rendimento*, na qual os saberes técnicos da modalidade são o foco do ensino com vistas ao desempenho esportivo-competitivo, vem prevalecendo como modelo no processo de ensino e aprendizagem no país (CAVAZANI; CESANA, 2019). E mesmo que o judô ainda seja considerado pela população um esporte que proporciona uma educação integral, inclusive com apelo a um desenvolvimento moral – possível resquício de sua perspectiva *tradicional* – aspectos importantes como os conhecimentos ou saberes conceituais e atitudinais ligados ao capital cultural do judô vêm sendo deixados de lado e/ou tratados de forma descontextualizada.

Essa situação fomenta um ambiente complexo e, por vezes, confuso de ser compreendido pela sociedade, já que pode não deixar claro quais são os possíveis objetivos e intentos da atuação prática do judô. Conseqüentemente, tal arranjo parece prejudicar o desenvolvimento de sua democratização¹, uma vez que limita o acesso² aos seus conhecimentos junto à população, tanto no que tange aos tempos e espaços

¹ O termo democratização é aqui utilizado em uma perspectiva que transcende a dimensão política e institucionalista, levando também em consideração seu viés cultural, ou seja, que sugere não só uma participação efetiva dos indivíduos nas instituições, como também de uma cultura social pautada em valores como a justiça, a igualdade e a equidade. Logo, o que se espera com a utilização da derivação do termo democratização do judô é que os aspectos de seu acesso, de sua prática de ensino e do seu consequente processo de aprendizagem sejam alicerçados nesses ideais.

² É importante frisar que o entendimento que se tem aqui sobre o acesso aos conhecimentos do judô, leva em consideração dois aspectos: 1. os tempos e espaços disponíveis para contato: em que é necessário superar a ideia de se vivenciar ou acessar o judô apenas a partir da prática presencial da modalidade, mas também na possibilidade de se oferecer a possibilidade de entrar em contato com seus conhecimentos a partir de outros meios, tais como produções escritas, representadas por livros, manuais, apostilas, artigos científicos e outros materiais didáticos, por produções audiovisuais, como vídeos, filmes e entrevistas e de ações de socialização do conhecimento, marcadas pela existência de por grupos de estudo e grupos de discussão presencial ou à distância com a utilização das tecnologias existentes; 2. as características dos saberes no processo de ensino e aprendizagem: preocupa-se com o fator limitante da oferta da modalidade a partir da prevalência dos saberes corporais e técnicos do judô em detrimento dos saberes conceituais e atitudinais necessários para uma prática pedagógica e de aprendizagem mais contextualizada e integral da modalidade. Além das formas em que esse processo de ensino e aprendizagem acontecem, se em ações voltadas para a participação ativa, reflexiva e dialógica ou a partir de situações passivas, diretivas e irrefletivas.

de contato disponíveis quanto às características desses saberes no processo de ensino e aprendizagem.

O acesso ao judô no Brasil parece ainda acontecer de forma consideravelmente restrita, isso porque apesar das iniciativas governamentais e do terceiro setor em proporcionar a ampliação de sua prática nas últimas duas décadas, o contato com a modalidade ocorre, prevalentemente, a partir da iniciativa privada e, portanto, restrito a boa parte da população – como pode-se inferir a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, na qual as pessoas que afirmaram praticar lutas e artes marciais como esporte/atividade física principal, em 76,6% dos casos, fizeram-no em instalações esportivas com algum tipo de pagamento (IBGE, 2017). Ao mesmo tempo, ainda parecem incipientes as alternativas para o contato com os conhecimentos da modalidade a partir de momentos e locais que não sejam presenciais e que prescindem da figura do professor, haja visto o número limitado de obras literárias e científicas sobre o assunto, de produções audiovisuais como filmes, documentários, reportagens e entrevistas, assim como a falta de espaços para a troca de informações e discussões sobre a área, tanto em uma perspectiva informal de aprendizado quanto com uma abordagem para a formação continuada dos envolvidos com seu ensino.

E quando se trata das características dos saberes ofertados nessas formas de acesso existentes, essa limitação continua evidente. Isso porque esses canais de contato parecem não proporcionar uma oferta de conhecimentos sobre a modalidade que extrapole o desenvolvimento dos saberes corporais³ e principalmente técnicos, em direção a uma vivência da modalidade preocupada com os outros conhecimentos que fazem parte de seu capital cultural, tais como os saberes conceituais e atitudinais, e que também proporcione uma relação mais ativa e participativa de seus praticantes em contraposição às posturas passivas e de submissão ainda presentes e apontadas em determinados estudos (CAVAZANI, 2012; FREITAS, 1989).

³ Os saberes corporais são entendidos como o “o que se deve saber fazer”, ou seja, são os conteúdos que se relacionam diretamente com os conhecimentos práticos. Como exemplo, no caso do judô, seria saber realizar os *ukemis* (quedas) ou as técnicas de *nage-waza* (técnicas de projeção). De acordo com González e Bracht (2012), é possível ampliar a ideia desses conhecimentos para outras capacidades que vão além dos dos saberes corporais. Há de se apontar a relevância de conhecimentos da modalidade que estão relacionados a conceitos (como seu processo histórico de evolução e os princípios da modalidade criados por seu fundador) e a atitudes (tais como os valores pressupostos na prática do judô e a forma como o praticantes se relacionam com eles). Nesse sentido, portanto, teríamos a incorporação de conteúdos nas dimensões conceitual e atitudinal que, respectivamente, significam “o que se deve saber” e “como se deve ser”. Curiosamente, tal perspectiva de desenvolvimento dos conhecimentos do judô possui uma relação próxima aos objetivos propostos por Jigoro Kano, que o entendia como elemento de educação integral nos aspectos físicos, intelectuais e morais (KANO; 2008a, 2013).

Levando em consideração os aspectos históricos de desenvolvimento do judô no Brasil e as características do acesso aos seus conhecimentos existentes no país, é possível considerar que esses sejam fatores que vêm contribuindo para um estado de incoerência ou desalinho entre as concepções que os envolvidos têm a respeito dos objetivos da modalidade e os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos no cotidiano de sua vivência. E essa hipótese faz sentido na medida em que no imaginário social da população as lutas, e portanto, o judô, possuem a capacidade de contribuir na disciplina de seus praticantes (GONÇALVES; SILVEIRA, 2012; SOUSA et al., 2019) apesar de indicações da existência de uma oferta de ensino predominantemente pautada em um modelo esportivo-competitivo, no qual o aprendizado técnico é a tônica dos processos de ensino (CAVAZANI, 2012; CAVAZANI; CESANA, 2019; CAVAZANI; REVERDITO; DRIGO, 2016).

De acordo com Matsumoto et al. (1995), melhorar a compreensão de como o judô é visto e percebido pela comunidade ao redor do mundo pode contribuir na criação de programas de difusão da modalidade mais próximos e contextualizados às necessidades e especificidades de seus interessados.

E apesar de se verificar uma produção científica razoável nesse sentido, tentando compreender a imagem e os valores que técnicos e praticantes têm a respeito do judô em países como França, Japão, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos (KAISE et al., 1989; MATSUMOTO et al., 1995; MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001; NAGAKI et al., 1997; NAGAKI; YAMASAKI, 2005; NAGAKI; YAMASAKI; YABUNE, 1996; OKADA et al., 2000; TANAKA, 1981, 1982; YAMASAKI et al., 1998), fica evidente a falta de atenção para outros integrantes das comunidades judoísticas⁴, principalmente no que diz respeito aos pais ou responsáveis dos praticantes. Nesse sentido, é necessário dizer que compreender também suas concepções em relação ao judô se faz mister, uma vez que esses são os grandes incentivadores da inserção inicial dos jovens alunos na modalidade, além de seus maiores apoiadores ao longo de suas práticas e que, portanto, tornam-se fundamentais no desenvolvimento da arte marcial (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010).

⁴ Aqui, a utilização do termo comunidade judoística pressupõe os mesmos significados e propósitos de seu referente – comunidade escolar – que destaca a importância dos envolvidos no processo de construção de uma escola democrática. Nesse sentido espera-se, portanto, que as diversas comunidades – formadas por praticantes, professores, pais e gestores – estabeleçam uma relação tal de diálogo e de percepção da importância de seus membros, que suas expectativas para com a modalidade sejam compartilhadas, refletidas e possam ser geradoras de um processo educativo condizente.

No Brasil, apesar desse tipo de pesquisa ainda não ter recebido a devida atenção e exclusividade, já foi tratada indiretamente em alguns estudos que contribuíram com o inicial desvelamento da problemática da falta de coerência entre as concepções que se têm do judô e a prática do processo de ensino e aprendizagem da modalidade no país (CAVAZANI; IAOCHITE, 2015; CAZETTO et al., 2010; CAZETTO; MONTAGNER; LOLLO, 2010; SANTOS et al., 1990; SILVA; SANTOS, 2005).

Assim, o estudo teve como objetivo verificar as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas presentes no judô a partir das percepções que pais, professores e alunos têm da modalidade, especificamente no que diz respeito aos saberes conceituais e atitudinais.

4.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser considerada de cunho exploratório, uma vez que tem sua importância pautada no desvelamento de ideias e familiarização com um determinado fenômeno, na tentativa de obter uma nova concepção e/ou entendimento acerca da temática em foco (MARCONI; LAKATOS, 2002). Além disso, possui uma abordagem quali-quantitativa e de natureza aplicada já que seus achados podem contribuir na compreensão das relações teóricas e práticas do processo educativo do judô, proporcionando o fomento de novas formas de interação e acesso junto aos seus conhecimentos.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, sob o protocolo CAAE nº 58671816.7.0000.5465 e posteriormente aprovado a partir do Parecer nº 1.812.030. Todos os participantes assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após serem orientados quanto aos objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa.

4.2.1 Participantes

O estudo contou com a participação de diferentes participantes da vivência do judô, quais sejam: professores (n = 24), praticantes (n = 24) e pais/responsáveis de praticantes (n = 26), somando um total de 74 voluntários. Estes foram selecionados a partir de uma abordagem não-probabilística – baseada no julgamento do pesquisador – e por conveniência – a partir da disponibilidade dos sujeitos (SKINNER; EDWARDS; CORBETT, 2015).

Os critérios utilizados para o *grupo de professores* na participação da pesquisa consistiam em: (1) atuar como professor no ensino do judô e (2) ter, no mínimo, a graduação de 1º *dan* da faixa preta (*shodan*). Os dados foram coletados em um evento competitivo para veteranos que, em tese, reúne um número expressivo de potenciais professores em um mesmo local, dinamizando a coleta dos dados.

O grupo foi prioritariamente composto por homens e possui representatividade nos dois maiores níveis de graduação: *Yûdansha* (1º a 5º *dan* – faixa preta), considerados *graduados* pela Confederação Brasileira de Judô (2011) e *Kôdansha* (6º a 10º *dan* – faixas vermelha-branca e vermelha), considerados detentores de *graduação superior*. Seus participantes tinham idade média de 42,13 ($\pm 9,47$) anos; um envolvimento e/ou prática com o judô de 29,08 ($\pm 10,27$) anos e uma atuação média no ensino da modalidade de 18,83 ($\pm 10,81$) anos. Nesse sentido, é possível dizer que se trata de um grupo com um tempo elevado de vivência e experiência no ensino.

Há de se apontar também que 100% dos participantes já tiveram experiências em competições e que os títulos conquistados por eles são equilibrados no âmbito nacional e internacional.

Para o *grupo de praticantes* os critérios de inclusão foram: (1) ser praticante regular de judô há pelo menos um ano, (2) ter, no mínimo, 13 anos de idade⁵ e (3) possuir, no máximo, a graduação de 1º *kyu* (faixa marrom). Os participantes convidados faziam parte de uma turma de alunos considerada adulta em uma academia de judô localizada em um município de grande porte ($\cong 202$ mil) no Estado de São Paulo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

O grupo de praticantes também é formado, em sua maioria, por participantes do gênero masculino, tendo apenas cinco representantes femininas, ou seja, aproximadamente 21%. A média de idade do grupo é de 24,58 ($\pm 11,19$) anos e do tempo de prática é de 6,96 ($\pm 4,90$) anos.

Quanto ao grau de conhecimento sobre o judô, é possível dizer que grande parte do grupo possui um nível compreendido entre médio e alto, uma vez que 21 participantes (87,50%) se encontram em um nível de graduação considerado intermediário e apenas três deles (12,50%) em nível básico (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011). Reiterando a ideia do nível de conhecimento esperado

⁵ Os pesquisadores entenderam a idade de 13 anos como mínima já que, em teoria, as habilidades e capacidades de escrita e argumentação estariam melhores desenvolvidas para o preenchimento das questões dissertativas do instrumento de coleta dos dados.

dos participantes, vale ainda destacar que 17 dos praticantes (70,83%) possuem a graduação de 1º *kyu* (faixa marrom) que precede o nível de *graduado* conferido aos detentores da faixa preta (de 1º a 5º *dan*).

Em relação à participação em competições, o grupo se mostra heterogêneo, uma vez que 45,83% não possui vivência, ao passo que 54,17% já havia experimentado o judô em sua forma competitiva. Estes últimos, relataram sucesso na obtenção de títulos prioritariamente em nível regional e local.

O *grupo de pais/responsáveis* foi composto por participantes que se encontravam dentro do seguinte critério: (1) ser pai, mãe ou responsável legal de um praticante regular de judô com, no mínimo, um ano de vivência. Estes foram convidados a participar do estudo enquanto assistiam as aulas de seus filhos, em duas turmas distintas (de adultos e de crianças) da mesma academia de judô que foram coletados os dados dos praticantes.

Diferentemente dos outros dois grupos, há certo equilíbrio entre os gêneros do grupo de pais, inclusive com uma leve prevalência das mulheres (53,85%). A idade média dos participantes é de 40,08 ($\pm 6,57$) anos e o tempo de prática de seus filhos e, conseqüentemente, do contato indireto que têm com o judô é de 3,91 ($\pm 2,90$) anos.

A graduação dos filhos dos participantes pode ser caracterizada como heterogênea, apesar de haver uma leve prevalência no nível *básico* (entre as faixas branca – 12º *kyu* e amarela – 6º *kyu*) com 57,69% de incidência, contra os 42,31% de filhos com uma graduação considerada *intermediária* (entre as faixas laranja – 5º *kyu* e marrom – 1º *kyu*).

4.2.2 Instrumento

Para o desenvolvimento da pesquisa solicitou-se aos participantes preencher um questionário desenvolvido especificamente para o estudo, o qual passou por um processo de validação que contou com as seguintes etapas: 1. *design* do questionário piloto a partir da fundamentação teórica; 2. aplicação e avaliação de professores, praticantes e pais/responsáveis de praticantes; 3. reformulação; 4. duas rodadas de validação com especialistas e 5. validação estatística.

A validação junto aos especialistas se ateve aos aspectos relativos ao conteúdo ou *Content Validity* em duas dimensões: quanto à *Representatividade* (verificando se o item é representativo em relação à definição teórica que delinea a dimensão da qual

pertence) e a *Clareza* (avaliando quão claro os itens se apresentam para os futuros respondentes) (RUBIO et al., 2003).

Vale apontar que os três especialistas colaboradores eram doutores e possuíam uma prática de trabalho e/ou pesquisa na área do judô de 26,3 anos em média, com tempo mínimo de 17 anos e máximo de 37 anos. Além disso, dois são graduados como 4º *dan* e um como 1º *dan* da faixa preta.

Após a primeira rodada de avaliação foi realizada a readequação de sua estrutura a partir das considerações dos especialistas, que culminou em sua versão final, composta por 54 questões, distribuídas em cinco dimensões. Treze dessas questões eram abertas e 41 fechadas que utilizavam uma escala Likert de cinco pontos, considerando 1 = Concordo plenamente, 2 = Concordo, 3 = Não concordo, nem discordo, 4 = Discordo e 5 = Discordo plenamente. O resultado da segunda rodada foi avaliado a partir do método *Content Validity Index*, proposto por Rubio et al. (2003) e que, ao final, sugeriu coeficientes positivos para sua validação.

É importante dizer que a versão final foi estruturada para o grupo de professores. Portanto, sofreu adaptações em nível semântico e no quantitativo de questões, de acordo com as necessidades de entendimento e relevância de questionamento a serem realizadas junto aos grupos de praticantes e de pais/responsáveis.

Por fim, o questionário passou por um procedimento de validação estatística, a partir da utilização do Alpha de Cronbach, que possui larga aceitação acadêmica (HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010; PETERSON, 2013) apesar de haver diferentes entendimentos quanto ao coeficiente necessário para se considerar confiável um instrumento – variando entre 0,65 e 0,95 (BLAND; ALTMAN, 1997; HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010; TAVAKOL; DENNICK, 2011). A seguir, na Tabela 4-1 são apresentados os valores do alpha obtidos para cada um dos questionários utilizados nos grupos:

Tabela 4-1 – Resultado do teste de Alfa de Cronbach dos questionários por grupo.

Grupos	Total
	Alfa de Cronbach
Professores	0,87
Praticantes	0,80
Pais/Responsáveis de praticantes	0,90

4.2.3 Análise dos dados

Os dados do questionário resultantes das questões fechadas foram submetidos a uma análise estatística descritiva e não-paramétrica, na qual verificou-se a frequência dos cinco pontos da escala Likert para cada uma das assertivas, obtendo números absolutos e relativos que foram apresentados em forma de tabelas e gráficos.

Com o intuito de averiguar possíveis associações e diferenças entre as respostas dos três grupos participantes, realizou-se uma análise estatística inferencial dos dados a partir do teste não-paramétrico *Qui-quadrado*, considerando-se $p < 0,05$. De acordo com McHugh (2013), o teste é apropriado para estudos que possuem nível de mensuração nominal ou ordinal, assim como quando o tamanho das amostras dos grupos participantes é diferente. A realização de sua análise foi feita a partir da utilização do software IBM® SPSS® *Statistics* versão 24 para Mac.

Os dados obtidos nas questões abertas foram analisados a partir da metodologia de análise do conteúdo, que pode ser considerada como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2016, p. 44). Foi utilizada a unidade de registro baseada no *tema* e com a regra de enumeração pautada na quantificação, ou seja, a partir da *frequência* de aparições, que resultou em um processo posterior de categorização baseado nos aspectos *semânticos* e *não-apriorístico* (BARDIN, 2016).

4.3 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão apresentados, a seguir, a partir de três das cinco dimensões constituintes do questionário, quais sejam: 1. Demografia da população participante, 2. Concepção de judô e 3. Conhecimento e atuação prática.

4.3.1 Demografia da população participante

Além dos dados apontados anteriormente, que caracterizaram o perfil dos grupos participantes, também foi possível verificar os motivos que os levaram a ingressar no judô.

Dentre as razões para o engajamento dos professores no ensino do judô, as com maior recorrência se relacionam com *Sentimentos de empatia e admiração pela modalidade e/ou professor* (38,46%); *Vontade de transmitir o conhecimento aprendido*

sobre o judô (20,51%); *Envolvimento junto à prática por longo tempo* (15,38%) e *Valorização da modalidade como elemento educativo* (12,82%).

Já os praticantes apontaram as razões pelas quais começaram a frequentar o judô e o motivo mais presente esteve relacionado à *Prática da atividade física e seus possíveis benefícios* (35,13%), basicamente relacionados aos aspectos sociais e de saúde. A segunda categoria está relacionada à *Valorização de aspectos educativos para além da questão do movimento* (21,63%), ou seja, os praticantes escolheram o judô com a expectativa de desenvolverem a disciplina, determinados valores e questões relacionadas a fatores filosóficos, espirituais ou educacionais.

Ao mesmo tempo, ficou claro que a *Influência de pais, parentes e amigos* (18,92%) é significativa na decisão dos praticantes em ingressarem na prática do judô, com o mesmo peso dos *Interesses pessoais* (18,92%). A procura da modalidade com o intuito de desenvolver habilidades relacionadas à *defesa pessoal* é baixa (2,70%) e apesar de termos apenas uma ocorrência, o Praticante 20 indiretamente chama a atenção para o valor que a modalidade tem como uma das alternativas possíveis no processo de inclusão social dos deficientes visuais, uma vez que mostra ter sido este o motivo de seu ingresso no judô.

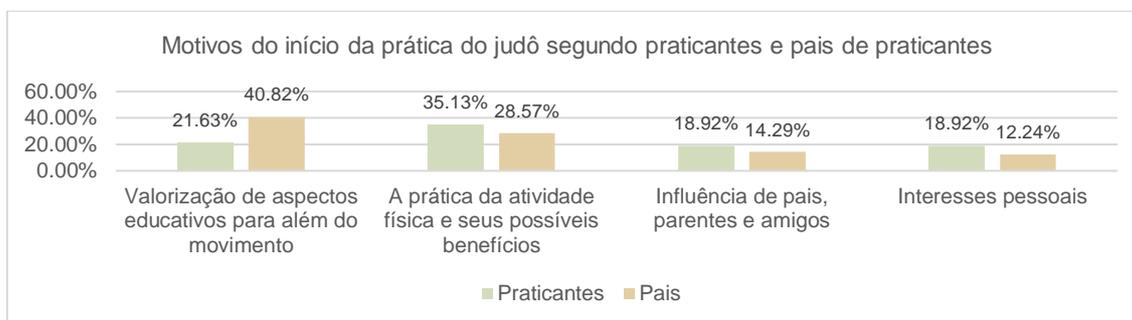
O grupo de pais ou responsáveis por praticantes teve suas razões apresentadas basicamente a partir das mesmas quatro categorias do grupo de praticantes, porém o peso dado a elas é claramente diferente. Assim, constatou-se que houve uma tendência da valorização dos *Aspectos educativos para além do movimento* (40,82%) ser a principal razão para a matrícula de seus filhos no judô.

Em uma porcentagem menor, ainda se comparada ao grupo de praticantes, a *Prática da atividade física e seus possíveis benefícios* (28,57%) apresenta-se como o segundo maior motivo, seguido da *Influência de pais, parentes e amigos* (14,29%) e dos *Interesses pessoais* (12,24%).

A categoria de *defesa pessoal* teve também uma única aparição no grupo de pais (2,04%) e ficou evidente uma nova categoria motivadora no ingresso dos filhos no judô, a *influência das mídias e TIC* (2,04%).

Na Figura 4-1 verificam-se os principais motivos de início da prática do judô de acordo com o posicionamento de pais e praticantes, onde destacam-se a valorização dos aspectos educativos para além do movimento e a valorização da prática de uma atividade física e seus possíveis benefícios.

Figura 4-1 – Gráfico comparativo entre a porcentagem de praticantes e pais das quatro categorias relacionadas às razões do início da prática do judô.



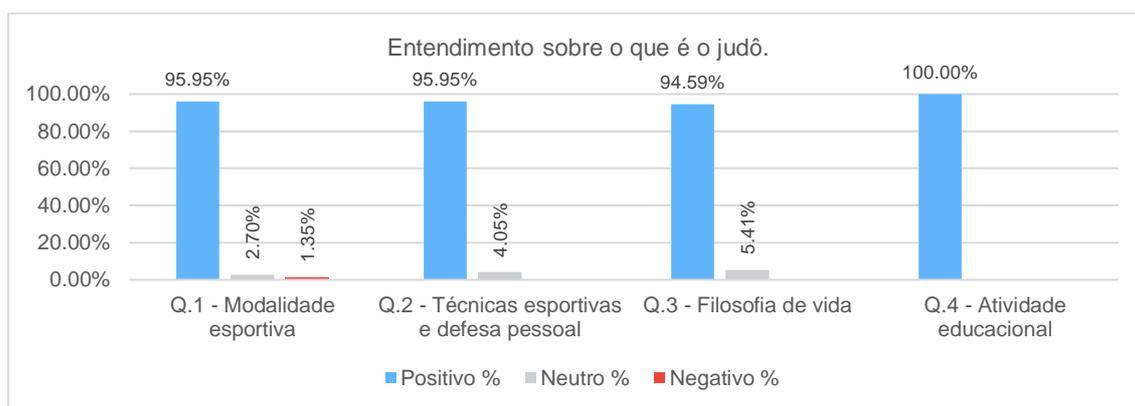
Fonte: o próprio autor.

4.3.2 A concepção de judô

A dimensão teve como objetivo compreender o tipo de concepção que os participantes têm do judô, levando em consideração alguns dos aspectos fundantes propostos por Jigoro Kano (KANO, 1937; 2008a; 2008b; 2013; JIGORO KANO MEMORIAL & INTERNATIONAL SPORT INSTITUTE, 2009) e verificando se existe uma aproximação ou um distanciamento dos participantes desses pressupostos a partir de elementos atualmente vivenciados pelo viés esportivo-competitivo da modalidade.

O primeiro ponto a ser destacado nessa dimensão está no nível de concordância dos grupos para as assertivas propostas. As respostas possíveis para as questões dessa dimensão referentes à escala Likert foram rearranjadas e renomeadas como positiva (agrupando os pontos 1 = Concordo plenamente e 2 = Concordo), neutra (indicando o ponto 3 = Não concordo, nem discordo) e negativa (agrupando os pontos 4 = Discordo e 5 = Discordo plenamente). Verificou-se que as 14 questões tiveram um posicionamento positivo acima de 58% para todos os grupos. Na Figura 4-2 são apresentados os resultados das quatro primeiras questões, mostrando o entendimento dos três grupos juntos sobre o que é o judô. Assim, verificou-se um posicionamento de concordância dos participantes que pode ser apresentado na seguinte ordem: 1º *O judô é uma atividade educacional que envolve diversos aprendizados, tanto práticos quanto conceituais e de atitudes morais e éticas* (100%); 2º *O judô é uma arte marcial que desenvolve técnicas esportivas e de defesa pessoal* (95,95%); *O judô é uma modalidade esportiva* (95,95%); *O judô é uma filosofia de vida* (94,59%).

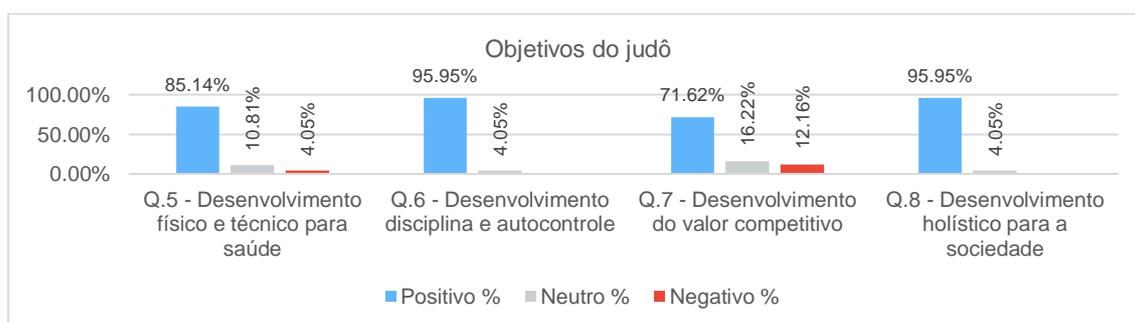
Figura 4-2 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 1, 2, 3 e 4.



Fonte: o próprio autor.

Da mesma forma, na Figura 4-3 observa-se o resultado do posicionamento dos pais, professores e praticantes sobre os objetivos do judô. As assertivas em ordem de concordância se apresentaram da seguinte forma: 1º *O objetivo do judô é desenvolver os aspectos físicos, intelectuais e morais do praticante para que ele possa contribuir com a sociedade* (95,95%), juntamente com 2º *O objetivo do judô é possibilitar que o praticante se desenvolva pessoalmente em sua disciplina e autocontrole* (95,95%); 3º *O objetivo do judô é desenvolver o praticante fisicamente e tecnicamente para a melhora de sua saúde* (85,14%) e 4º *O objetivo do judô é proporcionar a prática esportiva aos seus praticantes, contribuindo com o desenvolvimento do valor competitivo* (71,62%).

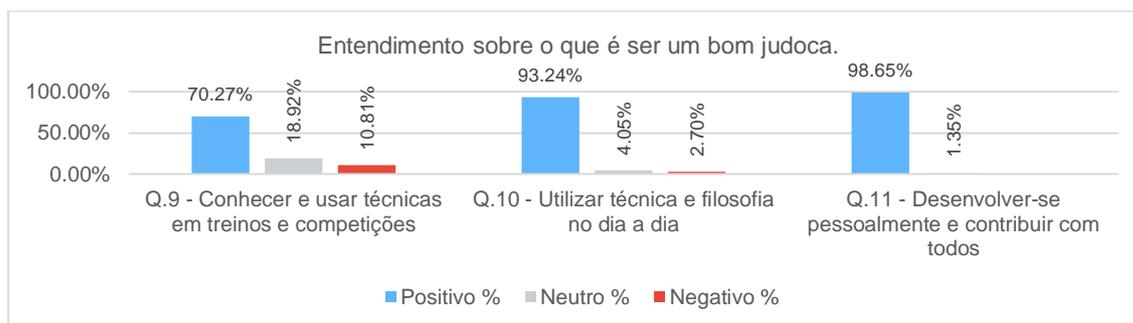
Figura 4-3 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 5, 6, 7 e 8.



Fonte: o próprio autor.

Quanto ao entendimento do que vem a ser um bom judoca (Figura 4-4) verificou-se a seguinte ordem de concordância nas assertivas: 1º *Ser um bom judoca é tentar se superar a cada aula para se desenvolver em vários aspectos e contribuir com os outros* (98,65%); 2º *Ser um bom judoca é conseguir utilizar os conhecimentos técnicos e filosóficos no seu dia a dia* (93,24%); 3º *Ser um bom judoca é conhecer as técnicas e saber usá-las da melhor forma possível nos treinos e nas competições* (70,27%).

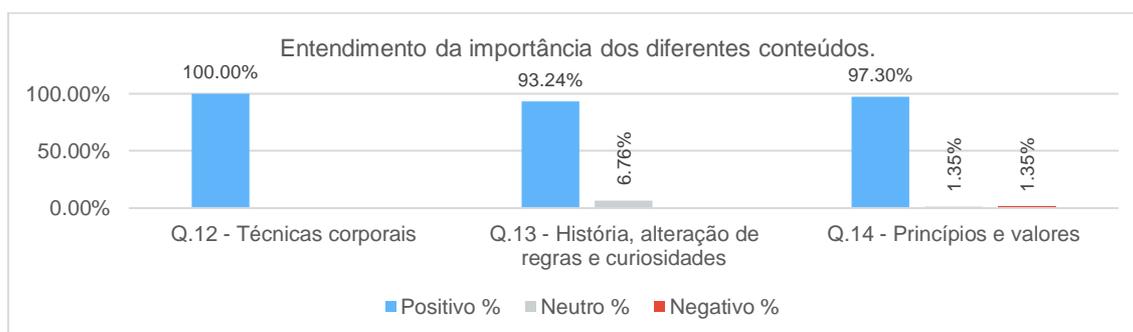
Figura 4-4 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 9, 10 e 11.



Fonte: o próprio autor.

Em relação ao entendimento que os grupos têm a respeito de quais conteúdos são fundamentais de serem ensinados no judô (Figura 4-5), foi possível verificar a seguinte ordem em relação ao nível de concordância das assertivas: 1º *As técnicas corporais (quedas, técnicas de projeção, técnicas de solo, katas e atemi-waza) são conteúdos fundamentais de serem ensinados no judô (100%)*; 2º *Os princípios e os valores do judô são conteúdos fundamentais de serem ensinados no judô (97,30%)* e 3º *Os conhecimentos de história, alterações das regras e curiosidades sobre o judô são fundamentais de serem ensinados no judô (93,24%)*.

Figura 4-5 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 12, 13 e 14.



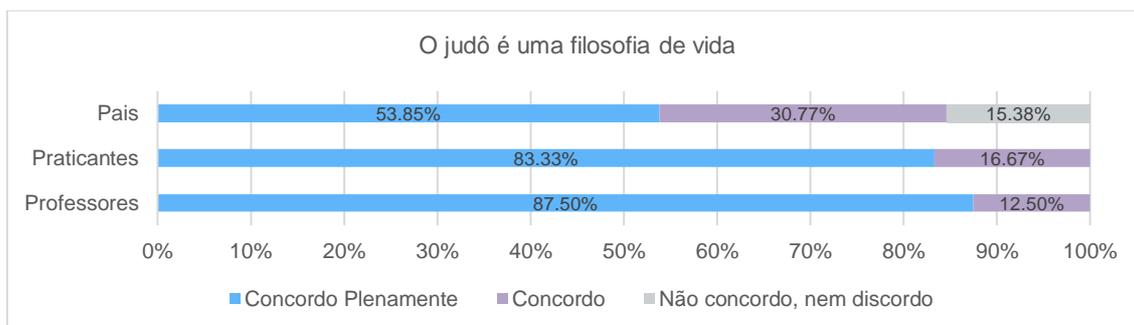
Fonte: o próprio autor.

O teste *Qui-quadrado* apontou falta de associação entre os grupos ($p < 0,05$) apenas para as questões de nº 3 e nº 8. Nesse sentido, verificou-se que tal diferença se deu prioritariamente a partir do posicionamento do grupo de pais/responsáveis, assim como mostram a Figura 4-6 e Figura 4-7, com as respostas originais da escala Likert, em que não houve posicionamentos negativos à assertiva.

Para o grupo de pais há certa neutralidade ou dúvida no entendimento de que o judô possa ser considerado uma filosofia de vida (15,38%), da mesma forma como

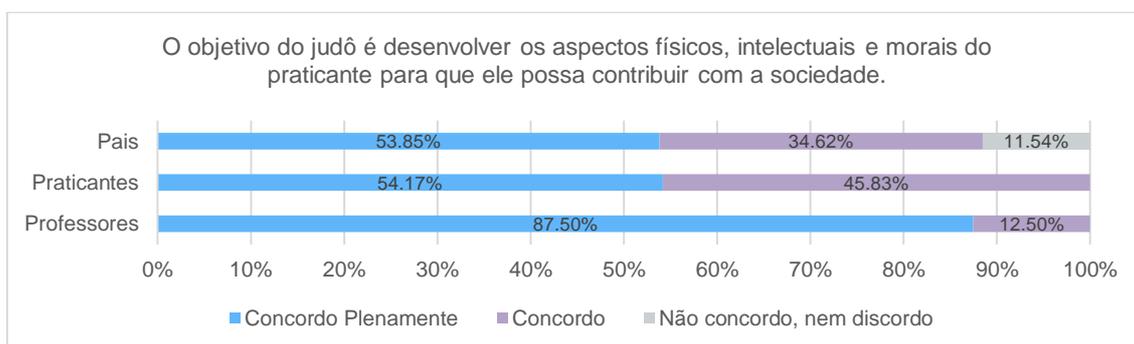
que o objetivo do judô se relaciona com o desenvolvimento de aspectos físicos, intelectuais e morais para um posicionamento de contribuição da sociedade (11,54%).

Figura 4-6 – Gráfico de respostas da questão nº 3, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

Figura 4-7 – Gráfico de respostas da questão nº 8, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

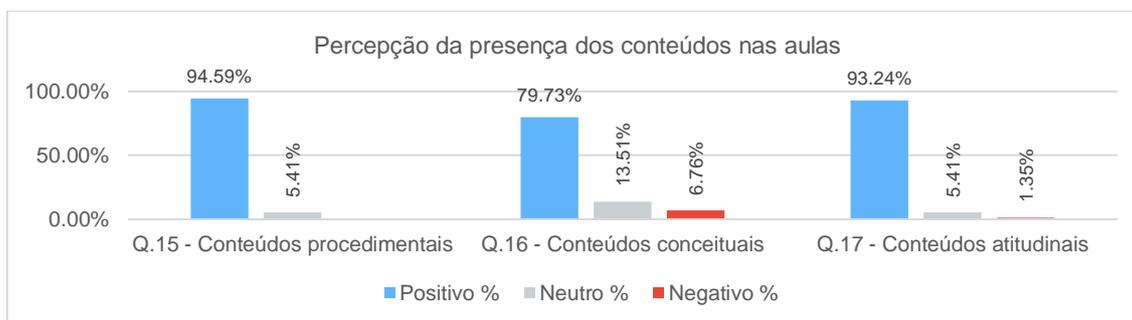
4.3.3 Conhecimento e atuação prática

Essa dimensão teve como objetivo verificar o conhecimento e o posicionamento dos participantes em eventuais situações do dia a dia, compreendendo se estes se traduzem em ações favoráveis ou pouco favoráveis a presença e influência dos princípios do judô idealizados por seu fundador.

Inicialmente, são apresentados os resultados das nove assertivas e, posteriormente, das quatro questões abertas respondidas pelos grupos.

Quando os participantes foram questionados sobre o nível de presença dos conteúdos nas aulas de judô, verificou-se que a percepção dos grupos de participantes sobre o tema se apresentou na seguinte ordem: 1º [...] *muito contato com as técnicas corporais (quedas, técnicas de projeção, técnicas de solo, katas e atemi-waza)* (94,59%); 2º [...] *muito contato com os princípios e valores do judô* (93,24%) e 3º [...] *muito contato com os conhecimentos de história, regras e curiosidades* (79,73%). Ver Figura 4-8.

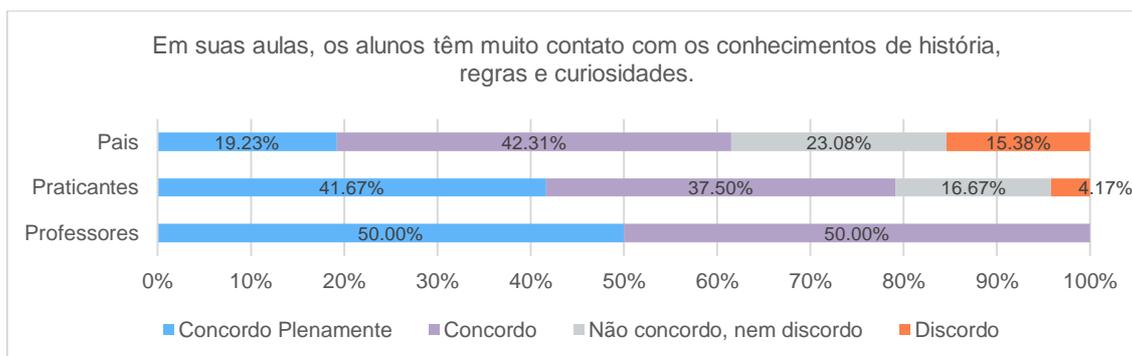
Figura 4-8 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões nº 15, 16 e 17.



Fonte: o próprio autor.

É importante ressaltar que houve diferença de posicionamento entre os grupos para a questão 16, ou seja, falta de associação ($p < 0,05$) especificamente no que diz respeito aos conteúdos relacionados aos conhecimentos de história, regras e curiosidades. É possível observar na Figura 4-9 que enquanto 100% dos professores afirmaram que os alunos têm muito contato com tais conhecimentos, 20,84% dos praticantes se posicionaram de forma neutra e negativa em relação à assertiva, da mesma forma como 38,46% dos pais.

Figura 4-9 – Gráfico de respostas da questão nº 16, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

As assertivas de nº 18, 19, 20, 21, 22 e 23 tratavam de posicionamentos e atitudes a serem tomadas em relação a situações práticas no ambiente do judô. As de nº 18 e 19 propunham situações de luta em que havia a necessidade de escolha entre vencer o combate ou salvaguardar a integridade física do adversário, tanto em situação de treino quanto de competição. A partir delas foi possível verificar, de forma geral, um posicionamento positivo do grupo participante em relação ao cuidado com o adversário em ambas as situações, com porcentagens de 59,49% e 72,97%, respectivamente.

A questão 20 tratava do tema da hierarquia no judô, que foi vista por 93,24% dos respondentes como *algo importante*, [e que] *por isso os alunos devem sempre obedecer os mais experientes ou graduados, sem discussões*.

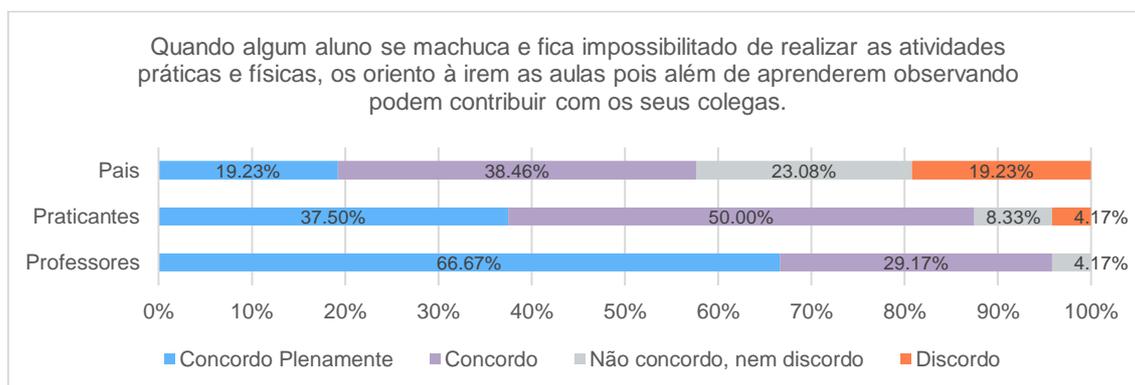
Quando solicitados, na questão 21, a se posicionarem em relação a ideia de que todos os alunos, mesmo pouco graduados, podem ajudar a ensinar os mais novos e menos experientes, ficou expresso um posicionamento positivo em relação à assertiva por parte de 83,78% dos participantes, mostrando uma postura de valorização de um processo de ensino e aprendizagem a partir da participação ativa de todos os envolvidos.

Postura essa que também pode ser encontrada quando da percepção que eles têm em relação à existência de conversas e debates sobre o judô nas aulas. De acordo com as respostas da questão de nº 23, 89,19% dos respondentes disseram que esse tipo de atividade acontece com frequência.

A assertiva de nº 22 sugeria o estímulo à presença nas aulas daqueles que eventualmente estivessem impossibilitados fisicamente, entendendo sua presença como importante para o aprendizado, a partir da observação e do auxílio no ensino dos colegas. Apesar de se verificar um posicionamento a favor de 79,83% dos respondentes, a assertiva apontou para uma divergência de posicionamento entre os grupos ($p < 0,05$).

A partir dos dados apresentados na Figura 4-10, nota-se que as respostas do grupo de pais é pouco consistente em relação à ida de seus filhos às aulas de judô caso estejam impossibilitados fisicamente. Isso fica expresso, uma vez que 42,31% deles se mostraram neutros ou em discordância com tal assertiva, destoando da postura dos outros dois grupos.

Figura 4-10 – Gráfico de respostas da questão nº 22, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

As próximas quatro questões apresentadas eram abertas e pretendiam verificar determinados conhecimentos específicos do judô e como estes se relacionam no processo de vivência prática de seus envolvidos. Por esse motivo, os questionamentos foram propostos apenas para os grupos de professores e praticantes.

Quando perguntados sobre quais seriam os princípios fundamentais do judô, observou-se dentro de cada grupo uma diversidade significativa de considerações sobre o tema. Na Tabela 4-2 é possível verificar que, em ambos os grupos, o maior quantitativo de apontamentos está relacionado à categoria *Outros*, constituída por ideias que foram apresentadas uma única vez, tais como autocontrole, dignidade, superação e companheirismo, por exemplo. Para os professores e praticantes tal categoria representa, respectivamente, 27,27% e 34,29% das citações.

Tabela 4-2 – Categorização e quantificação do reconhecimento dos princípios do judô a partir do posicionamento de professores e praticantes.

Quais os princípios fundamentais do judô?					
Professores			Praticantes		
Princípios	N	%	Princípios	N	%
Outros	18	27,27	Outros	24	34,29
Jita Kyoei	13	19,70	Seiryoku Zenyo	9	12,86
Seiryoko Zenyo	10	15,15	Respeito	9	12,86
Respeito	10	15,15	Jita Kyoei	8	11,43
Disciplina	6	9,09	Disciplina	7	10,00
Ju	4	6,06	Amizade	4	5,71
Humildade	3	4,55	Ju	3	4,29
Hierarquia	2	3,03	Dedicação	2	2,86
-	-	-	Humildade	2	2,86
-	-	-	Solidariedade	2	2,86
Total	66	100	Total	70	100

Fonte: o próprio autor.

Se levarmos em consideração a discussão realizada por determinados autores (BROUSSE, 2002; BROUSSE; MATSUMOTO, 2005; MATSUMOTO, 1996; MESQUITA, 2014; STEVENS, 2007; SUGIZAKI, 2016; UCHIDA; MOTTA, 2013) sobre os princípios fundamentais do judô e dos próprios escritos de Kano (KANO, 1937; 2008a; 2008b; 2013; 2018), é possível notar que esses são expressos prioritariamente a partir das seguintes ideias: o *seiryoku saizen katsuyo* (o melhor uso da energia) ou apenas *seiryoku zenyo* (máxima eficiência), que trata da utilização da energia mental e física da maneira mais eficiente possível para que se chegue ao resultado desejado; o *sojo sojou jita kyoei* (comumente conhecido a partir da abreviação *jita kyoei*) que

remete ao desenvolvimento da prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua, ou seja, da prosperidade e benefício mútuo; o conceito de *ju yoku go o seisu* (ou apenas *ju*) que pode ser entendido a partir da ideia de que “o suave controla o duro” e o conceito de *do* que significa “o caminho para viver a vida”.

Fazendo uma relação com os dados obtidos, verifica-se um baixo nível de reconhecimento de tais conceitos como os princípios fundamentais estabelecidos pelo fundador do judô. Ou seja, no caso do grupo de professores apenas 40,91% de seus apontamentos estão relacionados com os pensamentos desenvolvidos por Kano, valor que diminui para 28,58% no grupo de praticantes.

A respeito desses números, ainda é necessário dizer que em diversas situações, outras palavras ou termos foram apresentados e por comungarem dos mesmos objetivos e/ou ideias centrais de um determinado princípio foram agrupados como tal. Como exemplo, os participantes que apresentaram a ideia de "ajuda mútua" ou "bem-estar e prosperidade mútua" como um princípio foram considerados válidos uma vez que acabam tendo ligação direta com a definição ampliada de *jita kyoei* como apresentada anteriormente.

Além disso, é importante ressaltar que apesar de mais da metade (62,5%) dos professores elencarem os princípios criados por Kano, apenas dois deles (8,33%) trouxeram à tona a compreensão de três desses princípios, oito (33,33%) professores apresentam apenas dois deles e cinco (20,83%) professores reconheceram apenas um desses princípios.

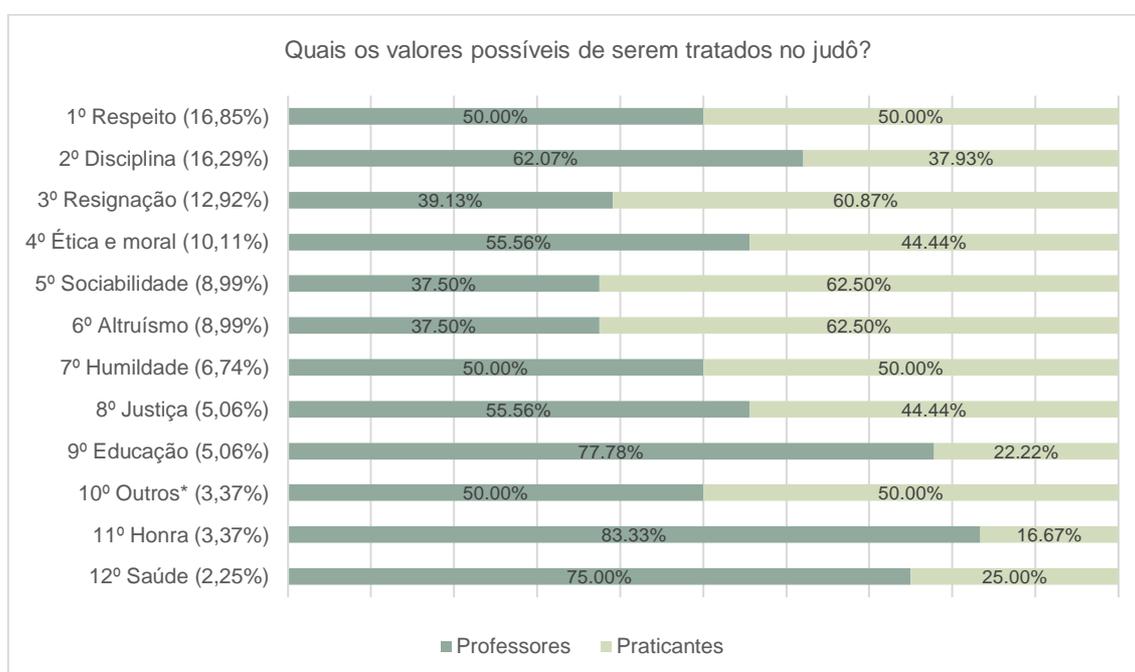
No caso dos praticantes, apenas 41,67% apontaram os princípios criados por Kano, dos quais três desses praticantes (12,50%) trouxeram à tona a compreensão dos mesmos três princípios destacados pelo grupo de professores, quatro deles (16,67%) reconhecem dois dos princípios e três (12,50%) apontaram apenas um desses princípios. Ou seja, 58,33% dos praticantes e 37,50% dos professores não mostraram ter conhecimento a respeito dos princípios fundamentais do judô, apresentando, por outro lado, uma perspectiva diferente de entendimento a respeito das concepções teóricas desenvolvidas por Jigoro Kano.

Os participantes também foram questionados quanto ao fato do judô trabalhar com valores e, apesar de um deles não responder a pergunta, todos os outros foram unânimes em dizer que acreditavam que o judô realizava tal função. A Figura 4-11 apresenta visualmente a ordem de importância das categorias estabelecidas a partir do agrupamento das palavras apontadas pelos participantes, levando em

consideração seus significados semânticos referenciados a partir da obra de Houaiss (2009). Ao mesmo tempo é possível observar a porcentagem da representatividade que professores e praticantes têm em cada uma das categorias.

Assim, a categoria *Respeito* aparece em primeiro lugar com 16,85% dos apontamentos que estão, equitativamente, divididos entre professores e praticantes. As outras duas categorias que também tiveram a mesma representatividade dos grupos foram *Humildade* com 6,74% (7ª posição) e *Outros* com 3,37% (10ª posição).

Figura 4-11 – Gráfico comparativo da representatividade de professores e praticantes para cada categoria de valor, dispostas em ordem de importância.



* A categoria *Outros* no grupo de professores e praticantes foram formadas, respectivamente, por: 1. valores sociais, excelência no dia a dia e tolerância, 2. valores sociais, valores pessoais de vida e servir.

Fonte: o próprio autor.

Levando ainda em consideração a ordem das categorias, o grupo de professores teve maior representatividade nas seguintes categorias: 2º Disciplina (62,07%), 4º Ética e moral (55,56%), 8º Justiça (55,56%), 9º Educação (77,78%), 11º Honra (83,33%), 12º Saúde (75%). Enquanto isso, os praticantes tiveram maior representatividade em: 3º Resignação (60,87%), 5º Sociabilidade (62,50%) e 6º Altruísmo (62,50%).

Professores e praticantes foram solicitados a exemplificar por meio de uma atividade a forma como normalmente esses valores são ensinados. A partir de suas respostas foram realizadas as categorizações dos dados que podem ser verificadas na Tabela 4-3 (professores) e na Tabela 4-4 (praticantes).

Tabela 4-3 – Categorização e quantificação dos tipos de atividades utilizadas pelos professores no ensino dos valores.

Dê um exemplo de atividade que você normalmente utiliza para ensinar um desses valores.	Total	
	N	%
Sem intervenção		
Atividade de postura e etiqueta	8	20
Incentivo à interação entre os participantes (de diferentes níveis e idades)	8	20
Exercício técnico	6	15
Jogos e brincadeiras	5	12,5
Atividades de manutenção do espaço	2	5
Incentivo de ações sociais (doações)	1	2,5
Atividade diversa	1	2,5
Total	31	77,5
Com intervenção mas sem interação		
Apresentação oral dos valores com exemplos	5	12,50
Total	5	12,50
Com intervenção e interação		
Diálogo	4	10
Total	4	10
Total Geral*	40	100

* O total de exemplos de atividades citadas pelos professores foram realizadas a partir de vinte e dois deles, já que dois responderam a questão de forma descontextualizada.

Fonte: o próprio autor.

Tabela 4-4 – Categorização e quantificação dos tipos de atividades utilizadas pelos *senseis* dos praticantes no ensino dos valores.

Dê um exemplo de atividade que o seu <i>sensei</i> normalmente utiliza para ensinar um desses valores.	Total	
	N	%
Sem intervenção		
Incentivo à interação entre os participantes (de diferentes níveis e idades)	9	26,47
Exercício técnico	7	20,59
Jogos e Brincadeiras	3	8,82
Atividade de postura e etiqueta	2	5,88
Atividade diversa	2	5,88
Incentivo de ações sociais (doações)	1	2,94
Total	24	70,59
Com intervenção mas sem interação		
Apresentação oral dos valores com exemplos	2	5,88
Total	2	5,88
Com intervenção e interação		
Diálogo	8	23,53
Total	8	23,53
Total Geral*	34	100

* O total de exemplos de atividades citadas pelos praticantes foram realizadas a partir de vinte e um deles, já que três responderam a questão de forma descontextualizada.

Fonte: o próprio autor.

Nos dois grupos foram identificadas atividades com características semelhantes, que foram agrupadas nas seguintes categorias: 1. *Sem intervenção*, 2. *Com intervenção mas sem interação* e 3. *Com intervenção e interação*. A primeira, *Sem intervenção*, foi formada por atividades que não continham a ação direta do professor na proposição de desenvolvimento dos valores, ou seja, foram apresentadas pelos participantes como atividades que por si só promoveriam o ensino de tais conteúdos, sem a necessidade de intervenção. A segunda categoria, *Com intervenção mas sem interação*, é composta por atividades em que o professor intervém no processo, apresentando intencionalmente determinados conhecimentos sobre os valores, porém não proporciona a interação com os alunos, ou seja, acontece de forma diretiva. Por fim, na terceira categoria, *Com intervenção e interação*, fica proeminente a intencionalidade do professor em tratar os valores, ao mesmo tempo que existe o estímulo à interação com os participantes no desenvolvimento do tema.

Dentro de cada categoria pôde-se notar a presença de subcategorias que dizem respeito ao tipo de atividades desenvolvidas. Essas subcategorias foram praticamente as mesmas para ambos os grupos, com exceção de *Atividades de manutenção do espaço* que apareceu especificamente na fala dos professores (5%) e tem relação com a “limpeza do tatame” (Professor 15) e com a organização dos materiais utilizados (Professor 21).

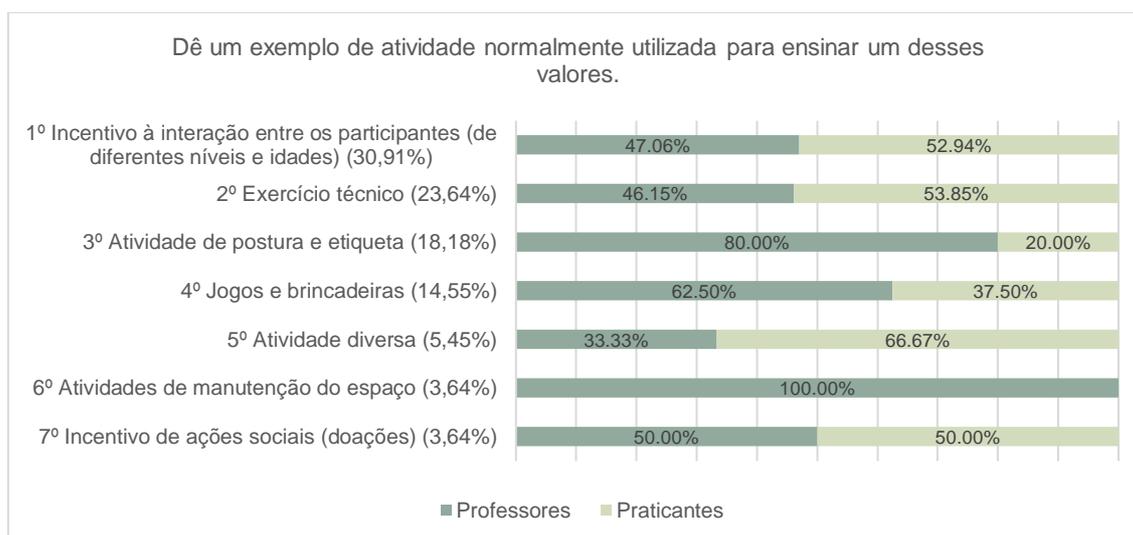
A categoria *Atividades sem intervenção* é responsável pela grande maioria das atividades citadas em ambos os grupos, com 77,5% de ocorrências junto aos professores, 70,59% com os praticantes e que quando somadas representam 74,32%.

Dentro dessa categoria foi possível notar uma aproximação dos exemplos que professores e alunos dão de atividades, inclusive mantendo uma certa ordem hierárquica na quantidade de ocorrências. A maior discrepância encontrada entre os grupos está na subcategoria *Atividades de postura e etiqueta*. Para os professores essas atividades são as mais recorrentes no desenvolvimento dos valores, totalizando dentro do grupo 20% dos apontamentos. Por outro lado, para os praticantes, esse tipo de atividade parece ser pouco significativa no trato dos valores já que somam apenas 5,88% das citações entre eles.

Excetuando-se essa subcategoria, as outras mais recorrentes acabam mantendo sua ordem quando somados seus valores entre os grupos. Na Figura 4-12 é possível observar essa ordenação, assim como a representatividade que os dois grupos têm em cada uma delas.

Assim, verificou-se que as atividades mais recorrentes no ensino dos valores, indicadas tanto por professores quanto por alunos, são: 1º Incentivo à interação entre os participantes (30,91%); 2º Exercício Técnico (23,64%); 3º *Atividades de postura e etiqueta* (18,18%) e 4º Jogos e brincadeiras (14,55%).

Figura 4-12 – Gráfico com a ordem das subcategorias de atividades da categoria *Sem Intervenção* após a soma dos grupos e a representatividade que ambos têm em cada uma delas.



Fonte: o próprio autor.

Em relação à categoria *Com intervenção mas sem interação*, as atividades identificadas tinham a característica de *Apresentação oral dos valores com exemplos*, nas quais observou-se ação intencional dos professores em tratar o conteúdo, porém sendo realizada de forma diretiva e, basicamente, pelo método da exposição oral e do exemplo. Essa categoria esteve mais presente no discurso do grupo de professores, com 12,5% de recorrência, diferente do grupo de praticantes que citou essas atividades em apenas 5,88% de seus apontamentos.

Por fim, a categoria que mais chama a atenção é a das atividades *Com intervenção e interação*. Caracterizada pela intencionalidade de trato com os valores a partir de uma relação de interação entre professores e alunos, as atividades foram identificadas pela tônica do *Diálogo* – característica esta que dá nome à subcategoria.

No grupo de professores, essa foi a categoria que apresentou menor recorrência, apenas 10%, enquanto que no grupo de praticantes foi responsável por 23,53% das citações. Esse resultado pode ter ligação com o fato da pesquisa ter sido realizada com praticantes da mesma academia e que, por acaso, tiveram a oportunidade de vivenciar atividades aparentemente estruturadas para esse fim. Dentre as falas

desses praticantes, 17,65% apontaram a atividade intitulada “Café com judô” como promotora do ensino de valores. De acordo com um dos praticantes:

Na nossa academia uma das atividades que eu mais gosto é o "Café com judô" onde estudamos um pouco de tudo desde a história do judô até a diferença entre moral e ética, assim podendo aprender um pouco de tudo para sermos uma pessoa melhor (Praticante 7);

4.4 DISCUSSÃO

Dentre as razões do engajamento dos professores no ensino da modalidade, tais como os *Sentimentos de empatia e admiração pela modalidade/professor* (38,46%), a *Vontade de transmitir o conhecimento aprendido no judô* (20,51%) e o *Envolvimento com a prática por longo tempo* (15,39%), evidencia-se a *Valorização da modalidade como elemento educativo* (12,82%), possível resultado do reconhecimento dos objetivos históricos e conceituais do judô que, apesar de sua transformação ao longo do tempo, parece ainda ecoar na prática atual.

No caso dos grupos de praticantes e de pais, as razões que os levaram à participar e matricular seus filhos no judô foram as mesmas, porém com níveis de importância diferentes, como apresentado na Figura 4-1. Enquanto para os praticantes o maior motivo está relacionado com *A prática da atividade física e seus possíveis benefícios* (35,13%) – estes relacionados principalmente com a questão do desenvolvimento de questões físicas e da saúde – para os pais, a *Valorização de aspectos educativos para além do movimento* (40,82%) – com expectativa no desenvolvimento da disciplina e determinados valores – foi a razão primeira para matricular seus filhos na modalidade. Vale apontar que a segunda razão levantada pelos praticantes foi a *Valorização de aspectos educativos para além do movimento* (21,63%) e a segunda razão apontada pelos pais foi *A prática da atividade física e seus possíveis benefícios* (28,57%). Tanto esses motivos quanto a *Influência de pais, parentes e amigos* e *Interesses pessoais* são aspectos encontrados no estudo de Zaggelidis, Martinidis e Zaggelidis (2004), o qual verificou os motivos do início da prática do judô e do karatê, um dos poucos que tratam o tema.

Essa motivação da prática do judô relacionada à *Valorização de aspectos educativos para além do movimento* é relevante, já que aponta para uma expectativa de parte dos participantes da pesquisa em ter no judô um meio de desenvolvimento pessoal, focado na disciplina, nos valores, nos aspectos filosóficos e educacionais, elementos também parcialmente encontrados nos estudos de Gonçalves e Silveira

(2012) e de Damacena, Moreira e Petroll (2017). No primeiro, os pais buscam uma atividade dinâmica e divertida para seus filhos, aliada a uma prática com características educacionais que valorize o autocontrole e a disciplina. No segundo, verificou-se que os praticantes da modalidade estavam dispostos a praticá-la para melhorar pessoalmente na autodisciplina e na autoconfiança, acreditando ainda que o judô influencia no desenvolvimento da autoimagem, da saúde mental, e do caráter.

Compreender tais posicionamentos pode contribuir no desenvolvimento de estratégias e ações focadas na divulgação, no processo de ensino e no comprometimento dos praticantes junto à modalidade (DAMACENA; MOREIRA; PETROLL, 2017; MATSUMOTO et al., 2005).

Quanto às concepções que os grupos de participantes tiveram a respeito da modalidade, ficou evidente um alto nível de concordância para as assertivas propostas, o que sugeriu tanto uma aproximação da comunidade às concepções teóricas propostas por seu fundador, quanto um posicionamento que considera elementos da prática atual da modalidade como importantes, tais como a ênfase em aspectos técnicos e esportivo-competitivos, já sugerido em outros estudos (CAVAZANI; CESANA, 2019; DRIGO, 2007; GONÇALVEZ; SILVEIRA, 2012).

Apesar de não ter sido possível verificar diferenças entre tais concepções, é relevante apontar que para os entendimentos a respeito do objetivo do judô e do que seria um bom judoca, as assertivas com características voltadas para uma concepção mais técnica e competitiva, apesar de terem percentuais altos, foram os que tiveram os menores índices de concordância dos participantes se comparado aos demais, tais como *O objetivo do judô é proporcionar a prática esportiva aos seus praticantes, contribuindo com o desenvolvimento do valor competitivo* (71,62%) e *Ser um bom judoca é conhecer as técnicas e saber usá-las da melhor forma possível nos treinos e nas competições* (70,27%), respectivamente.

Ao mesmo tempo, há de se sublinhar a falta de associação entre os grupos ($p < 0,05$) em determinados aspectos conceituais que se tem da modalidade, tais como a compreensão de que o judô possa ser considerado *uma filosofia de vida* e de que o *objetivo do judô é desenvolver os aspectos físicos, intelectuais e morais do praticante para que ele possa contribuir com a sociedade*. Tais elementos, que são apontados por Kano (2008a; 2008b; 2013) como características esperadas na prática do judô, não tiveram um nível de concordância compatível junto ao grupo de pais, sugerindo um possível distanciamento de tais conceitos por falta de conhecimento causado pela

baixa participação e acompanhamento do processo de vivência de seus filhos na modalidade, já que houve neutralidade e não discordância em seus posicionamentos.

Logo, pode-se dizer que o grupo estudado apresentou uma concepção eclética, em que se posicionou positivamente tanto para a consideração dos aspectos conceituais propostos quando da criação do judô quanto para os elementos modernos resultantes do processo de sua esportivização. Esses resultados evidenciam uma possível singularidade, se compararmos com os dados e as discussões propostas por Matsumoto, Takeuchi e Horiyama (2001) entre países como Estados Unidos, Polônia e Japão.

Apesar do estudo citado ter foco na opinião de treinadores, verificou-se a existência de certa tendência dos países em valorizar aspectos distintos uns dos outros. Especificamente nesse caso, Estados Unidos e Polônia apresentaram resultados que valorizam aspectos tradicionais do judô, tais como a ideia de que ele seja uma ferramenta ou veículo para o desenvolvimento da educação moral, intelectual e física de seus praticantes, ao passo que o Japão apresentou um posicionamento pautado na valorização da performance competitiva, ou seja, prioritariamente de característica esportiva.

Esse achado, somado aos resultados encontrados no presente estudo, reforça a ideia de que o sistema de valores estabelecidos nos países podem conduzir a forma como o judô é interpretado e compreendido pela população (MATSUMOTO et al., 1995) e como tal valoração tem relação com os aspectos históricos vividos por cada um deles (MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001). Ou seja, sugere o entendimento do judô como um elemento flexível e adaptável às necessidades e expectativas da população em que se estabelece.

Portanto, em relação à concepção que o grupo participante teve sobre o judô, é possível dizer que essa se apresentou eclética, de forma que os aspectos tradicionais e os modernos possuíram igual importância. Ao mesmo tempo, aventa-se a possibilidade de que o fato é resultante de um processo de desenvolvimento histórico no qual a imigração japonesa teve, e ainda tem, parcela de contribuição significativa. Isso porque, mesmo em um movimento de modernização da modalidade e de um grande empenho e esforço das instituições reguladoras nacionais em manterem sua representatividade no rol das nações mais bem sucedidas no âmbito competitivo internacional, os agentes de intervenção conseguiram, até o momento, sustentar a ideia de valoração dos aspectos tradicionais do judô – talvez como um mecanismo de

defesa identitária – mas que, aparentemente, não se sustentará por muito tempo caso não haja iniciativas de estudo e compartilhamento de tais conhecimentos junto à comunidade, uma vez que parecem estar sendo interpretados de forma fragmentada e descontextualizada, vivendo uma retomada da ideia de tradição, que é baseada apenas a partir do contato com elementos ritualísticos como o uso da roupa, da reverência à imagem de seu criador e outros padrões de conduta aceitos pelo grupo (GONÇALVES; SILVEIRA, 2012). Ou seja, a tradição parece estar sendo reconstruída pelos envolvidos com o judô a partir de um olhar que eles próprios lançam à ideia de prática oriental e, portanto, deixando de lado todos os conhecimentos e saberes produzidos em torno do judô ao longo da história.

A partir dos resultados apresentados na dimensão *Conhecimento e atuação prática*, foi possível constatar incongruências e certo descompasso entre os conhecimentos que os participantes têm a respeito do judô e a prática do ensino e da aprendizagem vivenciada por eles. Os participantes da pesquisa se posicionaram positivamente em relação a temas que podem ser considerados favoráveis tanto à influência dos princípios do judô idealizados por seu fundador, quanto de conceitos educacionais atuais. Por exemplo, nas assertivas nº 18 e 19 o posicionamento de concordância para situações de proteção dos adversários em detrimento da vitória de um combate em treinos e em competições acaba por corresponder a uma atitude relacionada ao conceito *Jita Kyoei* proposto por Kano (1937; 2008a; 2008b; 2013; 2018), abrangendo a ideia de que para se desenvolver no judô ou mesmo pessoalmente, é necessário a participação e a presença do outro e que, por isso, é necessário entendê-lo como parceiro merecedor de respeito e cuidado.

Tal posicionamento dialoga, inclusive, com alguns objetivos de aprendizagem a serem tratados na Educação Física no ensino fundamental, que tem como objetivo o desenvolvimento de uma educação integral. Especificamente, no desenvolvimento do conteúdo lutas temos o seguinte: “Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente” (BRASIL, 2018, p. 237).

Essa relação também é verificável no posicionamento positivo dos participantes para as assertivas de nº 21 e 22, em que ficou expressa a ideia de que todos os participantes das aulas de judô são responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem vivido, independentemente de sua graduação e de sua condição física – inclusive quando impossibilitados de realizar atividades práticas – indicando tanto a

compreensão da importância dos alunos no ato educativo, como da abrangência dos saberes no ensino do esporte para além do saber fazer, temas esses que são discutidos há anos na área da Educação Física (DARIDO; RANGEL, 2005; DARIDO; GALVÃO, 2006; BARROSO; DARIDO, 2009; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, 2015).

Essa postura acaba sendo reforçada quando verifica-se que nas assertivas nº 15, 16 e 17 há uma percepção dos participantes de que, nas aulas, há um contato dos praticantes com os diferentes conteúdos do judô, inclusive com certo equilíbrio entre eles, quais sejam: as técnicas corporais (quedas, técnicas de projeção, técnicas de solo, katas e atemi-waza), compreendidas no espectro dos saberes corporais (94,59%); os princípios e valores do judô no plano atitudinal (93,24%) e os conhecimentos de história, regras e curiosidades, constituintes dos saberes conceituais (79,73%).

A partir da assertiva de nº 23, há ainda a indicação de 89,19% do grupo participante de que nas aulas há, frequentemente, a proposição de conversas e debates sobre o judô, intensificando-se, assim, o entendimento da presença ativa do aluno no processo de ensino. Tais elementos corroboram a ideia de se pensar o processo educativo centrado no diálogo, em que o mesmo se torna parte efetiva do processo de trocas, descobertas e transformações (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995; FREIRE, 2001; LIBÂNEO, 2002).

Por outro lado, ao mesmo tempo que os participantes se mostram próximos a um posicionamento favorável em relação aos princípios do judô e a conceitos educacionais atuais, apresentam também certas incongruências. A primeira delas diz respeito à assertiva de nº 20, na qual 93,24% dos participantes se mostraram a favor da ideia de que *A hierarquia no judô é algo importante, por isso os alunos devem sempre obedecer os mais experientes ou graduados, sem discussões*, elemento também verificado na pesquisa de Cavazani (2012).

Esse resultado sugere um posicionamento não só antagônico ao entendimento de que o aluno deve ser considerado parte ativa do processo de ensino e aprendizagem, com suas experiências, posicionamentos e ações, como também pode fomentar uma ação pautada na relação de autoritarismo e submissão, conduzindo a posturas acríticas, alienadas e de inconsistência no processo de construção da autoconsciência e da identidade dependendo do momento de vida dos alunos (FREITAS, 1989; FREIRE, 2001).

Mesmo reconhecendo que tal postura pode estar ligada às relações hierárquicas estabelecidas na forma de *senpai-kôha*⁶, que é característica da cultura japonesa, é importante lembrar que essa última não acontece, necessariamente, a partir de um processo de domínio e submissão, ou seja, ela pode se estabelecer para além de uma relação de poder, em direção a uma significação pautada em uma hierarquia ritualística (NAKANE, 1978 apud KIKUCHI, 2012, p. 185-186).

Outro fator de destaque está na comprovada falta de conhecimento dos grupos participantes, especialmente por parte dos professores e alunos, sobre os fundamentos conceituais do judô expressos pelos princípios *seiryoku zenyo* (máxima eficiência), *jita kyoei* (prosperidade e benefício mútuo); *ju* (suavidade) e *do* (caminho). Interessante que tais princípios são tratados por Kano e por diversos outros autores como elementos que estabelecem relação direta com os aspectos práticos da modalidade, em uma perspectiva de indissociabilidade, ou seja, conhecê-los e entendê-los faz parte do processo de desenvolvimento do praticante de judô que, de acordo com seu criador, poderia ser pensado em três níveis: 1. Iniciante: no qual o praticante desenvolve suas habilidade técnicas de ataque e defesa no *randori* e *kata*; 2. Intermediário: o praticante deve focar no desenvolvimento de seus aspectos físicos e mentais; 3. Avançado: os praticantes devem contribuir com a sociedade utilizando-se dos conhecimentos adquiridos sobre o uso das forças mentais e físicas da forma mais eficiente possível (KANO, 2008b; SHISHIDA, 2010).

Nesse sentido, há de se apontar para uma eventual falta de conhecimento sobre as possibilidade de ensino dos conteúdos conceituais e atitudinais, já que nem professores, nem alunos parecem ter contato suficiente com os conhecimentos básicos apresentados anteriormente, mesmo que estes estejam propostos em sistematizações para ensino do judô, em níveis intermediários de graduação (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011) e retomados em níveis mais avançados como nos cursos preparatórios para os exames de faixa preta (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 1999).

Apesar de haver um posicionamento favorável dos participantes em reconhecerem que o judô trabalha com valores, observa-se uma diversidade de entendimentos a respeito do tema, o que pode ser resultado de uma dificuldade em

⁶ É considerado um princípio expresso pela dimensão coletiva da sociedade japonesa em que se materializa, em nível interpessoal individual, na relação entre aquele que ingressou antes, portanto, que goza do princípio de antiguidade, denominado *senpai* ("veterano") e aquele que ingressou posteriormente, denominado *kôhai* ("novato") (KIKUCHI, 2012).

se compreender tanto as diferenças entre os termos “valores”, “princípios” e “máximas” utilizados nos livros, artigos e outros materiais – às vezes como sinônimos e outras como conceitos diferentes – como da própria diversidade de proposições apresentadas pelas instituições relacionadas ao esporte.

Tomando como exemplo a ideia do *jita kyoei*, Kano o trata como princípio, ao mesmo tempo que outros autores o veem como uma “máxima” (SOUZA; MOURÃO, 2011) ou como um “valor” (NAGAKI, 1999). Ao mesmo tempo, os valores pensados para o ensino do judô são comumente relacionados às questões morais e variam de acordo com o referencial estabelecido, assim como verificamos no vídeo *Quick guide to judô* (2016) produzido pela Federação Internacional de Judô, em textos produzidos pela Federação Francesa de Judô como o *Les valeurs et la culture judo* (FÉDÉRATION FRANÇAISE DE JUDO, 20--?) e *L'enseignant au cœu de la culture* (FÉDÉRATION FRANÇAISE DE JUDO, 2014), no estudo sobre a filosofia do judô realizado por Matsumoto (1996) e do próprio *Bushido* que foi discutido na obra de Nitobe Inazo (1908) intitulada *Bushido: the soul of Japan* e que inspira diversos outros escritos não-científicos, mas que produzem eco no âmbito das intervenções práticas. Para cada um desses existe uma relação de valores a serem tratados ao longo da prática da modalidade.

Essa falta de consenso a respeito de quais valores podem ser tematizados e desenvolvidos nas aulas de judô não só mostra a diversidade de sistemas morais existentes nas sociedades (LA TAILLE, 2006), como também evidencia a necessidade de flexibilização do judô em relação às expectativas e necessidades dos sistemas culturais em que está inserido (MATSUMOTO et al., 1995), em função de um ensino contextualizado e potencialmente transformador.

No caso da presente pesquisa, é possível elencar alguns dos valores morais mais citados e que poderão ser levados em consideração em uma eventual sistematização de ensino do judô: 1º Respeito (16,85%), 2º Disciplina (16,29%), 3º Resignação (12,92%) e 4º Ética e moral (10,11%).

Se por um lado, há uma diversidade de valores elencados pela pelos participantes, o mesmo não pode ser dito da forma como esses valores vêm sendo tratados nas aulas. O que se verificou é que grande parte das atividades apresentadas pelos participantes (74,32%) não evidenciaram qualquer intencionalidade ou intervenção do professor na tematização desses valores, ou seja, o tratamento dado

a eles segue a ideia de “naturalização” do desenvolvimento desses conteúdos a partir das características das próprias atividades.

Assim como na escola, as atitudes e os valores no judô parecem ser tratados, prioritariamente, a partir de um currículo oculto em que não há por parte do professor a explicitação de situações de aprendizagem intencionalmente dirigidas a esse objetivo (LIBÂNEO, 2002), o que não é compatível com os entendimentos que se têm do ensino dos valores que, para serem desenvolvidos de forma relevante, precisam ser tratados a partir de um processo de racionalização, no qual o diálogo, a reflexão e o debate são elementos essenciais (LA TAILLE; PEDRO-SILVA; JUSTO, 2010; ARAÚJO; PUIG; ARANTES, 2007).

Apesar de apenas 16,22% dos apontamentos de todo o grupo participante relacionar o diálogo como atividade chave na tematização dos valores nas aulas de judô, ainda foi possível verificar iniciativas de trabalho interessantes. A que mais chamou atenção foi a atividade intitulada “Café com Judô”, realizada em momentos distintos às das aulas, em que praticantes, pais e professores se encontram para discutir temas relacionados aos valores e princípios da modalidade, assim como outros temas como cultura e política. Tal achado aponta para a necessidade de estudos que investiguem, incentivem e aprimorem tais iniciativas com o intuito de fomentar o crescimento de boas práticas no ensino da modalidade.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa verificou algumas das relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas que um grupo de professores, praticantes e pais de alunos tem a respeito do judô, dando foco aos conteúdos conceituais e atitudinais.

No âmbito das concepções teóricas, notou-se que os participantes da pesquisa apresentaram uma concepção heterogênea da modalidade, em que valorizaram tanto os aspectos tradicionais do judô, quanto os elementos modernos atualmente presentes na sociedade. Os resultados são próximos aos encontrados no estudo de Gonçalves e Silveira (2012), apontando para uma singularidade de concepção dos brasileiros em relação aos resultados obtidos em outras pesquisas sobre outros países (MATSUMOTO et al. 1995; MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001), que tenderam a uma das concepções, fato que pode estar ligado ao processo sócio-histórico de desenvolvimento da modalidade no país.

Quanto à atuação prática dos participantes, é possível dizer que esta se caracterizou por posicionamentos incongruentes entre a forma como se pensa vivenciar a prática do judô e o como, de fato, ela é vivenciada. Ou seja, ao mesmo tempo que se verificou posicionamentos teórico-práticos pautados em atitudes favoráveis à presença dos princípios do judô e a conceitos educacionais modernos, o grupo de participantes também mostrou ter uma postura impregnada de atitudes contrárias a eles. Esta pôde ser revelada a partir de posicionamentos de valorização de uma pretensa hierarquia autoritária e de um ensino de valores que se realiza majoritariamente a partir de ações não sistematizadas e, portanto, a partir de um currículo oculto e de uma postura diretiva de ensino, em que o diálogo e a participação ativa do praticante não é estimulada na medida esperada.

Esses resultados apresentados, tanto no âmbito das concepções teóricas quanto da atuação prática vivenciadas pelos participantes, parecem estar relacionados diretamente com um aspecto também verificado na pesquisa e que, aparentemente, torna-se essencial para a discussão do estudo, a apropriação de certos conteúdos do judô, especialmente os relacionados aos saberes conceituais e atitudinais.

Tanto praticantes quanto professores mostraram não ter um conhecimento básico a respeito dos princípios fundamentais do judô que, de uma forma ou outra, estão relacionados a conceitos e concepções que referenciam ou encaminham para ações e atitudes em uma determinada direção de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, a falta de contato com tais conhecimentos pode ser considerada um dos possíveis motivos para o posicionamento dicotômico da concepção de judô apresentada pelos participantes e, conseqüentemente, para as ações incongruentes da prática vivenciada por eles, afinal de contas, como é possível ensinar ou agir a partir de pressupostos que não são conhecidos, estudados ou vividos?

O que parece acontecer é que esses conhecimentos, que foram pensados e aplicados em um passado não muito distante, foram sendo cada vez mais diluídos em função de outros valores dados ao ensino do judô. Logo, o que se tem atualmente é um conhecimento fragmentado e superficial das concepções e de boa parte do capital cultural do judô de outrora.

Esse achado se aproxima dos verificados por Gonçalves e Silveira (2012), quando perceberam que, de fato, o judô se apresentou para seus participantes como uma prática ora ligada a orientações filosóficas, ora voltada para a reprodução de um modelo esportivo. Mas o que vale destacar é que essa perspectiva filosófica ou

tradicional pretendida pelos envolvidos da pesquisa foi dada a partir da valorização de uma concepção idealizada de oriente, em que as relações ritualísticas foram tomadas como os principais elementos de manutenção e continuidade de contato com os “conhecimentos do passado”, porém muitas vezes vivenciados através da invenção de tradições assumidas como originais/orientais. Em outras palavras, a vivência da perspectiva tradicional de judô não vem sendo experimentada a partir do contato com os saberes conceituais e atitudinais produzidos ao longo da história em torno do judô, mas de uma ação de reinterpretação descontextualizada desses saberes, pautados em elementos ritualísticos sem a devida reflexão.

E apesar desses saberes serem valorizados pelos envolvidos na vivência do judô e ainda serem indutores de boa parte do engajamento de praticantes e pais em um esperado desenvolvimento físico, mental e moral, tais conhecimentos parecem não passar de gestos, frases e expressões que foram decorados e por vezes transformados em regras que dizem muito mais aonde deve-se chegar sem sugerir o porquê e como é possível fazê-lo.

Apesar da pesquisa não possibilitar a generalização dos resultados para todas as comunidades judoísticas do país, já que a amostragem não foi caracterizada como probabilística, ela contribuiu tanto para ampliar os entendimentos dos contextos do judô vividos no Brasil, como apontou para uma nova frente de investigação e atuação na área, a de compreender as necessidades e os interesses dos envolvidos com a vivência do judô (pais, professores e praticantes) em pesquisar conteúdos a seu respeito.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M.; ARANTES, V. A. **Educação e valores: pontos e contrapontos**, Summus, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.20, n.2. p.281-9, 2009.

BLAND, J. M.; ALTMAN, D. G. **Cronbach's alpha.**, 1997. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9055718>%5Cn<http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=PMC2126061>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2018.

BROUSSE, M. **Le judo**: son histoire, ses succès. Paris: Minerva, 2002.

BROUSSE, M.; MATSUMOTO, D. **Judo in the U.S.:** A Century of Dedication. Berkeley: North Atlantic Books, 2005.

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011**. 2012. UNESP - Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96052?show=full>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CAVAZANI, R. N.; CESANA, J. **Paralelos entre a iniciação competitiva precoce e a formação de técnicos de judô**. São Paulo: CREF4/SP, 2019.

CAVAZANI, R. N.; IAOCHITE, R. T. Crenças de autoeficácia de técnicos paulistas de judô. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA XV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (IX CIEFMH E XV SPEF) 2015, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Motriz, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/10060/7204>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CAVAZANI, R. N.; REVERDITO, R. S.; DRIGO, A. J. Pedagogia do Esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivivência**, [s. l.], v. 28, n. 47, p. 177–190, 2016.

CAZETTO, F. F. et al. Judô e esporte dos mais jovens: os pais no cenário competitivo. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 164–181, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637760>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P. C.; LOLLO, P. C. A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 159–173, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637748>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Conselho Nacional de Graduação. Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**. Rio de Janeiro: CBJ, 2011.

DAMACENA, C.; MOREIRA, V. C.; PETROLL, M. D. L. M. Martial Arts Market Demand: Test and Validation of a Model on the Brazilian Judo Context. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 147–177, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712017000300147&lng=en&tling=en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z. Temas transversais e programas de iniciação esportiva: possibilidades pedagógicas. In: **PROGRAMA SESI atleta do futuro: perspectiva da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006. p.37-52.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DE CRÉE, C. Shōnen Jūdō-no-kata [“Forms of Jūdō for Juveniles”] —an experimental Japanese teaching approach to Jūdō skill acquisition in children considered from a historic-pedagogical perspective – part II. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 95–111, 2013. Disponível em: <<http://6036.indexcopernicus.com/abstracted.php?level=5&ICID=1090653>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DRIGO, A. J. **O JUDÔ; DO MODELO ARTESANAL AO MODELO CIENTÍFICO: Um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do Habitus**. 2007. Universidade Estadual de Campinas, [s. l.], 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275225/1/Drigo_AlexandreJanotta_D.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DRIGO, A. J.; OLIVEIRA, P. R.; CESANA, J. O judô brasileiro, o desempenho, e as mídias: caso das Olimpíadas de Atenas 2004 e o Mundial do Cairo de 2005. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 75–89, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637964/565>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Caderno técnico de história e filosofia do judô**. São Paulo: FPJ, 1999.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE JUDO. Les valeurs et la culture judo. **FFjudo**, Paris, (20--?). Disponível em: <<https://www.ffjudo.com/les-valeurs>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE JUDO. L'enseignant au couer de la culture. **Dojo infoclub**, [s. l.], [s. v.], n. 1, p. 15, 2014. Disponível em: <<https://fr.calameo.com/read/00327932643792a648339>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FRANCHINI, E.; DEL'VECHIO, F. B. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações. In: RUBIO, K. et al. (Ed.). **Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 121–145.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

FREITAS, F. M. de C. Judô: crítica radical. **Motrivivência**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 35–43, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19401%3E>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GONÇALVES, A. V. L.; DA SILVEIRA, R. Arte marcial e esporte: Um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de pelotas -RS. **Movimento**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 129–147, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, [s. l.], v. 11, n. 1973, p. 85–103, 2010. Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Confiabilidade+em+Question?rios+para+Qualidade:+Um+Estudo+com+o+Coeficiente+Alfa+de+Cronbach#0>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

HOUAISS, A. **Houaiss eletrônico: dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 3.0. São Paulo: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM. Não paginado.

INAZO, N. **Bushido: the soul of Japan**. Edição do autor, (1908).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de informações básicas municipais**: perfil dos municípios brasileiros 2013 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2014 [citado 2017 ago 21]. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2013/munic2013.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JIGORO KANO MEMORIAL & INTERNATIONAL SPORT INSTITUTE. **Legacy – Jigoro Kano: Education, Sport and International Contributions**. Tokyo, 2009.

KAISE, T. et al. The differences in attitude toward judo between university and high school students. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 33–44, 1989. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/22/1/22_33/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KANO, J. **Judo (jujutsu)**. Tokyo: Maruzen Company Ltda., 1937.

_____. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008a.

_____. **Energia Mental e Física**: escritos do fundador do Judô. São Paulo: Editora Pensamento, 2008b.

_____. **Mind over Muscle**: Writings from the Founder of Judo. Tokyo: Kodansha, 2013.

_____. **Judo Kyohon**: Translation of masterpiece by Jigoro Kano created in 1931. San Francisco: Blurb, 2018.

KIKUCHI, W. **Relações Hierárquicas do Japão Contemporâneo**: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa. 2012. Universidade de São Paulo,

[s. l.], 2012.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y de.; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. S. **Indisciplina / Disciplina - Ética, Moral e Ação do Professor**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**: velhos e novos temas. Edição do Autor, 2002.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e Projetos Sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 405-418, abr./jun. de 2015.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos Brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 471–481, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000400005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MATSUMOTO, D. **An Introduction to Kodokan Judo**: History and Philosophy. Tokyo: Hon no Tomosha, 1996.

MATSUMOTO, D. et al. The factor structure of the image of judo by judo athletes and non-judo university students in the United States. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 1–12, 1995. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/28/2/28_1/_pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MATSUMOTO, D.; TAKEUCHI, H.; HORIYAMA, K. Cultural differences in the values of judo instructors. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1–10, 2001. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/34/1/34_1/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MCHUGH, M. L. The Chi-square test of independence Lessons in biostatistics. **Biochemia Medica**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 143–9, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11613/BM.2013.018>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MESQUITA, C. W. **Judô... da reflexão à competição**: o caminho suave. 1. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

NAGAKI, K. et al. The comparative study of value orientations toward sport in judo practitioners. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 1–8, 1997. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/30/2/30_1/_article/-char/en>.

Acesso em: 20 mai. 2020.

NAGAKI, K. A study of Jigoro Kano's emphasis and structure of values in judo. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 42–69, 1999. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/32/1/32_42/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

NAGAKI, K.; YAMASAKI, S. International comparison of educational judo values: Research of Judo Practitioners in Japan, America, Australia and France. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 37–50, 2005. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/38/1/38_37/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

NAGAKI, K.; YAMASAKI, S.; YABUNE, T. A study of japanese values toward sport in judo players as compared to general sports people. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 36–46, 1996. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/29/2/29_36/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista brasileira educação física e esporte**, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 667–678, 2012.

OKADA, H. et al. A comparative study of actual situations and consciousness in japanese and french judo participants. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 31–39, 2000. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/33/1/33_31/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

PETERSON, R. A. Meta-analysis of Alpha Cronbach ' s Coefficient. **Journal of Consumer Research**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 381–391, 2013.

QUICK guide to judo. Produção da Federação Internacional de Judô. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pgfKasol5yc>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

RUBIO, D. M. et al. Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. **Social Work Research**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 94–104, 2003. Disponível em: <<https://academic.oup.com/swr/article-lookup/doi/10.1093/swr/27.2.94>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SANTOS, G. dos S. et al. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista da Educação Física / UEM**, [s. l.], n. 1, p. 11–14, 1990.

SHISHIDA, F. Judo's techniques performed from a distance: The origin of Jigoro Kano's concept and its actualization by Kenji Tomiki. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 165–171, 2010.

SILVA, D.; SANTOS, S. G. Dos. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. **Revista Digital**, [s. l.], v. 10, n. 86, p. 1–6, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SOUSA, D. P. De et al. Implementação de políticas públicas: a organização do esporte e lazer no programa Novo Mais Educação na rede municipal de educação de Ponta Grossa – Paraná (2017). **Motrivivência**, [s. l.], v. 31, n. 59, p. 1–21, 2019.

SKINNER, J.; EDWARDS, A.; CORBETT, B. **Research Methods for Sport Management**. Oxon; New York: Routledge, 2015.

SOUZA, G. C. de; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD X/ FAPERJ, 2011.

STEVENS, J. **Três mestres do budo: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

SUGIZAKI, M. **50 anos do Judô Sugizaki no Brasil**. Sinop: Ed. Evaldo Martin Pires, 2016.

TANAKA, S. Value Orientation of Judo and Kendo Instructors at Upper Secondary Schools in Japan. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 1–8, 1981. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/14/1/14_1/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

TANAKA, S. Value Orientation in the Teaching Methods of Judo and Kendo in School. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 9–16, 1982. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/14/3/14_9/_article/-char/en>. Acesso em: 20 mai. 2020.

TANNO, J. L. **Formas de sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930-1970**. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Mônica Setuyo (Org.). Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TAVAKOL, M.; DENNICK, R. Making sense of Cronbach's alpha. **International journal of medical education**, [s. l.], v. 2, p. 53–55, 2011. Disponível em: <<https://www.ijme.net/archive/2/cronbachs-alpha.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

UCHIDA, R.; MOTTA, R. **Uruwashi: o espírito do judô**. Vol. 1. São Paulo: Évora, 2013.

YAMASAKI, S. et al. A comparative study of japanese value in sport as displayed by new zealand and japanese judoists. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 10–18, 1998. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/30/3/30_10/_article>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ZAGGELIDIS, G.; MARTINIDIS, K.; ZAGGELIDIS, S. Comparative study of factors - motives in beginning practicing judo and karate. **Physical Training: Fitness for Combatives**, [s. l.], v. May, p. 1–8, 2004. Disponível em: <http://ejmas.com/pt/2004pt/ptart_zaggelidis_0504.html>. Acesso em: 29 maio. 2020.

5 ARTIGO IV – MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DO JUDÔ: NECESSIDADES E EXPECTATIVAS DE PAIS, PROFESSORES E PRATICANTES

RESUMO

Apesar da elaboração de materiais didáticos na área da Educação Física ainda ser incipiente, sua existência é considerada interessante no processo de superação das dificuldades encontradas na prática educativa. No caso do judô, sua vivência reducionista, pautada no modelo esportivo-competitivo, traz à tona a discussão da relevância desses materiais como possibilidade no auxílio de mudanças. O presente estudo teve como objetivo compreender o posicionamento de um grupo de pais, professores e praticantes de judô sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da modalidade. Para a consecução do objetivo, utilizou-se um questionário junto a 74 participantes, representados por um grupo de professores (n = 24), um grupo de pais (n = 24) e outro de praticantes (n = 26). A análise dos dados, provenientes das repostas mensuradas por uma escala Likert, deu-se a partir da estatística descritiva e da estatística inferencial. Verificou-se que 72,97% dos participantes pesquisam regularmente conteúdos sobre o judô; os locais mais relevantes de pesquisa são os *sites específicos* de academias, federações e confederações, com nível de concordância entre os participantes de 82,43% e os *sites de compartilhamento de vídeos* com 63,51%. Além disso, 68,82% dos voluntários disseram já ter sentido falta de algum tipo de material didático. Os formatos mais desejáveis de um possível material foram: o *vídeo* com 83,78% de concordância e o *de texto com imagens* com 71,62%. Quanto à plataforma de disponibilização do material, o *site* foi o que obteve maior índice de concordância entre os participantes (83,78%), seguido do *aplicativo* (67,57%). Verificou-se que o grupo de participantes valoriza a pesquisa de conteúdos da modalidade e que a utilização das TIC no processo de ensino do judô mostra-se desejável. Novas investigações e práticas são necessárias para fomentar a elaboração de um material didático, no sentido de suprir as necessidades e expectativas dos envolvidos com a prática da modalidade, em termos de qualidade, formato e acesso.

Palavras-chave: material didático. ensino. aprendizagem. TIC. tecnologia.

5.1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo o ensino do judô vem sendo analisado e discutido no âmbito acadêmico e em determinados momentos foi percebido como uma ação eminentemente prática, em que os saberes corporais ligados às técnicas e à tática são predominantes em detrimento dos saberes relacionados aos conceitos e atitudes que a modalidade poderia desenvolver (CAVAZANI; REVERDITO; DRIGO, 2016; CAVAZANI; CESANA 2019).

Apesar dessa tendência do ensino ser motivada pelo significado e finalidade que os professores e técnicos atribuem à modalidade (CAVAZANI, 2012), há de se apontar os aspectos que a influenciam. Um diz respeito ao processo de formação do professor de judô, no qual o sentido da graduação – realizado via instituições reguladoras na obtenção da faixa preta – materializa-se a partir do domínio de conhecimentos práticos, regulada por uma tradição do *saber fazer* e que guarda pouca, ou nenhuma, relação com os conhecimentos acadêmicos e pedagógicos (DRIGO et al., 2011). Ou seja, como esperar uma prática de ensino que extrapola as características práticas se não há estímulo ou possibilidade de uma formação inicial nesse sentido?

O outro ponto parece surgir com a falta de compartilhamento dos conhecimentos dos saberes conceituais e atitudinais do judô. De acordo com De Créé (2013), os conteúdos intelectuais do judô não foram disponibilizados de maneira adequada ao longo dos anos, o que dificultou, e ainda dificulta, o processo de apropriação dos saberes da modalidade pelos integrantes da comunidade interessada, inclusive os próprios professores.

Apesar da vivência do judô no Brasil estar pautada, consideravelmente, em um modelo que privilegia os aspectos técnicos com vistas ao desenvolvimento esportivo-competitivo, é evidente que, enquanto prática esportiva, poderia compreender outras perspectivas que superassem esse reducionismo. Seria fundamental que houvesse a ampliação de seu ensino a partir de um modelo que considerasse a formação de seus praticantes também em suas dimensões cognitivas e afetivo-sociais (MACHADO, 2012), tornando-os capazes de desenvolver habilidades e competências fundamentais para a sua atuação efetiva na sociedade.

Evidente que esse tratamento dado ao judô, a partir de um processo educativo integral, deverá partir de uma ação pedagógica intencional composta por uma intervenção mais ampla, dinâmica, complexa e inacabada (PAES, 2006). Assim, alguns elementos se tornam essenciais de serem desenvolvidos na prática do professor, tais como a escolha do que se espera ensinar, seu planejamento, execução e avaliação.

No intuito de contribuir com essas etapas é que alguns autores apontam a relevância da criação e existência de materiais didáticos para a área da Educação Física (DARIDO et al., 2010; DINIZ; DARIDO, 2012; IMPOLCETTO,

2012; RODRIGUES; DARIDO, 2010). Para Darido *et al.* (2010), estes podem ser considerados instrumentos capazes de contribuir com os docentes na resolução de problemas apresentados no processo educativo, além de se configurarem como elemento importante na formação continuada (BITTENCOURT, 2010; VIEIRA; GOMES, 2014).

Apesar de se compreender que o termo material didático apresenta-se como elemento amplo e de complexa definição, inclusive para os pesquisadores da área, como afirma Choppin (2004), cabe mencionar que grande parte dos estudos relacionados ao tema debruça-se em direção aos livros didáticos.

Especificamente no judô, algumas publicações são utilizadas como materiais de apoio no ensino da modalidade e comumente estão pautadas nos aspectos técnico-táticos, ou seja, os saberes corporais, assim como as obras internacionais de Harrinton (2005), Inman (2008), Stevens (2012), Takagaki e Sharp (1957), Takahashi (2012), Takahiko e Draeger (2011) e as nacionais de Uchida e Motta (2014; 2017), por exemplo.

Levando em consideração a aparente escassez de materiais em âmbito nacional (SANTOS *et al.*, 2014) e a atual presença das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no processo de compartilhamento e pesquisa de conhecimentos é que surgem alguns questionamentos. As pessoas envolvidas direta e indiretamente com a vivência do judô sentem a necessidade de pesquisar sobre a modalidade? Em que locais elas procuram e encontram as informações que desejam? Existe, por parte delas, interesse de se ter um material didático para a modalidade? Qual seria o formato e a maneira mais interessante de disponibilizá-lo?

Na tentativa de responder essas questões é que o presente estudo teve como objetivo compreender o posicionamento de um grupo de pais, professores e praticantes de judô sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

5.2 METODOLOGIA

O presente estudo tem características relacionadas ao aspecto exploratório, à utilização da abordagem qualitativa e de ser de natureza aplicada, já que seus achados podem contribuir no entendimento das relações entre teoria e prática do processo do ensino do judô, proporcionando novas reflexões e

ações no que tange às formas de interação e acesso aos conhecimentos da modalidade (MARCONI; LAKATOS, 2002).

O estudo foi aprovado quanto às suas questões éticas a partir do Parecer nº 1.812.030, sendo analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, sob o protocolo CAAE nº 58671816.7.0000.5465. Todos os participantes assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após serem orientados quanto aos objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa.

5.2.1 Participantes

Os participantes do estudo foram selecionados a partir de uma abordagem não-probabilística, ou seja, baseada no julgamento dos pesquisadores e, por conveniência, de acordo com a disponibilidade dos indivíduos (SKINNER; EDWARDS; CORBETT, 2015).

Três grupos tiveram representatividade na pesquisa: o de professores (n = 24), o de praticantes (n = 24) e o de pais/responsáveis de praticantes (n = 26), somando 74 voluntários.

O *grupo de professores* foi formado por participantes que deveriam atuar como professores no ensino do judô tendo, no mínimo, a graduação de *shodan* (1º grau da faixa preta). A idade média do grupo era de 42,13 ($\pm 9,47$) anos, com um envolvimento no judô de 29,08 ($\pm 10,27$) anos e uma atuação no ensino de 18,83 ($\pm 10,81$) anos. Dezesesseis dos sujeitos (66,67%) eram do gênero masculino e oito (33,33%) do feminino.

Já o *grupo de praticantes* teve como critérios de inclusão a necessidade de serem praticantes regulares de judô há pelo menos um ano, terem, no mínimo, 13 anos de idade e possuírem a graduação máxima de 1º *kyu* (faixa marrom). O grupo foi formado, em sua maioria, por participantes do gênero masculino (79,17%), com apenas cinco (20,83%) representantes femininas. A média de idade do grupo era de 24,58 ($\pm 11,19$) anos e o tempo de prática era de 6,96 ($\pm 4,90$) anos. Vinte e um participantes (87,50%) eram de um nível de graduação considerado intermediário e apenas três deles (12,50%) do nível básico (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011).

O único critério de inclusão para a participação no *grupo de pais/responsáveis* foi o de ser pai, mãe ou responsável legal de um praticante regular de judô com, no mínimo, um ano de vivência. Houve certo equilíbrio entre os gêneros do grupo de pais, inclusive com uma leve prevalência das mulheres (53,85%). A idade média dos participantes era de 40,08 ($\pm 6,57$) anos e o tempo de prática de seus filhos e, conseqüentemente, do contato indireto que tinham com o judô era de 3,91 ($\pm 2,90$) anos. A graduação dos filhos dos participantes foi diversa, com leve prevalência no nível *básico* (entre as faixas branca – 12^o *kyu* e amarela – 6^o *kyu*) com 57,69%, contra os 42,31% de filhos com uma graduação considerada *intermediária* (entre as faixas laranja – 5^o *kyu* e marrom – 1^o *kyu*).

5.2.2 Instrumento

O desenvolvimento da pesquisa realizou-se a partir da utilização de um questionário concebido para a consecução de um estudo mais abrangente que tinha como objetivo verificar as relações existentes entre as concepções teóricas e as atuações práticas que pais, professores e praticantes têm a respeito do judô, além de compreender seus posicionamentos sobre as necessidades de existência e utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem.

O instrumento passou pelo processo de validação de conteúdo entre especialistas, no qual as dimensões de *Representatividade* e *Clareza* foram avaliadas conforme as proposições de Rubio et al. (2003), a partir do método *Content Validity Index* que, ao final, sugeriu coeficientes positivos para sua validação.

Além disso, o questionário passou pelo procedimento de validação estatística a partir da utilização do Alpha de Cronbach (HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010; PETERSON, 2013), obtendo valores significativos no grupo de professores ($\alpha=0,87$), praticantes ($\alpha=0,80$) e de pais/responsáveis de praticantes ($\alpha=0,90$), assim como apontam determinados estudos (BLAND; ALTMAN, 1997; HORA; MONTEIRO; ARICA, 2010; TAVAKOL; DENNICK, 2011).

O questionário em sua versão total continha 54 questões, distribuídas em cinco dimensões. Treze dessas questões eram abertas e 31 fechadas que utilizavam uma escala Likert de cinco pontos, considerando 1 = Concordo

plenamente, 2 = Concordo, 3 = Não concordo, nem discordo, 4 = discordo e 5 = Discordo plenamente.

Como a versão original foi estruturada para o grupo de professores ele, portanto, sofreu adaptações em nível semântico e, especificamente para este estudo, apenas as questões relacionadas às duas dimensões que tratavam do tema material didático foram analisadas.

5.2.3 Análise dos dados

Os dados do questionário referentes às duas dimensões tratadas na presente pesquisa foram obtidos a partir de questões fechadas e posteriormente submetidos a uma análise estatística descritiva e não-paramétrica. Assim, para cada uma das assertivas, verificou-se a frequência dos pontos da escala Likert obtendo números absolutos e relativos que foram apresentados em forma de gráficos e tabelas.

Realizou-se também uma análise estatística inferencial dos dados com a utilização do teste *Qui-quadrado* – estabelecendo-se $p < 0,05$ – o qual é considerado apropriado para estudos que possuem nível de mensuração nominal ou ordinal e tamanho diferente nas amostras dos grupos participantes não-pareados (MCHUGH, 2013). Nesse sentido, foram averiguadas possíveis associações e diferenças entre as respostas dos grupos participantes, utilizando-se o software IBM® SPSS® *Statistics* versão 24 para Mac.

5.3 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão apresentados, a seguir, a partir de duas das cinco dimensões constituintes do questionário, quais sejam: 1. Necessidade e utilização de materiais didáticos e 2. Possibilidades de formato para novos materiais didáticos.

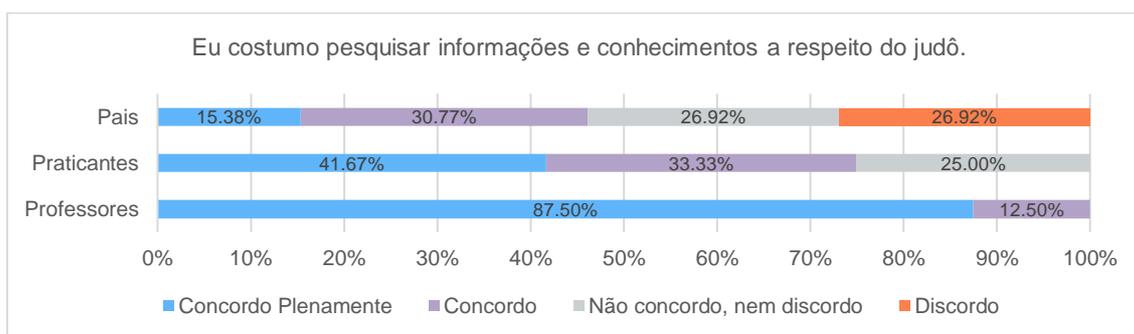
5.3.1 Necessidade e utilização de materiais didáticos

Essa dimensão tinha como objetivo verificar e compreender as necessidades que os participantes possuíam em relação a pesquisa de conteúdos sobre o judô e quais os formatos ou plataformas mais acessados para a busca dessas informações ou conhecimentos. Os resultados das respostas

dos grupos para cada uma das assertivas e os resultados do teste *Qui-quadrado* ($p < 0,05$) são apresentados na Tabela 5-1.

Quanto ao costume de pesquisar a respeito do judô, os professores se posicionaram como pesquisadores regulares, apresentando 100% de concordância na assertiva, seguido dos praticantes com 75%. Já no grupo de pais, apenas 46,15% concordaram com a afirmativa, resultando em um percentual de neutralidade e discordância que somados foram responsáveis por 53,84% (Figura 5-1).

Figura 5-1 – Gráfico de respostas da questão nº 24, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

Tabela 5-1 – Resultado das questões da dimensão *Necessidade e utilização de materiais didáticos* do questionário por grupo.

Nº	Questões	Grupos	Escala Likert					p
			Concordo Plenamente	Concordo	Não concordo, nem discordo	Discordo	Discordo Plenamente	
24	Eu costumo pesquisar informações e conhecimentos a respeito do judô.	Professores	21 (87,5%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0,000
		Praticantes	10 (41,67%)	8 (33,33%)	6 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	
		Pais	4 (15,38%)	8 (30,77%)	7 (26,92%)	7 (26,92%)	0 (0%)	
25	É fácil encontrar informações confiáveis sobre as técnicas corporais (quedas, técnicas de projeção, técnicas de solo, <i>katas</i> e <i>atemi-waza</i>).	Professores	5 (20,83%)	12 (50%)	4 (16,67%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0,047
		Praticantes	7 (29,17%)	10 (41,67%)	6 (25%)	1 (4,17%)	0 (0%)	
		Pais	0 (0%)	10 (38,46%)	11 (42,31%)	5 (19,23%)	0 (0%)	
26	É fácil encontrar informações confiáveis sobre os conhecimentos de história, regras e curiosidades.	Professores	5 (20,83%)	12 (50%)	4 (16,67%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0,107
		Praticantes	7 (29,17%)	11 (45,83%)	5 (20,83%)	1 (4,17%)	0 (0%)	
		Pais	0 (0%)	13 (50%)	9 (34,62%)	4 (15,38%)	0 (0%)	
27	É fácil encontrar informações confiáveis sobre os princípios e valores do judô.	Professores	7 (29,17%)	10 (41,67%)	4 (16,67%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0,022
		Praticantes	10 (41,67%)	7 (29,17%)	5 (20,83%)	2 (8,33%)	0 (0%)	
		Pais	0 (0%)	11 (42,31%)	11 (42,31%)	4 (15,38%)	0 (0%)	
28	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em livros ou revistas.	Professores	5 (20,83%)	10 (41,67%)	6 (25%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0,006
		Praticantes	0 (0%)	5 (20,83%)	14 (58,33%)	4 (16,67%)	1 (4,17%)	
		Pais	0 (0%)	6 (23,08%)	9 (34,62%)	10 (38,46%)	1 (3,85%)	
29	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em <i>sites</i> específicos de judô, como de academias, federações e/ou confederações.	Professores	9 (37,5%)	9 (37,5%)	4 (16,67%)	2 (8,33%)	0 (0%)	0,219
		Praticantes	7 (29,17%)	13 (54,17%)	4 (16,67%)	0 (0%)	0 (0%)	
		Pais	5 (19,23%)	18 (69,23%)	3 (11,54%)	0 (0%)	0 (0%)	
30	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em <i>sites</i> não específicos de judô (esportes em geral, revistas científicas, jornais, etc).	Professores	5 (20,83%)	7 (29,17%)	4 (16,67%)	5 (20,83%)	3 (12,5%)	0,399
		Praticantes	3 (12,5%)	6 (25%)	10 (41,67%)	3 (12,5%)	2 (8,33%)	
		Pais	6 (23,08%)	8 (30,77%)	10 (38,46%)	2 (7,69%)	0 (0%)	
31	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em perfis, páginas ou grupos de redes sociais. (Tipo <i>Facebook</i> , <i>Instagram</i> , <i>Snapchat</i> , <i>Twitter</i> e outros)	Professores	4 (16,67%)	5 (20,83%)	5 (20,83%)	8 (33,33%)	2 (8,33%)	0,323
		Praticantes	1 (4,17%)	8 (33,33%)	9 (37,5%)	4 (16,67%)	2 (8,33%)	
		Pais	1 (3,85%)	5 (19,23%)	13 (50%)	6 (23,08%)	1 (3,85%)	
32	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em <i>sites</i> de compartilhamento de vídeos. (Tipo <i>Youtube</i> , <i>Vimeo</i> , <i>DailyMotion</i> e outros)	Professores	6 (25%)	9 (37,5%)	5 (20,83%)	3 (12,5%)	1 (4,17%)	0,257
		Praticantes	2 (8,33%)	16 (66,67%)	5 (20,83%)	0 (0%)	1 (4,17%)	
		Pais	4 (15,38%)	10 (38,46%)	9 (34,62%)	3 (11,54%)	0 (0%)	
33	Quando estou procurando informações ou conhecimento sobre o judô, eu normalmente os encontro em aplicativos para celular ou <i>tablet</i> .	Professores	2 (8,33%)	3 (12,5%)	9 (37,5%)	6 (25%)	4 (16,67%)	0,573
		Praticantes	1 (4,17%)	2 (8,33%)	9 (37,5%)	10 (41,67%)	2 (8,33%)	
		Pais	1 (3,85%)	4 (15,38%)	12 (46,15%)	9 (34,62%)	0 (0%)	
34 *	Em alguns momentos já senti falta da existência de um material que pudesse ajudar no ensino do judô, complementando a aprendizagem dos meus alunos.	Professores	10 (41,67%)	8 (33,33%)	5 (20,83%)	1 (4,17%)	0 (0%)	0,113
		Praticantes	6 (25%)	13 (54,17%)	1 (4,17%)	3 (12,5%)	1 (4,17%)	
		Pais	4 (15,38%)	10 (38,46%)	8 (30,77%)	4 (15,38%)	0 (0%)	

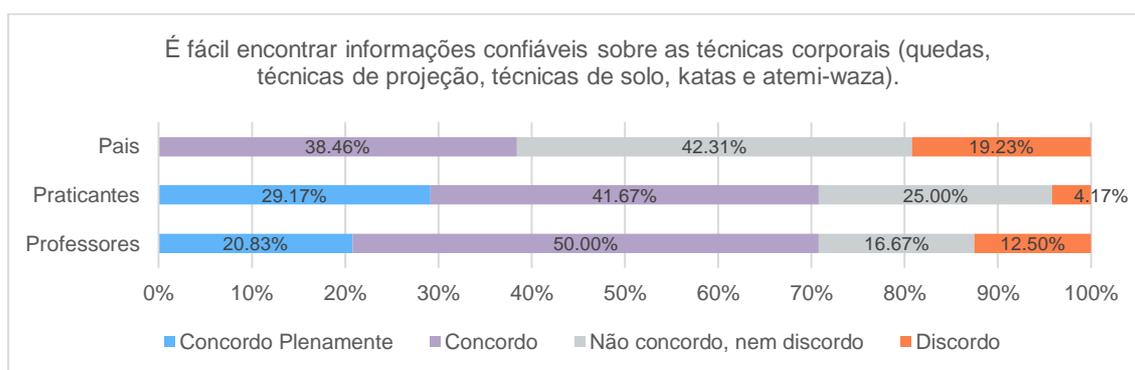
* Questões que sofreram alteração semântica de acordo com o grupo participante.

Fonte: o próprio autor.

Em relação à facilidade de encontrar informações confiáveis sobre os conteúdos, só foi possível verificar associação entre os grupos para os conteúdos relacionados a *história, regras e curiosidades* (questão nº 26).

Logo, no que diz respeito aos conteúdos ligados às *técnicas corporais* (quedas, técnicas de projeção, técnicas de solo, *katas* e *atemi-waza*), enquanto professores e praticantes apresentaram um nível de concordância acima dos 70% – respectivamente 70,83% e 70,84% – os pais chegaram apenas aos 38,46%, com um percentual de neutralidade de 42,31% e de discordância de 19,23% (Figura 5-2).

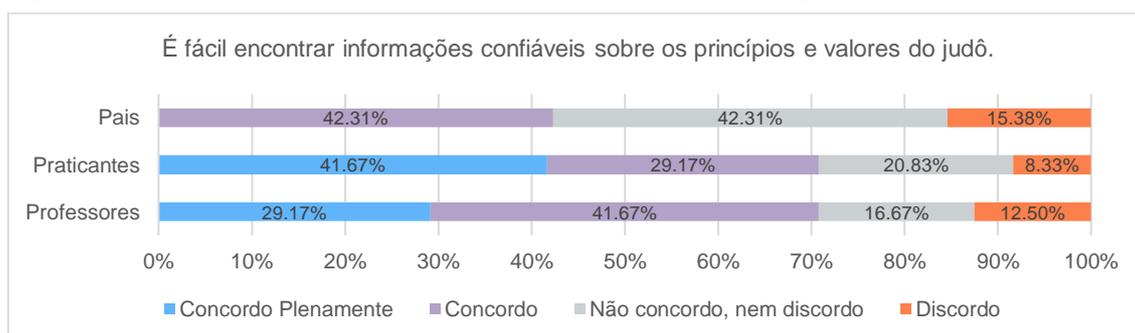
Figura 5-2 – Gráfico de respostas da questão nº 25, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

Para os conteúdos relacionados aos *princípios e valores do judô*, professores e praticantes tiveram um posicionamento semelhante aos resultados obtidos na assertiva que tratava das *técnicas corporais*, ou seja, nível de concordância de 70,84% para ambos, enquanto que os pais apresentaram apenas 42,31%. Para esse último grupo, o percentual de neutralidade ficou em 42,31% e o de discordância em 15,38% (Figura 5-3).

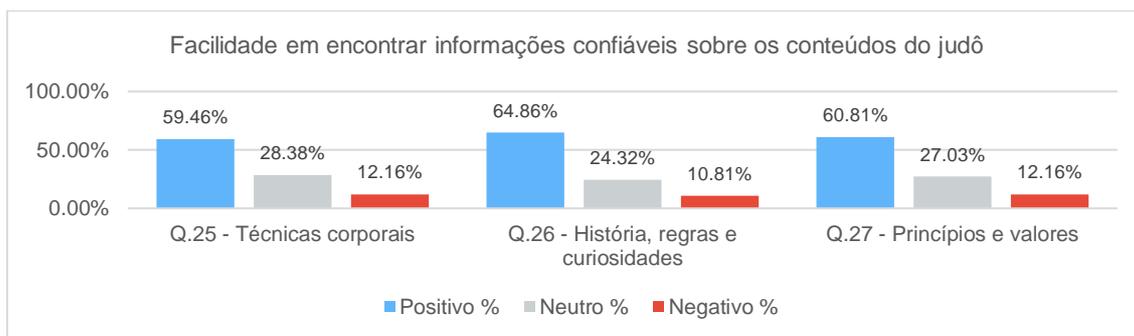
Figura 5-3 – Gráfico de respostas da questão nº 27, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

As assertivas referentes a informações sobre o judô respondidas na escala Likert foram rearranjadas e renomeadas como positiva (somando os pontos 1 = Concordo plenamente e 2 = Concordo), neutra (indicando o ponto 3 = Não concordo, nem discordo) e negativa (somando os pontos 4 = Discordo e 5 = Discordo plenamente). De forma geral, quando somados os valores dos grupos para cada assertiva, a facilidade em encontrar informações confiáveis sobre conteúdos do judô é maior para os conteúdos de *história, regras e curiosidades* com 64,86% de concordância, seguido dos *princípios e valores* com 60,81% e das *técnicas corporais* com 59,46% (Figura 5-4).

Figura 5-4 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 25, 26 e 27.



Fonte: o próprio autor.

Quanto às seis assertivas que indicavam os locais onde os participantes normalmente encontram as informações que estão procurando, a única que não apresentou associação entre os grupos foi a que apresenta os livros ou revistas como fonte de referência (questão nº 26). A partir da

Figura 5-5 percebe-se que os três grupos possuem posicionamentos distintos, nos quais professores possuem um nível maior de concordância, de 62,5%, diferente dos 20,83% dos praticantes e dos 23,08% dos pais e de um nível de discordância de 12,50%, 20,84% e 42,31%, respectivamente.

Figura 5-5 – Gráfico de respostas da questão nº 28, separado por grupos.

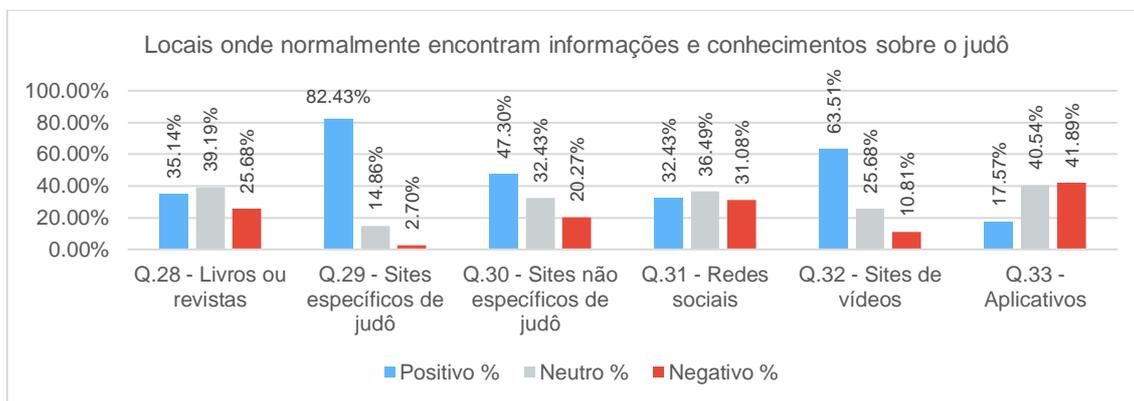


Fonte: o próprio autor.

Quando somados os valores dos grupos em cada uma das assertivas – que tratam dos locais em que os participantes encontram as informações que procuram – pôde-se traçar uma classificação em relação à concordância dos participantes.

De acordo com a Figura 5-6 pôde-se estabelecer a seguinte ordem: 1º *Sites específicos de judô* (de academias, federações e/ou confederações) com 82,42% de concordância; 2º *Sites de compartilhamento de vídeos* (Tipo *Youtube*, *Vimeo*, *DailyMotion* e outros) com 63,51%; 3º *Sites não específicos de judô* (de esportes em geral, revistas científicas, jornais, etc.) com 47,30% de posicionamento positivo; 4º *Livros ou revistas* com 35,14%; 5º *Perfis, páginas ou grupos de redes sociais* (tipo *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter* e outros) com 32,43% e em 6º *Aplicativos para celular ou tablet* com apenas 17,57%.

Figura 5-6 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 28, 29 e 30.



Fonte: o próprio autor.

Os participantes também foram solicitados a se posicionarem quanto ao fato de já terem sentido falta da existência de um material que pudesse ajudar no ensino ou aprendizagem do judô, complementando o que era tratado em aula. As respostas foram positivas à assertiva para 75% dos professores, 79,17% para os praticantes e 53,84% para os pais, que quando somados contabilizaram 68,92% de todo o grupo participante.

5.3.2 Possibilidades de formato para novos materiais didáticos

O objetivo dessa dimensão foi identificar quais seriam os formatos e as plataformas mais interessantes de se compartilhar um material didático para o processo de ensino e aprendizagem do judô, de acordo com os envolvidos na vivência da modalidade. Os resultados podem ser observados na Tabela 5-2.

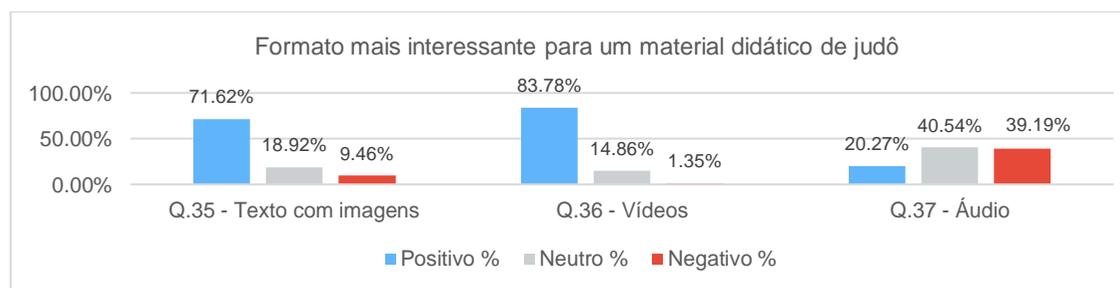
Em relação ao formato mais interessante de um possível material que oferecesse informações sobre conteúdos do judô, verificou-se a seguinte ordem, quando somados os resultados dos grupos para cada assertiva: 1º *Formato de vídeo* com 83,78% de concordância; 2º *Formato de texto com imagens* com 71,62% e 3º *Formato de áudio* com apenas 20,27% (Figura 5-7).

Tabela 5-2 – Resultado das questões da dimensão *Possibilidades de formato para novos materiais didáticos* do questionário por grupo.

Nº	Questões	Grupos	Escala Likert					P
			Concordo Plenamente	Concordo	Não concordo, nem discordo	Discordo	Discordo Plenamente	
35	O formato mais interessante de um material que oferecesse informações sobre conteúdos do judô seria em forma de texto com imagens.	Professores	10 (41,67%)	9 (37,5%)	4 (16,67%)	1 (4,17%)	0 (0%)	0,394
		Praticantes	6 (25%)	9 (37,5%)	6 (25%)	2 (8,33%)	1 (4,17%)	
		Pais	4 (15,38%)	15 (57,69%)	4 (15,38%)	3 (11,54%)	0 (0%)	
36	O formato mais interessante de um material que oferecesse informações sobre conteúdos do judô seria em forma de vídeo.	Professores	6 (25%)	11 (45,83%)	7 (29,17%)	0 (0%)	0 (0%)	0,2
		Praticantes	8 (33,33%)	13 (54,17%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0 (0%)	
		Pais	7 (26,92%)	17 (65,38%)	1 (3,85%)	1 (3,85%)	0 (0%)	
37	O formato mais interessante de um material que oferecesse informações sobre conteúdos do judô seria em forma de áudio.	Professores	1 (4,17%)	5 (20,83%)	9 (37,5%)	9 (37,5%)	0 (0%)	0,354
		Praticantes	1 (4,17%)	2 (8,33%)	13 (54,17%)	6 (25%)	2 (8,33%)	
		Pais	1 (3,85%)	5 (19,23%)	8 (30,77%)	12 (46,15%)	0 (0%)	
38	A melhor forma de disponibilizar esse material seria a partir de um material impresso (livros, revistas, apostilas, etc).	Professores	7 (29,17%)	5 (20,83%)	10 (41,67%)	2 (8,33%)	0 (0%)	0,019
		Praticantes	2 (8,33%)	11 (45,83%)	7 (29,17%)	4 (16,67%)	0 (0%)	
		Pais	2 (7,69%)	14 (53,85%)	3 (11,54%)	7 (26,92%)	0 (0%)	
39	A melhor forma de disponibilizar esse material seria a partir de um DVD.	Professores	5 (20,83%)	9 (37,5%)	8 (33,33%)	2 (8,33%)	0 (0%)	0,208
		Praticantes	2 (8,33%)	11 (45,83%)	7 (29,17%)	4 (16,67%)	0 (0%)	
		Pais	3 (11,54%)	15 (57,69%)	2 (7,69%)	6 (23,08%)	0 (0%)	
40	A melhor forma de disponibilizar esse material seria a partir de um site.	Professores	9 (37,5%)	11 (45,83%)	3 (12,5%)	1 (4,17%)	0 (0%)	0,475
		Praticantes	8 (33,33%)	11 (45,83%)	4 (16,67%)	1 (4,17%)	0 (0%)	
		Pais	4 (15,38%)	19 (73,08%)	2 (7,69%)	1 (3,85%)	0 (0%)	
41	A melhor forma de disponibilizar esse material seria a partir de um aplicativo para celular e tablets.	Professores	5 (20,83%)	9 (37,5%)	7 (29,17%)	3 (12,5%)	0 (0%)	0,508
		Praticantes	9 (37,5%)	7 (29,17%)	5 (20,83%)	2 (8,33%)	1 (4,17%)	
		Pais	6 (23,08%)	14 (53,85%)	5 (19,23%)	1 (3,85%)	0 (0%)	

Fonte: o próprio autor.

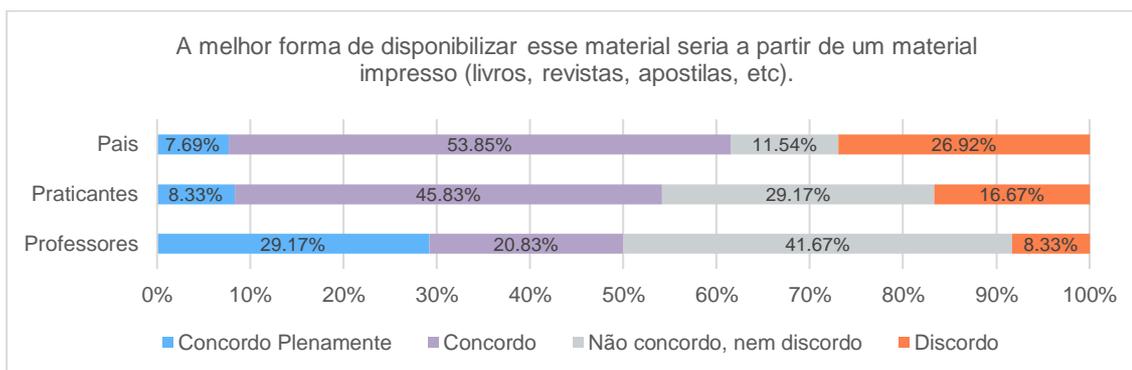
Figura 5-7 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 35, 36 e 37.



Fonte: o próprio autor.

Nessa dimensão só houve falta de associação entre os grupos para a assertiva que sugeria que a melhor forma de disponibilizar esse material seria a partir de um *material impresso (livros, revistas, apostilas, etc)*. O grupo de professores apresentou o menor nível de concordância (50%) se comparado aos resultados apresentados pelos praticantes (54,16%) e pelos pais (61,54%), como observa-se na Figura 5-8.

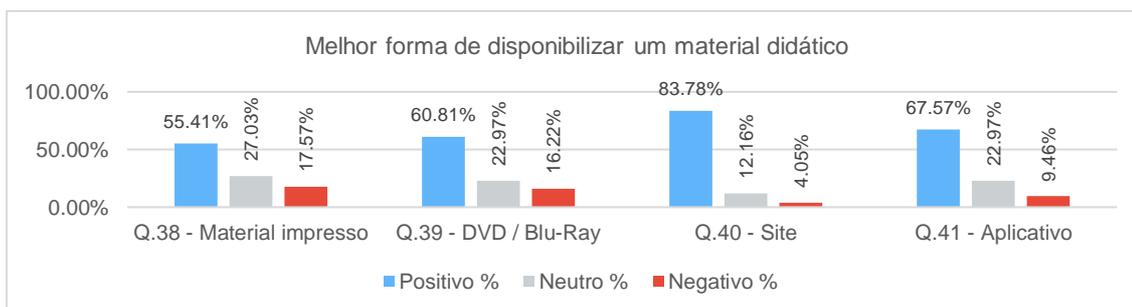
Figura 5-8 – Gráfico de respostas da questão nº 38, separado por grupos.



Fonte: o próprio autor.

Por fim, a partir da Figura 5-9 é possível perceber os níveis de concordância, neutralidade e discordância para as melhores formas de se disponibilizar um material didático para o judô de acordo com o grupo participante. Em ordem temos: 1º *Site* com 83,78% de concordância; 2º *Aplicativo* com 67,57%; 3º *DVD/Blu-Ray* com 60,81% e 4º *Material impresso (livros, revistas, apostilas, etc.)* com 55,41%.

Figura 5-9 – Gráfico da soma dos valores dos grupos em escala de concordância positiva, neutra e negativa, das questões 38, 39, 40 e 41.



Fonte: o próprio autor.

5.4 DISCUSSÃO

O grupo participante, em grande parte (72,97%), mostrou pesquisar costumeiramente sobre informações e conteúdos a respeito do judô. Ficou evidente que os professores são os maiores assíduos dessa prática, com 100% de inclinação

para tal, o que pode mostrar uma necessidade latente de um processo de formação continuada que contribua com o desenvolvimento de suas atividades docentes. Essa constatação remete a outros estudos que apontaram para a falta de uma formação adequada dos professores de judô, tanto no nível de graduação relacionando-o à área da Educação Física, como das próprias instituições reguladoras da modalidade (DRIGO, 2007, 2009; JÚNIOR; DRIGO, 2001).

Ao mesmo tempo que os praticantes também se posicionaram de forma positiva à prática da pesquisa (75%), os pais se mostraram distantes de tal ação (46,15%), eventualmente, indicando uma falta de proximidade e acompanhamento do processo de vivência dos filhos na modalidade.

Em relação à facilidade de se encontrar informações confiáveis a respeito do judô, as técnicas corporais e os princípios e valores foram apontados como os tipos de conteúdo menos fáceis, respectivamente, com 59,46% e 60,81% de concordância para as assertivas. E apesar dos conteúdos como história, regras e curiosidades serem considerados mais acessíveis, sua taxa foi de 64,86%. Esses índices dão margem à interpretação de que ainda há muito a ser feito no âmbito da produção de conteúdos do judô, fato que é reiterado com o posicionamento dos participantes em relação a já terem sentido falta da existência de algum tipo de material didático. Para 68,82% do grupo participante essa foi uma sensação vivenciada e que tem nos professores e praticantes um nível de posicionamento alto, de 75% e 79,17%, respectivamente.

Quanto aos locais de pesquisa em que normalmente encontram os conteúdos que estão procurando, o destaque ficou com aqueles que se relacionam com as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). De acordo com os pais, professores e praticantes, os *sites específicos* tais como os de academias, federações e confederações são os mais relevantes nesses achados, seguidos de *sites de compartilhamento de vídeos*, que tiveram concordância superior a 50%, respectivamente, 82,43% e 63,51%. Tais dados corroboram a ideia de que as TIC fomentam um novo mercado de informação e conhecimento (LÉVY, 1999) e que podem contribuir com o campo da educação nos âmbitos formais e não-formais (SACCOL; SCHLEMMER; BARBOSA, 2010), principalmente se forem utilizadas de forma significativa, inseridas com propósitos e com planejamentos contextualizados.

Quanto à postura a respeito dos formatos para novos materiais didáticos sobre o judô, verificou-se a predominância dos aspectos visuais em *formato de vídeo*,

apesar de se ter um posicionamento favorável também ao *formato de texto com imagens*. Essa tendência de valorização dos formatos audiovisuais pode estar atrelada tanto ao fato da sociedade viver atualmente na era das visualidades (KILPP, 2012), quanto à potencialidade que têm em inserir elementos pouco presentes nos conteúdos impressos, tal como as emoções e que podem ser significativas no processo do aprendizado (CASTRO FILHO et al., 2009).

Por fim, os participantes apresentaram-se favoráveis à disponibilização de um novo material didático prioritariamente a partir das TIC, dos quais o *site* mostrou ter maior aceitação, com 83,78% de concordância, seguido do *aplicativo para dispositivos móveis* (67,57%) e da disponibilização em *DVD/Blu-Ray* (60,81%). O baixíssimo nível de concordância com a assertiva que apontava os aplicativos como fonte de conteúdos achados sobre o judô (17,57%), somado à considerável taxa de positividade quanto à disponibilização de um novo material didático (67,57%) nessa plataforma, aponta para uma necessidade proeminente da produção de conteúdos disponibilizados a partir dessa perspectiva.

Esse resultado é possivelmente justificado quando se leva em consideração o fato de que, em 2017, os dispositivos móveis foram a principal ferramenta digital utilizada para se navegar *online* (COMSCORE, 2017). De acordo com a empresa que realizou a pesquisa, por conta das pessoas contarem cada vez mais com a utilização dos dispositivos móveis em suas vidas, ficou nítido o crescente engajamento da população na utilização de aplicativos nas mais diversas atividades de consumo.

Contudo, outro fato que deve ser levado em consideração nessa última análise é a baixa concordância para a ideia de um novo material didático ser disponibilizado a partir de um *material impresso*. O que chama a atenção não é a taxa de concordância dos participantes ser de apenas 55,41% para a assertiva, mas o fato do grupo de professores ter o menor posicionamento com relação ao tema, apenas 50%. Esse dado traz indícios de que essa forma de disponibilizar o conhecimento do judô pode não estar de acordo com as necessidades atuais de ensino e/ou possibilidades de acesso dos docentes.

5.5 CONSIDERAÇÕES

Os resultados da pesquisa contribuíram na compreensão do posicionamento de pais, professores e praticantes de judô quanto às necessidades de utilização e existência de materiais didáticos durante o processo de ensino e aprendizagem. Isso

porque os participantes mostraram ter o costume de realizar pesquisas sobre a modalidade, evidenciando o interesse em conhecimentos que ampliem aqueles desenvolvidos na sua vivência prática.

Mesmo com um índice positivo, os conteúdos relacionados às *técnicas corporais* e os *princípios e valores* foram apontados pelos participantes como os menos fáceis de se encontrar de forma confiável. Talvez por tal motivo tenham indicado falta da existência de um material ao longo de suas vivências junto à modalidade.

A respeito da criação de materiais didáticos que pudessem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem do judô, os participantes da pesquisa se mostraram favoráveis, da mesma forma como apontaram que o formato audiovisual é o mais interessante e que a maneira de se disponibilizar tais conteúdos é preferencialmente a partir das TIC, especificamente a partir de *sites* e aplicativos para dispositivos móveis.

Apesar de pesquisas apontarem para um ensino do judô pautado prioritariamente na perspectiva técnica e esportiva-competitiva, no qual professores, alunos e pais acabam por desconhecer as potencialidades educativas da modalidade, não há motivos para encarar o contexto de forma desestimuladora ou irreversível. A partir dos dados aqui apresentados, percebeu-se que, em geral, pais, professores e praticantes se interessam em pesquisar e conhecer cada vez mais e melhor a modalidade, o que desvela um campo de intervenção profícuo para um processo de ressignificação do judô, diminuindo a distância entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz.

Embora o estudo não possibilite a generalização dos achados para todas as comunidades judoísticas do país, já que a amostragem não foi caracterizada como probabilística, ele contribuiu para ampliar os entendimentos dos contextos do judô vividos no Brasil e apontou para uma nova frente de investigação e atuação na área: a elaboração de materiais didáticos que supram as necessidades e expectativas das pessoas envolvidas com a modalidade, tanto em termos de qualidade quanto de formato e acesso.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. Livros didáticos de História: práticas e formação docente. In: DALBEN, A.; DINIZ, J.; LEAL, L.; SANTOS, L. (Orgs.). **XV endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Coleção didática e prática de ensino.** Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e

práticas educacionais. Volume: Currículo, Ensino de Educação Física, de Geografia e de História e Escola, Família e Comunidade. Belo Horizonte: Autêntica e UFMG, 2010, p. 544-563.

BLAND, J. M.; ALTMAN, D. G. **Cronbach's alpha.**, 1997. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9055718>><http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=PMC2126061>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CASTRO FILHO, J. A. de; PEQUENO, M. C.; DAVID, P. B.; VIANA JÚNIOR, G. S.; SOUZA, C. de F.; MESQUITA, O. A. de. Linguagens midiáticas e comunicação em EaD. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 79, p. 47-58, 2009.

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011.** 2012. UNESP - Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96052?show=full>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CAVAZANI, R. N.; CESANA, J. **Paralelos entre a iniciação competitiva precoce e a formação de técnicos de judô.** São Paulo: CREF4/SP, 2019.

CAVAZANI, R. N.; REVERDITO, R. S.; DRIGO, A. J. Pedagogia do Esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivivência**, [s. l.], v. 28, n. 47, p. 177–190, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p177>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CHOPPIN, A. **História dos livros e das edições didáticas:** sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, SP, v.30, n.3, p.549-566, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

COMSCORE. Mobile's Hierarchy of Needs: how mobile evolved as the primary tool for the digital omnivore. **comScore**, 2017. Disponível em: <<https://www.comscore.com/Insights/Presentations-and-Whitepapers/2017/The-Global-Mobile-Report>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Conselho Nacional de Graduação. Regulamento para exame e outorga de faixas e graus.** Rio de Janeiro: CBJ, 2011.

DARIDO, S. C.; IMPOLCETTO, F. M.; BARROSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p.450-457, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/20835/WOS000284782500019.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

DINIZ, I. K. D. S.; DARIDO, S. C. Livro didático: Uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 176–185, 2012.

DE CRÉE, C. Shōnen Jūdō-no-kata ["Forms of Jūdō for Juveniles"] —an experimental Japanese teaching approach to Jūdō skill acquisition in children

considered from a historic-pedagogical perspective – part II. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 95–111, 2013. Disponível em: <<http://6036.indexcopernicus.com/abstracted.php?level=5&ICID=1090653>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

DRIGO, A. J. **O judô; do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus. 2007. 310f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275225/1/Drigo_AlexandreJanotta_D.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 396–406, 2009.

DRIGO, A. J. et al. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 49–62, 2011. Disponível em: <<http://ovidsp.ovid.com/ovidweb.cgi?T=JS&PAGE=reference&D=psyc8&NEWS=N&AN=2012-10845-002>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

HARRINTON, P. **El Libro Total del Judo**. Tutor, 2005.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, [s. l.], v. 11, n. 1973, p. 85–103, 2010. Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Confiabilidade+em+Question+rios+para+Qualidade:+Um+Estudo+com+o+Coeficiente+Alfa+de+Cronbach#0>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

IMPOLCETTO, F. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2012.

INMAN, R. **The Judo Handbook**. New York: The Rosen Publishing Group, 2008.

JÚNIOR, L. G.; DRIGO, A. J. A Já Regulamentada Profissão Educação Física e as Artes Marciais. **Motriz**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 131–132, 2001. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/GocalvesJr.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

KILPP, S. Dispersão-convergência: apontamentos para a pesquisa de audiovisuais. In: MONTAÑO, S.; FISCHER, G.; KILPP, S. (Org.). **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 223- 238.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, Trad. Carlos Irineu da Costa, 1999.

MACHADO, G. V. **Pedagogia do esporte**: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal. 2012. (Tese - Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275013/1/Machado_GiseleViola_M.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MCHUGH, M. L. The Chi-square test of independence Lessons in biostatistics. **Biochemia Medica**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 143–9, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11613/BM.2013.018>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, Go; BENTO, Jorge. Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Org.). **Pedagogia do Esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.219-226.

PETERSON, R. A. Meta-analysis of Alpha Cronbach ' s Coefficient. **Journal of Consumer Research**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 381–391, 2013.

RODRIGUES, H. D. A.; DARIDO, S. C. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz. Revista de Educação Física**. Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 48–62, 2010.

RUBIO, D. M. et al. Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. **Social Work Research**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 94–104, 2003. Disponível em: <<https://academic.oup.com/swr/article-lookup/doi/10.1093/swr/27.2.94>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SACCOL, A. Z.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. L. V. **M-learning e U-learning**: Novas Perspectivas da Aprendizagem Móvel e Ubíqua. São Paulo: Pearson Education, 2010.

SANTOS, J. P. F. R. et al. Conteúdos sistematizados para o ensino do judô: um levantamento nas instituições representativas. In: **Anais do IV SIC – Seminário de Iniciação Científica – Colorado do Oeste/RO** – Colorado do Oeste: IFRO, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323401609_Conteudos_sistematizados_para_o_ensino_do_judo_um_levantamento_nas_instituicoes_representativas>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SKINNER, J.; EDWARDS, A.; CORBETT, B. **Research Methods for Sport Management**. Oxon; New York: Routledge, 2015.

STEVENS, R.; SEMPLE, E. **The Fundamentals of Judo**. Ramsbury: The Crowood Press, 2012.

TAKAGAKI, S.; SHARP, H. E. **The Techniques of Judo**. Boston: Tuttle Publishing, 1957.

TAKAHASHI, M. **Mastering Judo**. Human Kinetics, 2012.

TAKAHIKO, I.; DRAEGER, D. **Judo Training Methods**. Tuttle Publishing, 2011.

TAVAKOL, M.; DENNICK, R. Making sense of Cronbach's alpha. **International journal of medical education**, [s. l.], v. 2, p. 53–55, 2011. Disponível em: <<https://www.ijme.net/archive/2/cronbachs-alpha.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

UCHIDA, R.; MOTTA, R. **Uruwashi**: o espírito do judô. Volume 1. Generale, 2014.

UCHIDA, R.; MOTTA, R. **Uruwashi**: o espírito do judô. Volume 2. Generale, 2017.

VIEIRA, G. M.; GOMES, M. L. M. Livros didáticos e formação de professores que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educar em Revista**, [s. l.], v. 54, n. 54, p. 257–274, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n54/a16n54.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

6 ARTIGO V – APLICATIVO PROJETO JUDÔ: CRIAÇÃO DE UM RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA MODALIDADE

RESUMO

A partir de estudos que investigaram os contextos do processo de ensino e aprendizagem do judô, constatou-se uma demanda apontada por pais, professores e alunos em relação à necessidade de materiais didáticos enquanto suporte para as aulas da modalidade. O objetivo do trabalho foi de elaborar um material didático para os primeiros níveis de graduação do judô, a partir da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem de forma acessível e gratuita. Para alcançar o objetivo proposto, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, constituída das seguintes etapas: 1. A seleção e a sistematização de conteúdos e 2. A produção dos conteúdos audiovisuais e a construção do aplicativo Projeto Judô. A sistematização dos conteúdos foi realizada, seguida da produção de 22 vídeos que desenvolveram conhecimentos de acordo com os três saberes para o ensino do esporte. Os vídeos foram disponibilizados em uma plataforma de compartilhamento, além de fazerem parte integrante do aplicativo intitulado *Projeto Judô*, que foi desenvolvido a partir da metodologia da prototipação. Este foi estruturado em três seções: *Dojo*, Dicionário e Placar, que corresponderam, respectivamente, ao acesso dos conteúdos em vídeo, à pesquisa de conceitos e termos relevantes na prática da modalidade e na utilização de um simulador de um placar oficial para o aprendizado de conteúdos de regras e arbitragem. Apesar do material ter potencial para auxiliar no ensino da modalidade, já que traz consigo características do *m-learning* e do aprendizado em rede, é necessário que o processo de prototipação seja finalizado, não prescindindo da realização da avaliação feita pelos usuários, possivelmente contribuindo para a melhora de seu desenvolvimento, para então ser disponibilizado à população interessada.

Palavras-chave: judô. ensino. tecnologia. conteúdos.

6.1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, a população vem presenciando uma alteração substancial nos cenários econômico, político, social e cultural em âmbito global, que chama a atenção não só pela velocidade das mudanças, mas também pelo tipo de reestruturação que promove nas formas de se trabalhar, comunicar, relacionar, pensar e aprender. Para alguns autores, esse momento histórico, ainda em curso, configura a chamada Sociedade da Informação (SI), que tem como principal característica a eleição do conhecimento ao título de mercadoria mais valiosa na atualidade, organizada, essencialmente, em torno das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (CASTELLS, 2005; COLL; MONEREO, 2010; WERTHEIN, 2000).

Se o conhecimento acaba tornando-se elemento fundante dessa nova sociedade, é evidente que a educação engendra uma nova dimensão: transforma-se em propulsora tanto de aspectos sociais como econômicos, o que nos revela o incansável esforço político e institucional de se implementar e validar a utilização das TIC nos ambientes educativos, mas que precisa ir para além de uma concepção de apropriação tecnológica instrumental (CORDEIRO; BONILLA, 2018; DA SILVA, 2011; DA SILVA; ÂNGELO GARÍGLIO, 2017).

Ou seja, é necessário ter clareza de que a incorporação das TIC e sua efetivação positiva no processo educacional, é dependente de um contexto complexo e que ainda precisa ser estudado em profundidade. Não se pode incorrer no erro de achar que é possível, somente a partir das potencialidades das TIC, compreender e verificar os impactos que elas trarão ao processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Coll e Monereo (2010), isso só é possível com o entendimento das formas como professores e estudantes se apropriam das características comunicativas que as tecnologias oferecem, ou seja, da troca de informações e conhecimentos e do acesso e processamento que elas realmente possibilitam na prática.

No que tange o ambiente escolar, uma diversidade de estudos foram realizados com o objetivo de compreender as relações estabelecidas entre professores, estudantes e as TIC, discutindo limites e possibilidades de ações no processo de ensino e aprendizagem (ALVARENGA, 2019; BACKES; MANTOVANI, 2017; CHAMPANGNATTE; NUNES, 2011; GOMES; VIEIRA; LUNA, 2017; MATOS et al., 2019; NAMEN et al., 2017; SILVA; CASTRO; SALES, 2018).

Ao mesmo tempo, a Educação Física, entendida como componente curricular obrigatório na escola, vem mostrando iniciativas desse entendimento e de uma aproximação do uso das tecnologias, assim como verifica-se em algumas publicações (BETTI, 2010; BITTENCOURT et al., 2018; COSTA; BETTI, 2006; DINIZ, 2014; DINIZ; DARIDO, 2015; FERREIRA, 2014, 2017; FRANCO, 2014; GERMANO, 2015; GIBBONE; PEREZ; VIRGILIO, 2014; GINCIENE, 2016; SPIKOL; MILRAD, 2008). E apesar de existirem ações fora da instituição escolar que relacionam as práticas corporais ao uso das TIC, grande parte está relacionada à área da promoção da saúde (CONROY; YANG; MAHER, 2014; DALLINGA et al., 2015; DUTE; BEMELMANS; BREDA, 2016;

MIDDELWEERD et al., 2014; ROCHA et al., 2017), carecendo de estudos no âmbito educacional não-formal – como o ensino de modalidades esportivas – fato observado em produção científica diminuta (WU; CHANG, 2016).

Dentro das práticas corporais, as lutas possuem uma relevância expressiva no Brasil que, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério do Esporte em 2013, enquadraram-se na terceira posição de preferência de modalidades esportivas entre os praticantes (8,2%), ficando atrás somente do futebol (55,7%) e do vôlei (9,9%), além de estar em quinto lugar como a atividade física mais praticada no país (BRASIL, 2016).

O judô, modalidade integrante do grupo das lutas, goza de certo prestígio não só por ser o esporte individual com maior número de medalhas conquistadas em Jogos Olímpicos, mas também por somar mais de 2,5 milhões de praticantes no país (BARROS, 2019; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2019).

Apesar desse *status* junto à sociedade, existem estudos que investigam sua prática – assim como parte das pesquisas desenvolvidas na presente tese – que apresentam deficiências e/ou limites a serem considerados, caso a intenção seja proporcionar a ação educativa pretendida e a democratização sugerida por suas instituições reguladoras. Dentre os aspectos relevantes, destacam-se:

1. A escassez de produções científicas ligadas à área pedagógica e de determinados conteúdos do judô – especificamente aqueles relacionados aos aspectos históricos e sobre os princípios e valores da modalidade – e a dificuldade de acesso aos conteúdos do judô imposto pelas barreiras linguísticas dessas produções, prioritariamente publicadas na língua japonesa e inglesa;

2. O costume de professores, praticantes e pais de estudantes em realizarem pesquisas a respeito do judô no seu dia a dia, sobretudo a partir da utilização das TIC, seguido da dificuldade de encontrarem informações e materiais confiáveis sobre determinados conteúdos, com destaque para as *técnicas corporais* e os *princípios e valores* da modalidade;

3. O declarado sentimento de falta de materiais de apoio ao ensino e à aprendizagem da modalidade por parte de professores, praticantes e responsáveis, juntamente com a clara expectativa de criação de um material em formato audiovisual, disponível em meios digitais, especificamente a partir de *sites* e aplicativos.

Os aspectos anteriormente citados apontam para um contexto de mudanças tanto das expectativas dos principais envolvidos com o ensino e a aprendizagem do judô, quanto nas perspectivas de sua prática para os momentos atuais e vindouros, já que explicitam a necessidade de discussão e transformação de questões como o acesso e as características do processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

Em outras palavras, o que se pode dizer é que, por conta das mudanças sociais vividas, a necessidade ou obrigatoriedade de uma relação face-a-face, sujeita à presença física e centrada na figura de uma pessoa – leia-se o *dojo* e o *sensei*, respectivamente – como garantia de aprendizado e de qualidade no ensino, parece sofrer, aos poucos, a influência de outras possibilidades de oferta da informação e do desenvolvimento do conhecimento proporcionados pelas novas tecnologias. De acordo com Castells (2005), as noções de tempo e espaço em nossa sociedade vêm sendo construídas e experimentadas de outra forma, reconfigurando-se:

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos [...] (CASTELLS, 2005, p. 462).

Essas novas relações estabelecidas junto ao tempo e o espaço, somadas à descentralização das formas comunicacionais e dos processos de produção e disseminação da informação, assim como as novas formas de relações sociais estabelecidas, possibilitaram a emergência da cibercultura. Esta, por sua vez, configura-se pela convergência das diversas mídias – resultantes dos usos e recursos que as TIC ofereceram à sociedade – tornando-se elemento de estímulo à multiplicação e à modificação de espaços reconhecidos como mobilizadores dos processos de aprendizagem, de pesquisa e de construção do conhecimento (BERSCH; SCHLEMMER, 2017; LEMOS, 2002).

É nesse sentido que o *m-learning* vem se apresentando nas últimas décadas como uma possibilidade de ampliação dos processos educativos. E

apesar de haver inúmeras tentativas de conceituá-lo, fica evidente que sua principal característica situa-se no campo da mobilidade, ou seja, da flexibilidade em termos de tempo e local (FERREIRA et al., 2012; VAGARINHO, 2018). De acordo com Vagarinho (2018), a partir do *m-learning* é possível aprender em qualquer lugar e a qualquer hora, estabelecer relações comunicativas entre os intervenientes de forma assíncrona, síncrona, espontânea, imediata e permanente, tirar vantagem da aprendizagem em rede, que amplia a diversidade de informações e de interlocutores no processo e podendo fazer tudo isso de acordo com a própria conveniência.

Complementarmente, Saccol et al. (2010) destacam alguns dos benefícios que as práticas do *m-learning* podem oferecer aos usuários: 1. O estímulo à exploração de diferentes recursos; 2. Aprendizagem centrada no aprendiz, colaborando para sua maior autonomia; 3. Rapidez no acesso à informação e interação; 4. Aproveitamento de “tempos ociosos”; 5. Aproveitamento das tecnologias já difundidas como ferramentas educacionais (ex. celular); 6. Colaboração na viabilidade de atividades educacionais para diferentes classes sociais e áreas geográficas; 8. Enriquecimento de outras formas de ensino (presencial ou *e-learning*) e 9. Suprimento à necessidade de formação de pessoas ou profissionais que tem dificuldade de se afastar de suas atividades.

É a partir da confluência entre as dificuldades e as necessidades apontadas anteriormente – a respeito do contexto do judô no âmbito do conhecimento e do seu processo de ensino e aprendizagem – e as potencialidades que as TIC podem trazer ao ambiente educacional, formal e não-formal, que o seguinte questionamento é proposto: As TIC podem ser uma alternativa para contribuir com a ampliação das formas de acesso aos conhecimentos historicamente produzidos sobre o judô, fomentando um processo educacional cada vez mais abrangente, economicamente viável e amplamente acessível?

É nesse contexto, portanto, que o presente trabalho teve como objetivo elaborar um material didático para os primeiros níveis de graduação do judô, a partir da utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação, capaz de subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da modalidade de forma acessível e gratuita.

6.2 METODOLOGIA

O estudo em questão possui uma abordagem qualitativa e de natureza aplicada, que tem como pressuposto teórico a geração de conhecimentos voltados para a solução de problemas práticos e específicos, em que a amostra seja capaz de produzir informações aprofundadas e ilustrativas, independentemente do seu tamanho, desde que produza novas informações (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Ao mesmo tempo a pesquisa pode ser considerada descritiva, pois pretende relatar os fatos e os fenômenos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987), nesse caso, a de elaboração do material didático intitulado *Projeto Judô*, objetivo da presente pesquisa, realizado em formato de aplicativo (*app*) para dispositivos móveis da plataforma Android.

É importante ressaltar que a construção do material foi realizada com a colaboração dos integrantes do grupo de pesquisa interdisciplinar Câmera Escura: educação, mídias e tecnologia (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4798870831599181), do qual o pesquisador da presente tese é líder.

O percurso metodológico tomado para a consecução do estudo pode ser apresentado a partir de dois momentos distintos, quais sejam:

Etapa 1 – Seleção e sistematização de conteúdos.

Esse primeiro momento da pesquisa foi executado a partir de duas ações, quais sejam:

1. *Seleção dos conteúdos a partir das propostas existentes:* com base no referencial que leva em consideração as três dimensões do saber para o ensino do esporte – os saberes corporais, os saberes conceituais e os saberes atitudinais (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012) – realizou-se uma análise das propostas já desenvolvidas pelas instituições reguladoras do judô no país, para servir de parâmetro na escolha de temas relevantes para o ensino da modalidade.

Esse processo de análise foi desenvolvido a partir do método da Análise de Conteúdo, que possui três fases: 1. Pré-análise: momento de organização do material, que tem por objetivo tornar o processo operacional, além de

sistematizar as considerações iniciais; 2. Exploração do material: fase específica da análise dos documentos com a codificação dos dados a partir de unidades de registro; 3. Tratamento dos resultados: momento em que se realiza o tratamento dos dados de forma a torná-los significativos e válidos qualitativamente ou quantitativamente, a partir da categorização que consiste na classificação dos elementos (BARDIN, 2016).

2. *Sistematização dos conteúdos*: a partir da consideração da análise das propostas já existentes e dos resultados obtidos nas pesquisas prévias da presente tese, realizou-se uma sugestão de conteúdos para o ensino do judô que tentou ampliar a perspectiva de desenvolvimento dos saberes corporais para os, igualmente importantes, saberes conceituais e atitudinais.

Etapa 2 - A Produção dos conteúdos audiovisuais e a construção do aplicativo Projeto Judô.

Essa etapa foi desenvolvida em duas grandes ações:

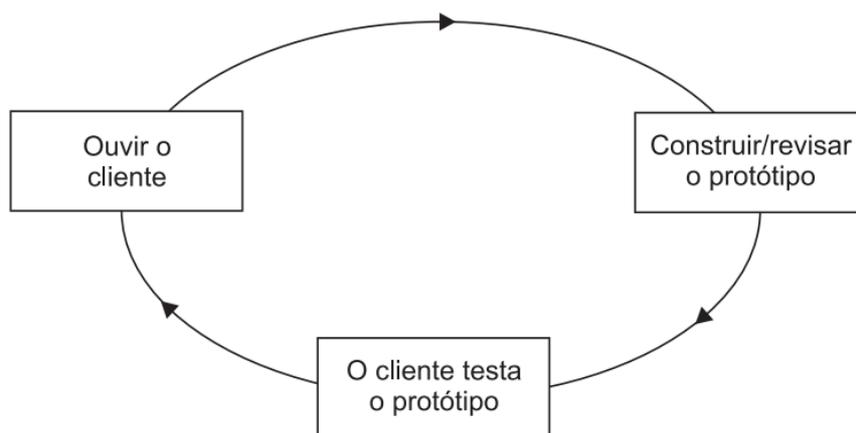
1. *A criação do material audiovisual*: a produção dos conteúdos que fariam parte do aplicativo desenrolou-se com a consecução de uma estrutura previamente pensada que consistiu em realizar: a. Pesquisa bibliográfica sobre os temas a serem abordados, b. Escrita e avaliação dos roteiros, c. Desenvolvimento dos *storyboards*, d. Gravação das cenas e e. Edição/fechamento dos arquivos.

O material audiovisual final foi composto por 22 vídeos de alta resolução (*Full HD*), totalizando um tempo de mais de duas horas e quarenta minutos de conteúdo, o que resultou em vídeos de aproximadamente sete minutos.

2. *A construção do app*: foi realizada a partir da técnica da prototipagem que se aplica a diferentes tipos de desenvolvimento de software e é capaz de auxiliar na especificação e validação de requisitos relevantes ou problemas de implementação, a partir da elaboração e teste de uma interface com usuários de maneira visual e interativa (SOARES, 2007). Especificamente, optou-se pela prototipagem evolutiva que permite a definição progressiva dos requisitos a partir da interação com os usuários que o avaliam, oferecendo retroalimentação para as tomadas de decisão (PAULA FILHO, 2001).

Esse modelo de trabalho é indicado para casos em que não há, *a priori*, um detalhamento aprofundado dos requisitos de entrada, processamento e saída do sistema, ou não há, ainda, a definição da interação que homem/máquina deve assumir junto ao sistema (SBROCCO; MACEDO, 2012). Para tanto, o paradigma da prototipagem, apresentado a seguir, foi considerado como a abordagem adequada a ser utilizada.

Figura 6-1 – Visão geral do paradigma de prototipagem, adaptado de Pressman (2002).



Fonte: Sbrocco e Macedo, 2012.

6.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.3.1 A análise dos documentos oficiais como processo de seleção dos conteúdos para o apoio ao ensino do judô.

O levantamento das sistematizações de conteúdos existentes sobre o judô junto às instituições representativas da modalidade (27 federações estaduais e confederação brasileira) foi realizado a partir de uma pesquisa prévia desenvolvida pelos pesquisadores do grupo de pesquisa citado anteriormente (SANTOS et al., 2014). Nesse estudo, das 28 instituições contatadas, apenas duas federações responderam à pesquisa sinalizando que não possuíam qualquer material oficial com conteúdos sistematizados para o ensino do judô.

Apesar dessa falta de materiais oficiais, ambas as federações fizeram menção à iniciativa de professores filiados – especificamente três – que, voluntariamente, criaram materiais, mas que não tinham qualquer relação com as instituições e eram compartilhados informalmente entre seus membros.

Por conta da escassez de dados da primeira etapa da pesquisa, os autores ampliaram a busca por materiais a partir da análise dos *sites* oficiais das 15 primeiras federações internacionais de judô, de acordo com o *ranking* olímpico da modalidade. A partir desse levantamento, verificaram que 45% dos conteúdos veiculados nos *sites* tinham características de cunho *informativo* (apresentavam notícias relacionadas às ações e eventos ligados à modalidade), 29,5% foram considerados conteúdos *educacionais* (textos, matérias ou documentos que de forma direta ou indireta apresentavam conceitos e informações para o aprendizado da modalidade) e 25,5% *burocráticos* (presença de documentos e informações sobre procedimentos de filiação, regulamentação institucional, normas de conduta, prestação de contas e outros).

Apesar da pesquisa mostrar um percentual significativo de conteúdos educacionais veiculados nos *sites* analisados (29,5%), quando contabilizados os materiais da Confederação Brasileira de Judô, pôde-se perceber uma reconfiguração dos dados, apresentando 26,1% de conteúdos *educacionais*, 26,1% de conteúdos *burocráticos* e 47,8% de conteúdos *informativos*, ou seja, uma diminuição da presença de documentos da primeira categoria em relação ao total internacional. E apesar dessa queda na presença de materiais *educacionais*, um deles se mostrou relevante na discussão da sistematização dos conteúdos do judô.

O documento intitulado “Regulamento para exame e outorga de faixas e graus” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011) foi o único arquivo oficial encontrado que propunha uma diretriz para o ensino da modalidade aqui no Brasil. Este sugere uma sistematização dos conteúdos à serem aprendidos e, portanto, ensinados, ao longo de cada um dos níveis de graduação existentes. O texto explicita no seu Art. 2º que:

De acordo com os níveis de aquisição dos conhecimentos históricos, filosóficos, os princípios do espírito do Judô, domínio e habilidades na execução das técnicas, e ainda a contribuição na divulgação e progresso do Judô, aos praticantes será autorizado usar as faixas nas cores conforme sequência abaixo [...] (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 4)

A Tabela 6-1, a seguir, apresenta os níveis de graduação existentes, as faixas que os compõem e a idade mínima necessária para cada etapa.

Tabela 6-1 – Níveis de graduação, faixas e idade mínima

Faixa	Graduação	Idade mínima
Nível Básico		
Branca	Iniciante	-
Branca / Cinza	11º <i>Kyû</i>	4 anos
Cinza	10º <i>Kyû</i>	5 anos
Cinza / Azul	9º <i>Kyû</i>	6 anos
Azul	8º <i>Kyû</i>	7 anos
Azul / Amarela	7º <i>Kyû</i>	8 anos
Amarela	6º <i>Kyû</i>	9 anos
Amarela / Laranja	5º <i>Kyû</i>	10 anos
Nível Intermediário		
Laranja	4º <i>Kyû</i>	11 anos
Verde	3º <i>Kyû</i>	12 anos
Roxa	2º <i>Kyû</i>	13 anos
Marrom	1º <i>Kyû</i>	14 anos
Nível Graduado		
Preta	1º, 2º, 3º, 4º e 5º <i>Dan</i>	16, 20, 25, 31 e 37 anos
Graduação Superior		
Vermelha e Branca	6º, 7º e 8º <i>Dan</i>	44, 52 e 60 anos
Vermelha	9º e 10º <i>Dan</i>	69 e 78 anos

Fonte: Adaptado de Confederação Brasileira de Judô, 2011.

O documento em questão passou por um processo de análise, com o intuito de verificar as potencialidades e as limitações que tinha na proposição de conteúdos¹, tomando como base o referencial que leva em conta as dimensões do saber para o ensino do esporte: os saberes corporais, os saberes conceituais e os saberes atitudinais (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Vale lembrar que tal referencial é tratado a partir de outras denominações por diferentes autores nas áreas da Educação (COLL et al, 2000; ZABALA, 1998) e da Educação Física (DARIDO; RANGEL, 2005; BARROSO; DARIDO, 2009; DARIDO; GALVÃO, 2006; MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, 2015) tanto no ambiente escolar, quanto especificamente no ensino dos esportes.

¹ O termo aqui utilizado é compreendido a partir de uma perspectiva mais ampla, em que os conhecimentos não se restringem a fatos ou conceitos, mas se expandem para uma série de saberes que propiciam o desenvolvimento e a socialização dos envolvidos. Tal entendimento é compartilhado e complementarmente discutido por alguns autores como Coll et al. (2000), Libâneo (1994) e Zabala (1998). Nesse sentido, os conteúdos podem ser considerados uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos atitudes, interesses, modelos de conduta entre outros.

De acordo com González e Bracht (2012), a compreensão e a utilização de tal referencial pode contribuir na organização dos conhecimentos pertencentes aos esportes viabilizando-os para o ensino. A perspectiva é a de possibilitar que os alunos tenham acesso ao esporte não apenas no sentido de praticá-lo, mas de também conhecê-lo a partir do acesso aos conhecimentos relacionados à sua prática, compreendendo o significado que ele tem em sua vida e na sociedade. Portanto, não se trata apenas de uma preocupação com a aprendizagem de conhecimentos sobre a prática esportiva, mas igualmente da aprendizagem de valores éticos e sociais que dela fazem parte.

A consideração desses saberes é pautada a partir das seguintes perspectivas: 1. *saberes corporais*: que dizem respeito ao conjunto de conhecimentos que se produzem/constroem/manifestam com base na experiência corporal, ou seja, tratam do desenvolvimento físico-motor, dos aspectos práticos das modalidades esportivas, indicando um “saber fazer”; 2. *saberes conceituais*: dizem respeito às informações, ideias e teorias que possibilitam a melhor compreensão dos fenômenos em estudo, tanto nos aspectos técnicos quanto em seu contexto sociocultural, dando margem à criticidade necessária para sua autonomia, o “saber sobre” e 3. *saberes atitudinais*: vinculam-se aos modos de comportamento que propiciam a prática e a vivência de valores dentro e fora dos espaços esportivos, que devem ser abordados não só sob o ponto de vista conceitual/cognitivo como também a partir de um convívio pautado no bem viver coletivo, favorecendo o exercício da cidadania, propiciando o “saber ser” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; GONZÁLEZ; FRAGA, 2009, 2012).

Especificamente tratando da análise do documento, foi possível verificar a utilização de variadas formas de apresentação dos conteúdos. Alguns deles, ora eram citados a partir de agrupamentos – como por exemplo o *Go Kyo no waza* composto por 40 técnicas (cinco grupos de oito golpes) – ora de forma separada. Portanto, para que a análise produzisse um entendimento abrangente dos conteúdos em relação aos saberes para o ensino do esporte, ela foi realizada a partir de duas medições, quais sejam:

1. Recorrência das unidades de análise: considerou-se as unidades de análise registradas ao longo do documento, sem quantificar o número de conteúdos especificados ou indiretamente vinculados a elas.

2. Quantidade de conteúdos das unidades de análise: considerou-se a quantidade de conteúdos especificados ou envolvidos indiretamente com elas.

A Tabela 6-2 mostra dois exemplos do funcionamento dessas medições:

Tabela 6-2 – Exemplo dos dois tipos de medição utilizados na análise do documento.

Itens do documento	Unidade de Análise	1. Recorrência da Unidade	2. Quantidade de conteúdos
d) Demonstrar cinco contragolpes (<i>Kaeshi-waza</i>).	Técnica de golpes	1	5
e) Demonstrar todas as técnicas de projeção (<i>Nage-waza</i>) integrantes do 3º <i>Kyô</i> .	Técnica de golpes	1	8*

*O número 8, neste caso, está relacionado à quantidade de técnicas existentes no 3º *Kyo* (3º grupo de técnicas que compõem o *Go Kyo no waza*).

Fonte: o próprio autor.

Com a utilização de tal método, pôde-se registrar dados que apresentam um panorama da sistematização proposta pela Confederação Brasileira de Judô, no que diz respeito às dimensões dos saberes e que são expostos na Tabela 6-3.

Tabela 6-3 – Relação entre os conteúdos e sua categorização a partir dos saberes para o ensino dos esportes.

Forma de medição	Saberes Corporais	Saberes Conceituais	Saberes Atitudinais	Total
1. Recorrência das unidades de análise	128 (73,56%)	38 (21,84%)	8 (4,60%)	174 (100%)
2. Quantidade de conteúdos relacionados às unidades de análise	1029 (84,41%)	182 (14,93%)	8 (0,66%)	1219 (100%)

Fonte: o próprio autor.

O que percebe-se é que em ambas as mensurações, o saber corporal tem presença claramente superior se comparado aos saberes conceituais e atitudinais, apresentando um desequilíbrio marcante entre eles. Vale sublinhar que tais resultados são relevantes para uma reflexão e discussão a respeito do desenvolvimento dos conteúdos ligados aos saberes conceituais e atitudinais, que não ultrapassaram os 22% e os 5%, respectivamente, na recorrência das unidades de análise e tampouco chegam aos 15% e ao 1% na quantidade de conteúdos relacionados às unidades de análise.

Ressalta-se, ainda, que a distância existente entre os saberes atitudinais e os outros dois é extremamente relevante, além de ser a única categoria que não foi alterada em números absolutos – com apenas oito recorrências – nas duas medições. Isso significa que sua presença se torna ínfima e talvez irrelevante, principalmente quando leva-se em consideração um dos próprios objetivos do documento:

[...] o Conselho Nacional de Graduação, realizou um profundo estudo visando uma reformulação no Regulamento de Exame e Outorga de Faixas e Graus da CBJ com a intenção de resgatar e preservar estes valores históricos e culturais, **como também os valores éticos e morais no ensino do Judô. Junto a isso, houve uma grande preocupação de que estes valores sejam transmitidos de forma pedagógica para que possam ser preservados e passados de geração a geração** (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p.2, grifo nosso).

Em relação ao aspecto qualitativo da análise, o primeiro destaque se dá ao fato de que todos os conteúdos apresentados possuíam a característica de algo a ser verificável para a obtenção ou conquista de um determinado grau (faixa), ou seja, muito mais como um item final a ser constatado em uma avaliação, do que uma indicação propositiva para o desenvolvimento dos conhecimentos do judô, fato que se aproxima das discussões realizadas sobre a avaliação no ensino das lutas corporais (RUFINO; DARIDO, 2012).

Isso ficou evidente na análise dos saberes corporais, a partir das diversas técnicas existentes – relacionadas tanto com os golpes quanto com as posturas e posicionamentos corporais necessários à sua prática – que foram apresentadas, exclusivamente, a partir da necessidade de suas demonstrações pelos praticantes, ou seja, sem qualquer preocupação aparente com o aprofundamento do “saber fazer”. Um trecho da sistematização para o 9º *Kyu* (faixa cinza/azul) é representativo de tal questão:

- c) Demonstrar formas de pegar no *judogui* (*Kumikata*)
- d) Demonstrar os três tipos de amortecimento de queda (*Ukemi*) em movimento.
- e) Demonstrar três técnicas de projeção (*Naguewaza*) – integrantes do 1º *Kyô*.
- f) Demonstrar três técnicas de imobilização (*Ossaewaza*). (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 7).

Tal evidência se torna ainda mais relevante quando são analisados os saberes conceituais, já que estes estiveram ligados basicamente a dois formatos:

1. A partir da ideia de conhecer o significado de termos comumente utilizados em japonês nas aulas ou treinos – e que eram apresentados em uma seção denominada *vocabulário*, como observa-se nos exemplos à seguir:

Vocabulário: - significado da palavra Judô – caminho da suavidade, sendo que a palavra *Ju* – significa suavidade, não resistência e *Dô* - significa meio, caminho, doutrina. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 9),

ou

Vocabulário: - nome do uniforme de Judô (*Judogui*), calça (*Shitabaki*), casaco (*Uwagui*), faixa (*Obi*), chinelo (*Surippa*) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 7).

2. A partir de conhecimentos históricos, primordialmente caracterizados pelo aspecto factual, apresentados na seção intitulada *Histórico*, como observa-se nos seguintes trechos:

Histórico – nome do criador do Judô (Jigoro Kano) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 9);

Histórico: - nome da primeira escola de Judô (*Kodokan*);

[...]

Histórico: - a data da fundação do *Kodokan*, - maio de 1882 - a arte que deu origem ao Judô, o Jujutsu (arte da maleabilidade espiritual) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 7).

Sendo assim, não foi possível perceber qualquer articulação entre os saberes corporais e conceituais, o que pode apontar ou encaminhar para uma prática de ensino baseada, primordialmente, em aspectos técnicos e motores do judô, tendendo a configurar-se em um momento de repetição exaustiva de movimentos impensados, em que o aluno se torna um mero executante daquilo que seu professor demonstra, assim como apontado por Breda et al. (2010) quando tratam da tradição no ensino das lutas corporais.

Se os saberes corporais e conceituais foram tratados em um sentido de pouca contextualização e sem quaisquer conexões entre eles, o mesmo foi verificado a partir da análise dos saberes atitudinais. Esses foram identificados a partir da seção intitulada *Princípio do judô*, que apresentava frases ou máximas escritas pelo fundador da modalidade, Jigoro Kano – que possuem um valor moral intrínseco ou encaminham para a proposição de determinada postura ou

atitude – mas que não apresentaram qualquer apontamento do que se esperava com elas:

Princípio do Judô – quem teme perder já está vencido.
(CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 7);

Princípio do Judô – somente se aproxima da perfeição, quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo a humildade
(CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011, p. 9).

Essa verificação corrobora o posicionamento de Rufino e Darido (2012) a respeito do ensino das lutas corporais. De acordo com os autores, apesar de existir uma relação entre a tradição dessas práticas corporais e um suposto ensino da disciplina, do respeito e da ética, muitas vezes esse acontece a partir de um processo de imposição, sem contextualizações ou explicações pedagógicas, o que não se mostra interessante, já que não possibilita o diálogo e a reflexão, deixando subentendido o tratamento dessa dimensão, embora ela não seja efetivamente ensinada.

Ainda vale destacar que o documento se utiliza do termo *princípio* para apresentar alguns dos valores esperados com a prática da modalidade, enquanto que diversos autores usam o termo para se referirem à fundamentação filosófica de sua criação a partir das seguintes ideias: a. do uso eficiente das forças físicas e mentais para que se chegue ao resultado desejado (*Seiryoku Zenyo*), b. da prosperidade mútua por meio da assistência e da concessão mútua (*Jita Kyoeri*), c. do conceito de que “o suave controla o duro” (*Ju*) e d. de que a prática do judô pode ser utilizada como “caminho para viver a vida” (*Do*) (BROUSSE, 2002; BROUSSE; MATSUMOTO, 2005; MATSUMOTO, 1996; MESQUITA, 2014; STEVENS, 2007; SUGIZAKI, 2016; UCHIDA; MOTTA, 2013). Essa falta de adequação do termo em relação aos estudos já desenvolvidos a respeito do tema pode contribuir para a falta de compreensão por parte daqueles que se valem do documento como referencial de estudo ou planejamento, conseqüentemente, dificultando o processo de ensino e aprendizagem desses conteúdos.

O que pode-se apontar, portanto, é que a análise do documento verificou tanto um desequilíbrio quantitativo entre os saberes corporais, conceituais e atitudinais, quanto uma ausência de relações entre esses saberes ao longo da sistematização. De acordo com Machado (2012) a busca pelo balanceamento

entre os conteúdos é algo desejável, assim como o entrelaçamento harmonioso entre eles, favorecendo a construção de uma base de sustentação para uma prática pedagógica consistente, possibilitando um processo de formação a partir das diferentes modalidades, cenários, personagens e significados.

Da mesma forma, Zabala (1998) aponta para a integração dos saberes e não de sua fragmentação, apesar de reconhecer que a identificação dos conteúdos nessas três dimensões é fundamental para a elaboração de um bom planejamento.

No caso específico do ensino das lutas corporais – e, conseqüentemente, do judô – Rufino e Darido (2012) afirmam que tratar os saberes de forma integrada pode promover a ampliação da visão e da aprendizagem sobre suas práticas.

Foi a partir da verificação do desequilíbrio e da falta de integração entre os saberes propostos pelo documento oficial da CBJ que se estabeleceu o ponto de partida para a sugestão da sistematização dos conteúdos que balizaria a criação dos materiais audiovisuais pertencentes ao protótipo do aplicativo, em uma perspectiva que tentou desenvolver os conhecimentos a partir dos diferentes saberes.

6.3.2 Uma proposta de sistematização dos conteúdos para os primeiros níveis de graduação e sua materialização audiovisual.

Antes de qualquer descrição e apresentação da proposta de sistematização, vale destacar alguns posicionamentos que foram tomados para a construção do material e que estão ligados a quatro questionamentos: “Por que ensinar o judô?”, “Para quem ensinar?”, “O que ensinar?” e “Como ensinar?”.

Essas perguntas, de acordo com Machado (2012), fazendo referência à Ghiraldelli (2007), devem estar presentes na prática pedagógica do educador contribuindo para que haja: o entendimento dos objetivos do ensino proposto; a adequação dos conteúdos e os métodos de ensino de acordo com os grupos de pessoas que se deseja ensinar; a escolha intencional dos conteúdos que devem ser selecionados e dos métodos utilizados para atingir os objetivos estabelecidos, respectivamente.

A seguir, são apresentadas as respostas dadas pelos pesquisadores para a proposição do material em questão:

Por que ensinar o judô?

O objetivo de ensinar o judô se relaciona, fundamentalmente, com a ideia do desenvolvimento integral daqueles que se interessam pela modalidade ou o praticam, com vistas à formação e à educação em seus aspectos sociais, morais, afetivos, cognitivos e motores, a partir de uma visão de construção coletiva da sociedade, que se apropria dos conhecimentos culturais construídos ao longo da história da modalidade, ao mesmo tempo que os relacionam aos contextos sociais vividos, proporcionando uma postura crítica e autônoma de uma prática corporal desejavelmente transformadora e cidadã.

Para quem ensinar?

Compreendendo a dificuldade de se propor conteúdos e metodologias que contemplem tanto aos interesses inerentes das faixas etárias, como dos diferentes níveis de conhecimento da modalidade, a opção feita foi de priorizar, inicialmente, o atendimento de pessoas interessadas pelo judô e praticantes novatos, com idade superior à 14 anos, considerando, portanto, que os mesmos já tenham vivenciado o período inicial de formação esportiva – ou seja, que tenham passado pela Fase Pré-escolar (3-6 anos), a Fase Universal (6-12 anos) e a Fase de orientação (12-14 anos) – e já estejam preparados para experimentarem as próximas fases, que se inicia com a especialização técnica da modalidade, na Fase de direção (14-16 anos), na qual ocorre a especialização técnica de uma modalidade e, posteriormente, avança de acordo com o caminho escolhido pelos praticantes, assim como propõem Greco e Benda (2007).

O que ensinar?

Os conteúdos a serem desenvolvidos no material dizem respeito à produção cultural, historicamente construída em torno do judô e que possui relação com conhecimentos ligados ao saber lutar (aprendendo técnicas, táticas e desenvolvendo formas de se movimentar na modalidade), à compreensão dos porquês de sua prática (os significados a ela atribuídos e as relações que estabelece nos diversos contextos sócio-históricos), além de reconhecer os valores e atitudes vinculados à vivência da modalidade, estabelecendo uma postura ética e de respeito à diversidade, visando a construção de uma sociedade justa e democrática.

Como ensinar?

Os métodos utilizados para a confecção do material audiovisual integrante do aplicativo foi basicamente o expositivo, com a utilização das formas verbal, da demonstração, da ilustração e da exemplificação, mas que também contou com a utilização de procedimentos metodológicos dos métodos de trabalho independente e de elaboração conjunta, tais como as *tarefas de assimilação do conteúdo* e a *conversa didática* (LIBÂNEO, 2002).

Ao mesmo tempo, no que diz respeito aos aspectos motores, foram utilizadas tanto a perspectiva do princípio analítico-sintético, quanto o global-funcional e o situacional (OLIVEIRA; PAES, 2014), porém com uma tendência de utilização do primeiro, na tentativa de possibilitar o contato dos detalhes técnicos envolvidos na execução dos movimentos, para a necessidade de posteriores consultas, contribuindo na autonomia do processo autoavaliativo e autorregulador da prática.

Grande parte dos métodos utilizados, não só considerou a relação entre os objetivos e os conteúdos – aspecto importante de ser levado em conta, de acordo com Libâneo (2002) – como também atentou-se para a interdependência desses dois elementos com o público-alvo e as perspectivas de desenvolvimento/utilização do aplicativo, que serão discutidas mais adiante.

Quanto às características da sistematização, é importante destacar que essa foi realizada em apenas dois níveis (faixa cinza e faixa azul), mas correlacionando-se aos quatro primeiros níveis propostos pela CBJ (11º *Kyu* [faixa branca/cinza, 10º *Kyu* [faixa cinza], 9º *Kyu* [faixa cinza/azul] e 8º *Kyu* [faixa azul]). Essa opção de reagrupamento dos conteúdos se deu, em grande parte, pela observação da fragmentação dos conhecimentos em função da idade cronológica e do estabelecimento de tempos de carência mínimos para a evolução de níveis – tanto das faixas quanto dos conhecimentos. Um exemplo claro de tal constatação é do aprendizado dos movimentos de queda (*ukemis*).

De acordo com o documento, tais movimentos são propostos de serem aprendidos em uma perspectiva fragmentada a partir de tempos cronológicos que podem não se ajustar aos tempos de desenvolvimento dos alunos, ou seja, as quedas para trás (*Ushiro-ukemi*) e para os lados (*Yoko-ukemi*), por exemplo, são apresentadas de forma a serem aprendidas primeiramente, apenas na posição deitada (durante os seis primeiros meses), para então passar para suas

vivências a partir da posição agachada (durante mais seis meses), para só depois de um ano serem vivenciadas a partir da situação do corpo em movimento. Nesse sentido é que fica evidente a desproporcionalidade do tempo pensado para o aprendizado de tais movimentos, que são básicos e essenciais, caso se tenha como objetivo uma prática segura e contextualizada da modalidade.

Por causa da faixa etária dos usuários do material se encontrar em um nível de especialização do movimento e também por saber que os tempos de aprendizado se dão em momentos diferentes – resultado do desenvolvimento maturacional e das experiências e conhecimentos prévios vividos – é que optou-se por deixar esse período mais flexível em razão da graduação por faixa. Não se estabeleceu qualquer referência para possíveis períodos de carência, levando em consideração o princípio da aprendizagem individualizada, que deve se apoiar tanto nos reais avanços do aluno, como na importância de um processo autoavaliativo, assim como propõe Rufino e Darido (2012):

Cada aluno deve ser avaliado de acordo com seus objetivos, limites, anseios e suas limitações. É preciso destacar que o processo de evolução dentro dos sistemas de graduação de uma determinada modalidade deve ser referente ao próprio aluno e que este não deve se comparar nem com os alunos menos graduados, nem com os mais graduados e nem com os de igual graduação. Isso precisa estar claro e presente durante o processo de avaliação das modalidades de lutas corporais.

[...]

Os alunos deveriam ser capazes de se auto-avaliarem em todos os momentos dos processos da prática significativa, pois isso os auxiliaria na aquisição de sua emancipação e autonomia (RUFINO; DARIDO, 2012).

De acordo com a Tabela 6-4, é possível verificar a proposta da sistematização dos conteúdos e sua relação com o material audiovisual produzido, especificamente os vídeos, que seriam posteriormente vinculados ao aplicativo.

No que tange aos conteúdos, é possível perceber que foram pensados para além dos conhecimentos específicos do judô, tentando possibilitar o desenvolvimento de certas habilidades e atitudes que contribuem tanto para a atuação prática da modalidade, quanto para a ação social e histórica dos alunos, da forma como aponta Libâneo (2002), quando trata das características essenciais dos elementos dos conteúdos de ensino no processo educativo.

Como exemplo, pode-se destacar os conteúdos propostos no vídeo intitulado *Os tipos de queda no judô (Ukemi parte 1) - Ushiro-ukemi*, em que não só o movimento de queda para trás é contextualizado e apresentado para a experimentação corporal, como também mobiliza habilidades como a *compreensão* das relações entre o movimento e o bem-estar físico dos praticantes e a *reflexão* sobre como as quedas podem ser representativas de um processo de desenvolvimento da resiliência, em que aprender com as quedas e, portanto, com os erros, podem contribuir para a evolução da prática da modalidade.

Ao mesmo tempo, pode-se notar o desenvolvimento dos três saberes ao longo da sistematização de forma relativamente equilibrada e principalmente interrelacionada, em que, as proposições dos temas tendem a serem vistas sob várias dimensões. Essa característica fica evidente a partir dos conteúdos propostos no vídeo *Kuzushi: a técnica de desequilíbrio no judô*, no qual a técnica, não só é contextualizada conceitualmente a partir do referencial histórico da criação da modalidade (saber conceitual) como também é proposta de ser experimentada em suas diversas variantes (saber corporal), além de indicar a importância de uma prática pautada na observação e análise, sugerindo uma postura prática-reflexiva (saber atitudinal).

A respeito dos saberes atitudinais é necessário destacar dois aspectos: o primeiro diz respeito ao tipo de tratamento proposto ao longo do material, por conta da falta da relação face-a-face com os alunos seu desenvolvimento ficou restrito ao ponto de vista conceitual/cognitivo, guardando pouco espaço para as vivências afetivas e de ação, tão importantes quanto a discussão (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O segundo aspecto diz respeito à quantidade de saberes atitudinais propostos no material. Mesmo estes sendo quantitativamente superiores à sistematização do documento previamente analisado, vale dizer que o intuito é de proporcionar a discussão e a reflexão não só de valores que os pesquisadores entendem como essenciais no processo de formação, como também de trazer à tona os valores que foram apontados e hierarquizados pelos participantes em um dos estudos realizados na presente tese (Artigo III: *Concepções teóricas e atuações práticas no judô: a perspectiva da comunidade judoística*) tais como o

Tabela 6-4 – Sistematização dos conteúdos para o aplicativo e sua relação com os níveis de graduação e os títulos dos vídeos produzidos.

TÍTULO DOS VÍDEOS	CONTEÚDOS
FAIXA BRANCA	
Amarrando a faixa de judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer os dois tipos de amarração de faixa relacionando-os à duas formas de prática do judô (os <i>katas</i> e os <i>randori</i>) e à dimensão estética. 2. Realizar as duas técnicas de amarração de faixa e reconhecer seus respectivos "erros comuns".
Posições importantes para os iniciantes do judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer os contextos de utilização de dois cumprimentos (<i>tachi-rei</i> e <i>za-rei</i>), uma forma de sentar (<i>agura</i>) e da diversidade de pegadas no <i>judogi</i> (<i>kumikata</i>). 2. Experimentar três posturas diferentes (<i>chokuritsu</i>, <i>seiza</i> e <i>agura</i>) para a realização de cumprimentos adequados (<i>tachi-rei</i> e <i>za-rei</i>) e posicionamentos seguros (<i>agura</i>) ao longo da prática. 3. Experimentar a pegada regular no <i>judogi</i> (<i>kumikata</i>) para a posterior realização de técnicas de golpes, deslocamentos e vivências táticas. 4. Reconhecer a ação contemplativa, a partir da observação das aulas, como elemento importante no processo de aprendizagem. 5. Conhecer o conceito da palavra <i>dojo</i> e relacioná-lo com a ideia de desenvolvimento pessoal, a partir da experimentação e vivência de valores morais, ligados a um projeto de vida.
Os tipos de queda no judô (Ukemi parte 1) - Ushiro-ukemi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o objetivo esportivo das lutas de judô a partir do conceito <i>Ippon</i>. 2. Compreender a importância dos movimentos de queda (<i>ukemi</i>) como elemento de bem-estar físico e segurança para os praticantes. 3. Experimentar o <i>ushiro-ukemi</i> a partir de exercícios progressivos de rolamento para trás (de alturas baixas para altas e de posições estáticas para dinâmicas) e na situação de aplicação de golpes em posição estática. 4. Refletir sobre a relação entre as quedas e o aprendizado do judô, indicando o valor da postura resiliente, em que a compreensão dos erros se faz importante no processo.
Os tipos de queda no judô (Ukemi parte 2) - Yoko-ukemi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do termo <i>yoko-ukemi</i> e a importância de realizá-lo a partir dos dois lados devido à característica de imprevisibilidade das lutas. 2. Experimentar o <i>yoko-ukemi</i> a partir de exercícios progressivos de rolamento lateral (de alturas baixas para altas e de posições estáticas para dinâmicas) e na situação de aplicação de golpes em posição estática. 3. Relacionar a utilização dos movimentos de queda do judô em contexto extra-dojo, para o desenvolvimento do bem-estar e segurança da população.
Os tipos de queda no judô (Ukemi parte 3) - Mae-ukemi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do <i>mae-ukemi</i> e o contexto de sua utilização (a. Em situações de defesa do oponente e b. De desequilíbrio próprio). 2. Experimentar o <i>mae-ukemi</i> a partir de três exercícios progressivos de queda frontal (alturas baixas para altas). 3. Conhecer os contextos atuais da prática da modalidade a partir de conhecimentos científicos, valorizando o processo de aquisição do conhecimento, capazes de impulsionar atitudes de envolvimento e alteração da vivência junto ao judô (a. Apresentação de resultado de pesquisa sobre os <i>ukemis</i> junto à comunidade judoística).
Os tipos de queda no judô (Ukemi parte 4) - Mae-mawari-ukemi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do termo <i>mae-mawari-ukemi</i> ou <i>zempo-kaiten-ukemi</i> e o contexto de sua utilização (realizado em boa parte das quedas presentes nas lutas). 2. Experimentar o <i>mae-mawari-ukemi</i> a partir de cinco exercícios progressivos de rolamento frontal (alturas baixas para altas e estático e dinâmico) e na situação de aplicação de golpes em posição estática. 3. Conhecer o significado do princípio <i>ju</i> (suavidade) e estabelecer uma relação direta com a prática das técnicas da modalidade, nesse caso com os <i>ukemi</i>.
Saudações e cumprimentos no judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender a existência das relações entre as posturas utilizadas na prática do judô e a cultura japonesa, desmistificando e distanciando-se de posicionamentos de submissão e valorizando atitudes de respeito, confiança e cumplicidade. 2. Conhecer os significados e os contextos de utilização das duas formas de cumprimento no judô (<i>ritsu-rei</i> e <i>tachi-rei</i>). 3. Experimentar as duas formas de cumprimento do judô (<i>ritsu-rei</i> e <i>tachi-rei</i>).
Como realizar o O-soto-gari	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do termo <i>o-soto-gari</i> e os contextos de seu uso. 2. Conhecer aspectos históricos do judô nacional e internacional, relacionando-os com outros conteúdos (a. A conquista olímpica de Rogério Sampaio com o golpe <i>o-soto-gari</i>, sua especialidade). 3. Conhecer o significado do termo <i>nage-waza</i> (grupo de técnicas de projeção) e das três etapas de realização dos golpes desse grupo (<i>kuzushi</i>, <i>tsukuri</i> e <i>kake</i>). 4. Experimentar a execução do golpe <i>o-soto-gari</i> a partir das três fases de desenvolvimento dos golpes de <i>nage-waza</i>: o desequilíbrio (<i>kuzushi</i>), o encaixe (<i>tsukuri</i>) e a projeção (<i>kake</i>). 5. Compreender a importância da autoavaliação contínua de seus corpos e movimentos, desenvolvendo atitudes conscientes de adaptação e mudanças conforme as necessidades vividas.
Como aplicar a técnica Sasae-tsurikomi-ashi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do termo <i>sasae-tsurikomi-ashi</i> e os contextos de seu uso. 2. Conhecer o significado da relação <i>tori</i> (pessoa que executa o golpe) / <i>uke</i> (pessoa que recebe o golpe). 3. Experimentar a execução do golpe <i>sasae-tsurikomi-ashi</i> e compreender a lógica de suas fases de desenvolvimento.
Como realizar o Kesa-gatame	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer as formas de finalização de uma luta (projeção, imobilização, estrangulamento e chave de articulações), seus respectivos termos (<i>nage-waza</i>, <i>osaekomi-waza</i>, <i>shime-waza</i> e <i>kansetsu-waza</i>) e suas relações com as regras da modalidade. 2. Conhecer o significado do termo <i>kesa-gatame</i> e os contextos de seu uso. 3. Experimentar a postura formal da prática das técnicas de solo (<i>kyoshi</i>) e a execução do golpe <i>kesa-gatame</i>, juntamente com três formas de defesa ou escape do golpe.

Vocabulário da faixa branca	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender a relação existente entre os conhecimentos do judô e a cultura japonesa, contextualizando-a a partir do objetivo educacional pensado por seu fundador, Jigoro Kano. 2. Conhecer o significado de termos comumente utilizados na prática da modalidade: <i>judô</i>, <i>sensei</i>, <i>dojo</i>, <i>tatami</i>, <i>judogi</i> e da contagem dos números de 1 à 10. 3. Valorizar a necessidade da compreensão dos significados de nomes, gestos e posturas utilizados no judô, evitando um envolvimento meramente automatizado e repetitivo de sua prática e ampliando-o.
Sensei Bunichi Matsubara (parte 1): história de vida e história do Judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer aspectos históricos do judô nacional e internacional, relacionando-os com outros conteúdos (a. A história do fundador do judô em Rondônia e b. A história da criação do judô).
FAIXA CINZA	
Kuzushi: a técnica de desequilíbrio no judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender a importância, os contextos e a lógica de utilização do desequilíbrio (<i>kuzushi</i>) nas técnicas de <i>nage-waza</i>, possibilitando a análise de situações práticas diversas. 2. Conhecer aspectos históricos do judô nacional e internacional, relacionando-os com outros conteúdos (a. A história do processo de descobertas de Jigoro Kano na criação do judô e o conceito de <i>kuzushi</i>). 3. Experimentar as oito posições de <i>kuzushi</i> existentes na forma de exercício e em aplicação prática com um golpe já estudado (<i>sasae-tsurikomi-ashi</i>). 4. Reconhecer a ação contemplativa, a partir da observação e análise dos movimentos, como elemento importante no processo de aprendizagem para o estabelecimento de uma postura prática-reflexiva.
Shintai: as técnicas de deslocamento no judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender os contextos de utilização dos diferentes tipos de deslocamento (<i>shintai</i>) no judô: o <i>ayumi-ashi</i> (passada normal), o <i>suri-ashi</i> (passada deslizante) e o <i>tsugi-ashi</i> (passada fora de ordem), sabendo analisar e escolher a melhor forma de acordo com a necessidade. 2. Experimentar as técnicas <i>suri-ashi</i> (passada deslizante) e <i>tsugi-ashi</i> (passada fora de ordem) a partir da aplicação de golpes, vivenciando sua eficácia.
Como dobrar o kimono ou judogi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer os termos utilizados para tratar do uniforme do judô (<i>kimono</i> e <i>judogi</i>), seus significados e as partes que o constituem (<i>uwagi</i>, <i>zubon/shitabaki</i> e <i>obi</i>, respectivamente casaco, calça e faixa). 2. Experimentar uma das possíveis dobras do <i>judogi</i> para guardá-lo e transportá-lo. 3. Compreender a importância do <i>judogi</i> para a prática do judô, reconhecendo-o como um dos elementos de representação de respeito pelo espaço, pelos companheiros e pela apreciação estética de sua utilização.
Como realizar o O-goshi	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do conceito de <i>koshi-waza</i> (técnicas de quadril), assim como do significado do termo <i>o-goshi</i>. 2. Experimentar diferentes aplicações práticas do <i>o-goshi</i> (posição estática, em movimento, em luta com pegada regular e com pegada irregular).
Como aplicar a técnica De-ashi-harai	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado da termo <i>deashi-harai</i> e a modificação na sua pronúncia a partir do fenômeno intitulado <i>rendaku</i>. 2. Experimentar a execução do <i>deashi-harai</i> e de exercícios para a compreensão do "timing" de entrada do golpe. 3. Analisar a execução de determinados golpes e identificar características relevantes como momentos de aplicação, posicionamentos, deslocamentos e desequilíbrios favoráveis à sua efetividade.
Como realizar o Kami-shiho-gatame	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado do conceito de <i>ne-waza</i> (técnicas de solo) para introduzir o significado do golpe <i>kami-shiho-gatame</i> (imobilização de quatro apoios por cima). 2. Experimentar a execução do golpe <i>kami-shiho-gatame</i>, assim como três formas de defesa ou escape.
Renraku-renka-waza: as técnicas combinadas no judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer a possibilidade de realização de técnicas combinadas (<i>renraku-renka-waza</i>), a partir da importância de execução de ações que coloquem o adversário em posição vulnerável para a entrada de outros golpes (conceito de ação e reação). 2. Experimentar a combinação de golpes a partir de técnicas já executadas anteriormente (a. <i>deashi-harai / o-soto-gari</i>; b. <i>sasae-tsurikomi-ashi / o-soto-gari</i>; c. <i>sasae-tsurikomi-ashi / deashi-harai</i> e d. <i>sasae-tsurikomi-ashi / deashi-harai / o-soto-gari</i>).
Viradas na luta de solo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer a importância das técnicas de virada enquanto possibilidade de ação ofensiva no solo, situando-a como parte do vasto conhecimento de <i>katame-waza</i> do judô, apesar de sua pequena utilização no âmbito esportivo, devido às regras atuais. 2. Identificar as três diferentes técnicas de <i>osaekomi-waza</i> utilizadas nas viradas apresentadas (<i>yoko-shiho-gatame</i>, <i>kami-shiho-gatame</i> e <i>kata-gatame</i>). 3. Experimentar a execução de três viradas, finalizando-as com três técnicas de <i>osaekomi-waza</i>.
Vocabulário da faixa cinza	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer o significado de termos comumente utilizados na prática da modalidade: <i>mate</i>, <i>hajime</i>, <i>soremade</i>, <i>sono-mama</i>, <i>kiotsuke</i> e da contagem dos números de 10 à 20.
Sensei Bunichi Matsubara (parte 2): História de vida e Princípios do Judô	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer aspectos históricos do judô nacional e internacional, relacionando-os com outros conteúdos (a. A relação entre a imigração japonesa e o judô no Brasil). 2. Conhecer os princípios fundamentais do judô (<i>Seiryoku Zenyo</i> e o <i>Jita Kyoei</i>), valorizando-os e relacionando-os com atitudes da vida diária individual e coletiva. 3. Refletir sobre as concepções de judô existentes, expandindo seu entendimento e prática para além da dimensão motora, incorporando gradativamente os aspectos educacionais e culturais do judô na sua rotina de vida.

Fonte: o próprio autor.

respeito, a disciplina, a resignação, a ética e a moral, a sociabilidade, o altruísmo, a humildade, a justiça, a educação e outros.

Foi uma opção não tematizar tais valores nesse momento, não só por conta das poucas produções científicas desses saberes junto ao judô (Artigo II¹) e da nítida incipiência de seu entendimento e tratamento no processo de ensino e aprendizagem na modalidade (Artigo I² e Artigo III³), mas por entender como sensato e coerente com a proposta do material, a realização de uma verificação prévia das expectativas de desenvolvimento do tema – no que diz respeito à forma – junto a um grupo de pais, professores e alunos, possibilitando, posteriormente, uma oferta contextualizada às reais necessidades da população interessada. Nesse caso, essa consulta foi prevista de ser efetuada juntamente com a etapa de avaliação do aplicativo, depois da finalização do protótipo funcional.

6.3.1 O aplicativo Projeto Judô: contexto, estrutura e principais características.

Um estudo realizado pela empresa *comScore*, que analisou as tendências e comportamentos de utilização de dispositivos móveis (*mobile*), verificou que dentre 13 países participantes da pesquisa, mais da metade do tempo gasto pela população nos meios digitais (tempo digital) é realizado a partir do uso de *mobile*. No Brasil, o percentual chega à 73%, ficando atrás somente da Indonésia (90%), Índia (86%) e México (75%). Esse tempo de utilização dos dispositivos móveis é alavancado, basicamente, pelo uso de aplicativos, responsáveis por mais de 80% do total em todos os países, tendo no Brasil uma relevância de 89%. Para a empresa, vive-se atualmente a “era dos *apps*”, já que é a partir desses que acontece o maior engajamento *online* das pessoas no mundo digital (BURGER, 2017; MARTIN, 2017).

É claro que apesar da pesquisa estar focada, principalmente, nas relações de consumo a partir de tais dispositivos, fica evidente que sua utilização acaba se estendendo para outras dimensões do cotidiano da população, que vão desde a comunicação e o entretenimento até a socialização e a educação.

¹ O Artigo II tem o título: *O estado da arte do judô: a produção acadêmica na área das lutas e os estudos sobre os princípios e valores da modalidade.*

² O Artigo I foi intitulado: *O judô no Programa Mais Educação: as concepções, significados e atuação dos monitores.*

³ O Artigo III é o que trata das *Concepções teóricas e atuações práticas no judô: a perspectiva da comunidade judoística.*

O uso dos dispositivos móveis vem sendo muito potencializado por causa da crescente necessidade de mobilidade, acesso, troca de informações, compartilhamento de ideias e experiências entre as pessoas, resultado da importância dada ao conhecimento pela sociedade nas últimas décadas (CASTELLS, 2005; COLL; MONEREO, 2010; WERTHEIN, 2000). É nesse sentido que se cria a necessidade de ampliação dos espaços formais de educação e que, conseqüentemente, oportunizam o emprego da aprendizagem com mobilidade, o *m-learning* (GRAZIOLA JUNIOR, 2009).

A partir dos resultados do estudo apresentados no Artigo IV⁴ dessa tese, constatou-se que os pais, professores e alunos de judô, participantes da pesquisa, possuem costume de realizar pesquisas sobre o judô no seu dia a dia, principalmente utilizando-se das TIC, evidenciando o interesse em ampliarem os conhecimentos desenvolvidos na prática da modalidade.

Ao mesmo tempo, apontaram a dificuldade de encontrarem informações e materiais confiáveis com conteúdos da modalidade, mostrando-se favoráveis à existência de um material em formato audiovisual, disponível em meios digitais, especificamente a partir de *site* e aplicativo.

Embora existam indícios de que a prática das lutas corporais ainda possui características de valorização de aspectos tradicionais e que envolve, em determinadas situações, fatores místicos (DRIGO, 2007; FRANCHINI; DEL'VECHIO, 2007; RUFINO; DARIDO, 2012), foi possível perceber que parte desse posicionamento pode estar sofrendo alterações significativas, já que há uma postura favorável em relação à inserção das tecnologias enquanto mediadora dos conhecimentos a respeito do judô, flexibilizando ou relativizando a valoração exclusiva e historicamente dada à figura do *sensei* (professor) ou à academia e o *dojo*.

É, portanto, nesse contexto de transformações e de novas expectativas e necessidades apresentadas por pais, professores e alunos de judô, que realizou-se a construção do aplicativo intitulado *Projeto Judô*, com vistas em subsidiar o processo de ensino e aprendizagem da modalidade de forma acessível e gratuita. A seguir serão apresentados sua estrutura, funcionalidades,

⁴ O Artigo IV é o que trata sobre os *Materiais didáticos para o ensino do judô: necessidades e expectativas de pais, professores e praticantes*.

potencialidades e limites, levando em consideração a proposição de um ensino no formato *m-learning*.

O aplicativo foi desenvolvido para o sistema operacional (SO) Android, uma vez que os *mobiles* que trabalham com o mesmo, são responsáveis pela maior participação no mercado de vendas – de janeiro de 2017 a janeiro de 2020, teve representatividade de 74,26% do mercado mundial e de 84,89% no Brasil (GLOBALSTATS, 2020) – além de ter ultrapassado a marca de dois bilhões e meio de usuários ativos em 2019, depois do anúncio dos dois bilhões em 2017, ou seja, de um aumento de 500 milhões de usuários em 24 meses, o que significou mais de 20 milhões de dispositivos por mês (PROTALINSKI, 2019). A escolha pelo SO está atrelada à tentativa de possibilitar o maior acesso dos interessados pelo judô aos conteúdos de sua prática.

Um dos aspectos relevantes de ser apresentado quanto ao aplicativo é de que seu desenvolvimento partiu da necessidade apresentada pelo grupo de pais, professores e alunos participantes das pesquisas anteriormente já citadas e que trata do compartilhamento do material didático sobre o judô. Especificamente, pelo fato do grupo expor a expectativa de acesso desse material em *sites* e aplicativos, foram utilizadas como estratégia a incorporação dessas duas plataformas no processo.

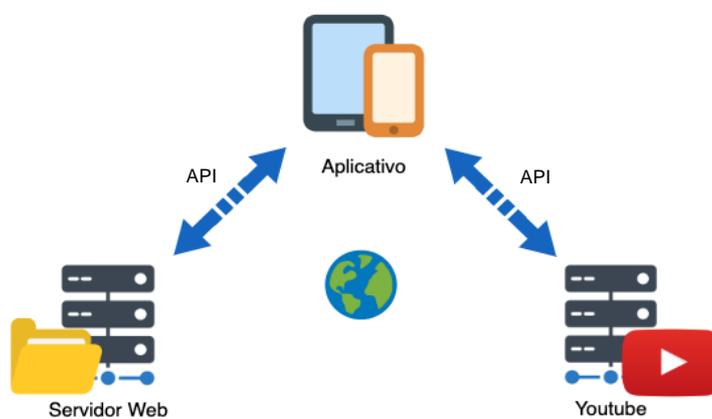
Todo o material audiovisual produzido – os 22 vídeos – foram armazenados no Youtube, que atua como uma plataforma de distribuição para criadores de conteúdo e anunciantes de pequeno ou grande porte e que permite a descoberta, a reprodução e o compartilhamento de vídeos e outros materiais, além de disponibilizar um fórum para que as pessoas interajam e informem-se (YOUTUBE, 2020). Os serviços que a plataforma oferece acabam por suprir a ideia da disponibilização do material em um *site* – assim como revelou a pesquisa já citada – além de trazer a oportunidade de serem encontrados de maneira mais fácil e orgânica na internet, impulsionando um maior acesso e alcance do material, já que o Youtube é considerado o terceiro maior motor de busca utilizado no mundo, ficando atrás apenas do Google e do Google Images (FUNK, 2020).

No seu desenvolvimento foram utilizadas as ferramentas Android Studio para a criação da aplicação *mobile*, o Netbeans IDE para a realização da aplicação web a partir da linguagem PHP (*Hypertext Preprocessor*) v.7.2 e o

DBMS (Data Base Management System) MySQL v.5.7 para a construção e gerenciamento do banco de dados. Além desses, na prototipação gráfica foi usado o Adobe Illustrator CC17.

Estando, portanto, os materiais audiovisuais armazenados em um serviço já disponível, o *app* foi desenvolvido a partir de um parâmetro de conjugação de ferramentas e plataformas que serão apresentados adiante. Na Figura 6-2 verificamos o diagrama que representa o fluxo de API's (*Application Programming Interface*) do aplicativo, que foram utilizadas para enviar e receber informações junto dos serviços remotos.

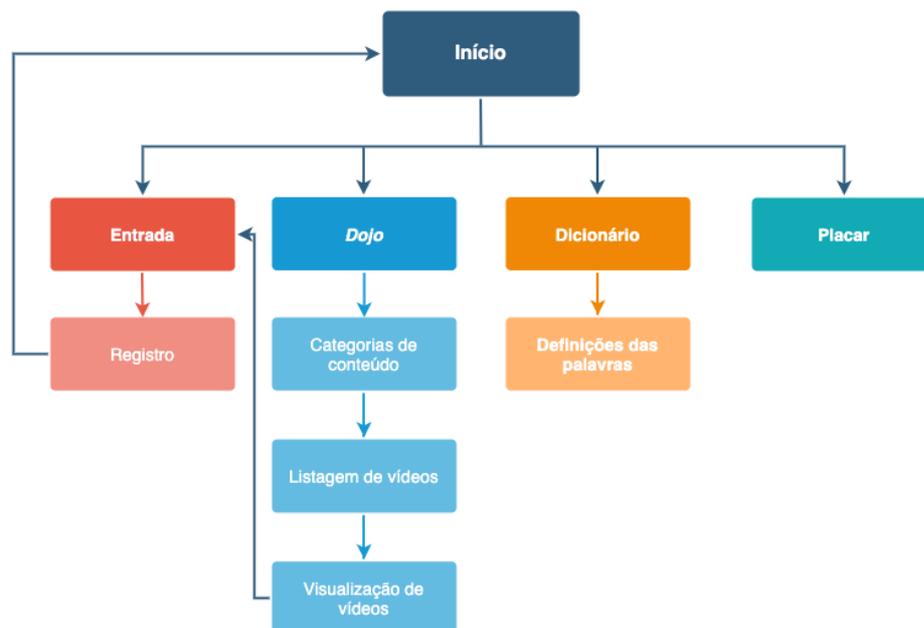
Figura 6-2 – Diagrama de fluxo de API's do aplicativo Projeto Judô.



Fonte: o próprio autor.

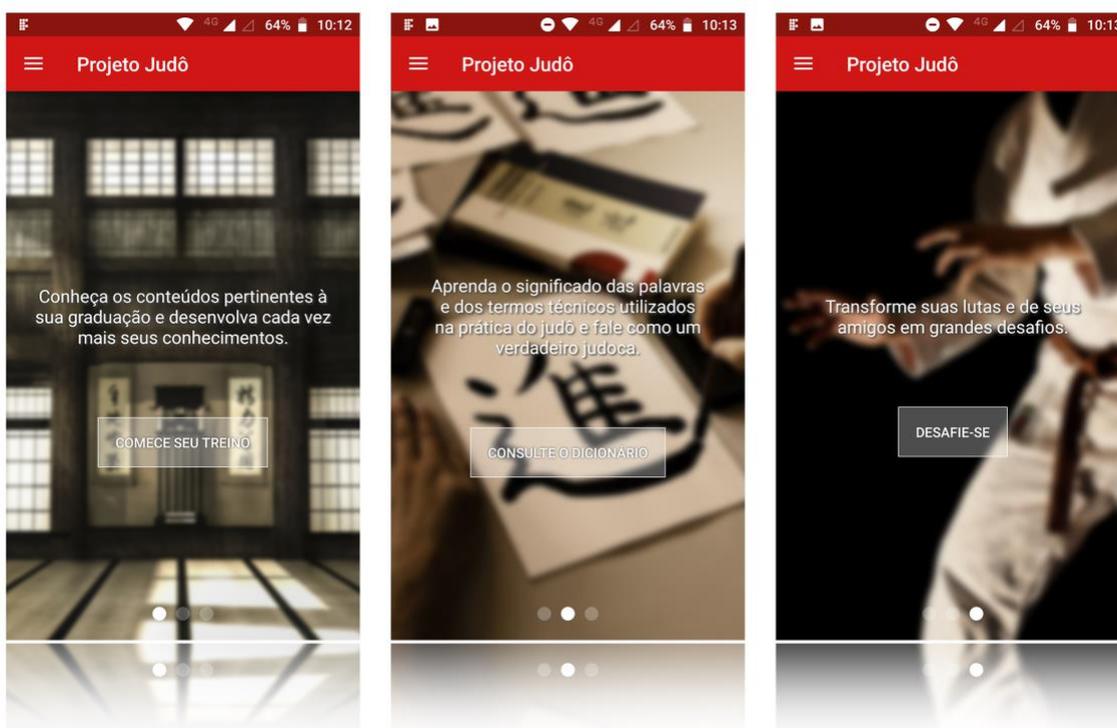
A estrutura do aplicativo foi pensada a partir da oferta de três seções principais: 1. Seção *Dojo*, 2. Seção Dicionário e 3. Seção Placar, que podem ser visualizadas a partir do fluxograma de funcionamento na **Error! Not a valid bookmark self-reference..**

Figura 6-3 – Fluxograma de funcionamento do aplicativo Projeto Judô.



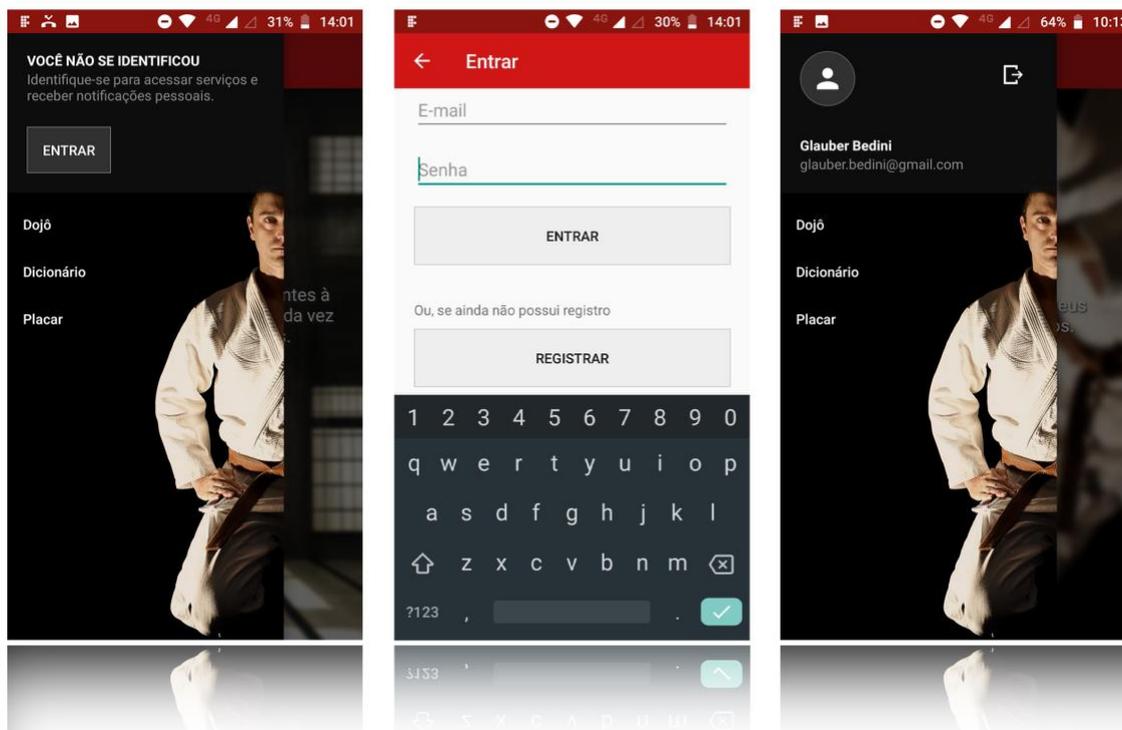
Fonte: o próprio autor.

Assim como apresentado na figura acima, na tela de início do *app* é possível acessar as três seções principais, a partir de três *banners* deslizantes, além de entrar no menu lateral, no qual a pessoa registra-se como usuário (ver Figura 6-4 e Figura 6-5).

Figura 6-4 – Tela inicial com banners das seções *Dojo*, *Dicionário* e *Placar*

Fonte: o próprio autor.

Figura 6-5 – Tela do menu lateral, tela de registro/login e menu lateral com login realizado.



Fonte: o próprio autor.

1. A seção *Dojo*

É nessa seção que o usuário tem acesso a toda a sistematização dos conteúdos. Sua primeira tela é a de listagem dos níveis de graduação, em que pode-se escolher entre as faixas branca e cinza. Diferentemente da sistematização realizada pela CBJ, os conteúdos propostos no *app* são aqueles que devem ser aprendidos ao longo da graduação relacionada e não vinculando-se ao nível ou faixa a ser alcançado. Logo, no aplicativo, os conteúdos iniciam-se a partir da faixa branca (Figura 6-6) e não a partir da faixa branca/cinza.

Figura 6-6 – Tela com listagem das níveis de graduação.



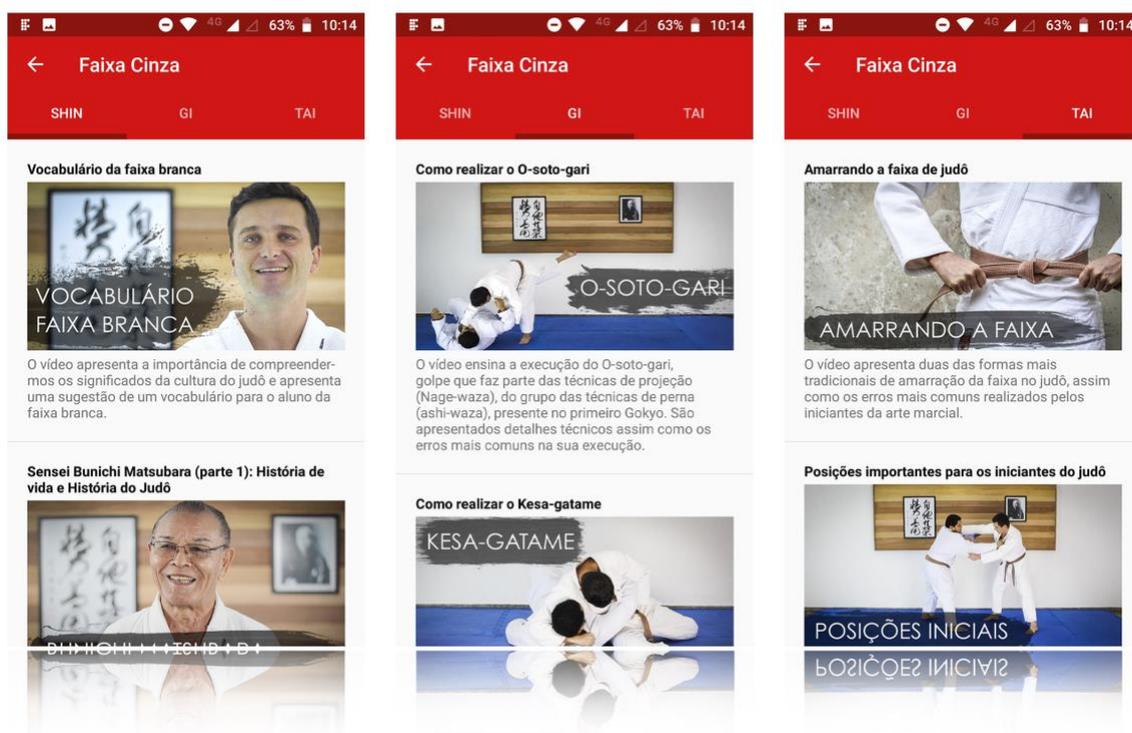
Fonte: o próprio autor.

Após selecionado o nível de graduação a ser estudado, entra-se em contato com a tela de listagem dos conteúdos que, por questões didáticas relacionadas à organização, foram distribuídas em três abas deslizantes. Essas foram desenvolvidas a partir da tentativa de agrupar os conteúdos de acordo com suas principais características e que, basicamente, representam:

1. Os conteúdos voltados para o desenvolvimento cognitivo, intelectual (SHIN);
2. Os conteúdos relacionados às técnicas de golpes (GI) e
3. Os conteúdos referentes às posturas corporais e etiquetas comumente utilizadas no judô (TAI);

Por conta dessas características, as abas receberam nomes que fazem parte do conceito *Shin-gi-tai* que, de forma simples, fundamenta-se na ideia do desenvolvimento da unidade entre o pensamento, a técnica e o físico. No caso do aplicativo, utilizou-se a tradução literal dos termos que o compõe (*shin* – espírito/mente, *gi* - técnica e *tai* - corpo), com o intuito de relacioná-los aos grupos de conteúdos, de acordo com suas características, e fazendo alusão à importância do conceito no processo de aprendizado. Essa configuração da tela pode ser observada na Figura 6-7.

Figura 6-7 – Telas da seção *Dojo*: as abas *Shin*, *Gi* e *Tai*.



Fonte: o próprio autor.

Em cada uma dessas abas encontra-se a lista de vídeos da categoria que contém as seguintes informações: o título do vídeo, uma imagem representativa do tema e uma breve descrição do conteúdo a ser abordado (Figura 6-7). A inserção dessas informações foi pensada com o intuito de facilitar a escolha, evitando ações de busca que necessitassem do contato direto com o material, ou seja, o usuário não precisa entrar no vídeo para saber do que se trata e se este é um conteúdo que ele procura no momento.

Quando o usuário seleciona o vídeo, a próxima tela disponibiliza o seu reprodutor, que pode ser acionado tanto com a utilização parcial da tela (Figura 6-8) quanto com a visualização em tela cheia (Figura 6-9). Ao mesmo tempo que a exibição da descrição do vídeo continua presente nessa subseção, é disponibilizada a ferramenta *comentários*, possibilitando o envio de mensagens entre os usuários, porém, apenas para aqueles que realizaram o *login* – a partir do menu lateral como descrito anteriormente e visualizado na Figura 6-5.

Figura 6-8 – Tela de reprodução dos vídeos.



Fonte: o próprio autor.

O intuito da incorporação da ferramenta *comentários* junto aos vídeos foi de fomentar a criação de um ambiente propício para a troca de informações entre os próprios usuários e entre esses e os produtores do conteúdo. Esse recurso está ligado fundamentalmente à ideia de promover um fluxo de informação fora da perspectiva *um-todos* e muito mais voltado para a comunicação *todos-todos*, que de acordo com Junior (2015) é a tendência dos processos comunicacionais mediados pelas mídias digitais em rede, que configuram-se em espaços privilegiados de exercício da liberdade de expressão e, conseqüentemente, de aprendizado frutífero, já que revela-se a multiplicidade de pontos de vista e da percepção do outro sobre o mundo.

Figura 6-9 – Tela de reprodução de vídeo no modo tela cheia.



Fonte: o próprio autor.

No caso do aplicativo, a sessão *Dojo* pode contribuir não só com o maior acesso ao conhecimento do judô, como também na vivência de uma aprendizagem colaborativa a partir *da* rede e *em* rede, possibilitando um aprendizado que, de acordo com Lemos e Levy (2010), vem se desenvolvendo rapidamente e contribuindo para as mudanças das relações que a sociedade estabelece com a *Web*.

O posicionamento de Fantin (2018) em relação à conexão em rede dos dispositivos móveis é ilustrativo das possibilidades de aprendizado que seu uso enseja para crianças, mas também claramente viável para jovens e adultos. E apesar da autora referenciar suas utilizações como contraponto às formas de aprendizagem no ambiente escolar, essas também mostram-se possíveis para os ambientes educativos não-formais, como as academias, clubes ou escolas de judô.

[...] a conexão em rede dos dispositivos móveis desestabiliza as formas tradicionais de aprendizagem escolar, impondo novas formas de apropriação nesse espaço e interseções entre vida cotidiana, internet e escola. Assim, o que apontamos como riscos pode ser entendido como um aspecto central do trabalho com os dispositivos móveis, não apenas por criar condições de subverter os *modus operandi* do aprender mas também por possibilitar outras percepções sobre as aprendizagens desencadeadas na confluência dessas práticas nos diferentes espaços – formais e informais – e suas singularidades (FANTIN, 2018).

É evidente que apenas a disponibilização da função *comentários* não garantirá o desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos junto aos usuários, principalmente se ela não estiver ligada a uma intencionalidade clara

de interação com os mesmos. A partir desse aspecto é importante destacar a relação entre a função *comentários* e os vídeos que foram disponibilizados.

A produção do material para os dois níveis iniciais de graduação do judô foram desenvolvidos com o uso de alguns procedimentos metodológicos que incentivam o aluno a uma postura menos passiva, sugerindo desde questionamentos e análises de movimentos – tanto de vídeos do próprio ambiente como de vídeos externos – até a indicação de pesquisas de termos desconhecidos utilizados dentro do contexto dos materiais.

Esse tipo de relação entre usuário e software, por exemplo, criando a necessidade de se pesquisar e analisar algo dentro do próprio ambiente é considerado um tipo de interação que pode ser um elemento de motivação no aprendizado, estabelecendo uma relação para além da simples entrega de conteúdo, em que o usuário é entendido apenas como um mero receptor de informações (FROHBERG; GÖTH; SCHWABE, 2009).

2. Seção Dicionário

A discussão anterior, de possuir um ambiente que propicie uma relação menos passiva dos usuários com o conteúdo, apontou as ações de pesquisa dentro do ambiente como um elemento relevante. Foi, portanto, a partir de tal aspecto que a seção dicionário foi pensada.

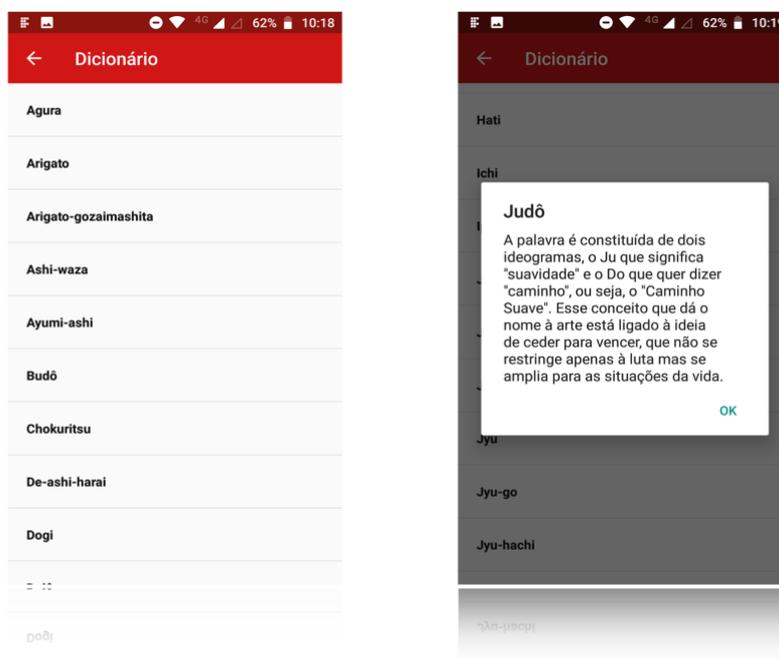
Seu objetivo é de disponibilizar, como o próprio nome sugere, um dicionário que contenha o significado de termos comumente utilizados no judô, tanto técnicos como conceituais, para que os usuários tenham a oportunidade de conhecê-los e ampliem suas compreensões a respeito da prática da modalidade.

A lista composta por 94 palavras, é representativa de todos os termos utilizados nos contextos dos vídeos, que receberam inserção visual durante o processo de edição (ver Figura 6-8) e de outros que são comumente utilizados na sua prática e que, porventura, os usuários podem entrar em contato em suas vivências. A composição da lista demandou diversas pesquisas em diferentes fontes, uma vez que a tentativa foi de ofertar significados precisos e contextualizados.

A seção pode ser acessada tanto a partir do *banner* da tela inicial, como pelo menu lateral. A sua apresentação se dá diretamente com a listagem dos

termos em ordem alfabética, que são acessados pelo toque, abrindo os significados em uma janela *pop-up* (Figura 6-10).

Figura 6-10 – Telas da seção Dicionário: lista de palavras e janela *pop-up* com significado.



Fonte: o próprio autor.

3. Seção Placar

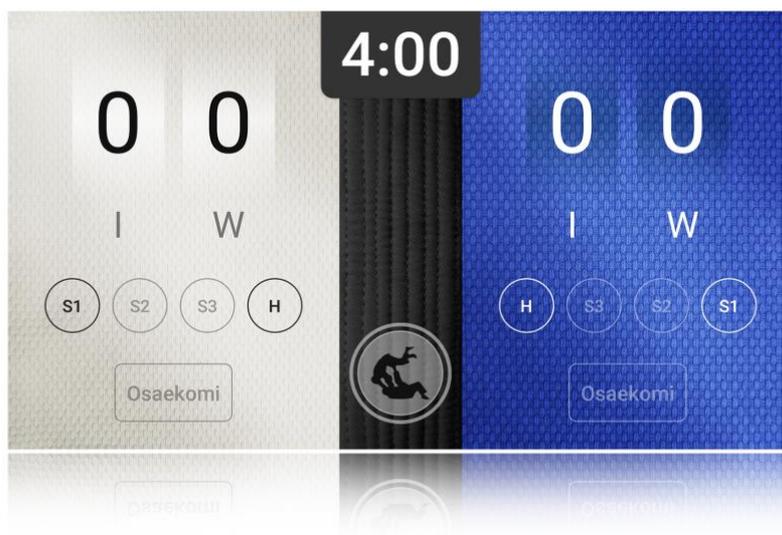
A seção Placar foi elaborada com o objetivo de disponibilizar uma ferramenta de auxílio no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem das regras do judô, a partir da manipulação das funções existentes em um placar eletrônico oficial, porém sem a necessidade de utilização de equipamentos específicos, normalmente custosos e de uso complexo. Para tanto, todas as funcionalidades de mensuração de tempos, pontuações e penalidades foram oferecidas de forma simples, intuitiva e de fácil acesso.

Seus usos também podem se expandir para atividades competitivas nas próprias aulas ou em pequenos festivais, apresentando-se como ferramenta de auxílio na arbitragem de combates.

A tela principal é composta por uma área de trabalho que apresenta os elementos de mensuração necessários em uma luta (Figura 6-11), onde verifica-se a contagem regressiva do tempo de luta, com a possibilidade de customização de acordo com a categoria de idade ou a necessidade de prática

dos participantes – recurso observável na tela de configuração do placar (Figura 6-12). Ao mesmo tempo são disponíveis os itens de pontuação (*Ippon*, e *Wazari*) para serem quantificados, assim como as penalizações (*Shido* e *Hansokumake*) e o controle de tempos de imobilização (*Osaekomi*, *Toketa* e *Sono-mama*), que são facilmente visualizados na tela do simulador em andamento (Figura 6-13).

Figura 6-11 – Tela da seção Placar.



Fonte: o próprio autor.

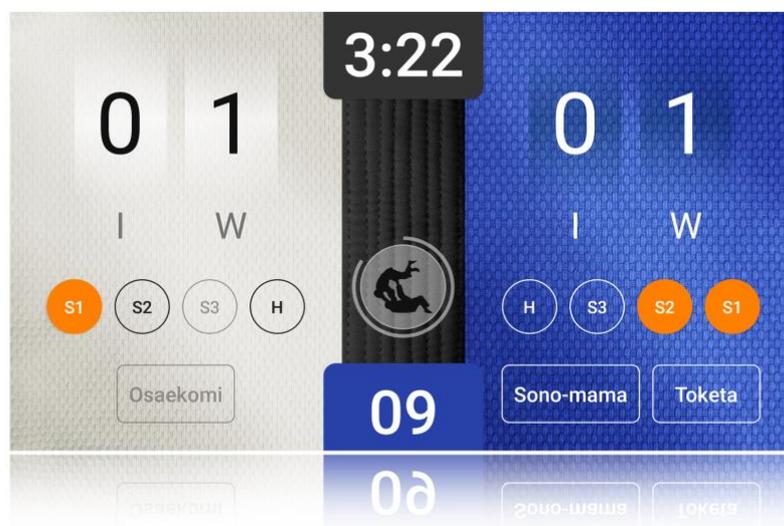
Apesar de uma suposta potencialidade em contribuir com o processo de ensino e estudo de conteúdos relacionados à arbitragem, é evidente que não há como saber, antecipadamente, de que forma essa seção suprirá as expectativas e necessidades dos futuros usuários em relação ao tema. Aliás, tal apontamento diz respeito a uma discussão ampla sobre as potencialidades das TIC e os reais usos dados a elas dentro dos processos educacionais e que é importante de ser compreendida como parâmetro para os próximos passos no processo de prototipação do aplicativo.

Figura 6-12 – Telas da seção Placar para ajuste de tempo de luta.



Fonte: o próprio autor.

Figura 6-13 – Tela do placar em funcionamento.



Fonte: o próprio autor.

Para tanto, é importante apresentar a concepção que se tem a respeito de inovação. De acordo com Hugon (2011, p.68):

É aqui que entra em jogo a questão da inovação, que para nós deve ser abordada de forma inversa. Um simples objeto técnico novo não terá valor aqui até que uma certa massa crítica de usuários o tenha recuperado para santificá-lo como um objeto no qual o grupo se reconhece a si mesmo (*apud* BACKES; SCHLEMMER; RATTO, 2017, p. 1204).

A partir de tal posicionamento, fica evidente a importância dos agentes utilizadores da tecnologia, concepção reforçada dentro das discussões educacionais a partir das TIC. De acordo com Coll e Monereo (2010), o potencial

das tecnologias para influenciar os aspectos *inter* e *intrapsicológicos* envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem será proporcionalmente mais elevado à medida que também for maior a incidência de como os professores e alunos organizam as atividades conjuntas em torno dos conteúdos e tarefas de aprendizagem presentes nas TIC.

Dessa forma, a perspectiva que se tem a respeito do processo de construção do protótipo do aplicativo é a de compreender as reais necessidades e expectativas dos seus potenciais usuários, com o intuito de oferecer um material que propicie a constituição de redes de comunicação, o compartilhamento e a construção de conhecimentos de forma cooperativa e uma aprendizagem a partir de um processo ativo, construtivo, colaborativo, cooperativo e autoregulador, assim como aponta Schlemmer (2005) quando trata dos aspectos importantes de serem reconhecidos e desenvolvidos na utilização das tecnologias digitais.

É a partir desse contexto que verifica-se a necessidade da continuidade do processo de prototipação do aplicativo, daqui em diante, relacionando-se especificamente com o momento de avaliação do modelo apresentado. Ou seja, o próximo passo é reconhecer os limites, potencialidades e necessidades apontadas pelos usuários, para então retroalimentá-lo com eventuais adequações, ferramentas e conteúdos.

6.4 CONSIDERAÇÕES

A partir de um contexto social, em que os processos educacionais formais e não-formais se relacionam cada vez mais com as tecnologias, ampliando as possibilidades de acesso e tratamento no desenvolvimento de conhecimentos, além das necessidades e expectativas apontadas por pais, professores e alunos de judô em relação ao seu ensino e aprendizado da modalidade, é que o presente estudo teve como objetivo elaborar um material didático, utilizando-se das TIC, na tentativa de subsidiar seu processo educativo de forma acessível e gratuita.

O processo de construção desse material, que foi desenvolvido a partir de duas etapas: 1. A seleção e a sistematização de conteúdos e 2. A produção dos conteúdos audiovisuais e a construção do aplicativo Projeto Judô, resultou em um material estruturado com as características descritas à seguir.

O aplicativo foi vinculado a uma sistematização de conteúdos para o ensino do judô, que extrapolou o mero ensino de saberes corporais ligados aos aspectos técnico-táticos e possibilitou o contato com conhecimentos conceituais, tanto a respeito de questões técnicas como de contextos socioculturais que envolvem a modalidade. Oportunizou, ainda, o contato com ideias e modos de comportamento que propiciam a vivência/reflexão de valores presentes nos ambientes social e esportivo.

O material produzido se utilizou de diferentes ferramentas ligadas às TIC, adequando-se, não só às necessidades e expectativas da sociedade atual, mas principalmente das apontadas por participantes da modalidade em pesquisas previamente realizadas. Nesse sentido, o formato audiovisual foi o norteador para sua criação, assim como a preferência de seu compartilhamento a partir de *sites* e aplicativos.

Como resultado, o material foi composto por 22 vídeos com conteúdos diversos sobre a modalidade, um dicionário para consulta de mais de 90 termos e conceitos inerentes à prática da modalidade, além de um simulador de placar eletrônico oficial de judô para o desenvolvimento de atividades que contribuem para o ensino e a prática da arbitragem, todos eles disponíveis no app intitulado Projeto Judô. Ainda, como subproduto, realizou-se a construção de um canal no Youtube, homônimo ao aplicativo, no qual também é possível acessar os materiais em vídeo.

O formato dos vídeos, as metodologias de ensino neles utilizados e as ferramentas existentes no app, propiciaram a construção de um material que se utilizou tanto do conceito do *m-learning* – que possibilita o aprendizado em qualquer lugar e em qualquer hora, a partir de ferramentas tecnológicas já difundidas – quanto do conceito de aprendizagem em rede, na qual a participação dos interlocutores é tanto maior quanto mais ativa, ampliando a diversidade de informações e conseqüentemente a qualidade do processo.

Ao mesmo tempo que a construção do material apontou para potencialidades e aspectos positivos, no que diz respeito ao ensino da modalidade, também foi possível verificar algumas limitações, dentre as quais destaca-se:

Apesar do aplicativo estar vinculado a uma sistematização que se propõe desenvolver saberes atitudinais, ou seja, de conteúdos ligados à valores e

atitudes – que inclusive foi apontado como uma necessidade de pais, professores e alunos no Artigo IV da tese – verificou-se que a quantidade de sua oferta pode ser percentualmente mais próxima dos saberes corporais e conceituais, melhorando seu balanceamento. Levando em consideração a proposta de criação do app, que foi baseada nas necessidades e expectativas de seus possíveis futuros usuários, além das indicações de estudos que tratam da importância de também se pensar o ensino sobre valores de forma contextualizada à realidade da comunidade envolvida, é que se compreendeu como sensato e coerente uma verificação junto aos usuários finais, sobre como seriam as formas mais interessantes de se ofertar os saberes atitudinais dentro do app. Essa consulta foi prevista de ocorrer juntamente da etapa de avaliação do aplicativo para, ao final, após as inserções e reelaborações indicadas, ele conseguir ofertar um material ainda mais próximo dos anseios e desejos da população interessada.

Outro ponto que deve ser destacado em relação às limitações do material e está relacionado ao seu momento, ainda inicial, de construção, diz respeito à sua eventual caracterização enquanto ferramenta de *m-learning*. É evidente que potencialmente ele pode se transformar em um material altamente sofisticado, mas com as características atuais, ele acaba por se enquadrar nos primeiros níveis de desenvolvimento, de acordo com o *Task Model for Mobile Learners* (FROHBERG; GÖTH; SCHWABE, 2009). O que significa que o app ainda não proporciona um espaço consistente para a consecução de altos níveis de aprendizado, tais como a aplicação, a análise e a síntese/avaliação do conhecimento, ficando restrito ao conhecer e o compreender, características principais de mais de 82% dos *software* analisados no estudo de Frohberg, Göth e Schwabe (2009).

A partir desses aspectos levantados anteriormente é que verifica-se a necessidade de dar continuidade ao processo de prototipagem do aplicativo, o qual consiste na sua avaliação junto dos usuários, tentando perceber outros limites, necessidades e pontos críticos, tanto no que diz respeito aos conteúdos quanto em relação à interface, para que possa ser repensado, reestruturado e, por fim, oferecido como uma ferramenta auxiliar relevante no processo de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem do judô, de forma amplamente acessível, gratuita e de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, C. E. A. Práticas pedagógicas com recursos digitais: instrucionistas ou construtivistas? **Informática na educação: teoria & prática**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 10–37, 2019.
- BACKES, L.; MANTOVANI, A. M. Educação On-line na Cibercultura: Desafio de literaturalizar a ciência em E-book. **Informática na Educação - Teoria & Prática**, [s. l.], v. 20, p. 95–113, 2017.
- BACKES, L.; SCHLEMMER, E.; RATTO, C. G. A convivência de natureza digital virtual nas tribos: formação na perspectiva do hibridismo tecnológico digital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [s. l.], v. 12, n. n.esp.2, p. 1194–1216, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, B. **CBJ compartilha experiência da Lei de Incentivo com técnicos da Secretaria Especial do Esporte**. 2019. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/59333-cbj-compartilha-experiencia-da-lei-de-incentivo-com-tecnicos-da-secretaria-especial-do-esporte1>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 281–289, 2009.
- BERSCH, M. E.; SCHLEMMER, E. Educação e tecnologias digitais: uma vivência pedagógica na formação de professores. **#tear Revista de Educação, Ciência e Tecnologia** [s. l.], v. 6, n. 2, p. 1–17, 2017.
- BETTI, M. Imagens em avaliação: uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em aulas de educação física. **Educar em Revista**, [s. l.], n. spe2, p. 137–152, 2010.
- BITTENCOURT, M. Z. et al. O Potencial dos Exergames para desenvolvimento de Atitude Positiva na Educação Física Escolar. **Renote**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 190–199, 2018.
- BRASIL. **DIESPORTE: Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília: Ministério da Esporte, 2016. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_revista_2016.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BREDA, Mauro et al. **Pedagogia do Esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.
- BROUSSE, M. **Le judo: son histoire, ses succès**. Paris: Minerva, 2002.
- BROUSSE, M.; MATSUMOTO, D. **Judo in the U.S.: A Century of Dedication**. Berkeley: North Atlantic Books, 2005.
- BURGER, L. **Mobile & Maslow: como o mobile supre as necessidades dos consumidores no digital?** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2017/Estudo-Global-do-Mobile>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede - Volume I**. 8ª ed. ed. São Paulo: Paz e

Terra, 2005.

CHAMPANGNATTE, D. M. de O.; NUNES, L. C. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educação em Revista**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 15–38, 2011.

COLL, C. et al. **Os Conteúdos na Reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Disponível em: <http://jornadasliterarias.upf.br/15jornada/images/stories/cadernos_de_leitura_2_2013.pdf#page=25>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**. Conselho Nacional de Graus. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/painel/arquivos/normas_e_regulamentos/102518260318regulamento-outorga-de-faixa_2018.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Olímpico**. 2019. Disponível em: <<https://cbj.com.br/olimpico/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CONROY, D. E.; YANG, C. H.; MAHER, J. P. Behavior change techniques in top-ranked mobile apps for physical activity. **American Journal of Preventive Medicine**, [s. l.], v. 46, n. 6, p. 649–652, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.amepre.2014.01.010>> Acesso em: 10 abr. 2020.

CORDEIRO, S. F. N.; BONILLA, M. H. S. Educação e tecnologias digitais: políticas públicas em debate. **Anais do SENID**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/senid/2018-artigos-completos/178958.pdf> Acesso em: 10 abr. 2020.

COSTA, A. Q. Da; BETTI, M. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 165–178, 2006.

DA SILVA, Â. C. Education and technology: Between discourse and praxis. **Ensaio**, [s. l.], v. 19, n. 72, p. 527–554, 2011.

DA SILVA, C. T. A.; ÂNGELO GARÍGLIO, J. A formação continuada de professores para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): o caso do projeto Escolas em Rede, da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. **Revista Diálogo Educacional**, [s. l.], v. 10, n. 31, p. 481, 2017.

DALLINGA, J. M. et al. App use, physical activity and healthy lifestyle: A cross sectional study. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 1–9, 2015.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z. Temas transversais e programas de iniciação esportiva: possibilidades pedagógicas. In: **PROGRAMA SESI atleta do futuro: perspectiva da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006. p.37-52.

DARIDO, S. C.; RANGEL. I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DINIZ, I. K. dos S. **Blog educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do currículo de educação física do estado de São Paulo**. 2014. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2014.

DINIZ, I. K. dos S.; DARIDO, S. C. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de educação física: Aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo. **Movimento**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 701–716, 2015.

DRIGO, A. J. **O JUDÔ; DO MODELO ARTESANAL AO MODELO CIENTÍFICO: Um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do Habitus**. 2007. Universidade Estadual de Campinas, [s. l.], 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275225/1/Drigo_AlexandreJannota_D.pdf> Acesso em: 10 abr. 2020.

DUTE, D. J.; BEMELMANS, W. J. E.; BREDA, J. Using Mobile Apps to Promote a Healthy Lifestyle Among Adolescents and Students: A Review of the Theoretical Basis and Lessons Learned. **JMIR mHealth and uHealth**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. e39, 2016.

FANTIN, M. Crianças, dispositivos móveis e aprendizagens formais e informais. **ETD - Educação Temática Digital**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 66, 2018.

FERREIRA, A. **Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de educação física escolar pautadas no currículo do Estado de São Paulo**. 2014. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2014.

FERREIRA, A. F. **As tecnologias digitais da informação e comunicação nas aulas de Educação Física: a formação continuada em serviço de professores da rede pública**. 2017. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2017.

FERREIRA, J. B. et al. A disseminação da aprendizagem com mobilidade (M-learning). **Datagramazero**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 1–21, 2012.

FRANCHINI, E.; DEL'VECHIO, F. B. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações. In: RUBIO, K. et al. (Ed.). **Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 121–145.

FRANCO, L. **Jogos digitais educacionais nas aulas de Educação Física: Olympia, um videogame sobre os jogos olímpicos**. 2014. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2014.

FROHBERG, D.; GÖTH, C.; SCHWABE, G. Mobile Learning projects - a critical analysis of the state of the art: Original article. **Journal of Computer Assisted Learning**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 307–331, 2009.

FUNK, M. **YouTube's Search Engine: How it Really Works (A Peek Under The Hood)**. 2020. Disponível em: <<https://www.tubics.com/blog/youtube-2nd-biggest-search-engine/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERMANO, V. **Educação física escolar e currículo do Estado de São Paulo: possibilidades dos usos do celular como recurso pedagógico no ensino do Hip Hop e Street dance**. 2015. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2015.

GIBBONE, A.; PEREZ, S. L.; VIRGILIO, S. J. Using Mobile Devices in Physical Education to Enhance Learning and Physical Activity for At-Risk Girls. **Strategies**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 13–17, 2014.

- GINCIENE, G. **A História do Esporte, os valores e as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino do atletismo**. 2016. Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2016.
- GLOBALSTATS, S. **Mobile Operating System Market Share**. 2020. Disponível em: <<https://gs.statcounter.com/os-market-share/mobile/worldwide/#monthly-201701-202001-bar>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- GOMES, M. D. F.; VIEIRA, H. L.; LUNA, R. A. Tecnologias Móveis de Comunicação e Informação: Impactos nas Práticas Docentes e Discentes. **Informática na educação: teoria & prática**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 36–53, 2017.
- GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.
- GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. Referencial curricular de educação física. In: (ORG.), S. de E. da educação. D. P. (Ed.). **Referencial curricular de educação física**. Porto Alegre: SE/DP, 2009. v. 2p. 255.
- GONZÁLEZ, F. J. FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.
- GRAZIOLA JUNIOR, P. G. Aprendizagem com mobilidade na perspectiva dialógica: reflexões e possibilidades para práticas pedagógicas. **Renote**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 115–124, 2009.
- GRECO, P. J.; BENDA, R. N.: **Iniciação esportiva universal 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.
- GHIRALDELLI JR, P.: **O que é pedagogia**. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- JUNIOR, D. R. do C. Educação e Cibercultura: ensinar e aprender com as imagens digitais nos processos comunicacionais na/da internet Education. **Informática na educação: teoria & prática**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 37–50, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/46344>>
- LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.
- LEMOS, A.; LÉVY, P. **O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática: velhos e novos temas**. Edição do Autor, 2002.
- MACHADO, G. V. **Pedagogia do esporte: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal**. 2012. (Tese - Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275013/1/Machado_GiseleViola_M.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-Cultural: Interlocação entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 414–430, 2014.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e Projetos Sociais: Interloquções Sobre a Prática Pedagógica. **Movimento**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 405–418, 2015.

MARTIN, B. **Estudo Global do Mobile: análise das tendências e comportamentos do mobile realizada pela comScore comScore**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://icabrazil.org/2016/files/557-corporateTwo/downloads/The+Global+Mobile+Report_FINAL_PT.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

MATOS, J. D. V. et al. Aprendizagem significativa por meio do uso de TICs: levantamento das produções da área de ensino de 2016 a 2018. **Renote**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 466–475, 2019.

MATSUMOTO, D. **An Introduction to Kodokan Judo: History and Philosophy**. Tokyo: Hon no Tomosha, 1996.

MESQUITA, C. W. **Judô... da reflexão à competição: o caminho suave**. 1. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

MIDDELWEERD, A. et al. Apps to promote physical activity among adults: A review and content analysis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, [s. l.], p. 1–9, 2014.

NAMEN, A. A. et al. Avaliação da Utilização de Recursos de Ensino on-Line Relacionados a Diferentes Estilos de Aprendizagem. **Informática na educação: teoria & prática**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 54–69, 2017.

OLIVEIRA V., PAES R. R. A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico-tático nos jogos desportivos coletivos. In: PAES R. R., BALBINO H. F. (org.). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2014. p. 63-77.

PAULA FILHO, W. P. Engenharia de Software, LTC, 2ª edição, 2001.

PROTALINSKI, E. **Android passes 2.5 billion monthly active devices**. 2019. Disponível em: <<https://venturebeat.com/2019/05/07/%0Aandroid-passes-2-5-billion-monthly-active-devices/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ROCHA, F. S. Da et al. Uso De Apps Para a Promoção Dos Cuidados À Saúde. **Anais do Seminário Tecnologias Aplicadas a Educação e Saúde**, [s. l.], v. 0, n. 0, 2017.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 283–300, 2012.

SACCOL, A. Z., SCHLEMMER, E., & BARBOSA, J., Hahn, R. **M-learning e U-learning: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson Education, 2010.

SANTOS, J. P. F. R. et al. Conteúdos sistematizados para o ensino do judô: um levantamento nas instituições representativas. In: ANAIS DO IV SIC – SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – COLORADO DO OESTE/RO 2014, Colorado do Oeste. **Anais...** Colorado do Oeste: IFRO, 2014.

SBROCCO, J. H. T. D. C.; MACEDO, P. C. De. **Metodologias Ágeis: Engenharia de Software sob Medida**. [s. l.], p. 256, 2012. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Metodologias_Ageis.html?id=GAkPLgEACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SCHLEMMER, E. A aprendizagem com o uso das tecnologias digitais : viver e conviver na virtualidade. **Série-Estudos**, [s. l.], v. 19, p. 103–126, 2005.

Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/451/340>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SILVA, D. D. O.; CASTRO, J. B.; SALES, G. L. Aprendizagem baseada em projetos: contribuições das tecnologias digitais. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1–19, 2018.

SOARES, B. C. Requisitos para utilização de prototipagem evolutiva nos processos de desenvolvimento de software para Web. **Universidade Federal de ...**, [s. l.], 2007. Disponível em:

<<http://homepages.dcc.ufmg.br/~rodolfo/dcc823-2-07/Entrega3/Bruno3.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SPIKOL, D.; MILRAD, M. Physical Activities and Playful Learning Using Mobile Games. **Research and Practice in Technology Enhanced Learning**, [s. l.], v. 03, n. 03, p. 275–295, 2008.

STEVENS, J. **Três mestres do budo**: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido). São Paulo: Cultrix, 2007.

SUGIZAKI, M. **50 anos do Judô Sugizaki no Brasil**. Sinop: Ed. Evaldo Martin Pires, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

UCHIDA, R.; MOTTA, R. **Uruwashi**: o espírito do judô. Vol. 1. São Paulo: Évora, 2013.

VAGARINHO, J. P. O que devemos ter em conta para definir corretamente os termos distance learning, e-learning e m-learning? **Educar em Revista**, [s. l.], v. 34, n. 68, p. 269–287, 2018.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 71–77, 2000.

WU, H. C.; CHANG, Y. S. Using cloud-based mobile learning for practice-oriented education. **Journal of the Chinese Institute of Engineers, Transactions of the Chinese Institute of Engineers, Series A/Chung-kuo Kung Ch'eng Hsuch K'an**, [s. l.], v. 39, n. 6, p. 755–764, 2016.

YOUTUBE. **Termos de Serviço - YouTube**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/t/terms>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

7 ARTIGO VI – AVALIAÇÃO DO APLICATIVO PROJETO JUDÔ A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA PERSPECTIVA DE PAIS, PROFESSORES E ALUNOS

RESUMO

A partir dos resultados de pesquisas exploratórias sobre os contextos de acesso aos conhecimentos do judô e das relações de ensino e aprendizagem estabelecidas em sua prática, é que iniciou-se o processo de *design* de um aplicativo para dispositivos móveis sobre a modalidade, com o intuito de prover um material didático de apoio. Entendendo a avaliação como uma etapa fundamental dessa construção é que o objetivo do estudo foi avaliar esse material didático sobre o judô, no formato de aplicativo para dispositivos móveis, a partir da perspectiva da experiência do usuário, com o intuito de melhorar a qualidade de uso do sistema. Com uma abordagem qualitativa, o grupo focal foi utilizado junto a pais, professores e alunos para verificar os sentidos que os usuários deram à interação com o sistema. Os dados construídos passaram por análise de conteúdo, revelando duas grandes dimensões: *As perspectivas para um app sobre judô* e *A avaliação do protótipo Projeto Judô*. Nelas, três categorias se mostraram relevantes: *O app como ferramenta na resolução de problemas: suas potencialidades e limites*, *A interação/interface* e *Os conteúdos*. Além de um posicionamento favorável à existência e utilização do aplicativo, os usuários levantaram pontos positivos e negativos do sistema e indicaram sugestões de inserções e adequações para o mesmo. A avaliação se mostrou relevante não só por ampliar o conhecimento sobre o contexto dos usuários-alvo e, assim, contribuir com a posterior reelaboração do protótipo, como também suscitou a reflexão sobre a necessidade de se ampliar a atuação do aplicativo com a criação de conteúdos e espaços para a troca de informações sobre suas possíveis formas de utilização, colaborando com o processo educativo a partir das TICs.

Palavras-chave: judô. tecnologia. design. avaliação. IHC.

7.1 INTRODUÇÃO

O judô foi criado com objetivo de proporcionar o desenvolvimento educacional de seus praticantes a partir de um método que integrasse os aspectos físicos, intelectuais e morais, com vistas ao desenvolvimento da sociedade (STEVENSON, 2013; WATSON, 2008).

O processo de popularização pelo qual passou ao longo das décadas, acabou por ressignificá-lo e destituí-lo de sua perspectiva pedagógica (ESPARTERO, 2016), resultando, hoje, em uma vivência prática pautada, majoritariamente, nos parâmetros institucionais do esporte ocidental (ESPARTERO; VILLAMON, 2009).

No Brasil sua vivência é caracterizada, prevalentemente, por um modelo esportivo-competitivo, em que os saberes corporais (o “saber fazer”) sobrepõem

os saberes conceituais (o “saber sobre”) e atitudinais (o “saber ser”), oferecendo uma vivência reducionista da modalidade (CAVAZANI et al. 2012; CAVAZANI; CESANA, 2019). Essa fragmentação e desproporcionalidade entre os saberes, pouco contribui para o desenvolvimento de uma prática educativa que fomente a ampliação da visão e da aprendizagem das práticas corporais relacionadas às lutas (RUFINO; DARIDO, 2012).

Apesar de existirem propostas de ação das instituições reguladoras em impulsionar o acesso da prática da modalidade à população (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2020a, 2020b, 2020c), ainda são incipientes as discussões e propostas a respeito do ensino da modalidade, juntamente com as formas de se proporcionar o acesso ampliado de seus conhecimentos.

A partir desse contexto, realizou-se o desenvolvimento de um material didático para o judô, entregue por meio de uma aplicação para dispositivos móveis, com o intuito de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da modalidade, para além dos saberes corporais e com vistas ao fomento de um acesso ampliado e gratuito à população interessada. O app¹, intitulado *Projeto Judô*, foi estruturado em três seções, quais sejam: **1. Seção Dojô**² - Tela inicial com os níveis de graduação divididos por faixas (branca e cinza) que, quando selecionados, dão acesso a três abas que, por sua vez, organizam os vídeos de acordo com os tipos de saberes tratados. Na tela de reprodução a ferramenta comentários é disponibilizada para usuários identificados. **2. Seção Dicionário** – Oferece uma lista de 94 termos comumente utilizados na prática da modalidade e que podem ser acessados pelo toque, abrindo uma janela *pop-up*. **3. Seção Placar** – Disponibiliza um placar eletrônico de arbitragem com acesso à todas as funcionalidades de mensuração existentes no de uso oficial.

De acordo com Barbosa e Silva (2010), um sistema interativo deve estar focado em apoiar os usuários a alcançarem seus objetivos. Para tanto, é desejável que sua concepção e desenvolvimento sejam guiados por atividades de *design*³, caracterizadas pela ação iterativa de *análise*, *síntese* e *avaliação*,

¹ Abreviação do termo em inglês *mobile application* para a palavra *aplicativo* em português, vem sendo utilizada não só em contextos informais como também na divulgação de trabalhos acadêmicos como podemos verificar em Silva, Macedo e Batista (2018).

² O termo *Dojô* tem seu significado literal expresso pela ideia de “lugar do caminho” que, de forma contextualizada, é atribuído ao espaço utilizado na prática e estudo das artes marciais ligadas ao *budô* – que, por sua vez, têm seus objetivos pautados no desenvolvimento pessoal a partir da vivência corporal de técnicas de combate – tais como o aikidô, o karatê, o kendô e o judô.

³ A perspectiva de atividade de *design* aqui utilizada é aquela proposta por Schön (1983), em que considera a necessidade do ato de se refletir a respeito das ações tomadas, em uma perspectiva que unifica o pensar e o agir, de

capazes de oferecer subsídios para a sua construção e para a promoção de uma boa experiência de uso. No caso da criação do app Projeto Judô, as etapas de *análise* e *síntese* foram sustentadas a partir do desenvolvimento dos estudos apresentados nos Artigos IV e V⁴ da tese, ficando para o momento a necessidade de realização da terceira etapa do processo, a avaliação.

Apesar de se saber que trabalhar com métodos avaliativos revela-se menos dispendioso, uma vez que a resolução de problemas é feita de forma antecipada à entrega ao usuário final (PREECE; ROGERS; SHARP, 2002), são poucas as ações de criação que contemplam a etapa de avaliação como elemento constituinte do processo, fato verificável em determinados estudos relacionados ao tema (NUNES; MACHADO; MORAES, 2014; TICHY et al., 1995; WAINER et al., 2009), assim como apontam Nunes et al. (2018).

No caso da avaliação de sistemas interativos, é possível realizá-la nas perspectivas de quem o concebe/constrói e de quem os utiliza. A primeira trata dos aspectos que existem dentro do sistema e podem determinar o comportamento aparente – através da interface – que afeta a experiência vivenciada pelo usuário durante a interação, e a segunda, relaciona-se com o que existe e ocorre da interface com o usuário para fora, ou seja, está ligada aos critérios de qualidade relacionados ao uso que, ainda de acordo com Barbosa e Silva (2010), podem ser: a usabilidade, a experiência do usuário, a acessibilidade e a comunicabilidade.

Para a avaliação do protótipo aqui apresentado, a preocupação se voltou para o critério de experiência do usuário, que se atém às percepções e respostas dos mesmos, vinculando-se às emoções, crenças, preferências, percepções, conforto, comportamentos e realizações que ocorrem antes, durante e após o uso (ISO 9241-210:2019, 2019).

Contudo, o objetivo do presente trabalho foi de avaliar um material didático sobre o judô, no formato de aplicativo para dispositivos móveis, a partir da perspectiva da experiência do usuário, com o intuito de melhorar a qualidade de

modo a produzir um contínuo processo de desenvolvimento das atividades profissionais. As etapas fundamentais nas atividades de *design* são: 1. A *análise* da situação atual: pela qual se busca estudar e conhecer o contexto de uma determinada problemática; 2. A *síntese* de uma intervenção: na qual planeja-se e executa-se uma intervenção para a situação e 3. A *avaliação* da nova situação: em que verifica-se o efeito da intervenção, comparando a situação anterior analisada com a nova situação depois da intervenção (BARBOSA; SILVA, 2010)

⁴ O artigo IV tem seu título “Materiais didáticos para o ensino do judô: necessidades e expectativas de pais, professores e praticantes” e o artigo V “Aplicativo Projeto Judô: criação de um recurso didático para o ensino da modalidade”.

uso do sistema, contribuindo na ampliação do acesso aos conhecimentos e no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

7.2 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir de uma metodologia de abordagem qualitativa e de cunho exploratório, já que se propôs trabalhar com o universo de significados, aspirações, valores e atitudes das relações, processos e fenômenos, comprometendo-se à desvelar ideias para produzir conhecimentos que serão dirigidos à solução de um problema específico. (MARCONI; LAKATOS, 2002; MINAYO et al., 2002; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa tratou, especificamente, da etapa de avaliação⁵ do processo de *design* do aplicativo, com foco no critério de experiência do usuário, preocupando-se, portanto, com os sentidos que estes dão à interação com o sistema em termos subjetivos (PREECE; ROGERS; SHARP, 2002).

7.2.1 Participantes

Participaram do estudo nove colaboradores, com características semelhantes às dos usuários típicos (NUNES et al., 2018; PREECE; ROGERS; SHARP, 2002) e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ser professor da modalidade, ser pai/responsável de praticante com pelo menos um ano de vivência ou ser aluno com idade superior a 14 anos e, também, com vivência mínima de um ano na modalidade. A seleção dos mesmos foi realizada pela abordagem não-probabilística – baseada no julgamento do pesquisador – e por conveniência, a partir da disponibilidade dos sujeitos (SKINNER; EDWARDS; CORBETT, 2015).

O grupo foi constituído por dois professores, dois pais de alunos, dois praticantes maiores de idade e três praticantes menores de idade. Apenas na categoria alunos, não houve representatividade equacionada entre os gêneros feminino e masculino.

⁵ O processo de avaliação aqui estabelecido pauta-se no conceito de avaliação formativa, que é aquela possível de ser realizada ao longo de todo o processo de *design*, com o objetivo de “compreender e confirmar a compreensão sobre o que os usuários querem e precisam, e para confirmar, em que grau, a solução que está sendo concebida, atende às necessidades dos usuários com a qualidade de uso esperada” (BARBOSA; SILVA, 2010). É a partir desse tipo de avaliação que dados qualitativos são coletados para identificar e corrigir problemas na experiência do usuário (HARTSON; PYLA, 2012).

O estudo atendeu os critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, aprovado a partir do Parecer nº 1.812.030. A participação dos colaboradores foi condicionada à necessidade de assinatura dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após orientação quanto aos objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa.

7.2.2 Instrumento

Dentre as diversas formas de se avaliar sistemas, o grupo focal se apresenta como uma possibilidade para nortear as discussões de experiência do usuário (UX – *User Experience*) (BARBOSA; SILVA, 2010; NIELSEN, 1993; PREECE; ROGERS; SHARP, 2002), já que a partir da interação com o grupo pode-se captar conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações que não seriam possíveis com outros instrumentos (MORGAN; KRUEGER, 1993). Também oferece boa quantidade de informações em um período curto de tempo (GATTI, 2005), além de sua utilização ser desejável em estudos onde há diferenças de poder e decisão entre as pessoas envolvidas, pois possibilita a exploração de consenso em determinados tópicos (MORGAN; KRUEGER, 1993; PREECE; ROGERS; SHARP, 2002).

Foram realizados dois encontros de, aproximadamente, uma hora cada com o mesmo grupo focal, previamente definidos a partir da disponibilidade dos voluntários quanto à data e à preferência do local, mantendo o princípio da neutralidade. Os encontros foram gravados digitalmente em áudio e previamente estruturados (Tabela 7-1) de acordo com as seguintes necessidades de entendimento: 1. *A apropriação da tecnologia pelos usuários* e 2. *Os possíveis problemas na interação e na interface*.

Tabela 7-1 – Estrutura dos encontros do grupo focal, com seus respectivos objetivos e ações previstas para a moderação.

Encontro 1

Objetivo

Contextualizar o posicionamento dos usuários quanto à existência de um app, caracterizado como material de auxílio no ensino e aprendizagem do judô, levantando pontos positivos, negativos, necessidades e desejos capazes de proporcionar o alcance de seus objetivos com a utilização do sistema imaginado.

Ações realizadas

1. Apresentação do objetivo da pesquisa e de dados que fomentam a discussão sobre a problemática do ensino do judô, tanto no que diz respeito ao acesso ao conhecimento quanto à qualidade dos conteúdos*;
2. Levantamento da opinião dos participantes em relação a um possível material didático no formato de aplicativo para o auxílio no processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos da modalidade;
3. Apresentação do protótipo do app Projeto Judô a partir de uma navegação guiada;
4. Discussão sobre o material apresentado, estabelecendo relação com a opinião dos participantes sobre como seria um aplicativo ideal de judô;
5. Entrega do app aos participantes, através do *link* da *Google Play Store*, para ser experimentado durante dez dias, com o intuito de avaliarem seu uso.

Encontro 2

Objetivo

Verificar a experiência de uso do protótipo a partir da opinião dos participantes em relação aos pontos fortes e fracos da aplicação, levantando tanto os possíveis impedimentos/dificuldades existentes na realização de seus objetivos, quanto as respectivas sugestões de alteração/adequação conforme seus interesses e expectativas.

Ações realizadas

1. Levantamento e discussão dos pontos fortes e fracos do protótipo (interface e interação);
2. Levantamento e discussão das sugestões de alteração e adequação;
3. Levantamento e discussão dos aspectos relacionados aos conteúdos (especificamente para os saberes relacionados aos princípios e valores da modalidade)**;
4. Discussão sobre a relevância do material a partir da experiência vivida.

* A qualidade dos conteúdos apresentados para os participantes da pesquisa se relaciona com os dados produzidos nos outros estudos da presente tese, a partir dos quais foi possível verificar a incongruência entre o que se espera ensinar no judô e o que, de fato, ensina-se. A existência dessa incompatibilidade entre a teoria e a prática no processo de ensino e aprendizagem da modalidade pode estar relacionada com a falta de conhecimento sobre o tema, possivelmente causado pela ausência de produções científicas na área e pela limitação do acesso aos materiais existentes já produzidos, por conta das barreiras linguísticas estabelecidas há anos no processo de popularização do judô (DE CRÉE, 2013).

** Levando em consideração a proposta de criação do app, que foi baseada nas necessidades e expectativas de seus possíveis usuários, além das indicações de estudos que tratam da importância de também se pensar o ensino sobre valores de forma contextualizada à realidade da comunidade envolvida, é que se compreendeu como sensato e coerente uma verificação junto aos usuários finais sobre como seriam as formas mais interessantes de se ofertar os saberes atitudinais dentro do app. Essa consulta foi prevista de ocorrer nessa etapa de avaliação do aplicativo para, ao final, após as inserções e reelaborações indicadas, ele conseguir oferecer um conteúdo ainda mais próximo dos anseios e desejos da população interessada.

Fonte: o próprio autor.

7.2.3 Análise dos dados

Apesar do grupo focal ser considerado um instrumento de coleta de dados válido e interessante no processo de avaliação de UX (BARBOSA; SILVA, 2010; NIELSEN, 1993, 1997; PREECE; ROGERS; SHARP, 2002), poucas são as contribuições dos autores da área a respeito da análise das informações provenientes de seu uso. David Morgan (1996) afirma que muitas das questões

relacionadas à análise dos grupos focais são as mesmas vivenciadas em outros métodos qualitativos.

Optou-se pela metodologia de análise do conteúdo, que de acordo com Levorlino e Pelicioni (2001) é uma das formas possíveis de se realizar a análise em um grupo focal. Para Bardin (2016, p. 44), a análise de conteúdo é considerada como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Para Moraes (1999), ela constitui uma metodologia usada para descrever e interpretar conteúdos de diversas naturezas, possibilitando uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Apesar das diversas proposições descritivas de sua utilização, elas acabam apresentando em comum a necessidade de decompor o discurso para o processo de análise e posterior reconstrução dos significados (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005). No caso da presente pesquisa, utilizou-se a descrição realizada por Moraes (1999), que possui relação com a proposta por Bardin (2012), mas que se divide em cinco etapas: 1. Preparação das informações; 2. Unitarização; 3. Categorização; 4. Descrição e 5. Interpretação.

A abordagem utilizada na análise do conteúdo do estudo pode ser considerada indutiva-constitutiva, já que não vislumbrou explicações e generalizações probabilísticas, mas a compreensão dos fenômenos investigados na experiência de uso do protótipo. A definição das unidades de análise e das categorias foi baseada no valor semântico ou temático da comunicação, que é utilizado para estudar opiniões em situações de entrevistas e reuniões de grupos.

As etapas de unitarização e categorização foram realizadas a partir da perspectiva não-apriorística, em que o sistema de categorias não é estabelecido previamente e, apesar das características qualitativas do estudo, na análise utilizou-se a regra de enumeração baseada na frequência, como instrumento adicional na qualificação das unidades de análise construídas (BARDIN, 2016).

7.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

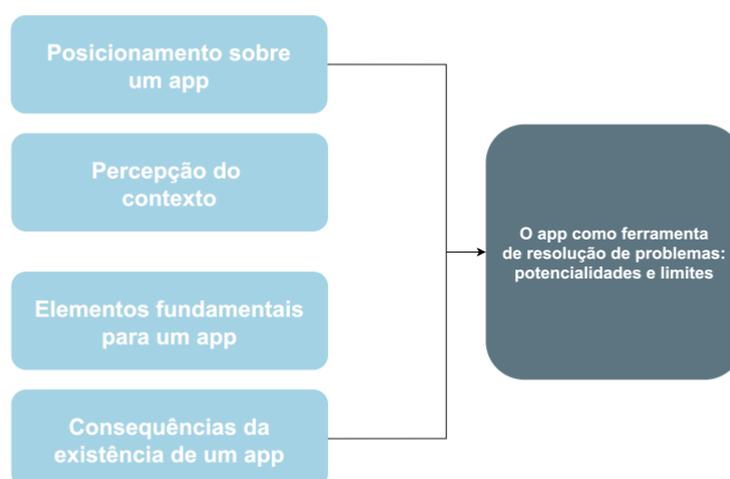
O processo de análise do conteúdo conduziu à estruturação dos resultados em duas dimensões: *As perspectivas para um app sobre judô* e *A avaliação do*

protótipo Projeto Judô. Cada uma delas foi criada a partir da organização progressiva das ações de categorização que aconteceram nos níveis inicial, intermediário e final, dependendo da necessidade de cada uma. Em virtude da extensa e diversa quantidade de unidades de análise que compuseram as categorias iniciais e intermediárias (78 unidades), os resultados serão apresentados a partir das categorias finais, já com um maior refinamento interpretativo dos dados, sem deixar de fazer referência aos elementos e características principais das que as precederam.

7.3.1 As perspectivas para um app sobre judô

Essa dimensão foi formada pelas categorias de análise que tratam de questões relacionadas à visão dos participantes sobre a utilização de uma aplicação para dispositivos móveis no processo de vivência do judô. Sua estrutura categorial pode ser visualizada na Figura 7-1.

Figura 7-1 – Estrutura categorial da dimensão *As perspectivas para um app sobre judô*.



Fonte: o próprio autor.

7.3.1.1 *O app como ferramenta na resolução de problemas: suas potencialidades e limites*

Essa categoria apresenta a postura dos participantes a favor da existência de um aplicativo para o judô ligada à resolução de problemas, dificuldades ou barreiras existentes no contexto de vivência da modalidade.

Apesar da maioria das posturas dos participantes ser positiva quanto à existência de um app para o judô (n=19) e não haver qualquer posicionamento

negativo, algumas falas apresentaram preocupações com determinados aspectos de sua existência e/ou estrutura, que foram interpretados como posturas cautelosas (n=11), caracterizadas por pontos que acreditavam ser relevantes de serem pensados em uma eventual criação.

Suas posturas, tanto positivas quanto cautelosas, foram melhor compreendidas a partir de justificativas pautadas nas percepções de dificuldades e limitações que tinham sobre o contexto do judô. Essas insuficiências percebidas no contexto compõem, em maior parte, a Tabela 7-2.

Tabela 7-2 – Quantitativo da percepção dos participantes em relação ao contexto de vivência do judô e que influenciam no posicionamento em relação à existência de um app para a modalidade.

Percepção do Contexto	N
Dificuldade de encontrar os significados das terminologias de forma contextualizada para a melhora do aprendizado	4
Barreiras ou dificuldades no processo de formação de professores*	4
Falta de entendimento dos pais ou não praticantes a respeito dos objetivos do judô	3
Dificuldade de participação dos pais no processo educativo do judô	2
Escassez de conteúdos ou falta de qualidade em materiais didáticos	2
Formato contextualizado às demandas atuais	2
Material para estudo/pesquisa	2
Existência de materiais desatualizados e descontextualizados**	2
Demanda de uma atividade educacional relacionada as questões morais	2
Dificuldade de compreensão da relação entre os princípios do judô e a vida cotidiana pelos alunos.	1
Desinteresse por materiais escritos	1
Limitação por conta da falta de vivência prática*	1
Total	26

O número de asteriscos (*) presentes em algumas das unidades de análise representa o número de vezes que a unidade esteve atrelada aos posicionamentos cautelosos. Ou seja, essas percepções foram apresentadas pelos participantes como aspectos desfavoráveis na existência de um app para a modalidade e que deveriam ser levados em consideração.

Fonte: o próprio autor.

Essa perspectiva favorável à existência de um aplicativo sobre o judô, vinculando-o à ideia de se apresentar como uma ferramenta para a solução de problemas vivenciados no contexto da modalidade, é tanto compreensível como justificável, inclusive encontrando fundamento em parte da perspectiva do *design* de interação, tradicionalmente discutido e utilizado por pesquisadores e desenvolvedores da área de IHC (Interação Homem Computador).

De acordo com Preece, Roger e Sharp (2002) e Barbosa e Silva (2010), o objetivo do *design* de interação é de desenvolver produtos para auxiliar as pessoas em suas vidas cotidianas e profissionais, oferecendo bem-estar, aumentando a produtividade e satisfazendo suas necessidades e desejos. Entretanto, há de se levantar uma preocupação adicional e anterior, já que a aplicação em questão se relaciona a uma atividade educativa.

Uma das grandes discussões atuais, dentro da área da Educação, diz respeito à utilização das TICs com o objetivo de melhora no desenvolvimento educacional. A ideia das tecnologias serem a panaceia para muitos dos contextos educacionais problemáticos acaba por esbarrar em uma realidade que se volta a questões primárias e que sugerem a necessidade de modificação das concepções do papel do aluno e do professor no processo de ensino e aprendizagem e de suas possíveis relações com as tecnologias (MORAN, 2014; SANDHOLTZ; RINGSTAFF; DWYER, 1997). Ou seja, o sucesso das tecnologias está condicionado a mudanças nas práticas pedagógicas das quais fazem parte e nas formas de se utilizá-la (FERREIRA, 2017).

Aliás, algumas das problemáticas levantadas pelos participantes na pesquisa se relacionaram com questões já discutidas no âmbito acadêmico e que, em alguma medida, apontam para essa relevância de mudança nas relações dos agentes envolvidos dentro do processo de ensino, reforçando a ideia de que os problemas relacionados à Educação não serão resolvidos com a inserção de métodos ou ferramentas milagrosas. Dentre eles temos: as dificuldades existentes no processo de formação dos professores de judô (CAVAZANI, 2012; CAVAZANI; CESANA, 2019; CAVAZANI; IAOCHITE, 2015; DRIGO, 2001, 2007, 2009; DRIGO et al., 2011; FREITAS, 1989), as restrições de acesso a conhecimentos para além dos saberes corporais da modalidade (CAVAZANI; REVERDITO; DRIGO, 2016; CORDEIRO JR; FERREIRA; RODRIGUES, 2008; DE CRÉE, 2013), da dificuldade dos pais se engajarem nos processos educacionais de seus filhos (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999; OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; REALI; TANCREDI, 2005) e da incorporação da tecnologia como ferramenta motivacional na aprendizagem (BENTO et al., 2017; CARNEIRO; PASSOS, 2014; DIEZ; ORDOÑEZ, 2018; PAREDES; ARRUDA, 2012; RICOY; COUTO, 2014).

Os participantes também levantaram aspectos que acreditaram ser fundamentais para essa futura aplicação (Tabela 7-3). Dentre elas, duas chamaram a atenção por possuírem características que podem conduzir à mudanças na forma de se conceber e realizar o processo de ensino da modalidade a partir do app.

Tabela 7-3 – Quantitativo da frequência de elementos considerados fundamentais para um app sobre o judô.

Elementos fundamentais para um app	N
Disponibilizar conteúdos para além do saber corporal	17
Necessidade de constante atualização*****	8
Possibilitar uma aprendizagem ativa	5
Material de qualidade e/ou confiável**	4
Criar conteúdos baseado na linguagem visual	3
O app como material de apoio ao ensino e a aprendizagem**	3
Ferramenta de pesquisa/consulta	1
Tornar os conteúdos mais acessíveis	1
Total	42

Da mesma forma como na categoria anterior, o número de asteriscos (*) presentes em algumas das unidades de análise, representa o número de vezes que a unidade esteve atrelada aos posicionamentos cautelosos. Ou seja, essas percepções foram apresentadas pelos participantes como aspectos desfavoráveis na existência de um app e que deveriam ser levados em consideração em uma eventual criação.

Fonte: o próprio autor.

A primeira trata da necessidade de disponibilização de conteúdos para além dos saberes corporais. Os participantes, ao mesmo tempo que deram importância para a aprendizagem de saberes atitudinais e conceituais, apontaram sua escassez no contexto de ensino da modalidade e os entenderam como possíveis de serem tratados a partir do uso das TIC. Oportunizar aos alunos o acesso aos conhecimentos do esporte para além da prática de movimentos é possibilitar que eles o conheçam em profundidade, entrando em contato com valores éticos, sociais e históricos da modalidade. Uma das consequências dessa visão integral é a compreensão do valor e da importância que o esporte tem na vida desses alunos e de toda a sociedade em que estão inseridos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

A segunda sugestão seria do app proporcionar uma aprendizagem ativa, que na visão dos participantes poderia ser concretizada a partir do debate e da reflexão de temas dentro das aulas, já que seus conteúdos incentivarão a troca

de informações sobre o judô e com a inserção de elementos de gamificação⁶, pois oportunizariam a motivação e a dedicação ao estudo da modalidade, a partir de mecanismos como a resolução de desafios e de conquista de recompensas. Em ambos os casos, o processo de ensino e aprendizagem parece ganhar com a possibilidade de oportunizar participações mais ativas, tanto de alunos quanto de professores.

Apesar de toda a aprendizagem poder ser considerada, em certo grau, como ativa, pois exige do aprendiz e do docente formas diferentes de engajamento interno e externo (MORAN, 2018), seu entendimento atual é ampliado, configurando-se em um processo que dá ênfase ao protagonismo do aprendiz, com seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, com a orientação do professor (BACICH; MORAN, 2018).

As metodologias ativas podem se beneficiar do hibridismo proporcionado pelas TICs, uma vez que, juntas, são capazes de oferecer a flexibilidade e a interligação de conhecimentos e pessoas de forma dinâmica e irrestrita, elementos caros e desejáveis no desenvolvimento dos interesses e necessidades individuais dos aprendizes (BACICH; MORAN, 2018).

Mesmo verificando-se um posicionamento otimista dos participantes na existência/utilização de um app, é fundamental dar relevo aos apontamentos que apresentaram possíveis limitações. O primeiro diz respeito à própria aprendizagem, no qual os participantes destacaram que não seria possível pensar o processo de ensino do judô somente a partir do app, já que prescinde a prática com um parceiro e que, portanto, deveria ser encarado apenas como um material de apoio. O segundo trata da necessidade desse material ser produzido com qualidade, ser confiável e se manter atualizado, ou então poderia ter sua utilização comprometida, assim como parte das produções já existentes, tais como os vídeos produzidos em décadas passadas.

Apesar dos participantes considerarem a ideia do app ser um material contribuinte no processo de formação continuada dos professores, também

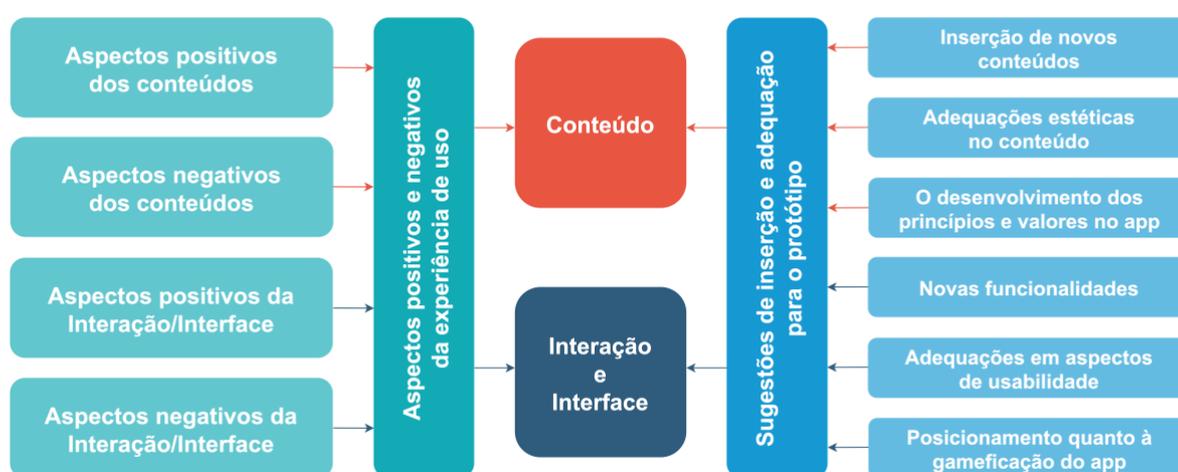
⁶ A gamificação está relacionada ao uso de elementos de jogos em contextos não relacionados com jogos no intuito de melhorar o engajamento e a motivação de pessoas na execução de alguma tarefa (DETERDING et al., 2011; ZICHERMANN; CUNNINGHAM, 2011). As atividades de ensino vêm sendo pensadas a partir da inserção da gamificação, uma vez que possuem características semelhantes. Para Smith-Robbins (2011), as atividades existentes nos jogos são orientadas por objetivos e metas, além de estabelecerem uma definição clara das condições para se alcançar a vitória e dos obstáculos necessários a serem superados para finalizar uma atividade. É nesse sentido que a similaridade entre jogos e o aprendizado e entre jogadores e alunos existem, já que esses são direcionados e instigados a completarem tarefas para atingirem diferentes objetivos como, por exemplo, vencer um jogo ou ganhar uma boa nota em alguma avaliação escolar (KLOCK et al., 2015).

apontaram para o fato de que ele seria apenas uma solução paliativa, pois a formação existente deveria ser repensada, pois parece não proporcionar um ambiente formativo acolhedor e adequado às necessidades dos docentes.

7.3.2 A avaliação do protótipo Projeto Judô

Essa dimensão abrange todas as categorias de análise que se relacionaram com a avaliação do protótipo utilizado pelos participantes do estudo. Sua estrutura pode ser verificada na Figura 7-2.

Figura 7-2 – Estrutura categorial da dimensão *A avaliação do protótipo Projeto Judô*.



Fonte: o próprio autor.

7.3.2.1 A interação/interface

As verificações decorrentes da análise dessa categoria pautam-se na relação de dois conceitos relevantes para o processo de *design* de sistemas, que se interligam e se influenciam mutuamente, a interação e a interface. A interação foi compreendida como tudo o que acontece quando uma pessoa e um sistema computacional se unem para realizar determinada tarefa, visando um objetivo específico, caracterizando-se por um processo de manipulação, comunicação, conversa, troca e influência (BARBOSA; SILVA, 2010). Já a interface, foi entendida como elemento que determina os processos de interação possíveis entre os usuários e o sistema e, portanto, acaba por influenciar as interpretações que esses terão sobre a aplicação.

Aspectos positivos e negativos da experiência de uso

Ao mesmo tempo que os usuários apontaram aspectos positivos na experiência de uso do protótipo – principalmente ligados às questões de usabilidade, tais como a satisfação com a navegação e sua estrutura estética – fizeram, apontamentos relevantes que indicaram sinais de fragilidade do sistema, aqui considerados como negativos (

Tabela 7-4).

O primeiro aspecto negativo refere-se à comunicabilidade, um dos critérios de qualidade de uso de um sistema, que trata da compreensão que o usuário tem do mesmo, dando oportunidade dele fazer um uso mais criativo, eficiente e produtivo da aplicação (BARBOSA; SILVA, 2010; PRATES; BARBOSA, 2007; PRATES; DINIZ; BARBOSA, 2003). Os pontos levantados pelos usuários foram: a. a ausência de informações explicativas sobre o app, como por exemplo o significado das abas intituladas como *shin*, *gi* e *tai*⁷ que compõe a seção *Dojo*; b. a falta de entendimento da funcionalidade da seção Placar, causada pela falta de informações explicativas e c. a falta de comunicação com o usuário sobre a necessidade dele se identificar (fazer *login*) para conseguir utilizar a ferramenta de comentários nos vídeos.

Outros dois aspectos negativos apontados estiveram relacionados a aspectos da programação: a. a quantidade limitada de caracteres na ferramenta comentários e b. a instabilidade do sistema quando acionada a função tela cheia na visualização dos vídeos. O último aspecto relacionou-se à usabilidade do app, mais especificamente ao fator de eficiência no uso, já que apontaram que o formato de apresentação da lista de conteúdos com miniaturas e descrição dos vídeos não facilitava a busca, por conta do tempo despendido para visualizá-la por inteiro.

Importante destacar que para os aspectos negativos que tiveram apenas uma citação seria necessário investigar mais a fundo tais elementos, para verificar se, de fato, são problemas ou apenas pontos que poderiam ser melhorados no sistema.

⁷ O conceito *Shin-gi-tai*, de forma simples, fundamenta-se na concepção de desenvolvimento da unidade entre o pensamento, a técnica e o físico. No caso do aplicativo, utilizou-se a tradução literal dos termos que o compõe (*shin* – espírito/mente, *gi* - técnica e *tai* - corpo), com o intuito de relacioná-los aos grupos de conteúdos, de acordo com suas características e fazendo alusão à importância da integralidade que o conceito abarca dentro do processo de aprendizado do judô.

Tabela 7-4 – Quantitativo de frequência dos pontos positivos e negativos relacionados à interação e interface na experiência de uso dos usuários.

Aspectos positivos da interação/interface	N
Qualidade da usabilidade	3
Aspectos visuais e/ou estéticos do app	1
Qualidade do app	1
Total	5

Aspectos negativos da Interface/Interação	N
Ausência de informações explicativas sobre o app	4
Falhas de programação	2
Ausência de utilidade da seção "Placar"	1
Listagem dos conteúdos com miniaturas não facilita o acesso	1
Falha de comunicação com o usuário	1
Total	9

Fonte: o próprio autor.

Sugestões de inserção e adequação para o protótipo

Foram verificados alguns posicionamentos de intenção de mudanças no sistema para a melhora na experiência da aplicação. Essas foram propositivas no sentido de sugerir adequações para elementos já existentes no app e de inserir funcionalidades para além das presentes (

Tabela 7-5).

As sugestões de adequação seguiram uma linha coerente com os aspectos negativos anteriormente apresentados e concentrando-se, também, no critério da comunicabilidade, uma vez que propuseram: a. a inserção de um tutorial de navegação, b. inclusão de uma comunicação sobre a necessidade de identificação do usuário para habilitar as funções de comentários e c. a inserção de uma tradução do significado das abas de conteúdo intituladas *shin*, *gi* e *tai*. Ou seja, as proposituras relacionaram-se diretamente com as dificuldades enfrentadas por eles ao longo da experiência de uso. Em relação ao critério de usabilidade, houve a sugestão de alteração da visualização das listas de conteúdo, retirando as miniaturas dos vídeos e apresentando-os a partir de uma lista apenas com seus títulos.

Tabela 7-5 – Quantitativo das sugestões de adequações e inserções de funcionalidades no protótipo realizadas pelos usuários.

Adequações dos critérios de qualidade de uso	N
Inserir tutorial de navegação	7
Sintetizar a lista dos conteúdos para cada faixa (tirar miniaturas)	1
Inserir informação de necessidade de registro para acesso total das funcionalidades	1
Inserir uma tradução nas abas <i>shin</i> , <i>gi</i> e <i>tai</i> a partir do toque	1
Total	10

Novas funcionalidades	N
Inserir elementos de gamificação	10
Incluir seção "Notificações" com lista de atualizações do conteúdo	2
Total	12

Fonte: o próprio autor.

Quanto às sugestões de novas funcionalidades, foram apontadas: a. a inclusão de um sistema de notificações das atualizações dos conteúdos, avisando os usuários da publicação de novos vídeos e b. a introdução de elementos de gamificação do app. Essa última, foi apontada em quantidade relevante e relacionou-se, basicamente, a três ideias: a de inserção de um jogo estilo *quiz* (de perguntas e respostas baseado nos conteúdos desenvolvidos na seção *Dojo*), a de implementação de um sistema de conquistas vinculado à experiência dos usuários no processo de contato com os conteúdos do app e, por fim, a de criar um jogo de conhecimentos sobre arbitragem, a partir da utilização do simulador da seção *Placar*.

Por conta da importância dada ao tema durante o grupo focal, foi sugerido um desdobramento dos entendimentos que os usuários tinham a respeito da gamificação, verificando seus posicionamentos quanto à inserção de ferramentas com essa perspectiva no protótipo (

Tabela 7-6).

Tabela 7-6 – Quantidade de frequência de posicionamentos positivos e negativos quanto à gamificação do protótipo e suas respectivas justificativas

Posicionamentos positivos à gamificação		N
Atinge o público infanto-juvenil		3
Desde que haja a inserção de jogo de conhecimento		2
Reconhece o apreço de muitas pessoas por jogos (perguntas e resposta)		1
Aponta a ausência de jogos sobre o judô		1
Entende o jogo como preparação para o processo de avaliação da graduação		1
Total		8
Posicionamentos negativos à gamificação		N
Entende como pouco funcional para quem quer pesquisar sobre conteúdos		2
Total		2

Fonte: o próprio autor.

Ficou evidente que a maior parte dos posicionamentos foram positivos, demonstrando uma vontade de aproximação do app com a mecânica de um sistema gamificado. Esse resultado pode estar ligado ao fato de muitos ambientes digitais já terem incorporado tais técnicas para melhorar o engajamento e a motivação dos usuários (KLOCK et al., 2015), fato que pôde ter se tornado corriqueiro, desejável e ponto de referência no desenvolvimento e uso de novas aplicações.

As justificativas para tal posicionamento se encontram em uma relação direta entre a utilização dos jogos e o maior engajamento de jovens e crianças, o reconhecimento do apreço das pessoas pelo ato de jogar somado à escassez de sua presença no ambiente de prática do judô, além da relevância de jogos de conhecimento no processo de avaliação dos níveis de graduação da modalidade.

Os posicionamentos contrários à gamificação do protótipo foram justificados a partir da ideia de diminuição da funcionalidade de pesquisa que o material poderia ter para muitos dos usuários. O fato é que, tanto os posicionamentos positivos quanto os negativos trouxeram à tona novas

perspectivas de uso do futuro app, que precisarão ser pensadas em virtude da conciliação dos objetivos de sua concepção com as necessidades e expectativas de seus futuros usuários.

7.3.2.2 Os conteúdos

Trata-se da categoria que evidencia a importância dada pelos usuários aos aspectos que envolvem os conteúdos do protótipo. O entendimento adotado sobre o termo conteúdo é aquele no qual os conhecimentos não se restringem a fatos ou conceitos, mas se expandem para uma série de saberes que podem propiciar o desenvolvimento e a socialização dos envolvidos. Logo, os conteúdos são considerados uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos atitudes, interesses, modelos de conduta entre outros (LIBÂNEO, 1994; ZABALA, 1998; COLL et al., 2000). É a partir dessa concepção que os significados dados pelos participantes do grupo focal foram analisados e apresentados.

Aspectos positivos e negativos da experiência de uso

De forma contrária ao que ocorreu na categoria *A interação/interface*, os aspectos positivos foram, quantitativamente, mais frequentes que os negativos, o que, eventualmente, pode apontar para uma produção de conteúdos adequada às necessidades e expectativas dos futuros usuários (Tabela 7-7). Além disso, verificou-se um posicionamento equilibrado no apontamento dos usuários sobre os aspectos relacionados ao conhecimento propriamente dito e as questões estéticas dos conteúdos materializados nos vídeos. Ou seja, ao mesmo tempo em que os participantes trataram positivamente da qualidade das imagens do material audiovisual, como a cenografia, os planos de gravação e a padronização na captura, também destacaram o caráter motivador e interessante dos temas tratados, a metodologia de suas apresentações e a efetividade no processo de aprendizagem.

Tabela 7-7 – Quantitativo de frequência dos aspectos positivos e negativos relacionados à questão dos conteúdos.

Aspectos positivos dos conteúdos	N
Aspectos visuais e/ou estéticos dos vídeos	4
Conteúdo interessante	3
Qualidade dos vídeos	2
Qualidade do conteúdo	2
Forma de apresentar o conteúdo	1
Proporciona o aprendizado de conhecimentos	1
Total	13

Aspectos negativos dos conteúdos	N
Pode aparentar ser um material impositivo	2
Ausência de conteúdos histórico e/ou filosóficos	1
Duração de determinados vídeos (longos)	1
Total	4

Fonte: o próprio autor.

Esse equilíbrio pode ser entendido como um fator, positivo e desejável, já que a ideia é oferecer um material que não esteja pautado na diferenciação entre forma e conteúdo, mas que os conhecimentos necessários para a sua produção, provenientes das áreas da comunicação e da educação se imbriquem de tal forma que sejam vistas e utilizadas como as faces de uma mesma moeda (BARROS, 2011; SOARES, 2000). De acordo com María Tereza Quiróz (1993), comunicação e educação estão definitivamente associadas, primeiro porque as modernas técnicas educativas colocam em evidência a necessidade de intercâmbio comunicativo entre professor e aluno e entre a escola e a realidade e, também, porque os mais jovens se educam em maior medida fora da escola a partir de referenciais de conhecimento, imagens, valores e expectativas que guardam estreita relação com a comunicação e suas mensagens.

Os pontos negativos levantados foram significativos, uma vez que revelaram algumas preocupações. A primeira diz respeito à uma possível rejeição de futuros usuários professores, já que não existe nenhum conteúdo informativo apresentando o caráter sugestivo do material e do processo de seleção dos conhecimentos disponibilizados. De acordo com os usuários, o app pode ser encarado como impositivo, pois não deixa claro sua intenção, ao

mesmo tempo que não explicita sua limitação em relação à oferta de todos os saberes que a prática do judô pode abarcar.

Essa discussão é cabível e tem aproximação com as críticas realizadas a respeito da criação de materiais didáticos, que quando entendidos como objetos culturais, seu desenvolvimento acaba pressupondo posicionamentos de interesses, sejam financeiros ou de cunho ideológico (MUNAKATA, 2003). Ou seja, sempre estarão passíveis de críticas e necessitam de uma permanente reflexão de seus usos no processo de ensino, para que, a partir deles, não sejam ingenuamente reproduzidas ideologias impensadas, tanto pelas apresentações e discursos explícitos, como também a partir dos silêncios que eles podem oferecer (CHOPPIN, 2004).

No caso da avaliação dos usuários, o problema se encontra nesse silêncio, com a ausência de um esclarecimento dos pesquisadores em relação ao objetivo sugestivo do material e com a falta de apontamento da existência de outras formas possíveis de desenvolvimento dos conhecimentos do judô, para além das contidas no app.

A segunda preocupação levantada pelos usuários está na falta de conteúdos relacionados à história e filosofia do judô, que pode ser traduzido como uma valorização da integralidade dos saberes da modalidade, possível de ser alcançado a partir da concepção de trato dos saberes corporais em conjunto com os conceituais e atitudinais (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

É importante salientar que esses conteúdos históricos e de filosofia do judô podem não estar nas quantidades ou formatos desejáveis pelos usuários, mas foram contemplados dentro do protótipo, especificamente, através de dois vídeos no formato de entrevistas, um para cada nível de graduação. Neles foram desenvolvidos os aspectos históricos do judô – nacional e internacionalmente – além da apresentação e da discussão sobre os princípios fundamentais que balizam a prática da modalidade, valorizando-os e relacionando-os com atitudes da vida diária.

De qualquer forma, essa falta percebida pelos usuários pode estar atrelada, eventualmente, ao terceiro aspecto negativo levantado, relacionado ao tempo de duração dos vídeos. De acordo com os usuários, alguns desses materiais ficaram muito longos e cansativos, característica que se encaixa apenas nas duas entrevistas citadas anteriormente, já que todos os outros materiais são

substancialmente mais curtos. Ou seja, eventualmente, eles não conseguiram concluir a visualização das duas entrevistas, não entrando em contato com o desenvolvimento dos conteúdos relacionados aos princípios da modalidade.

Sugestões de inserção e adequação para o protótipo

Da mesma forma como ocorreu na categoria *A interação/interface*, os usuários também sugeriram adequações e inserções ao protótipo, porém relacionadas aos conteúdos (Tabela 7-8).

Tabela 7-8 – Quantitativo das sugestões de adequações e inserções de conteúdos no protótipo realizadas pelos usuários.

Adequações nos conteúdos	N
Utilizar mais elementos gráficos na produção dos vídeos	2
Produzir vídeos mais curtos	2
Utilizar fundos neutros nos vídeos (preto)	1
Total	5

Novos conteúdos	N
Inserir conteúdos sobre história e filosofia	4
Explicitar os objetivos do material (caráter sugestivo e limitado do material no processo de ensino e aprendizagem)	2
Inserir conteúdos sobre regras (na seção "Placar")	2
Inserir conteúdos sobre a cultura oriental	1
Inserir, quando necessário, atualizações dos conteúdos (técnicas)	1
Total	10

Fonte: o próprio autor.

Mais uma vez, foi possível verificar a coerência existente entre os pontos compreendidos como negativos pelos usuários e as sugestões que eles fizeram para os conteúdos. Ao mesmo tempo que destacaram a longa duração de alguns vídeos como menos interessantes, sugeriram tanto a produção de materiais mais curtos como a realização de uma pós-produção mais efetiva na inserção de elementos visuais ilustrativos sobre o tema, tais como cenas representativas e animações, que de acordo com eles, deixariam esses vídeos mais “leves” e “consumíveis”.

Sugeriram também a readequação dos fundos dos vídeos, tentando utilizar uma base mais neutra, no caso preta, mas que nitidamente foi proposta por conta de uma preferência visual e não por um problema de interferência no desenvolvimento do conteúdo.

É importante destacar que essas adequações propostas estiveram pautadas, exclusivamente, em questões estéticas e que, portanto, precisam ser pensadas a partir de uma perspectiva que leve em consideração o tema. A relação existente entre o que é “leve” e/ou “consumível” é algo que vem sendo cada vez mais estudado e testado diante das mudanças de relação entre as pessoas e o aprendizado.

É fato que a popularização dos dispositivos móveis impulsionou o surgimento do *m-learning*, proporcionando ao usuário um maior domínio dos processos de aprendizagem, já que o tempo e a forma de se aprender podem ser escolhidos de acordo com as necessidades e os contextos vividos (FERREIRA et al., 2012; VAGARINHO, 2018). Nesse sentido, surgiram novas formas de se pensar e oferecer o ensino, dentre as quais o *Micro-learning* a partir do *m-learning* faz parte. A ideia é de desenvolver conteúdos de aprendizado a partir de sua decomposição em formatos bem pequenos, ou seja, mais palatáveis, utilizando-se de tecnologias flexíveis como os dispositivos móveis, para permitir que os alunos possam acessá-los mais facilmente em momentos e condições do dia específicos em que o tempo é limitado (BRUCK; MOTIWALLA; FOERSTER, 2012).

Apesar da ideia ser muito difundida nos dias atuais, principalmente na utilização de comunicações dentro das redes sociais, ou seja, a partir de micro-conteúdos, é importante destacar que as bases de seu desenvolvimento no âmbito do aprendizado mostram a necessidade dessas técnicas estarem atreladas a outras atividades. Além disso, ressaltam que elas podem não ser apropriadas para todas as formas de aprendizado e que, assim, devem ser encaradas como um complemento e não como uma substituição das já realizadas (BRUCK; MOTIWALLA; FOERSTER, 2012).

Mesmo com todas as potencialidades ou ressalvas que essa ideia de sintetizar os conteúdos possa abarcar, ela se apresenta como mais um aspecto a ser levado em consideração quando da reelaboração do protótipo.

Em relação às proposições de inserção de conteúdos, os participantes sugeriram a produção de um vídeo que explicitasse os objetivos do material, apontando seu caráter propositivo e reconhecendo suas limitações, em uma tentativa de minimizar a possível rejeição dos usuários professores, já apontada anteriormente.

Outro ponto discutido foi da inserção de conteúdos a partir das necessidades de atualização técnica. Os usuários apontaram a importância de se inserir conteúdos que estejam vinculados às atualizações de golpes que, tradicionalmente, são revistos e padronizados pelas federações estaduais para fins avaliativos junto aos praticantes que almejam a obtenção das graduações de faixa preta em diante. Nesse sentido, foi possível inferir que houve uma postura de projeção de utilização do app como material de estudo para esses processos de avaliação de graduação, desde níveis básicos até mais avançados.

As outras sugestões de inserção de conteúdos estiveram ligadas à ideia de diversificação/ampliação dos conhecimentos tratados no aplicativo. Essas proposições indicaram um posicionamento dos usuários alinhado tanto às necessidades verificadas, também, no Artigo IV da presente tese, que aponta a dificuldade e a necessidade de pais, professores e alunos em encontrar determinados conteúdos sobre o judô, quanto de um posicionamento – pelo menos conceitual – de entender e valorizar os diferentes tipos de saberes relacionados à modalidade. Este último, considerado elemento relevante para uma perspectiva de ensino dos esportes voltada ao desenvolvimento cidadão (BARROSO; DARIDO, 2009; GALATTI; PAES; DARIDO, 2010; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

A inclusão de saberes conceituais como as regras do judô e aspectos sobre a cultura oriental exemplificam bem a importância dada pelos usuários à ampliação dos conhecimentos sobre o judô para além dos saberes corporais. Esse posicionamento ainda ganha corpo quando demonstram preocupação com a presença de mais conteúdos conceituais e atitudinais, especificamente tratados a partir da história e filosofia da modalidade:

Olha, o maior nível de reprovação hoje dos cursos da Federação Paulista é no curso de história e filosofia... o maior índice de reprovação.

[PRO 2 - De nível graduado, hein?]

Né? Isso para *nidan*, *sandan*, né? Então, essa é uma área muito carente do judô hoje. Então, colocar isso de uma maneira leve dentro do aplicativo, seria bem bacana (PRO 1).

O fato dos conteúdos sobre a história e filosofia do judô terem sido a sugestão de inserção de conteúdo mais frequente, somado ao interesse prévio dos pesquisadores em compreenderem a melhor maneira de desenvolvimento de tais temas, fez com que essa discussão fosse intensificada. Logo, os participantes foram questionados sobre quais seriam as maneiras e os formatos mais interessantes de serem desenvolvidos os conteúdos sobre os princípios e valores da modalidade – aqui entendidos como integrantes da história e filosofia do judô – para serem disponibilizados no app.

Os usuários foram incisivos na ideia de que esses conteúdos seriam mais bem aproveitados se ensinados a partir de exemplos, principalmente com a utilização de histórias, preferencialmente curtas e que apresentassem um ponto de vista de sua temática principal. A ideia foi dos princípios e valores serem desenvolvidos a partir de vídeos que contassem histórias e que ao final apresentassem uma “moral da história” (PRO 2; AL1).

A utilização de histórias para o desenvolvimento da moralidade – pelo menos no âmbito da literatura – é aspecto discutido por diversos autores e apresenta-se como uma possibilidade interessante de ser utilizada já que, potencialmente, pode criar situações de encorajamento à compreensão e familiarização dos princípios e valores que regem as condutas sociais, promovendo escolhas de vida mais conscientes e autônomas, baseadas nos ideais de justiça e cooperação (RAMOS; CAMPOS; FREITAS, 2012).

É importante frisar que essa potencialidade só será efetivada se alguns aspectos fizerem parte do processo de desenvolvimento desse conteúdo. De acordo com Jean Piaget (1992) o desenvolvimento moral é um processo de construção, resultado das inúmeras trocas entre o indivíduo e o meio social e não de uma “interiorização” de valores e regras exteriores a elas (apud FREITAS, 2002). A educação moral não pode prescindir da reflexão, ou seja, ela será melhor desenvolvida quando elaborada por intermédio de raciocínios, quando se tornar objeto de reflexão, capaz de estimular os indivíduos à checarem suas crenças pessoais, fazendo-as passar por um processo de análise racional e verificando se encaixam-se dentro de uma perspectiva universal (TAILLE, 2009). Ainda segundo o autor, a educação moral não pode se limitar à apresentação fria de regras, da mesma forma como a moral não deve

ser associada à memorização de máximas e provérbios. Caso isso aconteça, os alunos sairão heterônomos e submissos.

Fica evidente que o processo do aprendizado moral, nessa perspectiva, tem foco nas relações estabelecidas pelos indivíduos, em que a participação ativa é fundamental, assim como a existência de um contexto onde haja ligação social, cuidado com o outro e com o grupo (BIAGGIO, 1997).

De acordo com La Taille (2009) e Biaggio (1997), Lawrence Kohlberg conseguiu provar que a discussão é um elemento chave no desenvolvimento moral. A partir da realização de debates em torno de dilemas morais, os participantes de seus estudos conseguiam atingir níveis cada vez mais satisfatórios de desenvolvimento moral.

Alguns dos participantes do presente estudo também sugeriram pontos que se aproximam dessa ideia de utilização do diálogo e da discussão no processo de aprendizado com as histórias. De acordo com eles, isso poderia acontecer a partir da reflexão de situações vividas pelos usuários no seu cotidiano e com o debate sobre a aplicação prática de valores e princípios tratados pelo judô nas ações do dia a dia das pessoas.

Por sua vez, outros participantes se mostraram contrários à proposição de discussões ou debates a partir das histórias, alegando que algumas pessoas não teriam interesse em participar e outras teriam dificuldade por conta da falta de conhecimento sobre o tema. Frisaram, também, que a não apresentação de um ponto de vista a respeito da história poderia não contribuir com o ensino, afinal de contas, na opinião deles, as pessoas querem entrar em contato com um posicionamento diferente, mas sem participar ativamente de discussões.

O fato é que a perspectiva que entende o diálogo como imprescindível no desenvolvimento da educação moral, não apenas como procedimento, mas como método e finalidade, oportuniza a aprendizagem e o desenvolvimento de capacidades como a escuta, o reconhecimento de argumentos, o confronto de ideias próprias e de outrem e a elaboração da forma de expô-las (HIRAMA, 2018). Assim, independentemente das resoluções alcançadas em um processo de discussão sobre um dilema moral, ou uma história no caso, a autonomia moral é reforçada pois trata-se do exercício da compreensão de um acordo coletivo, ou seja, todos os envolvidos acabam se desenvolvendo, independentemente dos níveis morais em que se encontram.

De toda forma, as sugestões de inserção desses conteúdos no formato de histórias deverão ser melhor investigadas para que possam ser inseridas na reelaboração do protótipo. O fato é que, a consideração do trato de conteúdos que elegem o diálogo como elemento fundamental, seguido da utilização de um ambiente propício para o estabelecimento de redes de troca, nesse caso o app, parece ser uma união profícua para o desenvolvimento moral de seus usuários.

7.4 CONSIDERAÇÕES

O protótipo do aplicativo para dispositivos móveis Projeto Judô foi concebido a partir de demandas verificadas em estudos anteriores ligados à necessidade de materiais didáticos para a modalidade, assim como a dificuldade de acesso a determinados conhecimentos do judô. Tendo como referência o *design* reflexivo no processo de sua elaboração, a avaliação apresentou-se como uma etapa fundamental de ser desenvolvida.

Nesse sentido é que o presente estudo teve como objetivo avaliar o protótipo do app Projeto Judô, a partir da perspectiva da experiência do usuário, com o intuito de melhorar a qualidade de uso do sistema, contribuindo na ampliação do acesso aos conhecimentos e no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

Os dados da pesquisa indicaram um posicionamento coerente dos participantes entre suas opiniões e expectativas a respeito da existência de um app sobre o judô e a avaliação que fizeram após o uso do protótipo. Essa situação possibilitou o levantamento de aspectos fundamentais de serem repensados para o processo seguinte de reelaboração da aplicação.

Além de ter sido possível verificar uma posição favorável dos participantes em relação à utilização da tecnologia como suporte ao ensino e aprendizado da modalidade, também ficou evidente que a escolha por uma produção focada nas características audiovisuais foi um desejo latente dos usuários, fazendo-os avaliar positivamente esses aspectos na aplicação, além de propor novas possibilidades, tais como a adequação do tempo dos vídeos e da inserção de mais elementos gráficos nas suas produções.

Com relação à categoria relacionada a interação e interface, os usuários demonstraram, no geral, satisfação com os fatores de usabilidade, propondo poucas intervenções, porém, levantaram problemas junto ao critério de

comunicabilidade, principalmente no que tange à falta de explicação dos recursos existentes no app e de como estes poderiam ser utilizados. Para tanto, sugeriram a inserção de um tutorial de navegação a ser realizado nos primeiros acessos.

Os participantes também apresentaram a expectativa de se ter um material que promova um aprendizado mais ativo, ou seja, que oportunize a participação dos usuários de forma mais efetiva. Suas sugestões para esse apontamento orbitaram, basicamente, em torno da inserção de ferramentas utilizadas no processo de gamificação e da proposição de debates a partir dos conhecimentos ofertados na aplicação.

Apesar dos conteúdos do app terem sido muito bem avaliados, ficou explícita a necessidade de acesso a saberes para além dos relacionados aos corporais. Em todo o processo avaliativo do protótipo foram feitas menções ao desejo de existirem mais conteúdos relacionados aos saberes conceituais e atitudinais da modalidade, oferecendo mais elementos que corroboram a afirmação de que, no país, são escassos e insuficientes os materiais que os desenvolvem.

Com o foco no desenvolvimento dos princípios e valores da modalidade, os usuários propuseram a criação de conteúdos que tratassem o tema a partir da utilização de histórias, com um tempo de duração curto e que proovessem um ponto de vista a respeito do assunto tratado. Mas, não houve consenso no que diz respeito à utilização do debate e da discussão para a oferta desse tipo específico de conteúdo, o que tornaria a proposta limitada se consideradas as atuais perspectivas da educação moral. Em outras palavras, um aprofundamento sobre o assunto se mostra pertinente.

Mesmo com um posicionamento positivo dos usuários frente à utilização do protótipo e com um conjunto de novos conhecimentos que apontam para um processo de reelaboração contextualizado do app, há de se considerar também as formas de utilização que o material terá junto do processo de ensino e aprendizagem.

Parte dos posicionamentos favoráveis à utilização do app estiveram ligadas à ideia da resolução ou mitigação de problemas vividos no contexto do judô, como as barreiras e dificuldades existentes no processo de formação dos professores, a falta de participação dos pais no processo de aprendizagem dos

filhos e a falta de interesse dos alunos em determinados conteúdos, por exemplo. O fato é que as potencialidades técnicas das TICs não serão suficientes para garantir a eficácia do processo educacional, mas sim as formas como seus usuários irão utilizá-las.

Para que o app possa ser um material de apoio efetivo ao ensino e aprendizagem do judô, além de oferecer conteúdos sobre a modalidade é importante que ele propicie espaços e momentos para a troca de experiências sobre sua própria utilização, criando, assim, um ambiente em que todos os envolvidos sejam cada vez mais conscientes e mais ativos no próprio processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARBOSA, S. D. J.; SILVA, B. S. Da. **Interação Humano-Computador**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2012.
- BARROS, L. M. De. Comunicação E Educação: Além De Forma E Conteúdo. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, [s. l.], v. I, n. 1, p. 4–20, 2011.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281–289, 2009.
- BENTO, M. et al. Trazer vida à sala de aula: utilização inovadora de dispositivos móveis no processo educativo. In: ATAS DA X CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO – CHALLENGES 2017 2017, Braga. **Anais...** Braga: Universidade do Minho. Centro de Competência Campus de Gualta, 2017.
- BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], n. 106, p. 191–216, 1999.
- BIAGGIO, A. M. B. Kohlberg e a “Comunidade Justa”: promovendo o senso ético e a cidadania na escola. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 47–69, 1997.
- BRUCK, P. A.; MOTIWALLA, L.; FOERSTER, F. Mobile Learning with Micro-content: A Framework and Evaluation Recommended Citation “Mobile Learning with Micro-content: A Framework and Evaluation” Mobile Learning with Micro-content: A F. In: ASSOCIATION FOR INFORMATION SYSTEMS AIS ELECTRONIC LIBRARY (AISEL) - BLED 2012 PROCEEDINGS 2012, Bled,

Slovenia. **Anais...** Bled, Slovenia Disponível em:
<<http://aisel.aisnet.org/bled2012http://aisel.aisnet.org/bled2012/2>>. Acesso em:
23 mar. 2020.

CARNEIRO, R. F.; PASSOS, C. L. B. A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas de Matemática: limites e possibilidades. **Revista Eletrônica de Educação**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 101–119, 2014.

CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011**. 2012. Dissertação (Mestrado) UNESP - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012. Disponível em:
<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96052?show=full>>

CAVAZANI, R. N.; CESANA, J. **Paralelos entre a iniciação competitiva precoce e a formação de técnicos de judô**. São Paulo: CREF4/SP, 2019.

CAVAZANI, R. N.; IAOCHITE, R. T. Crenças de autoeficácia de técnicos paulistas de judô. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA XV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (IX CIEFMH E XV SPEF) 2015, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Motriz, 2015. Disponível em:
<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/10060/7204>>

CAVAZANI, R. N.; REVERDITO, R. S.; DRIGO, A. J. Pedagogia do Esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivivência**, [s. l.], v. 28, n. 47, p. 177–190, 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p177>>

CAYROLS, R. G.-F. La práctica deportiva del judo- análisis sociológico de su implantación y desarrollo en la sociedad valenciana. **Quaderns de Ciències Socials**, [s. l.], v. 2, n. 17, p. 1–59, 2010.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.549-566, 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Regulamento para exame e outorga de faixas e graus**. Conselho Nacional de Graus. Rio de Janeiro, 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Avança Judô**. 2020a. Disponível em: <https://cbj.com.br/avanca_judo/>.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **CBJ e Sport For Tomorrow reúnem-se com secretário do Esporte, em Brasília**. 2020b. Disponível em:
<<https://cbj.com.br/noticias/7242/cbj-e-sport-for-tomorrow-reunem-se-com-secretario-do-esporte-em-brasilia.html>>.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Brasil e Japão assinam acordo**

para promover inclusão do judô nas escolas públicas brasileiras. 2020c.

Disponível em:

<<https://cbj.com.br/noticias/7233/Brasil+e+Jap%E3o+assinam+acordo+para+promover+inclus%E3o+do+jud%E4+nas+escolas+p%EAblicas+brasileiras.html/2>>.

CORDEIRO JR, O.; FERREIRA, M. G.; RODRIGUES, A. T. A Evolução Sócio-Histórica Do Judô: Primeiras Aproximações. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 13–21, 2008.

DE CRÉE, C. Shōnen Jūdō-no-kata [“Forms of Jūdō for Juveniles”] —an experimental Japanese teaching approach to Jūdō skill acquisition in children considered from a historic-pedagogical perspective – part I. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 95–111, 2013.

MORGAN, D. L. Focus Group. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 22, p. 129–152, 1996.

DETERDING, S. et al. Gamification: toward a definition. **Chi 2011**, [s. l.], p. 12–15, 2011. Disponível em: <<http://gamification-research.org/wp-content/uploads/2011/04/02-Deterding-Khaled-Nacke-Dixon.pdf>>

DIEZ, E.; ORDOÑEZ, L. Las TIC como elemento motivador para el trabajo de las universidades con las comunidades: el caso de los foros invertidos de InterConectados. **Ciencia y Educación**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 37–50, 2018.

DRIGO, A. J. Reflexões de Profissionais da Educação Física em Relação ao Judô. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA E VIII SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA 2001, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Motriz, 2001.

DRIGO, A. J. **O JUDÔ; DO MODELO ARTESANAL AO MODELO CIENTÍFICO: Um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do Habitus.** 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 396–406, 2009.

DRIGO, A. J. et al. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judo brasileiro. **Motricidade**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 49–62, 2011. Disponível em: <<http://ovidsp.ovid.com/ovidweb.cgi?T=JS&PAGE=reference&D=psyc8&NEWS=N&AN=2012-10845-002>>

ESPARTERO, J. El cuerpo concebido por el judo Kodokan: un proyecto educativo de progreso truncado por la reacción. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1265–1276, 2016.

ESPARTERO, J.; VILLAMON, M. La Utopía Educativa De Jigoro Kano: El Judo Kodokan. **Recorde - Revista de História do Esporte**, [s. l.], v. 2, n. 1, 2009.

FERREIRA, A. F. **As tecnologias digitais da informação e comunicação nas aulas de Educação Física: a formação continuada em serviço de professores da rede pública**. 2017 - Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

FERREIRA, J. B. et al. A disseminação da aprendizagem com mobilidade (M-learning). **Datagramazero**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 1–21, 2012.

FIQUEIREDO, M.; PAZ, T.; JUNQUEIRA, E. Gamificação e educação: um estado da arte das pesquisas realizadas no Brasil. **Anais dos Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2015)**, [s. l.], v. 1, n. Cbie, p. 1154–1163, 2015.

FREITAS, F. M. de C. Judô: crítica radical. **Motrivivência**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 35–43, 1989. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19401%3E>>

FREITAS, L. B. de L. Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação. **Educar em Revista**, [s. l.], n. 19, p. 11–22, 2002.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos. **Motriz**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 751–761, 2010. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a24v16n3.pdf>>. Acesso em: 31 maio. 2018.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento: lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 3. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, Eduem, 2014d. v. 4. 138p.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

HARTSON, R.; PYLA, P. **The UX Book: Process and guidelines for ensuring a quality user experience**. Waltham : Elsevier, 2012.

HIRAMA, L. K. **Valores que o esporte ensina: intervenções pedagógicas para a formação da personalidade moral**. 2018. Tese (Doutorado) - UNICAMP, Campinas, 2018.

HOFFMANN, J. **Avaliação: Mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. A utilização do grupo focal como

metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115–121, 2001.

ISO 9241-210:2019. **Ergonomics of human system interaction - Part 210: Human-centred design for interactive systems**. Switzerland.

KLOCK, A. C. T. et al. Análise das técnicas de Gamificação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **RENOTE**, [s. l.], v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/53496>>

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, [s. l.], v. 22, n. 37, p. 7–32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>

MORAN, J. Novos modelos de sala de aula. **Educatrix: a revista que pensa a educação**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 32–37, 2014.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. 2018.

MORGAN, D. L.; KRUEGER, R. A. When to use focus groups and why. In: MORGAN, D. L. (Ed.). **Successful focus groups**: advancing the state of the art. Newsbury Park, CA: Sage Publications, 1993, p. 3-9.

MUNAKATA, K. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das idéias à materialidade. In: VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luis Potosí. **Anais do VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana**, ISBN 998-7727-87-X, 2003. Disponível em: <https://www.academia.edu/10909984/Investiga%C3%A7%C3%B5es_acerca_dos_livros_escolares_no_Brasil_das_id%C3%A9ias_%C3%A0_materialidade>. Acesso em: 05 mar. 2018.

NIELSEN, J. **Usability Engineering**. Mountain View: Academic Press, 1993. v. 10.

NIELSEN, J. The Use and Misuse of Focus Groups. **NN/g Nielsen Norman Group - World Leaders in Research-Based User Experience**, 1997. Disponível em: <<http://www.nngroup.com/articles/how-to-rate-the-severity-of-usability-problems/>>.

NUNES, F. L. S. et al. Avaliação. In: **Introdução a Realidade Virtual e Aumentada**. Porto Alegre: Editora SBC, 2018.

NUNES, F. L. S.; MACHADO, L. S.; MORAES, R. M. Evolução da Realidade

Virtual e Aumentada em Saúde: Uma Reflexão a partir de 15 Anos de SVR. **Proceedings - 2014 16th Symposium on Virtual and Augmented Reality, SVR 2014**, [s. l.], n. May, p. 220–229, 2014.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99–108, 2010.

PAREDES, J.; ARRUDA, R. D. De. La motivación del uso de las TIC en la formación de profesorado en educación ambiental. **Ciencia y Educación**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 353–368, 2012.

PRATES, R. O.; BARBOSA, S. D. J. Introdução à Teoria e Prática da Interação Humano Computador fundamentada na Engenharia Semiótica. **Jornadas de Atualização em Informática, JAI 2007**, [s. l.], p. 263–326, 2007.

PRATES, R. O.; DINIZ, S.; BARBOSA, J. Avaliação de Interfaces de Usuário – Conceitos e Métodos. In: ANAIS DO XXIII CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO. XXII JORNADAS DE ATUALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA (JAI) 2003, **Anais... : SBC 2003**, 2003.

PREECE, J.; ROGERS, Y.; SHARP, H. **Interaction design: beyond human-computer interaction**. Danvers: John Wiley & Sons, Inc., 2002.

QUIRÓZ, M. T. Educar en la comunicación/comunicar en la educación. In: DIÁLOGOS DE LA COMUNICACIÓN 1993, Lima. **Anais... Lima: FELAFACS**, 1993.

RAMOS, A. de M.; CAMPOS, S. S.; FREITAS, L. C. G. De. Uma análise sobre estudos que relacionam a literatura infantil e a moralidade na perspectiva construtivista piagetiana. **Nuances: estudos sobre Educação. Ano XVIII**, [s. l.], v. 23, n. 24, p. 142–161, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v23i24.1895>>

REALI, A. M. de M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, p. 239–247, 2005.

RICOY, M. C.; COUTO, M. J. V. S. As boas práticas com TIC e a utilidade atribuída pelos alunos recém-integrados à universidade. **Educacao e Pesquisa**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 897–912, 2014.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283–300, 2012.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, S. O. dos. **A Integração Oriente-Occidente e os fundamentos do judô educativo**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de

São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

SCHÖN, D. A. **The reflective practitioner**. [s.l.] : Basic Books, 1983.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O Uso Da Análise De Conteúdo Como Uma Ferramenta Para a Pesquisa Qualitativa: Descrição E Aplicação Do Método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 70–81, 2005.

SILVA, P. G. de S. e; MACEDO, S. da H.; BATISTA, S. C. F. Aplicativo Caixa de Música: recurso para aprimoramento das concepções sobre diversidade na Educação Infantil. **Renote**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 311–320, 2018.

SKINNER, J.; EDWARDS, A.; CORBETT, B. **Research Methods for Sport Management**. Oxon; New York: Routledge, 2015.

SMITH-ROBBINS, S. This Game Sucks: How to Improve the Gamification of Education. **Educause Review**, [s. l.], v. 46, p. 58–59, 2011. Disponível em: <<http://www.educause.edu/EDUCAUSE+Review/EDUCAUSEReviewMagazineVolume46/ThisGameSucksHowtoImprovethGa/222665>>

SOARES, I. D. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, [s. l.], v. 0, n. 19, p. 12, 2000.

SOUZA, C. S. de. **The Semiotic Engineering of Human-Computer Interaction**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2005.

STEVENS, J. **The way of judo**: a portrait of Jigoro Kano and his students. Boston & London: Shambhala Publications Inc., 2013.

TAILLE, Y. de La. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TICHY, W. F. et al. Experimental evaluation in computer science: A quantitative study. **The Journal of Systems and Software**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 9–18, 1995.

VAGARINHO, J. P. O que devemos ter em conta para definir corretamente os termos distance learning, e-learning e m-learning? **Educar em Revista**, [s. l.], v. 34, n. 68, p. 269–287, 2018.

WAINER, J. et al. Empirical evaluation in Computer Science research published by ACM. **Information and Software Technology**, [s. l.], v. 51, n. 6, p. 1081–1085, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.infsof.2009.01.002>>

WATSON, B. N. **Judo Memoirs of Jigoro Kano**: Early History of Judo. Victoria: Trafford, 2008.

ZICHERMANN, G.; CUNNINGHAM, C. **Gamification By Design Zichermann**. [s.l.] : O'Reilly, 2011.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início dos anos 2000, as instituições representativas do judô vêm revisando as formas de pensá-lo e ofertá-lo, tornando explícito o desejo de uma representação pautada na prática educativa, de ampla acessibilidade e desenvolvedora de aspectos sociais. Nas últimas décadas, no Brasil, tal posicionamento refletiu-se em uma postura a favor de sua difusão e democratização, materializando-se através de projetos sociais encampados por Organizações não Governamentais (ONGs), ex-atletas e por suas próprias federações, que se aproximaram das instituições escolares – principalmente do setor público – aparentemente, entendendo-as como espaços férteis para emplacá-los enquanto indutores de tal objetivo.

Compreender o contexto desse pretenso processo de democratização do ensino do judô no país e propor alternativas para seu fomento com a criação de um material didático apoiado na utilização das TIC foi o motivo da realização dos procedimentos do presente trabalho.

As diferentes etapas da pesquisa, caracterizadas por uma perspectiva exploratória, puderam contribuir na consecução do objetivo principal da tese – que será discutido mais adiante – e na ampliação de entendimentos sobre contextos específicos de vivência prática da modalidade. Estes, por sua vez, sendo relevantes para o avanço de novos estudos na área, principalmente os de caráter aplicado e do ponto de vista da intervenção profissional e sócio-educativa – como foi o caso do presente – que são, ainda, bastante reduzidos na área de lutas (CORREIA; FRANCHINI, 2010; FRANCHINI; VECCHIO, 2011).

Como exemplo de tal importância, são apresentadas algumas dessas possíveis contribuições para além da discussão central da tese:

Artigo I – O judô no Programa Mais Educação: concepções, significados e atuação dos monitores.

Esse estudo insere no radar das discussões acadêmicas o contexto de desenvolvimento dos projetos educacionais vivenciados no seio da instituição escolar – a partir do Programa Mais Educação – que consideram o judô como atividade capaz de contribuir com uma esperada educação integral, verificando e discutindo os aspectos positivos e negativos de seu arrolamento. Aponta para a premente reconfiguração dos processos de formação oferecidos aos

responsáveis das atividades, destacando a necessidade de conjugação dos saberes técnicos e das concepções educacionais/pedagógicas que sustentam o Programa. Pode, eventualmente, contribuir com discussões preliminares de criação e implementação de futuros projetos de judô no âmbito da escola, reestabelecendo concepções, planejamentos e ações pedagógicas necessárias para a realização de uma prática mais coerente e condizente com o processo educacional escolar.

Artigo II – O estado da arte do judô: a produção acadêmica na área das lutas e os estudos sobre os princípios e valores da modalidade.

A pesquisa atualiza estudos anteriores sobre a produção acadêmica referentes às lutas, tanto nacional quanto internacionalmente, além de ampliar a quantidade, das poucas, que têm foco no judô. Pode ser considerada original, pois evidencia as produções científicas relacionadas aos conhecimentos sobre os princípios e valores da modalidade, aspectos estes, aparentemente, indutores de aproximação da sociedade com o esporte (DURAN et al., 2007; MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001), mas que ainda são pouco discutidos.

Uma outra possível contribuição advém da eventual disponibilização do banco de dados criado a partir da pesquisa, com as mais de 1500 produções sobre o judô, concentrando-as em um único lugar e que poderia ser constantemente atualizado e expandido com uso de outras fontes, em uma espécie de observatório digital da modalidade, facilitando os processos de busca e pesquisa para estudantes, professores, pesquisadores e interessados na área.

Artigo III – Concepções teóricas e atuações práticas no judô: as perspectivas de pais, professores e praticantes.

O estudo apresenta dados relevantes ligados às concepções que pais, professores e alunos têm sobre o judô, identificando não só seus posicionamentos teóricos, como também as percepções sobre suas vivências. Pode contribuir para um debate inicial sobre a forma como a população no país encara a modalidade, além de seus dados ajudarem na criação de estratégias e tomadas de decisões no desenvolvimento de processos de divulgação, de

melhora no ensino e do engajamento e comprometimento dos envolvidos com o esporte.

Artigo IV – Materiais didáticos para o ensino do judô: necessidades e expectativas de pais, professores e praticantes.

Introduz ao contexto do judô a discussão sobre a relevância de materiais didáticos no apoio ao ensino e aprendizagem da modalidade, a partir das carências sentidas pelos envolvidos na sua vivência e apontando para possibilidades de contribuição nos campos da criação e da oferta de conteúdos. Seus achados estimulam a reflexão sobre a latente e inevitável aproximação entre as TIC e o ensino do judô, além de auxiliar professores e instituições à darem novos passos na escolha de conteúdos, formatos e maneiras de disponibilizar informações e conhecimentos às comunidades judoísticas em que estão inseridos.

Artigo V – Aplicativo Projeto Judô: criação de um recurso didático para o ensino da modalidade.

Apresenta o processo de construção de um material de apoio para o ensino do judô, pautado na utilização das TIC e com base nas problemáticas levantadas e verificadas nos estudos prévios da tese. Mesmo sendo uma criação, ainda em fase de prototipagem, pode contribuir com a discussão da ampliação dos saberes à serem ensinados no judô e da relevância dos conceitos de *m-learning* e de *aprendizado em rede* no ensino das práticas corporais. Sua estrutura pode servir de base para o desenvolvimento de novos materiais, preocupados com o atendimento das necessidades de acesso e qualidade dos conhecimentos relevantes no processo de ensino e aprendizagem da modalidade.

Artigo VI – Avaliação do aplicativo Projeto Judô a partir da experiência do usuário: potencialidades e limitações na perspectiva de pais, professores e alunos.

Verifica aspectos positivos e negativos da utilização do aplicativo Projeto Judô a partir da perspectiva de usuários finais, auxiliando nas tomadas de decisão para a continuidade de seu desenvolvimento e futura disponibilização. Ao mesmo tempo, aproxima conceitos e metodologias de áreas distintas para o

processo de avaliação de uma intervenção tecnológica – experiência do usuário, grupo focal e análise de conteúdo – reforçando a relevância de integração entre os campos do conhecimento no desenvolvimento de soluções contextualizadas às necessidades da contemporaneidade.

Importante ressaltar que as contribuições apontadas em cada um dos estudos devem ser encaradas como possibilidades e não como informações e dados afirmativos ou conclusivos dos meandros da vivência do judô, já que os mesmos apresentaram certas limitações. Essas, dão-se basicamente pela restrição dos quantitativos de participantes e dos extratos pouco abrangentes das comunidades a que eles pertenciam, não possibilitando, portanto, estabelecer relações probabilísticas e generalizações. De toda forma, seus achados não são menos importantes ou invalidam as problemáticas, discussões e proposições anteriormente apontadas para o desenvolvimento da área.

De posse de tal entendimento, retoma-se a intenção primeira de verificar o contexto de democratização do ensino do judô, considerando a hipótese inicial de que ela passa por um processo ainda incipiente, marcado, basicamente, pelas carências advindas de dois aspectos principais, que são complementares e que, na prática, estão justapostos e influenciam-se mutuamente: **1. O acesso ao conhecimento do judô** e **2. As características do processo de ensino e aprendizagem.**

Importante lembrar que as análises para esses dois pontos foram realizadas a partir de uma concepção específica de democracia, que transcende os aspectos políticos institucionalistas e que almeja uma cultura democrática, na qual as relações sociais estejam pautadas em valores como a justiça, a igualdade e a equidade (ALMOND; VERBA, 1965; ROCHA, 2009; CORDÃO, 2015). Ou seja, o que se espera é que as relações estabelecidas com os conhecimentos do judô – e, portanto, os aspectos de acesso, da prática de ensino e do, conseqüente, processo de aprendizagem – sejam alicerçadas nessa perspectiva.

Diante dos achados da pesquisa, é possível sugerir que, quanto ao **acesso aos conhecimentos do judô**, a modalidade ainda tem um bom caminho a percorrer para atingir níveis condizentes de um processo democrático esperado, isso porque certas carências puderam ser verificadas. O primeiro dado relevante surge no levantamento das referências bibliográficas, em que a Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015 verificou que 76,6% das pessoas que afirmaram praticar lutas e artes marciais como esporte/atividade física principal, fizeram-no em instalações esportivas com algum tipo de pagamento (IBGE, 2017), ou seja, pode-se inferir que o judô possa estar sendo ofertado, prioritariamente, a partir de iniciativas privadas e que, portanto, não se dão por meios tangíveis a boa parte dos possíveis interessados, principalmente em um país em que o rendimento domiciliar por pessoa (*per capita*) em 12, dos 27 estados brasileiros no ano de 2019, foi menor que um salário mínimo (AGÊNCIA O GLOBO, 2020; DUARTE, 2020; IBGE, 2020).

Mas a problemática do acesso aos conhecimentos não se restringe apenas à relação público/privado de sua oferta, mas soma-se, também, à característica centralizadora de seu contato, já que a maneira regularmente praticada se baseia em aulas presenciais, caracterizadas por suas delimitações físicas/espaciais (o *dojo*), comandadas pela presença, imprescindível, de um professor (o *sensei*) dotado de um conhecimento que é transmitido em momentos temporais estipulados e, de acordo, com a avaliação que este faz de seus alunos.

Poucas parecem ser as iniciativas de tempos, espaços e formatos oportunizados para seus praticantes vivenciarem a modalidade de maneira informal e a partir de uma abordagem diferente da relação professor-aluno, em que eles possam, eventualmente, estar à frente de sua própria aprendizagem, por exemplo. A verdade é que essa característica de contato não seria um problema, caso os inúmeros elementos que compõem o capital cultural do judô estivessem disponíveis, tanto em outros locais, como em outros formatos, de maneira a descentralizá-los e, assim, possibilitando a ampliação das perspectivas de experiência e entendimento da modalidade.

Alguns dados das etapas da pesquisa apontaram justamente para essa problemática do acesso, primeiro ligada à falta de disponibilidade de conteúdos, por exemplo, quando os monitores do Programa Mais Educação reconheceram ter limitações de entendimento a respeito dos saberes relacionados aos princípios e valores da modalidade, indicando a falta de disponibilidade de tais conhecimentos para se aperfeiçoarem (Artigo I) e quando verificou-se que pais, professores e alunos possuem certa dificuldade em encontrar informações

confiáveis sobre conteúdos a respeito das *técnicas corporais* e dos *princípios e valores*, enfatizando a deficiência de contato com tais saberes (Artigo IV).

Complementando ainda tal perspectiva, observou-se um desbalanceamento substancial existente na produção científica em periódicos da Educação Física e especializados em lutas (Artigo II), com um peso maior na área da biodinâmica, seguido da sociocultural e da pedagógica com a menor representatividade, resultado esse provavelmente impulsionado pela demanda da prática da modalidade, pautada, majoritariamente, pelo viés técnico e esportivo-competitivo (CAVAZANI, 2012; CAVAZANI; CESANA, 2019; CAVAZANI; REVERDITO; DRIGO, 2016; GONÇALVEZ; SILVEIRA, 2012). Além disso, nesse mesmo estudo, averiguou-se a escassez de conhecimentos produzidos a respeito dos princípios e valores do judô, representando meros 8,35% da produção total sobre a modalidade (n=479).

Outro dado que apontou para essa problemática de acesso aos conteúdos sobre o judô foi do posicionamento de pais, professores e praticantes em relação a já terem sentido falta da existência de algum tipo de material didático no processo de vivência da modalidade (Artigo IV). Para os dois últimos grupos de participantes, os níveis de concordância foram expressivos, chegando aos 75% e 79,17%, respectivamente.

Se a dificuldade de acesso aos conhecimentos, marcado pela escassez de disponibilidade, mostrou-se um aspecto relevante nessa compreensão do contexto de democratização do judô, há de ser considerado, ainda, os formatos de seu dispor. A pesquisa verificou que a forma como os saberes são ofertados também interfere nas possibilidades de contato da população com a modalidade.

Um exemplo se dá a partir do agravamento da escassez dos conhecimentos a respeito dos princípios e valores, que, dentre os 40 documentos que tratavam sobre o assunto – os mesmos pífios 8,35% anteriormente citados (Artigo II) – 47,50% foram publicados integralmente em inglês, 42,50% em japonês e apenas 10% na língua portuguesa, o que aponta para uma restrição ao acesso ligada às barreiras linguísticas existentes. Outro exemplo que reforça a discussão sobre a relevância dos formatos na disponibilidade de conhecimentos é o que complementa o posicionamento positivo de pais, professores e praticantes sobre realizarem, costumeiramente, pesquisas sobre o judô. De acordo com um dos estudos (Artigo IV), essas

buscas por informações partem da utilização das TIC, tendo os *sites específicos* (de academias, federações e confederações) como os mais relevantes na efetivação desses achados, seguidos dos *sites de compartilhamento de vídeos*, apontando para uma tendência atual no consumo de conteúdos, provavelmente impulsionados pela diversidade, gratuidade e facilidade de produção/disponibilização nesses formatos.

Tais dados acabam ganhando consistência quando pais, professores e alunos também se mostram favoráveis à existência de um novo material didático, desenvolvido, preferencialmente, no formato de *vídeo* e com disponibilização a partir de *sites* (83,78%) e de um *aplicativo para dispositivos móveis* (67,57%). Essas informações se tornam ainda mais significativas quando os mesmos participantes apresentam uma baixa concordância, se comparada às anteriores – de apenas 55,41% – para a ideia desse material ser ofertado a partir do formato impresso, chamando a atenção para o fato do grupo de professores ter o menor posicionamento, de apenas 50%. Isso traz indícios de que a forma tradicional de disponibilizar o conhecimento do judô para além das aulas – comumente realizado a partir de apostilas, manuais e livros – pode não estar de acordo com as necessidades atuais de acesso de seus envolvidos ou da capacidade de suas aquisições.

Para se ter uma ideia da disponibilidade e do custo desse tipo de material, fazendo-se uma rápida busca de livros a partir do termo judô em uma das maiores livrarias virtuais existentes na *web*, o retorno do número de exemplares para a língua portuguesa foi de apenas 31 títulos, a um preço médio de R\$ 75,80, mostrando tanto a limitação do número de produções quanto o valor pouco acessível. Apesar dos títulos na língua inglesa serem fartos, seus valores são igualmente elevados, a ponto de encontrarmos exemplares publicados há apenas vinte ou trinta anos, sendo negociados como se fossem raridades, tais como o *The Canon of Judo: Classic Teachings on Principles and Techniques* de Kyuzo Mifune (2004) por R\$1.069,84 e o *An Introduction to Kodokan Judo: History and Philosophy* de David Matsumoto (1996) pela bagatela de R\$ 5.138,67.

Tais exemplos servem de elementos para a compreensão mais ampla da restrição de acesso aos conhecimentos do judô vivida aqui no Brasil e que ainda parece se configurar como uma atividade para poucos, mesmo que nas últimas

décadas alguns esforços tenham sido realizados para divulgá-lo e torná-lo mais acessível.

Ao mesmo tempo, o que se percebeu é que algumas **características do processo de ensino e aprendizagem** vividas na modalidade são pouco favoráveis a uma cultura democrática do judô, isso porque parecem não proporcionar, sistematicamente, uma aproximação entre o que seus envolvidos esperam e o que por eles é experimentado. Esse fato não só intensifica ou realiza a manutenção da limitação de acesso aos conhecimentos como também contribui com a fragmentação e a compreensão superficial de seus saberes.

De maneira geral, os pais, professores e praticantes envolvidos com a pesquisa apresentaram uma concepção de judô heterogênea, em que valorizaram tanto aspectos tradicionais do judô quanto elementos modernos de sua prática, ou seja, conceberam uma perspectiva voltada para um aprendizado holístico, no qual os aspectos físicos, intelectuais e morais são valorizados, ao mesmo tempo que reconheceram a importância do aprendizado da perspectiva esportiva, a qual tem como elementos proeminentes na atualidade o desenvolvimento físico, técnico e competitivo.

A exemplo disso, entre pais e praticantes verificou-se que os motivos para a escolha da prática do judô variaram, prioritariamente, entre *A prática da atividade física e seus possíveis benefícios* (63,7%) e *Valorização de aspectos educativos para além do movimento* (62,45%). Esses dados são próximos aos encontrados no estudo de Gonçalves e Silveira (2012), apontando para a singularidade da concepção dos brasileiros, se comparada aos dados obtidos em outras pesquisas sobre diferentes países, que tenderam a uma única valorização, seja voltada aos aspectos mais tradicionais e ligados às questões de desenvolvimento moral ou a uma perspectiva mais individualista e esportiva (MATSUMOTO et al. 1995; MATSUMOTO; TAKEUCHI; HORIYAMA, 2001).

Paralelamente ao desvelamento dessa postura teórica e heterogênea dos participantes sobre o judô, também foi possível observar uma atuação prática caracterizada por posicionamentos incongruentes. Ao mesmo tempo que os participantes foram favoráveis a ações que proporcionavam a vivência dos princípios fundamentais da modalidade, tais como o bem-estar e o desenvolvimento mútuo dos praticantes, além de conceitos educacionais modernos, dos quais a comunicação e o diálogo são caros no processo de

aprendizagem (FREIRE, 2011; 2013; GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995), o grupo também apresentou uma postura impregnada de atitudes contrárias a eles.

Isso foi revelado a partir da valorização de uma pretensa hierarquia autoritária no processo de ensino e aprendizagem e um ensino de valores a partir de ações, em geral, não sistematizadas para esse fim específico, além do uso de uma postura diretiva, que prescindia, em grande parte, o estímulo ao diálogo e a participação ativa dos praticantes (Artigo III).

É importante dizer que tais achados encontram eco nas discussões realizadas em outras pesquisas que tratam do viés autoritário na vivência prática das lutas no Brasil (DRIGO, 2009; NOVAES, 2002; TAKANO, 2001) e também especificamente no judô (CAVAZANI; CESANA, 2019; FREITAS, 1989; MESQUITA, 1994). De acordo com esses estudos, a modalidade ainda sofre com práticas pedagógicas alinhadas a um conceito de autoridade marcado pelo autoritarismo, que pouco, ou nada, aproxima-se de ações que fomentam a participação ativa de seus envolvidos, o diálogo, a troca de conhecimentos e a reflexão dos contextos vividos, ou seja, uma perspectiva de ensino e aprendizagem distante de uma cultura democrática.

Essa precariedade no trato pedagógico com a modalidade parece advir das falhas presentes nos processos formativos disponíveis aos seus envolvidos, normalmente, pautados em uma perspectiva que prioriza a prática e o domínio técnico em detrimento de outros saberes (DRIGO, 2009b) que, inclusive, são concebidos pelos próprios professores como importantes de serem ensinados, mas que pouco são conhecidos, estudados e discutidos. Essa falta de conhecimento, para além dos aspectos técnicos, foi verificada, por exemplo, no baixo nível de reconhecimento de professores e alunos a respeito dos princípios fundamentais que balizam o entendimento da prática do judô. No caso do grupo de professores, apenas 40,91% conseguiram apontar tais princípios, valor que diminui no grupo de praticantes, chegando à apenas 28,58%.

E o que se discute aqui, mesmo entendendo o valor histórico e prático desses saberes, não é a importância do ensino desses princípios, mas a coerência necessária entre o que os envolvidos com a prática do judô esperam da modalidade e o que, de fato, ela vem ofertando. Em outras palavras, parece contraditório encontrar esses princípios nas paredes de muitos *dojos* – em

formato de quadros com caligrafias japonesas – e ao mesmo tempo constatar que eles não são conhecidos e compreendidos por boa parte das pessoas que dali são frequentadoras.

As diversas verificações realizadas ao longo da pesquisa não só confirmam a incipiência de um processo de democratização do judô na perspectiva cultural como também contribuem para uma compreensão mais ampla dos possíveis aspectos que o influenciam. Tal entendimento revela que o **acesso ao conhecimento do judô** está ligado tanto à relação desproporcional entre as iniciativas públicas e privadas como também à falta de disponibilidade de saberes sobre o judô que extrapolam o conhecimento técnico e às barreiras impostas pela forma como esses saberes são oferecidos à população, normalmente feita de forma dispendiosa, em quantidade diminuta para a língua portuguesa e pouco contextualizados às necessidades atuais da população.

Com relação às **características do processo de ensino e aprendizagem**, foi possível perceber que os envolvidos com a modalidade vivenciam um contexto de incongruências entre suas concepções e as experiências práticas. A falta de conhecimentos pedagógicos e, até mesmo de saberes próprios da modalidade, não só evidenciam esse distanciamento como também oferecem uma experiência pouco participativa, ativa, dialógica e reflexiva, aspectos considerados essenciais para a construção de uma cultura democrática de sua prática.

Para além da verificação do contexto de democratização do ensino do judô, teve-se a intenção de propor alternativas para seu fomento com a criação de um material didático pautado na utilização das TIC, fato que foi desenvolvido nos dois últimos momentos da pesquisa. O processo de sua criação esteve ligado ao conceito de *design* proposto por Barbosa e Silva (2010), levando em consideração três ações fundamentais: 1. A *análise* da situação atual: pela qual buscou-se estudar e conhecer o contexto da problemática em questão (Artigos I, II, III e IV); 2. A *síntese* da intervenção: na qual planejou-se e executou-se uma intervenção para a situação (Artigo V) e 3. A *avaliação* da nova situação: em que verificou-se o efeito da intervenção, comparando com a situação anterior analisada (Artigo VI).

Esses dois últimos momentos configuraram-se em espaços oportunos para se pensar e desenvolver formas de contribuir com o contexto de democratização do judô verificado nas etapas exploratórias.

Diante de tal perspectiva, são apresentadas algumas de suas características estruturais e conceituais que pareceram ser contributivas com o *acesso aos conhecimentos do judô e as características do processo de ensino e aprendizagem*, apontados inicialmente como fulcrais de serem melhor compreendidos e explorados para o desenvolvimento de um contexto democrático da modalidade.

O aplicativo apresentou uma proposta de sistematização de conteúdos para o ensino do judô que foi além do ensino dos saberes corporais ligados aos aspectos técnico-táticos, possibilitando o compartilhamento de conhecimentos conceituais, tanto a respeito de questões técnicas como de contextos socioculturais que envolvem a modalidade, além do contato com ideias e modos de comportamento que propiciam a vivência/reflexão de valores presentes nos ambientes social e esportivo, os saberes atitudinais. Ou seja, o material tentou ampliar a disponibilidade de saberes sobre a modalidade, não só levando em consideração as necessidades apresentadas anteriormente pelos participantes da pesquisa como também aprofundando-se nas sugestões de conteúdos presentes nos documentos oficiais da CBJ.

Diferentes ferramentas ligadas às TIC foram utilizadas para sua confecção, entregando um material composto por 22 vídeos, um dicionário para consulta de termos e conceitos inerentes aos níveis propostos de desenvolvimento, além de um simulador de placar eletrônico de judô, capaz de ajudar na realização de experiências práticas de estudo das regras e da arbitragem da modalidade. Esta estrutura foi disponibilizada em um aplicativo para dispositivos móveis com sistema operacional Android, intitulado Projeto Judo¹, que se expandiu, parcialmente, para seu canal homônimo no *site* de compartilhamento de vídeos Youtube. As necessidades e expectativas dos participantes da pesquisa foram contempladas, já que tanto o formato audiovisual quanto à disponibilização em *sites* e aplicativos caracterizam a identidade do material.

¹ O canal Projeto judô pode ser acessado através do endereço <https://www.youtube.com/projetojudo>

O formato dos vídeos, as metodologias de ensino neles utilizados e as ferramentas existentes no app propiciaram a construção de um material próximo ao conceito do *m-learning* (FERREIRA et al., 2012; SACCOL et al.; 2010; VAGARINHO, 2018), o qual possibilita o aprendizado em qualquer lugar e em qualquer hora, a partir de ferramentas tecnológicas já difundidas, assim como possibilita uma *aprendizagem em rede*, na qual a participação dos interlocutores é tanto maior quanto mais ativa, ampliando a diversidade de informações e, conseqüentemente, a qualidade do processo.

A avaliação do aplicativo se mostrou reveladora no sentido de compreender as potencialidades do material, suas limitações e possíveis caminhos de serem trilhados no seu processo de reconfiguração, possibilitando a oferta de um produto mais contextualizado às expectativas dos usuários finais e contribuindo para sua melhor utilização e maior disseminação posteriormente.

Os participantes mostraram-se favoravelmente inclinados à existência e utilização do app como suporte ao ensino e aprendizado da modalidade, mostrando contentamento com sua característica audiovisual e com a qualidade da interação/interface e dos conteúdos por ele apresentados. Ao mesmo tempo, foram preciosos os apontamentos sobre suas limitações e possíveis avanços quanto: 1. ao formato dos vídeos, os quais poderiam receber a inserção de mais elementos visuais e terem seus tempos melhor equacionados para serem consumidos de forma ainda mais prazerosa; 2. ao critério de comunicabilidade, que trata da falta de explicação sobre os objetivos do app e dos recursos nele existentes, sugerindo a inserção de um tutorial de navegação nos primeiros acessos; 3. à expectativa de um material que promova um aprendizado mais ativo, podendo ser concretizado com a utilização de estratégias e ferramentas de gamificação e 4. à maior ampliação de conteúdos ligados aos saberes conceituais e atitudinais, podendo, esses últimos, serem realizados, por exemplo, a partir da sugestão dada para a tematização dos princípios e valores da modalidade com histórias curtas, providas de um ponto de vista e com eventuais debates.

Mesmo diante de um conjunto de conhecimentos capazes de orientar a readequação do aplicativo, de forma contextualizada às necessidades dos usuários finais, uma preocupação emergiu do processo avaliativo. Parte dos posicionamentos favoráveis à utilização do app esteve ligada à ideia da

resolução ou mitigação de problemas vividos no contexto do judô, como as barreiras e dificuldades existentes no processo de formação dos professores, a falta de participação dos pais no processo de aprendizagem dos filhos e a falta de interesse dos alunos em determinados conteúdos, por exemplo.

O fato aponta para uma problemática já discutida no âmbito da Educação, que se relaciona com a imagem inequívoca e ingênua que as pessoas têm das TIC como panaceia dos problemas educacionais vividos, mas que na verdade são absolutamente dependentes da forma como as pessoas as utilizam e, com elas, relacionam-se.

No caso específico do app, é necessário dizer que sua contribuição será maior na medida em que, além de oferecer conteúdos sobre a modalidade e fomentar espaços e momentos de troca de experiências, exista a possibilidade de discutir os limites e potencialidades de sua própria utilização. Talvez assim seja possível ampliar as formas de se vivenciar o judô para além dos tempos e espaços do *dojo*, criando novas relações entre os integrantes das comunidades judoísticas existentes no país e, conseqüentemente, contribuir com os processos de ensino e aprendizagem da modalidade.

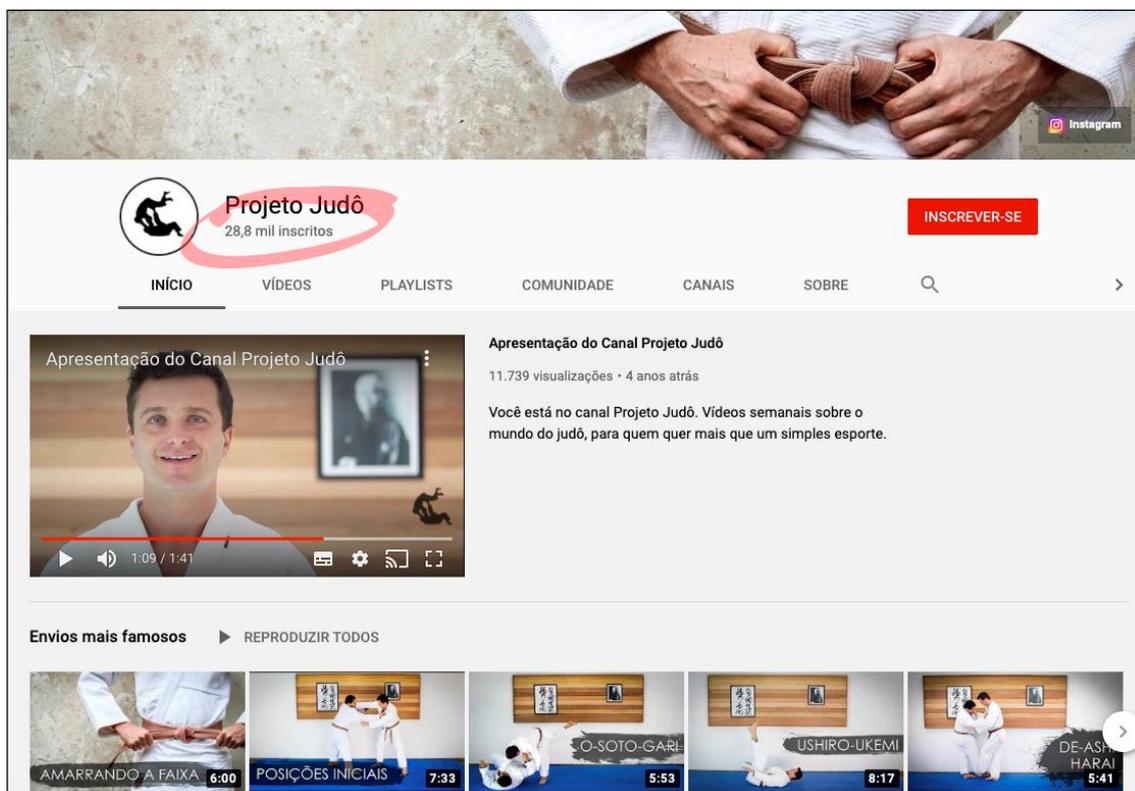
Mesmo com a convicção de que muito há de ser feito para a melhora do material e com a consciência de sua modesta capacidade em contribuir com a grandeza do processo de democratização do judô, é possível vislumbrar contextos positivos de sua disponibilização junto à população, principalmente se levarmos em consideração alguns dos dados gerados a partir do compartilhamento parcial dos conteúdos até então produzidos, no canal Projeto Judô, hospedado no *site* Youtube.

Além de contar com um número que se aproxima dos 30 mil inscritos (Figura 8-1), ou seja, uma quantidade relevante de pessoas que se mostram interessadas e dispostas a entrar em contato com as produções que são veiculadas no canal, verifica-se também uma audiência consideravelmente robusta.

É possível perceber que o número de visualizações dos últimos três anos – contabilizados no período de 01/01/2017 à 23/07/2020 – passou de 1 milhão e atingiu um tempo de exibição superior à 48 mil horas (Figura 8-2). Para se ter uma ideia da amplitude da permeabilidade dos conteúdos, significa dizer que os

usuários promoveram uma audiência do material equivalente a cinco anos e meio de forma ininterrupta.

Figura 8-1 – Tela de abertura do Canal Projeto Judô.



Fonte: ferramenta *YouTube analytics*.

Figura 8-2 – Visão geral de visualizações e tempo de exibição dos conteúdos.

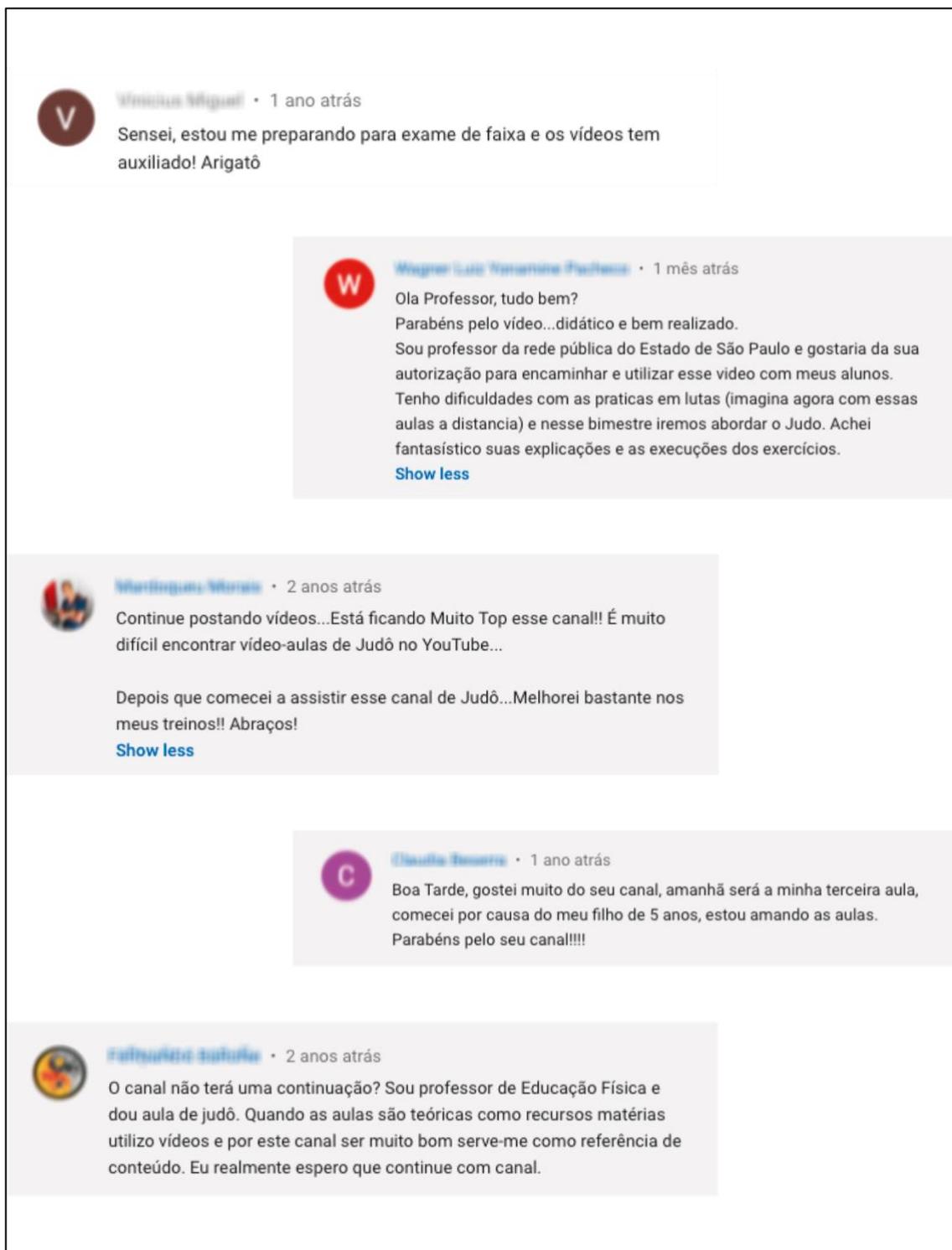


Fonte: ferramenta *YouTube analytics*.

Não são só os dados quantitativos chamam atenção, mas também os *feedbacks* que a comunidade vem oferecendo a partir da ferramenta

comentários. É possível observar inúmeros aspectos positivos da relação entre os usuários e o material, dos quais pode-se destacar o contentamento dos usuários em relação à qualidade do conteúdo, a diversidade de perfis das pessoas e os diferentes objetivos de utilização do material.

Figura 8-3 – Comentários dos usuários a respeito dos conteúdos do canal.



Fonte: ferramenta comentários do canal Projeto Judô no YouTube.

Figura 8-4 – Continuação dos comentários dos usuários a respeito dos conteúdos do canal.

The image shows a screenshot of a YouTube comment section. It contains five comments from different users, each with a profile picture, name, and timestamp. The comments are as follows:

- Comment 1:** User: [Walterton Souza](#) (verified), 4 meses atrás. Text: "Sensacional! Sou do jiu jitsu. Mas sou fã das suas aulas. E semana passada descobri que meu professor usa alguns dos seus vídeos pra preparar nossos treinos! Muito bom mesmo seu canal!"
- Comment 2:** User: [Renato Figueiredo](#) (verified), 3 anos atrás. Text: "Olá Glauber Bedini, estou elaborando um site para os alunos de judo aqui na Universidade e gostaria da sua permissão para incluir alguns vídeos do canal Projeto Judô."
- Comment 3:** User: [Náiran Azei](#), 5 meses atrás. Text: "Muito obrigada! Eu não fazia ideia de como se amarrava a faixa do Judô, meu filho começa hoje. Aprendi muito fácil com seu vídeo, o único de tantos que vi que mostra de forma clara."
- Comment 4:** User: [Walter Figueiredo](#), 4 anos atrás. Text: "Muito bom. Não tinha interesse pelo Judô. Faço graduação em Educação Física e estou fazendo a disciplina de lutas, onde o Judô foi escolhido como disciplina a ser ensinada. Tenho muitas dúvidas e com o seu canal estou aprendendo demais. Posso dizer que aprendi em 2 vídeos o que não consegui aprender em 5 aulas. Gostaria que se possível, colocassem o passo a passo de mais golpes e imobilizações. Muito obrigada. Estão de parabéns."
- Comment 5:** User: [Diego Emmanuel](#), 1 ano atrás. Text: "Poxa, por quê vocês desistiram do projeto? Os últimos vídeos do canal são de 2 anos atrás. Voltem a postar, por favor. Os vídeos são muito didáticos. Saí do Ninjutsu e agora estou no Judô (faixa branca), então canais como o de vocês são ferramentas extremamente importantes no processo de aprendizado que, ao contrário do que muitos pensam, perdura por toda a vida marcial (não é coisa apenas de principiante - humildade sempre). [Show less](#)"

Fonte: ferramenta comentários do canal Projeto Judô no YouTube

Diante de tais informações, pretende-se dar continuidade à produção do material, já que este pode vir a ser uma das inúmeras e possíveis alternativas contributivas do processo de democratização do judô no país, expandindo não só o acesso e o contato das pessoas com a modalidade para além dos meios

tradicionais como também oportunizando vivências pautadas em uma relação mais diversa, participativa, dialógica e engajada com as reais necessidades das diversas comunidades judoísticas brasileiras.

Olhando para os últimos anos, é possível verificar algumas iniciativas individuais de academias, clubes e associações em manterem seus alunos mais engajados com a prática da modalidade, fato que levou a um aumento nas produções de conteúdos da área ligados às TIC. E apesar dessas ações ainda estarem em curso, fica nítida a necessidade de se aumentar tais possibilidades à população.

Nesse sentido é que o material desenvolvido na pesquisa, junto de iniciativas como os canais *Judô: Ciência na prática* comandado pelos professores Fábio Rodrigo Ferreira Gomes, Fernando Garbeloto dos Santos e Fernando Ikeda Tagusari e *Judoquinhas*, da professora Patrícia Amaral Gabriel, mesmo com abordagens distintas, podem ser valiosos na formação de uma rede de apoio no desenvolvimento e manutenção da modalidade, já que possibilitam a ampliação das condições de sua vivência de forma gratuita e extensiva a boa parte da população.

Contudo, mesmo não sendo possível afirmar que o uso das tecnologias seja eficaz no processo de democratização do judô, é coerente dizer que sua incorporação junto aos processos de ensino e aprendizagem é tão interessante quanto necessária para sua vivência na atualidade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA O GLOBO. **IBGE: renda domiciliar per capita em 12 estados é menor que salário mínimo**. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/economia/ibge-renda-domiciliar-per-capita-em-12-estados-e-menor-que-salario-minimo/>>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- ALMOND, G.; VERBA, S. **The civic culture**. Boston: Little Brown, 1965.
- CAVAZANI, R. N. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô**: Um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96052/cavazani_rn_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- CAVAZANI, R. N.; REVERDITO, R. S.; DRIGO, A. J. Pedagogia do Esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivivência**, [s. l.], v. 28, n. 47, p. 177–190, 2016.

- CAVAZANI, R. N.; CESANA, J. **Paralelos entre a iniciação competitiva precoce e a formação de técnicos de judô**. São Paulo: CREF4/SP, 2019.
- CORDÃO, M. P. de S. **O jogo político da democracia: lutas simbólicas da “redemocratização” brasileira (1984-1985)**. 2015. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieeh/xviiieeh/paper/viewFile/3369/2648>>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.
- DRIGO, A. J. O habitus e a prática de artes marciais: indícios sobre a construção do espaço social das lutas orientais no Brasil. In: IV COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA/ III SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: 15 ANOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSCAR 2009a, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2009.
- DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 396–406, 2009b.
- DUARTE, M. **Renda domiciliar per capita no Brasil foi de R\$ 1.439 em 2019, segundo IBGE**. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/renda-domiciliar-per-capita-no-brasil-foi-de-r-1-439-em-2019-segundo-ibge/>>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- DURAN, R. H. H. et al. Identificar quais as expectativas e os fatores que levam os pais a escolherem o judô como atividade esportiva para seus filhos. **Anais V Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista de Educação Física**. Rio Claro: UNESP, 2007.
- FERREIRA, J. B. et al. A disseminação da aprendizagem com mobilidade (M-learning). **Datagramazero**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 1–21, 2012.
- FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. Del. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 25, n. spe, p. 67–81, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREITAS, F. M. de C. Judô: crítica radical. **Motrivivência**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 35–43, 1989.
- GADOTTI, M.; FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo, Cortez, 1995.
- GONÇALVES, A. V. L.; SILVEIRA, R. Arte marcial e esporte: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de Pelotas – RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 129-147, abr/jun de 2012.
- HALL, G. et al. A tale of two pandemics: How will COVID-19 and global trends in physical inactivity and sedentary behavior affect one another? **Progress in**

Cardiovascular Diseases, [s. l.], v. 8, 2020.

IBGE. Rendimento de todas as fontes 2019 - PNAD contínua. In: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. [s.l.] : IBGE, 2020. p. 1–12.

IBGE - CORDENAÇÃO DE TRABALHO E RENDIMENTO. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Práticas de esporte e atividade física: 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

MATSUMOTO, D. et al. The factor structure of the image of judo by judo athletes and non-judo university students in the United States. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 1–12, 1995. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/budo1968/28/2/28_1/_pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MATSUMOTO, D.; TAKEUCHI, H.; HORIYAMA, K. Cultural differences in the values of judo instructors. **Research Journal of Budo**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1–10, 2001.

MESQUITA, C. W. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática de judô e utilizada pelo professor**. 1994. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

NOVAES, C. R. B. **Relações Hierárquicas nas Artes Marciais Orientais**: estudo comparativo entre a arte marcial chinesa (Kung fu Wushu) e a japonesa (Judô). Rio Claro: UNESP, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 2002.

ROCHA, C. V. Democracia em duas dimensões: cultura e instituições. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 863-880, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/10.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SACCOL, A. Z., SCHLEMMER, E., & BARBOSA, J., Hahn, R. **M-learning e U-learning**: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson Education, 2010.

TAKANO, L. S. **Normas de conduta em artes marciais: identificando alguns critérios pedagógicos no local de prática**. Monografia apresentada na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação Física. Rio Claro – SP, Brasil, 2001.

VAGARINHO, J. P. O que devemos ter em conta para definir corretamente os termos distance learning, e-learning e m-learning? **Educar em Revista**, [s. l.], v. 34, n. 68, p. 269–287, 2018.

9 ANEXOS

9.1 ANEXO 1 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - IB - UNESP RIO CLARO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador: GLAUBER BEDINI DE JESUS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58671816.7.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.812.030

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de doutorado de Glauber Bedini de Jesus, intitulado "Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial" a ser realizada sob a orientação da prof. Dra. Suraya Cristina Darido. O projeto de pesquisa tem como temática as artes marciais.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo consta nas IBP: **Objetivo Primário:** O presente trabalho tem como objetivo produzir um material didático sobre o judô, em formato de aplicativo para dispositivos móveis, a partir da sistematização de conteúdos estabelecida pela Confederação Brasileira de Judô (2011), para que este seja submetido à uma avaliação realizada por um grupo de professores especialistas, que de forma colaborativa, poderão apontar limites e possibilidades de ampliação do material. Essa ação norteará a reconfiguração da estrutura e dos conteúdos do aplicativo para, então, ser proposto como material a ser utilizado e avaliado por professores de judô, atuantes no programa governamental Mais Educação. **Objetivo Secundário:** - Compreender as possíveis relações entre o judô, a educação de tempo integral e o uso das tecnologias.- Verificar o contexto de ensino do judô a partir da perspectiva dos diferentes atores sociais envolvidos.- Produzir um material didático a partir da utilização das TIC, que possibilite a ampliação dos conteúdos e a

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 1.812.030

democratização do acesso aos conhecimentos sobre o judô.- Avaliar o material didático produzido, tanto no que diz respeito aos conteúdos nele disponibilizados, quanto nos possíveis impactos de sua utilização durante o processo de ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo consta nas IBP: Riscos: Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição das ideias dos participantes nas respostas das entrevistas, questionários ou encontros presenciais, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos e a efetivação de todos os participantes no estudo se dará apenas com a devida autorização e consentimento dos mesmos ou de seus responsáveis, inclusive, anteriormente autorizado pelo comitê de ética em pesquisa da instituição ao qual o projeto está vinculado. Benefícios: Fica evidente que a estrutura da pesquisa, em termos metodológicos, entende os sujeitos participantes como elementos chave de seu desenvolvimento, já que é a partir de suas necessidades e expectativas que será elaborado o material didático proposto, além de tê-los também como os avaliadores da ferramenta produzida. Por conta de tais características, fica claro que o processo de participação dos professores e monitores no estudo, proporcionará momentos de reflexão e de transformação da práxis profissional, em uma espécie de formação profissional continuada, já que são colaboradores da pesquisa, ou seja, suas vozes e posicionamentos serão importantes no processo. Assim, é possível dizer que a pesquisa será benéfica para esses profissionais e conseqüentemente para as comunidades nas quais eles são atuantes, já que o conhecimento desenvolvido na pesquisa poderá ser transferido e utilizado em sua prática profissional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Segundo consta: O presente projeto se apresenta como um estudo de caráter qualitativo que será desenvolvido em 4 etapas, quais sejam: revisão de literatura, pesquisa diagnóstica, elaboração do material didático e pesquisa-ação. A primeira etapa da pesquisa terá como intento, fazer um levantamento das produções científicas relacionadas aos temas pertinentes ao desenvolvimento do estudo, que são: 1. A história do judô, 2. O ensino do judô, 3. Os princípios do judô e seus valores educacionais, 4. A educação integral e o programa Mais Educação e 5. A relação entre as TIC e o processo educacional. Vale apontar que por conta da escassez de materiais relacionados ao tema principal da pesquisa, o judô, realizaremos uma revisão mais aprofundada, do tipo estado da arte, a partir da análise quantitativa e qualitativa da produção acadêmico-científica na área da Educação Física com foco no ensino. Pesquisa diagnóstica para uma melhor compreensão das questões

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.812.030

relacionadas ao ensino do judô, que em certa medida, é uma das pautas centrais do trabalho, realizaremos duas pesquisas diagnósticas. A primeira delas diz respeito aos professores envolvidos no programa Mais Educação, com a qual se pretende compreender quem são esses atores, quais os contextos escolares vividos por eles, quais as perspectivas que possuem junto às suas atividades e quais são as dificuldades, necessidades e expectativas que têm em relação ao ensino do judô. O instrumento para a coleta de dados será a entrevista semi-estruturada. A segunda pesquisa será realizada com o intuito de verificar quais são as concepções que praticantes, professores de judô e pais de alunos, possuem em relação à importância do ensino da arte marcial em questão e de que forma essas concepções estão atreladas aos princípios e fundamentos basilares da modalidade. O instrumento para a coleta de dados será o questionário com questões abertas e fechadas. Ambas as pesquisas serão analisadas a partir da metodologia denominada análise de conteúdo proposta por Lawrence Bardin (2011). Produção do material didático a metodologia relacionada ao desenvolvimento do aplicativo se dará, fundamentalmente, a partir das problemáticas apresentadas nas pesquisas diagnósticas com os professores do programa Mais Educação, do entendimento do desenvolvimento dos princípios e conteúdos conceituais junto da pesquisa diagnóstica com praticantes, professores e pais de alunos, e da sistematização dos conteúdos a serem ensinados ao longo dos anos de prática do judô, relacionados às possíveis graduações, realizada pela CBJ a partir do documento Regulamento para exame e outorga de faixas e graus de 2011. Inicialmente, realizaremos a confecção dos conteúdos apresentados pelo documento, referentes às graduações iniciais compreendidas pelas faixas branca, cinza e azul. Estes serão desenvolvidos a partir de formato audiovisual, que serão gravados e editados em formato de alta qualidade (HD – high quality), para então serem disponibilizados em um aplicativo para dispositivos móveis, baseado no Sistema Operacional Android. Pesquisa-ação. Essa etapa da pesquisa será desenvolvida em dois momentos distintos, nos quais serão propostos: 1. A avaliação do material didático por um grupo de especialistas de judô, tentando verificar possíveis alterações e/ou complementações na sistematização dos conteúdos apresentados no aplicativo para sua posterior reconfiguração e 2. Oferecer o material final como possibilidade de intervenção para professores do programa Mais Educação, verificando a forma como o utilizam e levantando os pontos positivos e negativos dessa vivência dentro processo de suas práticas pedagógicas. Os participantes serão, respectivamente, os professores da pesquisa diagnóstica relacionada ao ensino do judô em clubes e academias, que serão convidados de acordo com alguns parâmetros estabelecidos e apresentados com detalhe na descrição do projeto e os monitores participantes da pesquisa diagnóstica sobre o Mais Educação.

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 1.812.030

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tanto TCLE quanto TALE:

- Estão elaborados em forma de convite, em linguagem clara
- Aponta os riscos e benefícios
- Fala sobre a confidencialidade
- Fala sobre a não remuneração

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP REFERENDA O PARECER DO RELATOR:

"Sugiro aprovação pelo CEP"

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_773505.pdf	12/08/2016 14:58:24		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termos_de_consentimento_e_assentimento.pdf	12/08/2016 14:57:18	GLAUBER BEDINI DE JESUS	Aceito
Outros	Entrevista_e_Questionarios.pdf	12/08/2016 14:56:49	GLAUBER BEDINI DE JESUS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Glauber_Bedini_de_Jesus_Comite_de_etica.docx	12/08/2016 14:39:19	GLAUBER BEDINI DE JESUS	Aceito

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.812.030

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	12/08/2016 14:33:18	GLAUBER BEDINI DE JESUS	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	----------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 09 de Novembro de 2016

Assinado por:
Débora Cristina Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

9.2 ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – MONITORES DE JUDÔ

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) – Monitores de judô (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Suraya Cristina Darido, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores de judô.

Convido-o (a), portanto, para participar de duas entrevistas semi-estruturadas e permitir a observação de algumas aulas ministradas por você. A primeira entrevista, antes da confecção do material didático, servirá para compreender suas impressões, posicionamentos, vivências e necessidades em relação as aulas de judô dentro do programa Mais Educação. A segunda, em um momento posterior à criação do material, será realizada para avaliar o aplicativo, compreendendo seus avanços, limites e possibilidades. E, por fim, a observação de três aulas tentando verificar a forma como o material didático e seus conteúdos podem ser utilizados na prática. As entrevistas ocorrerão em horários de sua conveniência, sendo realizadas em seu ambiente de trabalho, preferencialmente, ou em outro local sugerido por você. O áudio das entrevistas será gravado para facilitar a posterior análise das falas e as aulas serão apenas observadas.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de suas ideias nas respostas das entrevistas, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos, pois as entrevistas serão realizadas em locais privados e você poderá recusar-se a responder qualquer questão que será proposta. Você poderá também recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento do estudo.

Em relação aos benefícios, sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para o aumento da compreensão sobre o grau de relevância da utilização de materiais didáticos, que se utilizam das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), no processo de ensino do judô, em especial no programa Mais Educação. Tal aspecto pode também ser considerado uma vantagem para você enquanto participante, já que poderá contribuir no seu processo de formação enquanto professor.

Os dados coletados neste estudo e os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você não terá nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, bem como, não será remunerado para participar da mesma.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, e concorda com sua participação a partir dos termos apresentados, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Colorado do Oeste, _____ de _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4352 e-mail: surayacd@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

9.3 ANEXO 3 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – PRATICANTES MENORES DE IDADE

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Praticantes de judô menores de idade (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Suraya Cristina Darido, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores de judô.

A atividade que irá participar tem relação com o preenchimento de um questionário que tem o objetivo de compreender como você entende o ensino do judô e quais são pontos que você acredita serem mais desenvolvidos ao longo das aulas.

Durante o preenchimento do questionário você pode sentir algum tipo de desconforto, inibição ou vergonha. Para diminuir estes riscos, você terá a possibilidade de não responder alguma questão que gere desconforto.

Da mesma forma, você tem a liberdade, portanto, de desistir da pesquisa a qualquer momento, assim como solicitar a sua retirada do estudo, sem qualquer prejuízo. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento. Não haverá nenhum tipo de despesa ou remuneração para participar desta pesquisa.

Em relação aos benefícios, sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para o aumento da compreensão sobre o ensino do judô no Brasil, possibilitando a organização de conteúdos importantes na prática de ensino da modalidade, bem como, desenvolver um aplicativo para dispositivos móveis que compartilhe essas informações.

Os dados coletados e os resultados obtidos ao longo dessa investigação serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo de Assentimento, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Rio Claro, ____ de _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4352 e-mail: surayacd@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

9.4 ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEIS PELOS MENORES DE IDADE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) – Praticantes menores de idade (Responsáveis) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Suraya Cristina Darido, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores de judô.

A atividade que envolverá a participação do(a) menor sob sua responsabilidade é uma pesquisa diagnóstica, que terá como objetivo compreender as concepções e expectativas de praticantes, pais e professores de judô em relação ao ensino da modalidade e seus aspectos formativos. Para tanto, será utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas que será respondido pelo(a) menor.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de suas ideias nas respostas do questionário, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos, pois o(a) menor poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento do estudo.

Em relação aos benefícios, a colaboração do(a) menor nesta pesquisa contribuirá para o aprofundamento da compreensão do contexto do ensino do judô no Brasil, possibilitando o avanço da sistematização de conteúdos relevantes na prática de ensino da modalidade. Ou seja, tais aspectos são considerados vantajosos para o participante, pois poderão em algum tempo contribuir qualitativamente no processo de formação dos professores, que afetarão diretamente na aprendizagem de seus praticantes e suprimindo as expectativas formativas esperadas pelos pais ou responsáveis.

Os dados coletados neste estudo e os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você, responsável e o(a) menor não terão nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, excetuando-se os possíveis deslocamentos para a realização do preenchimento do questionário, mas que serão combinados de forma a minimizar os custos e o tempo dispendido pelos participantes. De qualquer forma, não haverá qualquer tipo de remuneração para a participação no estudo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, e concorda com sua participação a partir dos termos apresentados, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Colorado do Oeste, _____ de _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Assinatura do Responsável ou
Representante Legal do participante

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4352 e-mail: surayacd@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Dados do responsável ou representante legal do participante:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

9.5 ANEXO 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – PRATICANTES MAIORES DE IDADE, PAIS E PROFESSORES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) – Praticantes de judô maiores de idade, pais e professores (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Suraya Cristina Darido, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores de judô.

Convido-o (a), portanto, para participar das seguinte fase da pesquisa:

1. Pesquisa Diagnóstica: essa terá como objetivo compreender as concepções e expectativas de praticantes, pais e professores de judô em relação ao ensino da modalidade e seus aspectos formativos. Para tanto, será utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de suas ideias nas respostas do questionário, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos, e você poderá recusar-se a responder qualquer questão proposta. Você poderá também recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento do estudo.

Em relação aos benefícios, sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para o aprofundamento da compreensão do contexto do ensino do judô no Brasil, possibilitando o avanço da sistematização de conteúdos relevantes na prática de ensino da modalidade. Ou seja, tais aspectos são considerados vantajosos para você enquanto participante, pois poderão em algum tempo contribuir qualitativamente no processo de formação dos professores, que afetarão diretamente na aprendizagem de seus praticantes e suprimindo as expectativas formativas esperadas pelos pais. Assim, caso seja professor, praticante ou pai, sua participação poderá beneficiá-lo direta e/ou indiretamente.

Os dados coletados neste estudo e os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você não terá nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, excetuando-se os possíveis deslocamentos para a realização do questionário, mas que serão combinados de forma a minimizar os custos e o tempo dispendido pelos participantes. De qualquer forma, não haverá qualquer tipo de remuneração para a participação no estudo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, e concorda com sua participação a partir dos termos apresentados, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Colorado do Oeste, _____ de _____ de _____.

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4352 e-mail: surayacd@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

9.6 ANEXO 6 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – PRATICANTES MENORES DE IDADE (AVALIAÇÃO DO APP)

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Praticantes de judô menores de idade (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Fernanda Moreto Impolcetto, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores, praticantes e pais/responsáveis de judô.

A atividade que irá participar tem relação com a participação de uma conversa em grupo que tem como objetivo avaliar um material didático sobre o judô e levantar possibilidades de incorporação de conteúdos, ou seja, de saber sua opinião sobre esse material e como ele poderia ser melhorado.

Durante sua participação você pode sentir algum tipo de desconforto, inibição ou vergonha. Para diminuir estes riscos, você terá a possibilidade de não responder as questões propostas que gere desconforto.

Da mesma forma, você tem a liberdade, portanto, de desistir da pesquisa a qualquer momento, assim como solicitar a sua retirada do estudo, sem qualquer prejuízo. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento. Não haverá nenhum tipo de despesa ou remuneração para participar desta pesquisa.

Em relação aos benefícios, sua colaboração nesta pesquisa contribuirá na criação e desenvolvimento de um aplicativo para dispositivos móveis que disponibilizam conteúdos relevantes no ensino da modalidade, que poderá beneficiá-lo direta e/ou indiretamente.

Os dados coletados e os resultados obtidos ao longo dessa investigação serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo de Assentimento, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: () _____ - _____ / e-mail: _____

Rio Claro, 31 de agosto de 2018.

Glauber Bedini de Jesus

Participante da Pesquisa

9.7 ANEXO 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – RESPONSÁVEIS DOS MENORES DE IDADE (AVALIAÇÃO DO APP)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) – Praticantes menores de idade (Responsáveis) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Fernanda Moreto Impolcetto, venho por meio deste, convidar seu filho(a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores de judô.

A atividade que envolverá a participação do(a) menor sob sua responsabilidade é uma pesquisa diagnóstica, que terá como objetivo avaliar um material didático sobre o judô e levantar possibilidades de incorporação de conteúdos conceituais e atitudinais, a partir das necessidades e expectativas da comunidade judoística, com o intuito de ampliar o acesso e a relevância do processo de ensino e aprendizagem da modalidade. Para tanto, será utilizada a metodologia de Grupo Focal que tenta compreender diferenças, divergências, contraposições e contradições expressas pelos membros participantes, inclusive o seu filho(a), em relação a um tema específico.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de suas ideias nas respostas do questionário, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos, pois o(a) menor poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento do estudo.

Em relação aos benefícios, a colaboração do(a) menor nesta pesquisa contribuirá no avanço da sistematização de conteúdos relevantes na prática de ensino da modalidade. Ou seja, tais aspectos são considerados vantajosos para o participante, pois poderão em algum tempo contribuir qualitativamente no processo de ensino e aprendizagem de seus praticantes.

Os dados coletados neste estudo e os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você, responsável e o(a) menor não terão nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, excetuando-se os possíveis deslocamentos para a realização do preenchimento do questionário, mas que serão combinados de forma a minimizar os custos e o tempo dispendido pelos participantes. De qualquer forma, não haverá qualquer tipo de remuneração para a participação no estudo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, e concorda com a participação de seu filho(a) a partir dos termos apresentados, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: () _____ - _____ / e-mail: _____

Dados do responsável ou representante legal do participante:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Rio Claro, 31 de agosto de 2018.

Glauber Bedini de Jesus

Responsável pelo Participante da Pesquisa

9.8 ANEXO 8 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – PRATICANTES MAIORES DE IDADE, PAIS E PROFESSORES (AVALIAÇÃO DO APP)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) – Praticantes de judô maiores de idade, pais e professores (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Glauber Bedini de Jesus, portador do RG: 29.740.638-3, aluno do curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP campus de Rio Claro, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Fernanda Moreto Impolcetto, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado.

A pesquisa tem por objetivo elaborar, avaliar e implementar um material didático sobre o judô no formato de aplicativo para dispositivos móveis a partir da colaboração de professores, praticantes e pais/responsáveis de judô.

Convido-o (a), portanto, para participar da seguinte fase da pesquisa:

1. Pesquisa Diagnóstica: essa terá como objetivo avaliar um material didático sobre o judô e levantar possibilidades de incorporação de conteúdos conceituais e atitudinais, a partir das necessidades e expectativas da comunidade judoística, com o intuito de ampliar o acesso e a relevância do processo de ensino e aprendizagem da modalidade. Para tanto, será utilizada a metodologia de Grupo Focal que tenta compreender diferenças, divergências, contraposições e contradições expressas pelos membros participantes em relação a um tema específico.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos, relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de suas ideias nas respostas do questionário, tais como possível desconforto, vergonha, inibição, etc. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos são mínimos, e você poderá recusar-se a responder qualquer questão proposta. Você poderá também recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pelo pesquisador em qualquer momento do estudo.

Em relação aos benefícios, sua colaboração nesta pesquisa contribuirá no avanço da sistematização de conteúdos relevantes na prática de ensino da modalidade. Ou seja, tais aspectos são considerados vantajosos para você enquanto participante, pois poderão em algum tempo contribuir qualitativamente no processo de ensino e aprendizagem de seus praticantes. Assim, caso seja professor, praticante ou pai, sua participação poderá beneficiá-lo direta e/ou indiretamente.

Os dados coletados neste estudo e os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você não terá nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, excetuando-se os possíveis deslocamentos para a realização do questionário, mas que serão combinados de forma a minimizar os custos e o tempo dispendido pelos participantes. De qualquer forma, não haverá qualquer tipo de remuneração para a participação no estudo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, e concorda com sua participação a partir dos termos apresentados, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Rio Claro, 31 de agosto de 2018.

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: Aplicativo Projeto Judô: o uso das tecnologias no ensino e democratização da arte marcial.

Pesquisador Responsável: Glauber Bedini de Jesus

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Doutorando

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para contato: (69) 9 8449-9798 e-mail: glauber.bedini@gmail.com

Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: () _____ - _____ / e-mail: _____

Glauber Bedini de Jesus

Participante da Pesquisa